ISSN 1516-3180

São Paulo Medical Journal/Evidence for Health Care, 2025 November 6

São Paulo Medical Journal

EVIDENCE FOR HEALTH CARE

Medline, LILACS, SciELO, Science Citation Index Expanded, Journal Citation Reports/ Sciences Edition (impact factor 1.838), EBSCO Publishing and PubMed Central (PMC)

November 6 - Volume 143 - Number 6

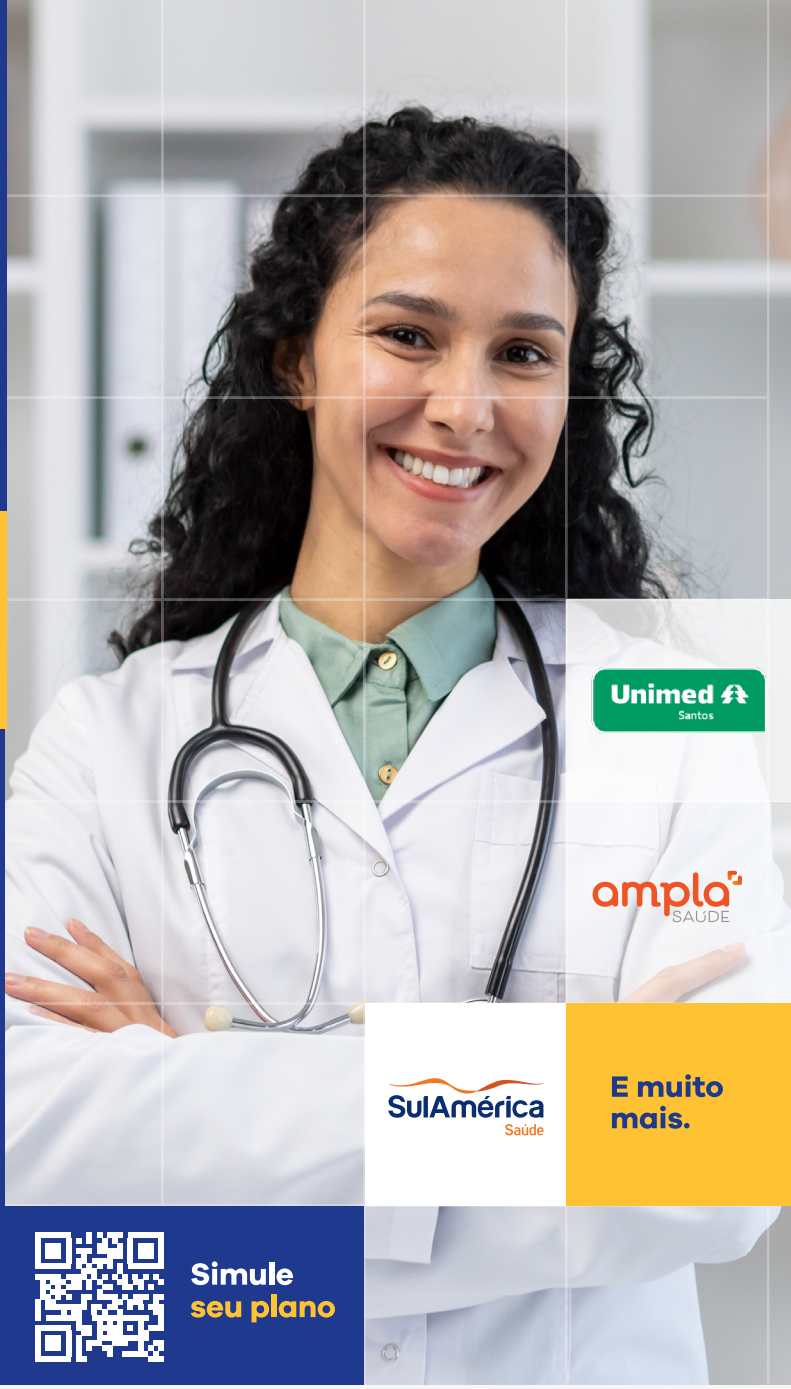
Paranapiacaba railway station, municipality of Santo André, State of São Paulo
Photo: Angelo Baima - Municipality of Santo André

APM ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Federada da AMB Associação Médica Brasileira

Médicos e estudantes associados à APM, seja qual for o tipo de plano de saúde que você precisa, **na Quali, você tem escolha.**

Planos a partir de R$ 309,89[1]
com benefícios especiais.



- **Rede médica de excelência.**
- **Opções de planos com reembolso**
- **Desconto para dependentes[2]**
- **Plano odontológico incluso[3]**

Unimed Santos

ampla SAÚDE

SulAmérica Saúde

E muito mais.

Simule seu plano

Conheça as opções de planos que se ajustam a você, sua família e seu consultório.

3188-4200

Qualicorp Adm. de Benefícios	SulAmérica	Ampla Saúde:	Unimed Santos:	Unimed Seguros:	Sami:	São Cristóvão
ANS nº 417173	ANS nº 005622	ANS nº 422720	ANS nº 355721	ANS nº 00.070-1	ANS nº 422398	ANS nº 31421-8

quali corp | APM Associação Paulista de Medicina

[1] R$ 309,89 - Plano Especial 100 Adesão QP COP RM RC (ANS 496.356/23-3) da operadora SulAmérica, segmentação Hospitalar com obstetrícia, faixa etária até 18 anos, com coparticipação e acomodação individual, abrangência geográfica nacional (tabela de março/2025 - Titular + 2 ou mais dependentes).
[2] O desconto é aplicado automaticamente na contratação do plano de saúde da operadora SulAmérica para mais de uma vida por grupo familiar. Caso haja exclusão de dependentes, o preço será ajustado automaticamente para o praticado na contratação de uma vida.
[3] Na contratação de qualquer plano de saúde do portfólio da seguradora SulAmérica Companhia de Seguro Saúde, CNPJ/MF nº 01.685.053/0013-90 e Sul América Serviços de Saúde S.A., CNPJ/MF nº 02.866.602/0001-51, os beneficiários (titulares e dependentes) receberão, sem custo adicional, o produto odontológico: Odonto Mais / Adesão Odonto - Rol Ampliado, registro ANS 476.270/16-3 que também será implantado, sem custo adicional, às novas inclusões (ex.: recém-nascido, recém-casado, filho, etc) durante a vigência do contrato. A condição aqui mencionada poderá ser descontinuada a critério da SulAmérica.
Os preços e as condições são obtidos através de negociação coletiva da Qualicorp com as operadoras parceiras. As vendas de planos de saúde empresariais ocorrem de acordo com as regras da ANS.
Informações resumidas. A comercialização dos planos respeita a área de abrangência dos produtos comercializados e das respectivas operadoras. A disponibilidade dos produtos pode variar de acordo com a região e a entidade de classe com a qual os proponentes mantêm o vínculo. Todas as informações referentes aos planos, incluindo preços, rede de prestadores e sua abrangência geográfica, são de responsabilidade exclusiva das respectivas operadoras de saúde. É importante salientar que os planos podem ser coparticipados. Para conhecer a tabela completa de procedimentos e valores, consulte a operadora. A rede de prestadores é uma amostra ilustrativa, e não a rede completa de cada plano. O preço e a rede de prestadores estão sujeitos a alterações, por parte da respectiva operadora de saúde, mesmo após a contratação do plano, respeitadas as disposições contratuais e legais (Lei no 9.656/98). Outubro/25.

São Paulo Medical Journal
EVIDENCE FOR HEALTH CARE

INDEX

APM ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Correspondence to:

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA
Publicações Científicas
Av. Brig. Luís Antônio, 278 - 7ª andar –
São Paulo (SP) – Brasil – CEP 01318-901
Tel. (+55 11) 3188-4310/3188-4311
E-mail: revistas@apm.org.br
www.scielo.br/spmj

Founded in 1932, a bimonthly publication of the Associação Paulista de Medicina
e-mail: revistas@apm.org.br

Editors: Paulo Manuel Pêgo Fernandes, Marianne Yumi Nakai and Álvaro Nagib Atallah.
Editorial assistants: Thiago Silva and Fellipe Cotrim.
Associate editors: Adriana Seber, Airton Tetelbom Stein, Alexander Wagner Silva de Souza, Antonio José Gonçalves, Aytan Miranda Sipahi, Cristina Muccioli, Delcio Matos, Edina Mariko Koga da Silva, Fernando Antonio de Almeida, Flávio Faloppa, Heráclito Barbosa de Carvalho, José Antônio Rocha Gontijo, José Carlos Costa Baptista-Silva, José Maria Soares Júnior, José Roberto Lapa e Silva, Laércio Joel Franco, Maria do Patrocínio Tenório Nunes, Milton de Arruda Martins, Moacir Fernandes de Godoy, Olavo Pires de Camargo, Renato Corrêa Baena, Sergio Tufik, Vania dos Santos Nunes.
Proofreading: Editage.
Desktop publishing: Zeppelini Publishers (www.zeppelini.com.br).
Listed in: Medline, Lilacs, SciELO, Science Citation Index Expanded and Journal Citation Reports/Sciences Edition, EBSCO publishing and PubMed Central.
International Board: Alexandre Wagner Silva de Souza (University Medical Center Groningen, Groningen, Netherlands), Charles J. Menkes (Cochin Hospital, Paris, France), José Fragata (CUF Infante Santo Hospital, Lisbon), Luiz Dratcu (Guy's Hospital, London, and Maudsley NHS Trust, York Clinic, London), Marcelo Cypel (University Health Network, Toronto, Canada), Karla Soares-Weiser (Enhance Reviews Ltd, Wantage, United Kingdom), Tirone Espiridião David (Toronto General Hospital, Toronto, Canada), Mário Viana de Queiroz (Hospital de Santa Maria, Lisbon), Wadih Arap (MD Anderson Cancer Center, University of Texas, Houston, United States), Wellington V. Cardoso (Boston University, Boston, United States).

Scientific Council

Diretoria Executiva da Associação Paulista de Medicina (Triênio 2023-2026)

Financial sustainability and the incorporation of technologies in the Brazilian Unified Health System: advances, challenges, and perspectives

Gabriela Favaro Faria[I], Paulo Manuel Pêgo-Fernandes[II]

Instituto do Coração (InCor), Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo (SP), Brazil

[I]MSc, Health Sciences, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo (USP). Assistant Director, Discipline of Thoracic Surgery, Instituto do Coração (InCor), Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0001-8232-3097

[II]MD, PhD. Vice-Director, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brazil; Professor, Departamento de Cardiopneumologia, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brazil; Director, Departamento Científico, Associação Paulista de Medicina (APM), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0001-7243-5343

The incorporation of new health technologies represents one of the greatest advances in modern medicine, enabling more precise diagnosis, personalized treatment, and less invasive surgical procedures. However, this progress has brought significant challenges to the Brazilian Unified Health System (SUS), whose mission is to guarantee universal and comprehensive access while operating within budget constraints and social inequalities.

In 2022, Brazil allocated 9.6% of its gross domestic product (GDP) to health, a percentage considerably lower than that recorded in developed countries. In the same period, per capita health expenditure stood at approximately US$ 1,700, adjusted for purchasing power parity, which represents less than one-third of the Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) average, estimated at US$ 5,300. In contrast, nations such as the United States (US$ 12,740), Switzerland (US$ 8,910), Norway (US$ 8,640), and Germany (US$ 8,540) invested more than five times what Brazil did, highlighting the magnitude of the gap in national investments.[1,2]

This underfunding scenario is especially challenging for highly complex areas such as oncology. Recent estimates indicate that per capita spending on cancer in Brazil is projected to rise by about 200% by 2050. This increase is driven by three main factors: population aging, which accounts for a projected growth of 124%; greater patient survival, which prolongs treatment duration by up to 47%; and the rising costs of new technologies and innovative therapies, such as high-cost medications and advanced diagnostic methods.[3]

In recent years, the diagnosis and treatment of lung cancer have undergone significant transformations following advances in precision medicine. The management of the disease, once limited to general approaches, such as conventional chemotherapy and radiotherapy, has evolved into personalized strategies based on the molecular characteristics of the tumor and the clinical profile of each patient. Economic evaluation studies indicate that the incorporation of these technologies can increase per patient spending by up to four times compared with traditional chemotherapy regimens.[4]

In the surgical field, the incorporation of minimally invasive techniques, such as robot-assisted thoracic surgery has lead to greater precision, shorter recovery times, and a reduction in postoperative complications.[5,6] This scientific and technological advancement, which represents a milestone in improving clinical outcomes, presents the challenge of balancing innovation with sustainability on SUS. The discrepancy between the actual costs of procedures and the amounts reimbursed by the public system highlights the structural fragility of its financing.

Pulmonary lobectomy, considered the gold standard for the treating of early-stage lung cancer, is currently reimbursed by SUS at only R$ 3,282, according to data from the Procedure Table Management System (SIGTAP).[7] In contrast, a study comparing the costs of lobectomy performed by robotic-assisted thoracic surgery (RATS) and video-assisted thoracoscopic surgery (VATS) found very similar average costs between the two techniques, estimated at R$ 32,832.86 for RATS and R$ 32,500.00 for VATS, figures that exceed the amount currently reimbursed by SUS by almost tenfold.[8]

Similarly, a study using the Society of Thoracic Surgeons (STS) database evaluated the hospital costs of lobectomy in patients with early-stage lung cancer. The results indicated an average cost of approximately US$ 45,000 per procedure, without complications.[9]

This mismatch between the reimbursement offered by SUS and the real costs incurred by institutions compromises the sustainability of services, reinforcing the need for a periodic review of the reimbursement table and the adoption of more realistic costing methodologies that effectively reflect the complexity and inputs used in cancer treatments.

The debate regarding sustainability also extends to the incorporation of advanced surgical technologies such as robotic surgery. Introduced in Brazil in the mid-2000s and consolidated in private centers, robotic surgery has been applied in various areas, including gynecology, oncology, urology, and thoracic surgery.

Recently, SUS incorporated robotic surgery for the treatment of prostate cancer, following a recommendation by the National Commission for the Incorporation of Technologies into SUS (CONITEC), in a historic decision that opens the door to expanding its use to other specialties.[10] Despite potential clinical benefits such as greater precision and faster recovery, its diffusion still faces significant barriers, especially due to the high cost of acquisition, maintenance, and disposable supplies. Furthermore, systematic reviews indicate that to date, there is no robust evidence of cost-effectiveness when compared with established techniques such as video-assisted thoracic surgery.[11]

The process of assessing the incorporation of technologies within SUS is one of the pillars of ensuring that decisions are made based on evidence. Coordinated by CONITEC, this process involves Health Technology Assessment (HTA), which examines not only the efficacy and safety of innovations but also their economic, social, and ethical impacts.[12,13] An example of this rigor is the 2024 incorporation of new diagnostic tests for non-small cell lung cancer, such as positron emission tomography (PET) and RT-PCR for EGFR mutation, as well as the drug durvalumab for advanced stages.[14] These technologies had been available in the private health sector since 2014,[15] however, they were only recently incorporated into SUS after a detailed analysis of cost-effectiveness and budget impact.

On one hand, the incorporation of new technologies offers improvements in quality of care; on the other hand, the slow pace of the process and gaps in access generate a growing phenomenon: the judicialization of health. In 2024, the Ministry of Health recorded expenses of R$ 3.2 billion resulting from lawsuits related to medications, and over 50% of municipalities reported providing medications not incorporated into SUS through administrative channels.[16] Scarcity of resources and social pressure intensify this scenario, creating distortions in financing and compromising equity. Recent regulations stating that non-incorporated medications should not be granted through lawsuits, except under specific circumstances, represent an important step toward rationalizing resources and reinforcing the legal security of the system.[17]

Given this scenario, the central challenge is to balance innovation and sustainability to ensure that every Brazilian real invested yields proven clinical benefits and collective reach. Strategies such as the adoption of managed access models, risk-sharing agreements, periodic reviews of the SUS reimbursement table, enhancing efficiency, and strengthening the HTA are fundamental. The incorporation of value-based payment models has also emerged as a promising alternative, as it considers outcomes relevant to patients in relation to the total costs throughout the care cycle.

Financial sustainability, therefore, should not be seen as a barrier to innovation but as a foundation for ensuring that new technologies are cost-effective, accessible, and capable of transforming patients' lives in an equitable and lasting way. Only then can the SUS continue to be a global reference in universal coverage, balancing the imperatives of technological modernization with the responsibility of maintaining public health that is both financially viable and socially just.

REFERENCES

1. Institucionalização das contas de saúde no Brasil: uma revisão sobre métodos, dados e relevância para as políticas públicas. OECD Reviews of Health Systems [Internet]. 2025 [cited 2025 Oct 9]; Available from: https://www.oecd.org/pt/publications/institucionalizacao-das-contas-de-saude-no-brasil_76fe796c-pt.html.
2. World health statistics 2023: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2023. 119 p. Available from: https://www.who.int/publications/i/item/9789240074323.
3. GBD 2023 Cancer Collaborators, Force LM, Kocarnik JM, May ML, et al. The global, regional, and national burden of cancer, 1990–2023, with forecasts to 2050: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2023. The Lancet. 2025;1–22. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(25)01635-6.
4. Machado RAB, Silva IY, Santos LFM, Amboni MA, Peixoto RCF. Avanços recentes no diagnóstico e tratamento do câncer de pulmão: uma revisão das tecnologias, abordagens clínicas e intervenções cirúrgicas. Brazilian Journal of Health Review. 2024;7(5):e72515–e72515. https://doi.org/10.34119/bjhrv7n5-049.
5. Terra RM, Araujo PHXN, Lauricella LL, et al. A Brazilian randomized study: robotic-assisted vs. video-assisted lung lobectomy outcomes (BRAVO trial). J Bras Pneumo. 2022;48(4):e20210464. https://dx.doi.org/10.36416/1806-3756/e20210464.
6. Subramanian MP, Liu J, Chapman WC Jr, Olsen MA, et al. Utilization trends, outcomes, and cost in minimally invasive lobectomy. Ann Thorac Surg. 2019;108(6):1648–55. PMID: 31400324; https://doi.org/10.1016/j.athoracsur.2019.06.049.

7. SIGTAP – Sistema de Gerenciamento da Tabela de Procedimentos, Medicamentos e OPM do SUS [Internet]. DataSUS. [cited 2025 Oct 9]. Available from: http://sigtap.datasus.gov.br/tabela-unificada/app/sec/inicio.jsp.
8. Terra RM, Trindade JRM, Araujo PHXN, et al. A comparative cost analysis study of pulmonary robotic and video-assisted lobectomy: results of a randomized controlled trial (BRAVO Study). Rev Col Bras Cir. 2025;52:e20253553. https://doi.org/10.1590/0100-6991e-20253553-en.
9. Medbery RL, Fernandez FG, Kosinski AS, et al. Costs associated with lobectomy for lung cancer: an analysis merging STS and Medicare data. Ann Thorac Surg. 2021;111(6):1781–90. PMID: 33188754; https://doi.org/10.1016/j.athoracsur.2020.08.073.
10. Ministério da Saúde. Conitec – Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde. Relatório de recomendação: procedimento: prostatectomia radical assistida por robô para o tratamento de pacientes com câncer de próstata clinicamente localizado ou localmente avançado [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2025. 125 p. Available from: https://www.gov.br/conitec%3B/pt-br/midias/consultas/relatorios/2025/relatorio-preliminar-prostatectomia-radical-assistida-por-robo-cp-50.
11. Sadri H, Fung-Kee-Fung M, Shayegan B, Garneau PY, Pezeshki P. A systematic review of full economic evaluations of robotic-assisted surgery in thoracic and abdominopelvic procedures. J Robot Surg. 2023;17(6):2671–85. PMID: 37843673; https://doi.org/10.1007/s11701-023-01731-7.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias e Inovação em Saúde. Diretrizes metodológicas: elaboração de pareceres técnico-científicos [recurso eletrônico]: 2021 [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2021 [cited 2025 Oct 9]. Available from: https://pesquisa.bvsalud.org/economia/resource/pt/biblio-1254529.
13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. Entendendo a incorporação de tecnologias em saúde no SUS : como se envolver [recurso eletrônico]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2016. 34 p.
14. Conitec – Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde. Relatório de recomendação: procedimento nº 879: rt-PCR para identificação de mutação do receptor do fator de crescimento epidérmico (EGFR) em pacientes com câncer de pulmão de células não pequenas [Internet]. Brasília (DF): Conitec; 2024. 105 p. Available from: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1551262.
15. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Saúde Suplementar. Resolução normativa (RN) nº 262, de 1º de agosto de 2011. Atualiza o rol de procedimentos e eventos em saúde previstos na RN nº 211, de 11 de janeiro de 2010 [Internet]. Brasília (DF); 2011. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/ans/2011/res0262_01_08_2011.html.
16. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Subsecretaria de Planejamento e Orçamento. Relatório anual de gestão 2024. Versão revisada (30.7.25) [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2025. 165 p. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_anual_gestao_2024.pdf.
17. Recurso extraordinário nº 566471, tema 6. Fornecimento de medicamentos fora da lista do SUS [Internet]. Brasília DF: Supremo Tribunal Federal (STF); 2024. Disponível em: https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=2565078.

The difference in hematocrit and albumin levels and the risk of sepsis for patients with acute pancreatitis: a retrospective cohort study based on the MIMIC-IV database

Mingjie Jin[I], Yanmin Wu[II], Bin Ye[III]

The First Affiliated Hospital, Wenzhou Medical University, Wenzhou, China

[I]MD. Physician, Department of Ultrasonography, The First Affiliated Hospital, Wenzhou Medical University, Wenzhou, Zhejiang, China.
https://orcid.org/0009-0004-1921-5527

[II]BM. Physician, Department of Ultrasonography, Yueqing People's Hospital, Wenzhou, Zhejiang, China.
https://orcid.org/0009-0004-7581-0371

[III]BM. Physician, Department of Ultrasonography, Wenzhou TCM Hospital of Zhejiang Chinese Medical University, Wenzhou, Zhejiang, China.
https://orcid.org/0009-0004-9665-3512

KEYWORDS (MeSH terms):
Hematocrit.
Albumin.
Sepsis.
Pancreatitis.
Mortality.

AUTHOR'S KEYWORDS:
Hematocrit-albumin.
Acute pancreatitis.
Sepsis.
Association

ABSTRACT

BACKGROUND: Acute pancreatitis (AP) is a major cause of gastrointestinal hospitalization, with an annual global incidence of 3.07%. Severe AP develops in up to 20% of cases, with sepsis occurring in 40–70% of such cases, leading to higher mortality. The early detection of sepsis is crucial. Hematocrit (HCT) and albumin (ALB) levels are individually linked to sepsis. Their combined measure, HCT-ALB, indicates blood and nutritional health. HCT-ALB can predict sepsis and infection outcomes; however, its effectiveness in treating AP-related sepsis has not been investigated.

OBJECTIVE: This study aimed to examine the association between HCT-ALB values and sepsis risk in patients with AP.

METHODS: This retrospective cohort study used Medical Information Market for Intensive Care IV database data. The primary outcome was the risk of sepsis in patients with AP. The HCT-ALB value refers to the difference between HCT and ALB levels, which we categorized into three groups according to quantiles: < 0.5, 0.5–7.6, and ≥ 7.6. Logistic regression models were used to assess the association between HCT-ALB values and sepsis. The predictive value of HCT-ALB was assessed using a receiver operating characteristic curve. Subgroup analyses were conducted for different subgroups.

RESULTS: Among 565 patients with AP, 163 developed sepsis. In the multivariable model, HCT-ALB ≥ 7.60 was associated with sepsis risk for patients with AP [odds ratio (OR) 1.82, 95% confidence interval (CI) 1.06–3.14]. The area under the curve (AUC) value of HCT-ALB in predicting sepsis risk among patients with AP was 0.599 (95% CI 0.544–0.654), which was higher than that of the bedside index for severity in acute pancreatitis score (AUC 0.558, 95% CI 0.509–0.607). Subgroup analysis showed that HCT-ALB was only related to sepsis risk in male patients with acute kidney injury and Sequential Organ Failure Assessment in < 2 subgroups.

CONCLUSION: HCT-ALB values ≥ 7.6 were associated with increased sepsis risk in patients with AP. HCT-ALB may contribute to identifying the risk of sepsis in patients with AP.

INTRODUCTION

Acute pancreatitis (AP) is considered the primary reason for hospital admissions related to gastrointestinal disorders in the United States and in several other countries.[1] A meta-analysis assessing trends in the global incidence of AP highlighted an annual rise in the overall incidence rate of AP of 3.07%, placing an increasing burden on healthcare systems.[2] Approximately 15–20% of patients with AP may experience exacerbation, resulting in the development of systemic inflammatory response syndrome (SIRS) and multiple organ failure. Ultimately, this progression can culminate in severe AP.[3] Sepsis is a life-threatening SIRS resulting from an uncontrolled immune reaction to infection, leading to septic shock and subsequent multiple organ failure.[4] Secondary pancreatic infection and sepsis, occurring in 40–70% of patients with AP, are associated with elevated mortality rates and a poor prognosis.[3] Early identification of sepsis risk among such patients is crucial in reducing mortality rates and alleviating the burden of disease.

Hematocrit (HCT) levels represent the proportion of red blood cells within the total volume of whole blood, serving as a critical biomarker for diagnosing anemia.[5] One retrospective cohort study reported that an elevated HCT level was a risk factor associated with the development of postoperative sepsis among older adult patients.[6] Albumin (ALB) is a pivotal biomarker associated with infection.[7] In older adult patients with hip fractures, ALB levels < 38 g/L are associated with a higher risk of postoperative infections.[8] Moreover, ALB levels are used to

indicate the severity of sepsis.[9] HCT-ALB values, which represent the difference between HCT and ALB levels, have recently been used to indicate a patient's nutritional status.[10–12] HCT-ALB values have been widely reported as potential biomarkers in several studies. One retrospective study involving data derived from two large databases reported a significant association between elevated HCT-ALB values and an increased risk of intensive care unit (ICU) and hospital mortality among older adult patients with sepsis.[11] In a retrospective case-control study published in 2020, Dai et al.[12] reported that elevated HCT-ALB values were observed in patients diagnosed with infectious diseases. Therefore, determining the HCT-ALB value (> 10.25) could potentially be a valuable tool for rapid diagnosis of infectious diseases. However, few studies have investigated the potential value of HCT-ALB in patients with AP.

This retrospective cohort study aimed to investigate the association between HCT-ALB values and the risk of sepsis among patients with AP using data derived from the Medical Information Mart for Intensive Care IV (MIMIC-IV) database.

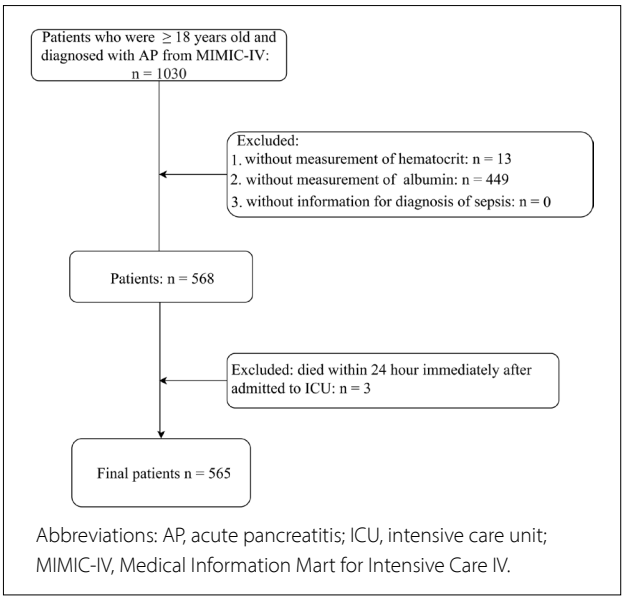


Figure 1. Patient flowchart

MATERIALS AND METHODS

Data sources

Data were obtained from the MIMIC-IV database, a large, single-center, free public database containing clinical information in relation to patients at Beth Israel Deaconess Medical Center in Boston between 2008 and 2019.[13] Patient demographics, admission records, vital signs, laboratory tests, medications, and survival data are recorded in the MIMIC-IV database. Access to this database was approved by the Institutional Review Committee of the Massachusetts Institute of Technology and the Beth Israel Deaconess Medical Center.

Study population

The study inclusion criteria comprised patients aged ≥ 18 years old and diagnosed with AP. Patients with AP were identified using International Classification of Diseases (ICD) (9th revision, code 5770; 10th revision, code K85) codes.[14] The exclusion criteria comprised patients with missing information regarding HCT or ALB levels, or those with a diagnosis of sepsis. We also excluded patients who had died within 24 h of admission to the ICU. Finally, 565 patients diagnosed with AP were included in the subsequent analysis (**Figure 1**).

Data collection

The primary outcome was the risk of sepsis in patients with AP. A sepsis diagnosis was made based on Sepsis-3 criteria, which involves patients exhibiting signs of infection and a sudden increase in their sequential organ failure assessment (SOFA) score by at least 2 points.[15] HCT-ALB values, reflecting the difference between the HCT (%) and ALB (g/L) levels, were categorized into three groups according to quantiles, namely, < 0.5, 0.5–7.6, and ≥ 7.6.

Possible confounding variables were included in this analysis, as follows: age (years); sex; ethnicity; marital status; mean blood pressure (MBP, mmHg); respiratory rate; temperature (°C); creatinine (mg/dL), hemoglobin (g/dL), blood urea nitrogen (BUN, mg/dL), and platelet (K/uL) levels; red blood cell distribution width (RDW, %); chloride (mEq/L), bilirubin (mg/dL), sodium (mEq/L), bicarbonate (mEq/L), potassium (mEq/L), phosphate (mg/dL), alanine aminotransferase (ALT, IU/L), glucose (mg/dL), aspartate aminotransferase (AST, IU/L), and oxygen saturation (SpO_2, %) values; prothrombin time (PT, seconds); the international normalized ratio (INR, %); lipase (U/L) levels; the bedside index for severity in acute pancreatitis (BISAP), SOFA, and Glasgow Coma Scale (GCS) scores; the Charlson comorbidity index (CCI); the diagnosis of heart failure, hypertension, diabetes mellitus, renal failure, liver disease, acute kidney injury (AKI), and chronic obstructive pulmonary disease (COPD); and the use of antibiotic treatment, renal replacement therapy (RRT), mechanical ventilation, vasopressors, and enteral nutrition. For patients with multiple IUC admissions, only data in relation to their initial ICU admissions were analyzed.

Ethics approval and consent to participate

MIMIC-IV is a public database, and ethical approval was obtained concerning the use of data in relation to patients registered in the database. Users can download relevant data free of research fees and publish relevant articles.

Statistical analysis

Continuous variables following normal distribution are described using mean and standard deviation (SD, mean ± SD), and *t*-tests were conducted for group comparisons. Non-normal data are presented as median and interquartile spacing (M [Q_1, Q_3]), and group comparisons were analyzed using a Mann–Whitney U rank sum test. Categorical variables are reported as the number of cases and composition ratio (n [%]), and a chi-square test was used for group comparisons. The specified predictive mean matching method was used to interpolate all missing variables, and a sensitivity analysis of the data was performed pre- and post-interpolation (**Appendix 1**). A univariate logistic regression model was used to identify potential confounding variables related to sepsis (**Appendix 2**). Univariate and multivariate logistic regression models with HCT-ALB as the independent variable and sepsis as the outcome variable were used to assess the association between HCT-ALB values and sepsis risk in patients with AP. Odds ratios (ORs) and 95% confidence intervals (95% CIs) were then calculated. Receiver-operating characteristic (ROC) curve analysis was used to assess the predictive value of HCT-ALB. Subgroup analyses were conducted for the following predefined populations: stratified by sex (male/female), by history of AKI (yes/no), and by Sequential Organ Failure Assessment (SOFA) score (< 2 or ≥ 2). The significance threshold was set at $P < 0.05$, and statistical analyses were conducted using SAS (version 9.4; SAS Institute Inc., Cary, North Carolina) software.

Availability of data and materials

The datasets used and/or analyzed in the current study are available from the corresponding author upon reasonable request.

RESULTS

Patient characteristics

This study included 565 patients with AP (women, n = 246 [43.54%]; men, n = 319 [56.46%]). As shown in **Table 1,**the average patient age was 57.80 ± 17.61 years, while the median HCT-ALB value was 4 (range, −1–9.6). Based on the development of sepsis, patients with AP were categorized into two groups, namely, those with sepsis (sepsis, n = 163) and those without (non-sepsis, n = 402), and patient characteristics were compared between the two patient groups (**Table 1**). The sepsis group had decreased ALB and MBP values and higher HCT-ALB values and SOFA scores than in the non-sepsis group.

Association between HCT-ALB values and the risk of sepsis

As shown in **Appendix 2**, the identified confounding variables encompassed age, sex, ethnicity, marital status, MBP, creatinine, BUN, phosphate, SOFA, BISAP, antibiotic therapy, mechanical ventilation use, vasopressor use, RRT, and enteral nutrition in this analysis ($P < 0.05$). In the univariate logistic regression model (**Table 2**), HCT-ALB values ≥ 7.6 positively correlated with the risk of sepsis in patients with AP (OR 2.21, 95% CI 1.41–3.49; $P < 0.001$). In the multivariate logistic regression model, after adjusting for all potential confounding factors (**Table 2**), HCT-ALB values ≥ 7.6 positively correlated with the risk of sepsis in patients with AP (OR 1.82, 95% CI 1.06–3.14; $P = 0.030$) compared with a low HCT-ALB (< 0.5) quantile. We also compared the predictive values of HCT-ALB and BISAP using ROC curve analysis. As shown in **Figure 2**, the area under the curve (AUC) value of HCT-ALB in predicting the risk of sepsis in patients with AP was 0.599 (95% CI 0.544–0.654), surpassing the BISAP score (AUC 0.558, 95% CI 0.509–0.607).

Subgroup analyses

We performed subgroup analyses based on sex, a history of AKI (no/yes), and SOFA scores (< 2 or ≥ 2) to assess the stability of the association between HCT-ALB values and the risk of sepsis. In **Table 3**, our findings show that male patients with AP and HCT-ALB values ≥ 7.6 in the AKI and SOFA < 2 subgroups had a higher risk of sepsis than those with HCT-ALB values < 0.5, after adjusting for all confounding variables.

DISCUSSION

This is the first study to investigate the association between HCT-ALB values and the risk of sepsis in patients diagnosed with AP. We observed an association between HCT-ALB values ≥ 7.6 and an increased risk of sepsis in patients with AP. This association was particularly robust in relation to men and those in the AKI and SOFA < 2 subgroups. Our data supports the clinical utility of HCT-ALB as a biomarker to assess the risk of sepsis in patients with AP.

Recently, with the advancement of research, some biological markers have gained extensive utilization in the clinical prognosis of diseases, such as HCT and ALB.[16–18] ALB is synthesized in the liver. Serum ALB levels have frequently been reported to be associated with prognosis in hospitalized older adult patients,[19] as well as in patients with malnutrition,[20] heart failure,[21] and sepsis.[19] ALB exerts various physiological effects, encompassing the regulation of osmotic pressure, safeguarding the microvascular system and mitigating heightened vascular permeability.[22] It also exhibits antioxidant properties by scavenging free radicals, possesses anticoagulant effects, contributes to maintaining acid-base equilibrium, and demonstrates anti-inflammatory characteristics.[23] The prognostic value of a single serum ALB measurement, however, may be limited owing to its susceptibility to influence from chronic diseases, nutritional support, and inflammation. A combination of ALB and other indicators may yield more accurate

Table 1. Baseline characteristics between the non-sepsis and sepsis groups

Variables	Total (n = 565)	Groups		Statistics	P value
		Non-sepsis (n = 402)	Sepsis (n = 163)		
Age, years; mean ± SD	57.8 ± 17.61	58.56 ± 18.10	55.91 ± 16.26	t = 1.62	0.105
Sex, n (%)					
Women	246 (43.54)	173 (43.03)	73 (44.79)	χ^2 = 0.145	0.704
Men	319 (56.46)	229 (56.97)	90 (55.21)		
Ethnicity, n (%)					
African American	55 (9.73)	41 (10.2)	14 (8.59)		
European	348 (61.59)	253 (62.94)	95 (58.28)	χ^2 = 2.358	0.501
Other	67 (11.86)	44 (10.95)	23 (14.11)		
Ethnicity not stated	95 (16.81)	64 (15.92)	31 (19.02)		
Marital status, n (%)					
Married	223 (39.47)	161 (40.05)	62 (38.04)		
Never married	178 (31.5)	120 (29.85)	58 (35.58)		
Divorced	43 (7.61)	32 (7.96)	11 (6.75)	χ^2 = 3.381	0.496
Widowed	53 (9.38)	42 (10.45)	11 (6.75)		
Unknown	68 (12.04)	47 (11.69)	21 (12.88)		
HCT, %; mean ± SD	34.06 ± 6.91	33.96 ± 6.4	34.31 ± 8.04	t = –0.48	0.628
ALB, g/L; mean ± SD	29.78 ± 6.23	30.43 ± 6.16	28.17 ± 6.14	t = 3.97	< 0.001
HCT-ALB, M (Q_1, Q_3)	4.00 (–1, 9.6)	3.20 (–1.3, 8.5)	6.3 (0.4, 13.1)	Z = 3.69	< 0.001
HCT-ALB, n (%)					
< 0.50	184 (32.57)	143 (35.57)	41 (25.15)		
0.50–7.60	193 (34.16)	144 (35.82)	49 (30.06)	χ^2 = 14.115	< 0.001
≥ 7.60	188 (33.27)	115 (28.61)	73 (44.79)		
MBP, mmHg; mean ± SD	91.71 ± 19.17	93.25 ± 18.57	87.9 ± 20.11	t = 3.03	0.003
Respiratory rate, mean ± SD	21.66 ± 6.67	21.6 ± 6.65	21.8 ± 6.75	t = –0.33	0.739
Temperature, °C; mean ± SD	36.84 ± 1	36.79 ± 0.96	36.97 ± 1.09	t = –1.83	0.069
Creatinine, mg/dL; M (Q_1, Q_3)	1.1 (0.7, 2)	1 (0.7, 1.6)	1.50 (0.9, 2.8)	Z = 4.417	< 0.001
Hemoglobin, g/dL; mean ± SD	11.28 ± 2.33	11.27 ± 2.2	11.31 ± 2.64	t = –0.18	0.854
BUN, mg/dL; M (Q_1, Q_3)	20 (12, 37)	17.5 (11, 35)	26 (17, 44)	Z = 4.797	< 0.001
RDW, %; mean ± SD	15.21 ± 2.18	15.14 ± 1.91	15.38 ± 2.73	t = –0.99	0.323
Platelet, K/uL; M (Q_1, Q_3)	182 (125, 265)	183.5 (128, 267)	181 (124, 248)	Z = –0.888	0.375
Bilirubin, mg/dL; M (Q_1, Q_3)	1.1 (0.6, 3)	1 (0.6, 3)	1.1 (0.6, 2.9)	Z = 0.726	0.468
Bicarbonate, mEq/L; mean ± SD	20.65 ± 5.66	21.08 ± 5.52	19.58 ± 5.88	t = 2.88	0.004
Sodium, mEq/L; mean ± SD	138.38 ± 5.91	138.3 ± 5.44	138.55 ± 6.93	t = –0.41	0.682
Potassium, mEq/L; mean ± SD	4.16 ± 0.91	4.12 ± 0.92	4.25 ± 0.88	t = –1.52	0.13
Chloride, mEq/L; mean ± SD	104.65 ± 7.33	104.31 ± 7.12	105.49 ± 7.78	t = –1.74	0.083
Phosphate, mg/dL; M (Q_1, Q_3)	3.3 (2.3, 4.2)	3.2 (2.2, 4)	3.6 (2.5, 4.9)	Z = 3.231	0.001
Glucose, mg/dL ; M (Q_1, Q_3)	124 (100, 174)	121 (99, 167)	137 (104, 194)	Z = 2.425	0.015
ALT, IU/L; M (Q_1, Q_3)	54 (25, 168)	54.5 (25, 168)	54 (26, 167)	Z = 0.109	0.913
AST, IU/L; M (Q_1, Q_3)	78 (38,187)	72.5 (35,182)	87 (46, 216)	Z = 2.115	0.034
SpO_2, %; mean ± SD	95.93 ± 4.58	96.01 ± 4.44	95.72 ± 4.93	t = 0.68	0.498
INR, M (Q_1, Q_3)	1.3 (1.1, 1.6)	1.3 (1.1, 1.6)	1.4 (1.2, 1.7)	Z = 2.295	0.022
PT, seconds; M (Q_1, Q_3)	14.4 (13, 17.3)	14.2 (13, 17)	14.9 (13.2, 17.9)	Z = 1.839	0.066
Lipase, n (%)					
< 208 U/L	158 (27.96)	108 (26.87)	50 (30.67)		
≥ 208 U/L	217 (38.41)	156 (38.81)	61 (37.42)	χ^2 = 0.863	0.65
Unknown	190 (33.63)	138 (34.33)	52 (31.9)		
SOFA, M (Q_1, Q_3)	2 (0, 5)	2 (0, 4)	4 (1, 7)	Z = 6.027	< 0.001
BISAP, M (Q_1, Q_3)	2 (1, 3)	2 (1, 3)	2 (1, 3)	Z = 2.28	0.023
GCS, mean ± SD	14.53 ± 1.58	14.56 ± 1.43	14.45 ± 1.91	t = 0.69	0.491
CCI, M (Q_1, Q_3)	2 (1, 3)	2 (1, 3)	2 (1, 4)	Z = 0.188	0.851
Heart failure, yes; n (%)	83 (14.69)	58 (14.43)	25 (15.34)	χ^2 = 0.077	0.782
Hypertension, yes; n (%)	321 (56.81)	234 (58.21)	87 (53.37)	χ^2 = 1.105	0.293

Continue...

Table 1. Continuation

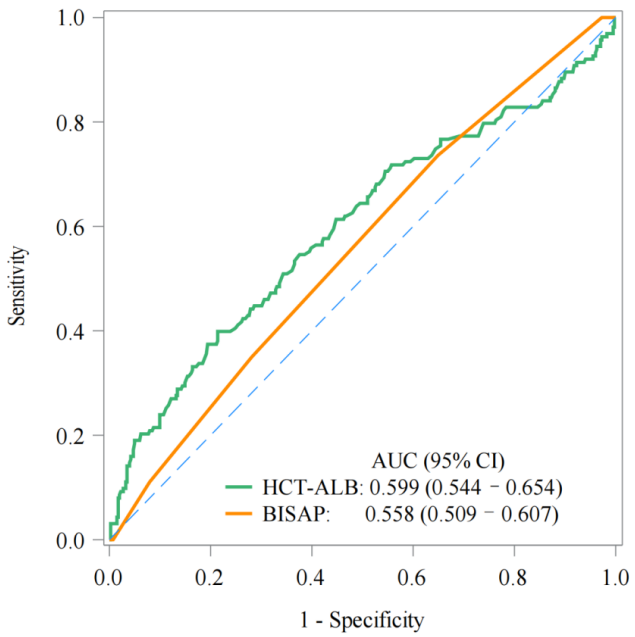
Variables	Total (n = 565)	Groups		Statistics	P value
		Non-sepsis (n = 402)	Sepsis (n = 163)		
Diabetes, yes; n (%)	170 (30.09)	127 (31.59)	43 (26.38)	$\chi^2 = 1.498$	0.221
Renal failure, yes; n (%)	61 (10.8)	37 (9.2)	24 (14.72)	$\chi^2 = 3.669$	0.055
Liver disease, yes; n (%)	124 (21.95)	86 (21.39)	38 (23.31)	$\chi^2 = 0.25$	0.617
COPD, yes; n (%)	24 (4.25)	17 (4.23)	7 (4.29)	$\chi^2 = 0.001$	0.972
AKI, yes; n (%)	278 (49.2)	164 (40.8)	114 (69.94)	$\chi^2 = 39.409$	< 0.001
Antibiotics, yes; n (%)	348 (61.59)	230 (57.21)	118 (72.39)	$\chi^2 = 11.295$	< 0.001
Mechanical ventilation use, yes; n (%)	443 (78.41)	293 (72.89)	150 (92.02)	$\chi^2 = 25.092$	< 0.001
Vasopressor use, yes; n (%)	154 (27.26)	69 (17.16)	85 (52.15)	$\chi^2 = 71.584$	< 0.001
RRT, yes; n (%)	49 (8.67)	24 (5.97)	25 (15.34)	$\chi^2 = 12.848$	< 0.001
Enteral nutrition, yes; n (%)	30 (5.31)	15 (3.73)	15 (9.2)	$\chi^2 = 6.905$	0.009

Abbreviations: AKI, acute kidney injury; ALB, albumin; ALT, alanine aminotransferase; AST, aspartate aminotransferase; BISAP, bedside index for severity in acute pancreatitis; BUN, blood urea nitrogen; CCI, Charlson comorbidity index; COPD, chronic obstructive pulmonary disease; GCS, Glasgow Coma Scale; HCT, hematocrit; HCT-ALB, difference between HCT and ALB; INR, international normalized ratio; MBP, mean blood pressure; PT, prothrombin time; RDW, red cell distribution width; RRT, renal replacement therapy; SOFA, sequential organ failure assessment; SpO2, oxygen saturation.

Table 2. Relationship between HCT-ALB and the risk of sepsis

Variables	Univariate logistic regression model		Multivariate logistic regression model	
	OR (95% CI)	P value	OR (95% CI)	P value
HCT-ALB				
< 0.5	Ref		Ref	
0.5–7.6	1.19 (0.74–1.91)	0.48	1.31 (0.76–2.26)	0.337
≥ 7.6	2.21 (1.41–3.49)	< 0.001	1.82 (1.06–3.14)	0.03

Univariate logistic regression model, not adjusted for confounding variables. Multivariate logistic regression model adjusted for all confounding variables, including age, sex, race/ethnicity, marital status, mean blood pressure, creatinine, blood urea nitrogen, phosphate, sequential organ failure assessment, bedside index for the severity of acute pancreatitis, antibiotics, mechanical ventilation use, vasopressor use, renal replacement therapy, and enteral nutrition. Abbreviations: CI, confidence interval; HCT-ALB, difference between hematocrit and albumin; OR, odds ratio.



Abbreviations: AUC, area under the ROC curve; BISAP, bedside index for the severity of acute pancreatitis; CI, confidence interval; HCT-ALB, hematocrit-albumin; ROC, receiver operating characteristic.

Figure 2. ROC curve analyses of HCT-ALB values and the BISAP score

prognostic predictions than the use of ALB alone. In 2022, Liu et al. reported that the lactate-to-albumin (LAR) ratio showed higher accuracy than ALB or lactate alone for all-cause mortality among patients with AP.[24] HCT-ALB values have recently been investigated as potential indicators. The HCT-ALB value is defined as the difference between the HCT and ALB levels. Previous studies have reported the prognostic significance of HCT-ALB in older adults with sepsis in relation to in-hospital mortality,[11] and have also reported elevated HCT-ALB values in patients with infectious diseases, thereby establishing it as a robust diagnostic indicator for such conditions.[12] Therefore, we hypothesized that the HCT-ALB value might also be a potential biomarker for sepsis risk in patients with AP.

After adjusting for age, sex, ethnicity, marital status, MBP, creatinine, BUN, phosphate, SOFA, BISAP, antibiotic therapy, mechanical ventilation use, vasopressor use, RRT, and enteral nutrition, we observed that, compared with a low HCT-ALB (< 0.5) quantile, a high HCT-ALB value (≥ 7.6) was associated with an increased risk of sepsis in patients with AP. The BISAP score, developed in 2008, can be easily calculated using data points available within the first 24 h of presentation to the emergency department, including BUN levels, an abnormal mental status,

Table 3. Subgroup analysis of the association between HCT-ALB and the risk of sepsis

Variables	Univariate logistic regression model				Multivariate logistic regression model			
	OR (95% CI)	P value	OR (95% CI)	P value	OR (95% CI)	P value	OR (95% CI)	P value
Subgroup I: Sex	**Male**		**Female**		**Male**		**Female**	
HCT-ALB								
< 0.5	Ref		Ref		Ref		Ref	
0.5–7.6	1.11 (0.55–2.21)	0.777	1.25 (0.65–2.42)	0.502	1.62 (0.67–3.9)	0.28	1.40 (0.62–3.18)	0.423
≥ 7.6	3.05 (1.64–5.66)	<0.001	1.43 (0.71–2.88)	0.313	3.43 (1.52–7.76)	0.003	1.13 (0.47–2.75)	0.78
Subgroup II: AKI	**No**		**Yes**		**No**		**Yes**	
HCT-ALB								
< 0.5	Ref		Ref		Ref		Ref	
0.5–7.6	1.85 (0.85–4.05)	0.121	0.78 (0.42–1.48)	0.454	1.71 (0.68–4.33)	0.257	1.12 (0.54–2.32)	0.77
≥ 7.6	2.40 (1.08–5.33)	0.032	1.62 (0.89–2.94)	0.112	1.69 (0.63–4.53)	0.295	2.21 (1.08–4.53)	0.031
Subgroup III: SOFA	**SOFA ≥2**		**SOFA <2**		**SOFA ≥2**		**SOFA <2**	
HCT-ALB								
< 0.5	Ref		Ref		Ref		Ref	
0.5–7.6	1.13 (0.63–2.04)	0.688	1.56 (0.65–3.78)	0.323	1.36 (0.68–2.72)	0.377	1.20 (0.4–3.6)	0.749
≥ 7.6	1.52 (0.87–2.64)	0.141	4.26 (1.81–10)	< 0.001	1.42 (0.74–2.74)	0.291	4.1(1.33–12.6)	0.014

Univariate logistic regression model, unadjusted confounding variables. Multivariate logistic regression model, Subgroup I: adjusted age, race/ethnicity, marital status, mean blood pressure, creatinine, blood urea nitrogen, phosphate, sequential organ failure assessment, bedside index for severity of acute pancreatitis, antibiotics, mechanical ventilation use, vasopressor use, renal replacement therapy, and enteral nutrition; Subgroup II: adjusted for age, sex, race/ethnicity, marital status, mean blood pressure, creatinine, blood urea nitrogen, phosphate, sequential organ failure assessment, bedside index for the severity of acute pancreatitis, antibiotics, mechanical ventilation use, vasopressor use, renal replacement therapy, and enteral nutrition; Subgroup III: adjusted for age, sex, race/ethnicity, marital status, mean blood pressure, creatinine, blood urea nitrogen, phosphate, bedside index for the severity of acute pancreatitis, antibiotics, mechanical ventilation use, vasopressor use, renal replacement therapy, and enteral nutrition. Abbreviations: HCT-ALB, difference between hematocrit and albumin; OR, odds ratio; CI, confidence interval; AKI, acute kidney injury; SOFA, sequential organ failure assessment.

evidence of SIRS, age ≥ 60 years, and the presence of pleural effusion.[25] It has been reported that the BISAP score can be used in the early prediction of severity and mortality in AP.[26,27] In this analysis, we compared the predictive value of HCT-ALB with the BISAP score in predicting the risk of sepsis in patients with AP. Our findings indicated that HCT-ALB might potentially serve as a prognostic indicator, enhancing clinicians' ability to predict sepsis risk among patients with AP and leading to improved management strategies. In the subgroup analysis, an association between HCT-ALB and the risk of sepsis was observed among men with AP, and those who had AKI or a SOFA score < 2. HCT-ALB may be more suitable for predicting sepsis risk among men with AP, those with a history of AKI, or those with a SOFA score of < 2. Further investigations are required to investigate the precise mechanism underlying this discovery in future research.

This study had some limitations. Concerning patients with multiple ICU admissions, only data concerning the first ICU admission were analyzed, which may have generated a selection bias. This retrospective cohort study used data derived from the MIMIC-IV database. Despite efforts to adjust for confounding variables, it is possible that there were unidentified potential confounders. Moreover, serum ALB or HCT levels may vary over time; however, we only focused on the initial HCT-ALB values without monitoring their dynamic fluctuations. Further validation of the prognostic value of HCT-ALB in patients with AP through prospective multicenter studies is warranted, along with exploration of its underlying mechanisms.

CONCLUSION

High HCT-ALB values ≥ 7.6 were associated with an increased risk of sepsis in patients with AP. Determining the HCT-ALB value may contribute to identifying the risk of sepsis in such patients, thereby improving risk assessment and guiding subsequent interventions.

REFERENCES

1. Lankisch PG, Apte M, Banks PA. Acute pancreatitis. Lancet. 2015;386(9988):85–96. https://doi.org/10.1016/s0140-6736(14)60649-8.
2. Iannuzzi JP, King JA, Leong JH, et al. Global incidence of acute pancreatitis is increasing over time: a systematic review and meta-analysis. Gastroenterology. 2022;162(1):122–34. https://doi.org/10.1053/j.gastro.2021.09.043.
3. Feng A, Ao X, Zhou N, et al. A novel risk-prediction scoring system for sepsis among patients with acute pancreatitis: a retrospective analysis of a large clinical database. Int J Clin Pract. 2022;2022:5435656. https://doi.org/10.1155/2022/5435656.
4. Kaukonen KM, Bailey M, Pilcher D, Cooper DJ, Bellomo R. Systemic inflammatory response syndrome criteria in defining severe sepsis.

N Engl J Med. 2015;372(17):1629–38. https://doi.org/10.1056/NEJMoa1415236.

5. Stavropoulos K, Imprialos KP, Bouloukou S, Boutari C, Doumas M. Hematocrit and stroke: a forgotten and neglected link? Semin Thromb Hemost. 2017;43(6):591–8. https://doi.org/10.1055/s-0037-1602663.
6. Peng X, Chen C, Chen J, et al. Tree-based, two-stage risk factor analysis for postoperative sepsis based on sepsis-3 criteria in elderly patients: a retrospective cohort study. Front Public Health. 2022;10:1006955. https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.1006955.
7. Wiedermann CJ. Hypoalbuminemia as surrogate and culprit of infections. Int J Mol Sci. 2021;22(9). https://doi.org/10.3390/ijms22094496.
8. Cabrerizo S, Cuadras D, Gomez-Busto F, et al. Serum albumin and health in older people: review and meta-analysis. Maturitas. 2015;81(1):17–27. https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2015.02.009.
9. Hu J, Lv C, Hu X, Liu J. Effect of hypoproteinemia on the mortality of sepsis patients in the ICU: a retrospective cohort study. Sci Rep. 2021;11(1):24379. https://doi.org/10.1038/s41598-021-03865-w.
10. Dai DM, Cao J, Yang HM, et al. Hematocrit and plasma albumin levels difference may be a potential biomarker to discriminate preeclampsia and eclampsia in patients with hypertensive disorders of pregnancy. Clin Chim Acta. 2017;464:218–22. https://doi.org/10.1016/j.cca.2016.12.001.
11. Wang Z, Zhang L, Li S, et al. The relationship between hematocrit and serum albumin levels difference and mortality in elderly sepsis patients in intensive care units - a retrospective study based on two large databases. BMC Infect Dis. 2022;22(1):629. https://doi.org/10.1186/s12879-022-07609-7.
12. Dai DM, Wang D, Hu D, et al. Difference in hematocrit and plasma albumin levels as an additional biomarker in the diagnosis of infectious disease. Arch Med Sci. 2020;16(3):522–30. https://doi.org/10.5114/aoms.2019.86898.
13. Wu S, Zhou Q, Cai Y, Duan X. Development and validation of a prediction model for the early occurrence of acute kidney injury in patients with acute pancreatitis. Ren Fail. 2023;45(1):2194436. https://doi.org/10.1080/0886022x.2023.2194436.
14. Jiang Z, An X, Li Y, et al. Construction and validation of a risk assessment model for acute kidney injury in patients with acute pancreatitis in the intensive care unit. BMC Nephrol. 2023;24(1):315. https://doi.org/10.1186/s12882-023-03369-x.
15. Singer M, Deutschman CS, Seymour CW, et al. The third international consensus definitions for sepsis and septic shock (Sepsis-3). JAMA. 2016;315(8):801–10. https://doi.org/10.1001/jama.2016.0287.
16. Sevuk U, Cakil N, Altindag R, et al. Relationship between nadir hematocrit during cardiopulmonary bypass and postoperative hyperglycemia in nondiabetic patients. Heart Surg Forum. 2014;17(6):E302–E307. https://doi.org/10.1532/hsf98.2014437.
17. Ni T, Wen Y, Wang Y, et al. Association between albumin or prealbumin levels at different stages and prognosis in severe acute pancreatitis: a 5-year retrospective study. Sci Rep. 2022;12(1):16792. https://doi.org/10.1038/s41598-022-21278-1.
18. Xu X, Ai F, Huang M. Deceased serum bilirubin and albumin levels in the assessment of severity and mortality in patients with acute pancreatitis. Int J Med Sci. 2020;17(17):2685–95. https://doi.org/10.7150/ijms.49606.
19. Arnau-Barrés I, Güerri-Fernández R, Luque S, et al. Serum albumin is a strong predictor of sepsis outcome in elderly patients. Eur J Clin Microbiol Infect Dis. 2019;38(4):743–6. https://doi.org/10.1007/s10096-019-03478-2.
20. Zhang Z, Pereira SL, Luo M, Matheson EM. Evaluation of blood biomarkers associated with risk of malnutrition in older adults: a systematic review and meta-analysis. Nutrients. 2017;9(8). https://doi.org/10.3390/nu9080829.
21. Xu Q, Zhu C, Zhang Q, et al. Association between fibrinogen-to-albumin ratio and prognosis of patients with heart failure. Eur J Clin Invest. 2023;53(10):e14049. https://doi.org/10.1111/eci.14049.
22. Vincent JL, Russell JA, Jacob M, et al. Albumin administration in the acutely ill: what is new and where next? Crit Care. 2014;18(4):231. https://doi.org/10.1186/cc13991.
23. Bihari S, Bannard-Smith J, Bellomo R. Albumin as a drug: its biological effects beyond volume expansion. Crit Care Resusc. 2020;22(3):257–65. https://doi.org/10.1016/s1441-2772(23)00394-0.
24. Liu Q, Zheng HL, Wu MM, et al. Association between lactate-to-albumin ratio and 28-days all-cause mortality in patients with acute pancreatitis: a retrospective analysis of the MIMIC-IV database. Front Immunol. 2022;13(1076121). https://doi.org/10.3389/fimmu.2022.1076121.
25. Wu BU, Johannes RS, Sun X, et al. The early prediction of mortality in acute pancreatitis: a large population-based study. Gut. 2008;57(12):1698–703. https://doi.org/10.1136/gut.2008.152702.
26. Kapadia NN, Siddiqui E. Bedside index (BISAP) v/s Ranson scores in predicting mortality and severity in patients with acute pancreatitis. J Pak Med Assoc. 2021;71(8):1988–91. https://doi.org/10.47391/jpma.03-417.
27. Chandra S, Murali A, Bansal R, Agarwal D, Holm A. The bedside index for severity in acute pancreatitis: a systematic review of prospective studies to determine predictive performance. J Community Hosp Intern Med Perspect. 2017;7(4):208–13. https://doi.org/10.1080/20009666.2017.1361292.

Authors' contributions: Jin M: conceptualization writing – review and editing; Wu Y: data curation , methodology, writing – review and editing; Ye B: project administration, resources, validation, writing – review and editing. All authors reviewed and approved the final version submitted for publication.

Sources of funding: None.

Conflicts of interest: None.

Date of first submission: October 15, 2024

Accepted: April 14, 2025

Address for correspondence:

Bin Ye

Department of Ultrasonography, Wenzhou TCM Hospital, Zhejiang

Chinese Medical University

27 Dashimen

Lucheng District — Wenzhou, Zhejiang — China

PO Box 325099

Tel. (+86 577) 8822-3731

E-mail: yebin-wztcm@outlook.com

Editor responsible for the evaluation process:

Marianne Yumi Nakai, MD, PhD (AE)

Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD (EIC)

Appendix 1. Sensitivity analysis of data pre- and post-interpolation

Variables	Pre-interpolation	Post-interpolation	Statistics	P-value
MBP, mmHg, Mean ± SD	91.79 ± 19.17	91.71 ± 19.17	t = 0.07	0.943
Respiratory rate, Mean ± SD	21.58 ± 6.6	21.66 ± 6.67	t = −0.18	0.856
Temperature, °C, Mean ± SD	36.84 ± 1	36.84 ± 1	t = 0.01	0.991
BUN, mg/dL, M (Q_1, Q_3)	20 (12–37)	20 (12–37)	Z = 0.022	0.983
Creatinine, mg/dL, M (Q_1, Q_3)	1.1 (0.7–2)	1.1 (0.7–2)	Z = 0.003	0.997
RDW, %, Mean ± SD	15.21 ± 2.18	15.21 ± 2.18	t = −0.01	0.991
Bilirubin, mg/dL, M (Q_1, Q_3)	1.1 (0.6–3)	1.1 (0.6–3)	Z = 0.004	0.997
Bicarbonate, mEq/L, Mean ± SD	20.67 ± 5.65	20.65 ± 5.66	t = 0.05	0.959
Sodium, mEq/L, Mean ± SD	138.39 ± 5.9	138.38 ± 5.91	t = 0.03	0.974
Chloride, mEq/L, Mean ± SD	104.66 ± 7.33	104.65 ± 7.33	t = 0.02	0.982
Phosphate, mg/dL, M (Q_1, Q_3)	3.3 (2.3–4.3)	3.3 (2.3–4.2)	Z = 0.002	0.998
Glucose, mg/dL, M (Q_1, Q_3)	124.5 (100–174)	124 (100–174)	Z = 0.01	0.992
ALT, IU/L, M (Q_1, Q_3)	55 (25, 168)	54 (25–168)	Z = 0.11	0.913
AST, IU/L, M (Q_1, Q_3)	79.5 (38–187.5)	78 (38–187)	Z = 0.151	0.88
SpO_2, %, Mean ± SD	95.92 ± 4.58	95.93 ± 4.58	t = −0.03	0.979
INR, M (Q_1, Q_3)	1.3 (1.2–1.6)	1.3 (1.1–1.6)	Z = 1.348	0.177
PT, sec, M (Q_1, Q_3)	14.5 (13–17.5)	14.4 (13–17.3)	Z = 0.339	0.735
AKI, n (%)				
No	285 (50.62)	287 (50.8)	χ^2 = 0.003	0.953
Yes	278 (49.38)	278 (49.2)		
SOFA, M (Q_1, Q_3)	2 (0–5)	2 (0–5)	Z = −0.035	0.972
GCS, mean ± SD	14.53 ± 1.58	14.53 ± 1.58	t = −0.02	0.986

Abbreviations: MBP, mean blood pressure; BUN, blood urea nitrogen; RDW, red cell distribution width; ALT, alanine aminotransferase; AST, aspartate aminotransferase; SpO_2, oxygen saturation; INR, international normalized ratio; PT, prothrombin time; AKI, acute kidney injury; SOFA, sequential organ failure assessment; GCS, Glasgow Coma Scale; SD, standard deviation.

Appendix 2. Screening of the confounding variables

Variables	OR (95% CI)	P value
Age	0.99 (0.98–1)	0.105
Sex		
Women	Ref	
Men	0.93 (0.65–1.34)	0.704
Marital status		
Married	Ref	
Never married	1.26 (0.82–1.93)	0.299
Divorced	0.89 (0.42–1.88)	0.765
Widowed	0.68 (0.33–1.41)	0.298
Unknown	1.16 (0.64–2.1)	0.623
Ethnicity		
African American	Ref	
European	1.1 (0.57–2.11)	0.775
Other	1.53 (0.7–3.37)	0.29
Not known	1.42 (0.67–2.98)	0.356
MBP	0.99 (0.98–0.99)	0.003
Respiratory rate	1 (0.98–1.03)	0.739
Temperature	1.21 (1–1.47)	0.056
Creatinine	1.15 (1.05–1.26)	0.004
Hemoglobin	1.01 (0.93–1.09)	0.842
BUN	1.01 (1.01–1.02)	0.002
RDW	1.05 (0.97–1.14)	0.254
Antibiotics		
No	Ref	
Yes	1.96 (1.32–2.91)	< 0.001
Platelet	1 (1–1)	0.454
Bilirubin	1.01 (0.98–1.05)	0.389
Bicarbonate	0.95 (0.92–0.99)	0.005
Sodium	1.01 (0.98–1.04)	0.65
Potassium	1.16 (0.96–1.41)	0.132
Chloride	1.02 (1.00–1.05)	0.084
Phosphate	1.16 (1.05–1.27)	0.002
Glucose	1 (1–1)	0.08
ALT	1 (1–1)	0.469
AST	1 (1–1)	0.191
SpO_2	0.99 (0.95–1.03)	0.5
INR	1.18 (0.99–1.41)	0.069
PT	1.01 (1–1.03)	0.107
Lipase		
< 208 U/L	Ref	
≥ 208 U/L	0.84 (0.54–1.32)	0.459
Unknown	0.81 (0.51–1.29)	0.383
SOFA	1.19 (1.12–1.26)	< 0.001
BISAP	1.23 (1.03–1.48)	0.025
GCS	0.96 (0.86–1.07)	0.438
CCI	1.01 (0.94–1.1)	0.728
Heart failure		
No	Ref	
Yes	1.07 (0.65–1.79)	0.782
Hypertension		
No	Ref	
Yes	0.82 (0.57–1.19)	0.294
Diabetes		
No	Ref	
Yes	0.78 (0.52–1.17)	0.222

Continue...

Appendix 2. Continuation

Variables	OR (95% CI)	P value
Renal failure		
No	Ref	
Yes	1.70 (0.98–2.95)	0.057
Liver disease		
No	Ref	
Yes	1.12 (0.72–1.72)	0.618
COPD		
No	Ref	
Yes	1.02 (0.41–2.5)	0.972
AKI		
No	Ref	
Yes	3.38 (2.29–4.98)	< 0.001
Mechanical ventilation use		
No	Ref	
Yes	4.29 (2.34–7.88)	< 0.001
Vasopressor use		
No	Ref	
Yes	5.26 (3.52–7.86)	< 0.001
RRT		
No	Ref	
Yes	2.85 (1.58–5.16)	< 0.001
Enteral nutrition		
No	Ref	
Yes	2.61 (1.25–5.48)	0.011

Abbreviations: AKI, acute kidney injury; ALT, alanine aminotransferase; AST, aspartate aminotransferase; BISAP, bedside index for severity in acute pancreatitis; BUN, blood urea nitrogen; CI, confidence interval; CCI, Charlson comorbidity index; COPD, chronic obstructive pulmonary disease; GCS, Glasgow Coma Scale; INR, international normalized ratio; MBP, mean blood pressure; OR, odds ratio; PT, prothrombin time; RDW, red cell distribution width; SOFA, sequential organ failure assessment; RRT, renal replacement therapy; SpO_2, oxygen saturation.

Patient activation levels in cardiovascular disease: a cross-sectional study in Brazilian community pharmacies

Fabianna Marangoni Iglecias[I], Eduardo Riano[II], Francisco Javier Ferreira-Alfaya[III], Maria Isabel Valverde-Merino[IV], Manuel Gomez-Guzman[V], Celia Piquer-Martinez[VI], Maria José Zarzuelo[VII]

Salvador (BA), Carlos Barbosa (RS), Porto Alegre (RS), Piraju (SP), Castilho (SP), Três Rios (RJ), Brazil

[I]MSc. Pharmacist, Ph.D. student, Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0009-0003-7920-7871

[II]MSc. Pharmacist, Ph.D. student, Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0009-0000-3534-7467

[III]PhD. Pharmacist and Professor, Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0000-0002-6805-0608

[IV]PhD. Hospital Pharmacist Professor, Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0000-0001-8875-1551

[V]PhD. Associate Professor, Department of Pharmacology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0000-0003-2452-9286

[VI]PhD. Pharmacist. Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0000-0003-4965-1464

[VII]PhD. Associate Professor, Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada, Granada, Spain.
https://orcid.org/0000-0001-8635-8094

KEYWORDS (MeSH terms):
Self care.
Pharmacists.
Cardiovascular diseases.
Brazil.

AUTHOR KEYWORDS:
Patient activation.
Patient activation measure.
Chronic disease management.
Community pharmacy.
Heart disease patient education.

ABSTRACT

BACKGROUND: Preventable cardiovascular diseases are among the leading causes of death in individuals aged < 70 years in Brazil.

OBJECTIVE: This study assessed the level of patient activation among individuals with cardiovascular disease in Brazilian community pharmacies.

DESIGN AND SETTING: This cross-sectional study included 348 Brazilian participants diagnosed with hypercholesterolemia and/or hypertension.

METHODS: The Patient Activation Measure (PAM-13) questionnaire was used. In addition, sociodemographic and clinical variables were collected, including coronary risk evaluation and quality of life assessment. Student's ***t***-test was used to compare baseline quantitative variables between groups, and the chi-square test was used to assess associations for categorical variables. Pearson's correlation was used to examine the relationships among the quality of life, clinical variables, sociodemographic data, and activation levels.

RESULT: Participants had an average age of 59.0 ± 16.7 years and a low to moderate risk. The mean patient activation level was 2.8 out of 4, with high self-care responsibility and treatment adherence but lower confidence in maintaining lifestyle changes. Factors linked to lower activity included low physical activity ($P < 0.001$), multiple chronic conditions ($P = 0.003$), smoking ($P = 0.016$), age > 65 years ($P = 0.033$), low quality of life ($P < 0.001$), and high CVR ($P < 0.001$).

CONCLUSION: Patient activation in cardiovascular care in the Brazilian population is positively affected by lifestyle factors, particularly physical activity. Intervention strategies that promote lifestyle changes can enhance patient activity and improve health outcomes in this population.

INTRODUCTION

The data from the World Health Organization (WHO)[1] stated that non-communicable chronic diseases (NCDs) were responsible for the deaths of 17.7 million individuals worldwide in 2023, and accounted for approximately 30.8% of premature deaths in Brazil in 2019.[2]

These diseases encompass a broad spectrum of chronic conditions typically linked to multiple causal factors. They are characterized by gradual onset, uncertain prognosis, and prolonged or indefinite duration, with a fluctuating clinical course involving durations of exacerbation and potential disabilities.[3] The World Health Organization (WHO) stated that NCDs, including cardiovascular diseases (CVDs), are typically chronic and arise from a combination of genetic, physiological, environmental, and behavioral factors. Modifiable risk factors such as tobacco use, physical inactivity, alcohol consumption, and unhealthy diet significantly increase the likelihood of mortality from these diseases.[4]

Healthcare systems face mounting challenges as the prevalence of chronic diseases continues to increase, both from the economic burden and limited capacity to manage these conditions effectively, particularly in the short term.[5] Evidence suggests that actively engaging patients in their healthcare can help maintain a balance between individual health outcomes and the sustainability of the healthcare system.[6]

Patient activation, as defined by Hibbard et al.,[7] refers to an understanding of their role in the care process and their knowledge, skills, and confidence in managing their health and healthcare. Active patients have the skills and behavioral repertoire to manage their illness, maintain their health functioning, prevent health deterioration, collaborate with their healthcare providers, and access appropriate, high-quality care.

The central role of patients in decision-making and in managing their care is increasingly being recognized.[8] This concept of activated patients is fundamental to the patient care experience. Increased patient activation is associated with improved health outcomes in several long-term chronic conditions, including reduced premature mortality and hospitalization.[7]

Understanding a patient's level of activation is essential for determining the best strategy to empower them in self-management of their disease, including reducing cardiovascular risk (CVR) through behavioral changes.[9] The majority of patients fall within Stage 3, where they have the necessary medical knowledge to take action; however, they sometimes lack the skills or confidence to adopt new health behaviors.[10,11] Public policies can be aligned with activation levels, directing resources toward vulnerable populations, such as those with low educational attainment, and supporting patients in developing the knowledge necessary for responsible health autonomy.[9]

One approach to bridge the gap in effective NCD management and reduce the burden on the healthcare system is to involve community pharmacists as key facilitators in promoting patient activation and exploring this condition.

OBJECTIVE

This study explored the activation levels in patients with CVD in Brazil.

METHODS

Study design

A cross-sectional study designed to assess patient activation levels using the PAM-13 questionnaire,[7] was conducted using an adapted and validated version for the Brazilian population.[12] The questionnaire and variables were administered and recorded by the research pharmacist.

Study population

Patients were recruited from urban community pharmacies (n = 13) throughout the country, except Amazonia, and were invited to participate voluntarily. Invitations to community pharmacists were distributed via an email campaign supported by the Pharmacy Association (Anfarmag), and pharmacists were directly recruited.

Participation was contingent on meeting the specific inclusion and exclusion criteria. Eligible participants were adults aged 18 years or older who were receiving treatment for hypertension and/or hypercholesterolemia and provided signed informed consent. Patients who did not provide informed consent or those who had a disability that prevented them from completing the PAM-13 questionnaire[7] were excluded.

The sample size was calculated using the following formula:

$$n = N^{*}Z^{2*}p\ (1-p)/(N-1)+e^{2}+Z^{2*}(1-p),$$

where *n* is the sample size, N is the total population, Z is the confidence level value (1-α) at 95%, P value is the expected proportion in the population, and e is the absolute precision. With a 5% margin of error, 80% power, and a known variability of 50%, the populations of patients with CVD in Brazil were considered according to Cardiovascular Statistics–Brazil 2020 (12,946,932).[13] The estimated sample size was 385 patients, accounting for a potential 20% dropoutrate (Figure 1).

Variables

Patient activation: Patient activation was measured using the PAM-13 questionnaire[7] (Insignia Health 1667562221). This 13-item tool assesses the belief that the patient's role is crucial, the confidence and knowledge necessary to take action, the implementation of actions to maintain and improve one's health, and the ability to stay committed to these actions even under stress.[12,14] Individual item scores range from 0

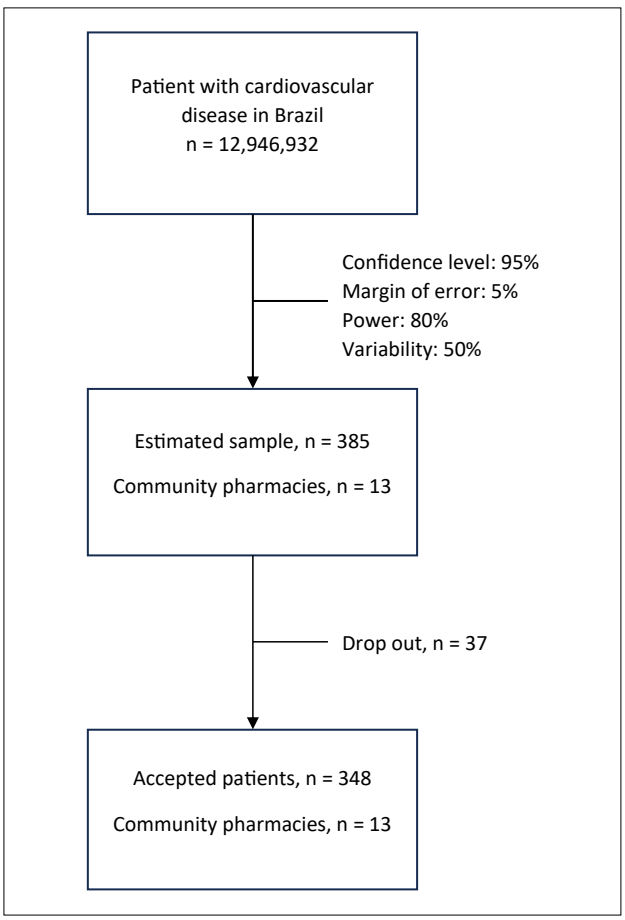


Figure 1. Study flowchart.

to 4 (0 = not applicable, 1 = strongly disagree, 2 = disagree, 3 = agree, and 4 = strongly agree) on a Likert Scale. The average PAM-13 score is converted into a total score ranging from 0 to 100, with higher scores indicating greater activity. Based on the Insignia Health guidelines,[15] PAM-13 scores were categorized into one of four activation levels. Level 1 corresponded to very low activation (0–47.0 points), indicating disengagement and feeling overwhelmed, Level 2 (47.1–55.1) represented becoming aware but still struggling, Level 3 (55.2–67.0) indicated taking action, and Level 4 (67.1–100) represented high activation, implying sustaining behaviors and continuing to improve.[7]

Quality of life: Quality of life refers to the evaluation of an individual's overall well-being and life satisfaction as influenced by or related to their health status. This was measured during the patient visit using a visual analog scale (VAS). The values ranged from 0 to 100, with 0 indicating the worst state of health and 100 indicating the best.

Sociodemographic variables: Age, sex, educational level, autonomy status, employment status, and health-related variables (comorbidities, smoking status, physical activity, and disease duration) were self-reported.

Clinical variables: Clinical variables were measured by the research pharmacist using blood pressure values measured by a sphygmomanometer in mmHg and total cholesterol values by an analysis performed by a doctor or in pharmacies with the equipment for measurement in mg/dL.

CVR factors: The CVR factors were measured using Systematic Coronary Risk Evaluation (SCORE). This table assesses CVR by calculating the probability of developing death of cardiovascular origin within 10 years according to sex, smoking status, age, systolic blood pressure, and total cholesterol. Increased CVR is considered to be higher than ≥ 5%.

Statistical analysis

Data were analyzed using SPSS version 28.0 (SPSS Inc., Chicago, Illinois, United States). Descriptive statistics, including frequency tables for qualitative variables and measures of central tendency (mean and standard deviation) for quantitative variables, were generated to characterize the study sample.

Student's *t*-test for independent samples was used to compare baseline quantitative variables between the different groups. For categorical variables, the chi-square test was used to assess the associations. Multivariate generalized ordinal logistic regression was used to compare the associations of sociodemographic factors and CVR with different PAM-13 levels. Pearson's correlation coefficients (r) were calculated to examine the bivariate relationships among quality of life, clinical variables, sociodemographic data, and activation levels.

Ethic approval

This study was conducted following the resolutions in force in Brazil on Research Ethics (Resolution CNS 466/12), although the indications and treatment of subjects participating in the study followed the same practical clinical routine, and no interference was present with them during the study. Similarly, the study was developed according to a protocol and based on procedures that guarantee compliance with ICH/BPC (International Harmonization Conference/Good Clinical Practice) standards. This project was approved by the Brazil Research Ethics Committee (CAAE: 52996521.9.0000.5553) on December 27, 2022.

RESULTS

The study included 348 patients with a mean age of 59.0 ± 16.7 years. An analysis of CVR revealed that the average blood pressure was 129.6 ± 19.1 mmHg for systolic pressure and 69.7 ± 17.2 mmHg for diastolic pressure. The mean total cholesterol level was 205.4 ± 38.0 mg/dL. The CVR assessed using the SCORE scale yielded a mean value of 2.8 ± 2.7, classified as having low to moderate CVR. The mean number of medications taken by patients was 4.5 ± 3.3, and the overall quality of life for the study population was assessed at 71.6 ± 19.7 out of 100 points (**Table 1**).

Most participants were women, comprising 61.1% (n = 212) of the sample. Regarding educational attainment, 31.9% (n = 111) of the patients had no formal education, whereas 17.8% (n = 62) had completed university-level education. In addition, 51.7% of participants (n = 180) were retired. Of the patients, 79.0 % (n = 275) were non-smokers, and 56.3% (n = 196) engaged in a certain form of physical activity, either occasionally or daily. A total of 63.2% (n = 220) had multiple comorbidities, with 57.2% (n = 199) having these conditions for more than 10 years. In terms of living arrangements, the vast majority of patients (79.0%, n = 275) were autonomous and lived with a companion, 12.6% (n = 44) lived alone independently, and 8.4% (n = 29) required caregivers (**Table 2**).

The patients had a good level of activation, with the majority between levels 3 (35.3%, n = 123) and 4 (30.7%, n = 107). Specifically, 17.5% of the patients were classified as Level 1, 16.4% as Level 2,

Table 1. Sociodemographic and cardiovascular data

Variable	Mean ± SD (min-max)
Age (years old)	59.0 ± 16.7
Systolic blood pressure (mmHg)	129.6 ± 19.1 (90-211)
Diastolic blood pressure (mmHg)	69.7 ± 17.2 (10-102)
Total cholesterol (mg/dL)	205.4 ± 38.0 (85-330)
SCORE* (low/moderate)	2.8 ± 2.7 (0-12)
Number of medications per patient	4.5 ± 3.3 (0-15)
Quality of life	71.6 ± 19.7

SCORE = Systematic Coronary Risk Evaluation; *SCORE is analyzed as a continuous variable based on its numerical score (mean and standard deviation) and is categorized as low or moderate according to established thresholds.

35.3% as Level 3, and 30.7% as Level 4 (**Table 2**). When categorized by PAM-13 level, a significant difference was observed in Level 2, with 77.2% of women (P = 0.039) with a low level of education; only 23.8% of patients were found in level 4 (P = 0.009). Moreover, 84.6% of patients who did not smoke and 74.4% of those who engaged in regular physical activity were at Level 4 (P = 0.022 and P < 0.001, respectively). In addition, presenting with multiple pathologies, 91.7% of the patients were at activation level 2 (P < 0.001), as were 83.3% of the patients who had been ill for more than 10 years (P = 0.049). Finally, 100.0% of patients with low/moderate CVR had an activation level of 4 (P < 0.001) (**Table 2**).

The results of the PAM-13 questionnaire[7] indicated a total score of 63.9 ± 19.6 out of 100, with a mean activation level of 2.8 ± 1.1 out of 4. The best-scored questions were question 1 ("After all, I am responsible for taking care of my health") 3.5 ± 0.7 out of 4 and question 7 ("I am sure that I can continue the medical treatment correctly at home") 3.5 ± 0.7, with the highest percentage of responses in complete agreement, 60.6% and 64.3%, respectively. In contrast, the lowest-scoring questions were question 13 ("I am sure that I can maintain my lifestyle changes, such as eating properly and exercising, even in times of stress") 2.7 ± 0.9 and question 9 ("I know the different treatment options for my health problems") 2.8 ± 1.0, with 8.6% and 10.4% of responses in total disagreement, respectively (**Table 3**).

Statistically significant correlations were observed between variables such as age, smoking, educational level, having more than one pathology, cardiovascular risk (SCORE), medication count, physical activity, and quality of life, with the vast majority of the questions of the PAM questionnaire (**Table 4**). A negative correlation among age, smoking habit, multiple conditions, CVR, and medication count, and a positive correlation with physical activity and quality of life with the item that considered oneself

Table 2. Descriptive statistics

Variable	n (%)	Level 1 (≤ 47.0) (n = 61)	Level 2 (47.1-55.1) (n = 57)	Level 3 (55.2-67.0) (n = 123)	Level 4 (≥ 67.1) (n = 107)	P value
Gender (female)	212 (61.1)	33 (45.9)	44 (77.2)	72 (59.0)	63 (58.9)	**0.039***
Educational level (no education)	111 (31.9)	30 (39.3)	19 (50.0)	35 (28.9)	2 (23.8)	**0.009***
Autonomy status (autonomous with companion)	275 (79.0)	55 (68.9)	23 (66.7)	99 (85.0)	98 (84.6)	0.628
Employment status (retired)	180 (51.7)	23 (26.3)	21 (34.6)	64 (38.4)	72 (44.3)	0.466
Smoking status (non-smoker)	275 (79.0)	47 (57.1)	29 (83.3)	102 (87.5)	97 (84.6)	**0.022***
Physical activity (yes)	196 (56.3)	17 (21.4)	12 (33.3)	82 (70.0)	85 (74.4)	**< 0.001***
Multiple conditions (yes)	220 (63.2)	63 (78.6)	32 (91.7)	78 (67.5)	47 (41.0)	**< 0.001***
Duration of disease (over 10 years)	199 (57.2)	53 (64.3)	29 (83.3)	50 (42.5)	67 (59.0)	**0.049***
SCORE** (low/moderate)	270 (77.6)	42 (44.4)	21 (66.7)	124 (88.9)	83 (100.0)	**< 0.001***

SCORE = Systematic Coronary Risk Evaluation.

*P < 0.05. Chi-square test.

**SCORE is analyzed as a continuous variable based on its numerical score (mean and standard deviation) and categorized as low or moderate according to established thresholds.

Table 3. Patient Activation Measure (PAM-13) questionnaire scores

Question	Mean ± SD	Totally Disagree (%)	Disagree (%)	Agree (%)	Totally Agree (%)
Q1. After all, I am responsible for taking care of my health	3.5 ± 0.7	2.4	6.3	30.7	60.6
Q2. Taking an active role in self-care is the most beneficial aspect of my health	3.4 ± 0.8	0.8	16.3	24.8	58.1
Q3. I am confident that I can take steps that will help prevent or reduce symptoms or problems related to my health	3.3 ± 0.8	1.6	13.3	36.7	48.4
Q4. I know what each of the medicines I have been prescribed are for	3.3 ± 1.0	8.6	9.4	25.0	57.0
Q5. I am confident that I am able to differentiate whether it is necessary to go to the doctor or whether I can solve the health problem myself	3.2 ± 0.9	4.0	16.0	35.2	44.8
Q6. I am sure I can tell the doctor about my concerns, even if he/she does not ask me	3.1 ± 0.9	6.3	20.3	28.9	44.5
Q7. I am sure that I can continue my medical treatment correctly at home	3.5 ± 0.7	2.3	7.8	25.6	64.3
Q8. I understand my health problems and their causes	3.2 ± 0.8	3.9	13.3	37.5	45.3
Q9. I am aware of the different treatment options for my health problems	2.8 ± 1.0	10.4	29.6	27.2	32.8
Q10. I have been able to maintain my lifestyle changes, such as eating right and exercising	3.0 ± 0.9	3.9	26.0	37.8	32.3
Q11. I know how to prevent health-related problems	3.1 ± 0.8	2.4	23.0	43.3	32.3
Q12. I am confident that I can find solutions when new health-related problems arise	3.1 ± 0.9	4.2	20.8	40.8	34.2
Q13. I am confident that I can maintain my lifestyle changes, such as eating right and exercising, even in times of stress	2.7 ± 0.9	8.6	35.2	33.6	22.7
Total score	63.9 ± 19.6				

responsible for taking care of one's health ($P < 0.05$ and $P < 0.001$) were observed. Similarly, a negative correlation among age, educational level, multiple conditions, CVR and medication count and a positive correlation with physical activity and quality of life with developing an active role in self-care, which was observed as the most beneficial aspect of one's health ($P < 0.05$ and $P < 0.001$) were observed. A negative correlation among age, educational level, multiple conditions, CVR, and medication count, and a positive correlation with physical activity and quality of life, with confidence in taking measures that would help prevent or reduce symptoms or health-related problems ($P < 0.05$ and $P < 0.001$) were observed. In addition, knowing the purpose of each prescribed medication correlated negatively with age, smoking habit, educational level, multiple conditions, CVR, and medication count, and positively correlated with physical activity and the quality of life ($P < 0.05$, $P < 0.001$). Age, educational level, multiple conditions, CVR, and medication count and positively correlated with physical activity and quality of life, with the ability to differentiate when it is necessary to visit a doctor versus solving a health problem independently ($P < 0.05$ and $P < 0.001$). Less smoking led to fewer medications prescribed and a higher quality of life ($P < 0.05$), and the more confident the patients were that they could inform their doctors what was bothering them, even if they were not asked. Furthermore, confidence in correctly following medical treatment at home was higher in younger patients ($P < 0.001$), those with a higher educational level ($P < 0.05$), fewer comorbidities ($P < 0.001$), lower CVR ($P < 0.001$), fewer medications prescribed ($P < 0.001$), and higher physical activity and quality of life ($P < 0.001$). Understanding their health problems and causes was significantly correlated with SCORE ($P < 0.05$), medication count, physical activity, and quality of life ($P < 0.001$). Knowledge of different treatment options for health problems was higher in younger patients ($P < 0.05$), non-smoking patients ($P < 0.001$), and those with lower CVR ($P < 0.05$), less prescribed medication ($P < 0.001$), more physical activity ($P < 0.001$), and higher quality of life ($P < 0.05$). Maintaining lifestyle changes, such as eating well

Table 4. Significant correlations between variables and the Patient Activation Measure-13 questionnaire, quality of life, and activation level

Question	Age (-)	Smoke (-)	Educational level (+)	Multiple Conditions (-)	SCORE (-)	Medication Count (-)	Physical Activity (+)	Quality of live (+)
Q1. After all, I am responsible for taking care of my health	0.253*	0.290**		0.302**	0.485**	0.308**	0.274*	0.315**
Q2. Taking an active role in self-care is the most beneficial aspect of my health	0.214*		0.175*	0.268*	0.605**	0.420**	0.367**	0.366**
Q3. I am confident that I can take steps that will help prevent or reduce symptoms or problems related to my health	0.322**		0.247*	0.338**	0.580**	0.505**	0.497**	0.506**
Q4. I know what each of the medicines I have been prescribed are for	0.307**	0.234*	0.290**	0.250*	0.524**	0.361**	0.260*	0.274*
Q5. I am confident that I am able to differentiate whether it is necessary to go to the doctor or whether I can solve the health problem myself	0.366**		0.240*	0.194*	0.321*	0.228*	0.305**	0.246*
Q6. I am sure I can tell the doctor about my concerns, even if he/she does not ask me		0.229*				0.184*		0.195*
Q7. I am sure that I can continue my medical treatment correctly at home	0.301**		0.261*	0.294**	0.412**	0.428**	0.332**	0.375**
Q8. I understand my health problems and their causes					0.387*	0.281**	0.303**	0.300**
Q9. I am aware of the different treatment options for my health problems	0.209*	0.312**			0.380*	0.337**	0.293**	0.237*
Q10. I have been able to maintain my lifestyle changes, such as eating right and exercising		0.195*	0.190*	0.207*	0.354*	0.206*	0.361**	0.381**
Q11. I know how to prevent health-related problems	0.308**			0.226*	0.408**	0.306**	0.233*	0.345**
Q12. I am confident that I can find solutions when new health-related problems arise	0.184*				0.269*			0.422**
Q13. I am confident that I can maintain my lifestyle changes, such as eating right and exercising, even in times of stress		0.235*	0.200*	0.233*	0.309*	0.254*	0.375**	0.336**
Quality of life	0.209*		0.205*	0.189*	0.250*	0.380**		
Activation level	0.148*	0.251*	0.222*	0.313*	0.576**	0.434**	0.434**	

*$P < 0.050$;

**$P < 0.001$.

Correlations are classified as follows: (–) negative Pearson's correlation ($r < 0$) and (+) positive Pearson's correlation ($r > 0$).

SCORE = Systematic Coronary Risk Evaluation.

and exercising, was negatively correlated with smoking, education level, concomitant diseases, CVR, and number of prescribed medications ($P < 0.05$), and positively correlated with physical activity and quality of life ($P < 0.001$). Understanding how to prevent health-related issues significantly correlated with age, multiple conditions, SCORE, medication count, physical activity, and quality of life ($P < 0.05$, $P < 0.001$), and the ability to find solutions when new health problems arose exhibited negative correlations with age and SCORE ($P < 0.05$) and positive correlations with the quality of life ($P < 0.001$) (**Table 4**).

We analyzed the correlations that could exist between the quality of life, level of activation, and level of CVR with different variables of the questionnaire and found that younger patients with university education, less concomitant pathology, fewer medications, and more physical activity had a better quality of life ($P < 0.05$, $P < 0.001$). In addition, younger patients who did not smoke, had fewer concomitant pathologies, lower CVR, fewer prescribed medications, and more physical activity had a higher level of activity ($P < 0.05$, $P < 0.001$) (**Table 4**).

The probability of having a low level of activation with low physical activity (OR = 3.87, 95%CI = 2.09–7.17, $P < 0.001$), having more than one pathology (OR = 1.48, 95%CI = 1.17–1.88, $P = 0.003$), smoking (OR = 1.64, 95%CI = 1.04–2.60, $P = 0.016$), being older than 65 years (OR = 1.25, 95%CI = 1.02–1.52, $P = 0.033$), having a low quality of life (OR = 0.96, 95%CI = 0.95–0.98, $P < 0.001$), and being at high CVR (OR = 3.47, 95%CI = 1.99–6.05, $P < 0.001$) was high (**Table 5**). In addition, performing occasional or daily physical activity was more likely to have a low/moderate CVR (OR = 2.69, 95%CI = 1.05–6.93, $P = 0.039$), controlled blood pressure (OR = 2.47, 95%CI = 1.15–5.31, $P = 0.025$), and fewer concomitant pathologies (OR = 1.42, 95%CI = 1.10–1.87, $P = 0.012$) (**Table 5**).

DISCUSSION

We found that factors such as low physical activity, smoking, advanced age, high CVR, and low QoL were significantly associated with reduced levels of patient activation. These findings underscore the need for targeted interventions to enhance the activation among patients with these risk factors, particularly through lifestyle modification and supportive care strategies.

Table 5. Logistic regression between patient activation level and physical activity and study variables

Low level of activation	OR	95%CI	P value
Low physical activity	3.87	2.09-7.17	< 0.001
Multiple condition	1.48	1.17-1.88	0.003
Smoke	1.64	1.04-2.60	0.016
Over 65 years	1.25	1.02-1.52	0.033
Low quality of life	0.96	0.95-0.98	< 0.001
High SCORE	3.47	1.99-6.05	< 0.001
Physical activity			
Low/moderate CVR	2.69	1.05-6.93	0.039
Controlled BP	2.47	1.15-5-31	0.025
Fewer concomitant pathologies	1.42	1.10-1.87	0.012

OR = odds ratio; CI = confidence interval; SCORE = Systematic Coronary Risk Evaluation; CVR = cardiovascular risk; BP = blood pressure.

Several validated methods are available to assess different facets of patient activation, including health locus of control,[16] self-efficacy in self-management behaviors,[17] and readiness to change health-related behaviors.[18] For example, the health locus of control has been used to explore the extent to which individuals believe they have control over their health outcomes, whereas self-efficacy measures assess the confidence of patients in executing specific health-related behaviors. The PAM-13 questionnaire[7] was selected as a tool to assess activation in terms of an individual's knowledge, skills, beliefs, and confidence in managing their health.[10,19] A preference for taking an active role in healthcare can significantly enhance a patient's ability to engage in shared decision-making with healthcare professionals.[20] This dynamic is particularly relevant for patients with chronic diseases, where control preferences, health promotion educational intervention, active participation in decision-making, and increased activation have been demonstrated to improve outcomes.[21-23]

Consistent with the findings of Magnezi et al.,[24] our study revealed a positive correlation between patient activity and quality of life. Specifically, among patients with visual impairment, PAM-13 revealed significant correlations with activation and the quality of life. Similarly, the average PAM-13 score was 53.4 ± 13.8 in patients with chronic renal disease, with the majority (73%) exhibiting low activation. Notably, patient activation decreased significantly with age and increased with higher educational levels.[25]

In studies on cardiovascular patients, such as that by Goevaerts et al.,[26] the baseline mean PAM-13 score was 59.2 ± 9.5, with 65% of patients at Level 3. We observed slightly higher PAM-13 scores in patients with CVD, with only 35.3% reaching Level 3, indicating a distinct distribution. Similar scores were reported by Hernar et al.,[27] who studied individuals at risk of early health deterioration, revealing an average PAM-13 score of 69.8 ± 14.8. Higher activation scores were generally associated with healthier behaviors across broader populations, including increased physical activity, a finding that aligns with our results, that demonstrated performing occasional or daily physical activity, it was more likely to have a low/moderate CVR, controlled blood pressure and fewer concomitant pathologies, and more level of activation.

Zang et al.[28] reported that in older adults at an increased risk of CVDs in rural areas, education, multimorbidity, and a family history of CVD positively and age negatively influenced activation. In line with these results, patients with low activation levels had multimorbidity, were older than 65 years, and had a high CVR.

General practitioners perceive patient activation as a crucial factor in CVD prevention and report that overcoming the

barriers to lifestyle counselling identified by family physicians is a prerequisite for effective patient-centered consultation on CVR factors. In addition, interprofessional collaboration with pharmacists could alleviate the burden on GPs and thus reduce these barriers.[29] Overall, lower levels of activation are often associated with advanced age, poor health-related quality of life, greater decisional conflict, and reduced medication adherence.[30] Patient activation is crucial for improving the quality of life among individuals with chronic diseases, as it encompasses patients' motivation, knowledge, and ability to manage both acute crises and chronic symptoms. Increasing evidence suggests that patients with higher activation are better equipped to engage in self-care,[31] which ultimately leads to improved health outcomes.[32]

This study had several strengths. This study was conducted across all regions of Brazil except Amazonia, allowing for a broad generalization of our results. In addition, validated instruments were used to measure the patient activity, quality of life, and CVR.

Limitations

We could not assess the temporal effects or determine causality due to the cross-sectional design of the study. Longitudinal studies are required to better understand the long-term influences on patient activation. The reliance on self-reported questionnaires may introduce potential misclassifications owing to socially desirable responses.

Variables such as waist circumference and body mass index were not measured due to opposition from several patients. Data such as complete lipid profile and glycosylated hemoglobin were not included because only one pharmacy had a measuring device, and insufficient data were obtained to ensure consistency in the statistical analysis.

Future directions

Patients with CVD feel more responsible for their healthcare and are more confident in being able to correctly follow medical treatment at home. However, they are less confident in being able to maintain lifestyle changes and are less aware of the different treatment options available for their health problems. Pharmacists play a decisive role in improving patients' understanding of their conditions, being able to actively involve them in their treatment, and transforming therapeutic success into personal achievement.

These findings suggest specific areas of strength and vulnerability in patient engagement, which may inform future research on tailored support strategies for individuals with CVD.

CONCLUSIONS

The level of patient activation in managing cardiovascular health is influenced by multiple factors, including physical activity, age, presence of comorbidities, and overall quality of life. Patients who engaged in regular physical activity demonstrated higher activation levels, better blood pressure control, and a lower CVR, highlighting the significance of promoting physical activity as a strategy for enhancing patient self-management and improving health outcomes. These findings underscore the need for targeted interventions to enhance activation among patients with these risk factors, particularly through lifestyle modification and supportive care strategies. Interventions emphasizing physical activity, self-efficacy, and individualized support are recommended to enhance patient empowerment and engagement in healthcare.

REFERENCES

1. Islam A, Sultana H, Nazmul Hassan Refat M, Farhana Z, et al. The global burden of overweight-obesity and its association with economic status, benefiting from STEPs survey of WHO member states: A meta-analysis. Prev Med Rep. 2024;46:102882. PMID: 39290257; https://doi.org/10.1016/j.pmedr.2024.102882.
2. Malta DC, Gomes CS, Veloso GA, et al. Noncommunicable disease burden in Brazil and its states from 1990 to 2021, with projections for 2030. Public Health. 2024;236:422-9. PMID: 39305660; https://doi.org/10.1016/j.puhe.2024.09.006.
3. GBD 2019 Chronic Respiratory Diseases Collaborators. Global burden of chronic respiratory diseases and risk factors, 1990-2019: an update from the Global Burden of Disease Study 2019. EClinicalMedicine. 2023;59:101936. PMID: 37229504; https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2023.101936.
4. GBD 2021 Stroke Risk Factor Collaborators. Global, regional, and national burden of stroke and its risk factors, 1990-2021: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2021. Lancet Neurol. 2024;23(10):973-1003. PMID: 39304265; https://doi.org/10.1016/s1474-4422(24)00369-7.
5. Hajat C, Stein E. The global burden of multiple chronic conditions: A narrative review. Prev Med Rep. 2018;12:284-93. PMID: 30406006; https://doi.org/10.1016/j.pmedr.2018.10.008.
6. Dineen-Griffin S, Garcia-Cardenas V, Williams K, Benrimoj SI. Helping patients help themselves: a systematic review of self-management support strategies in primary health care practice. PloS One. 2019;14(8):e0220116. PMID: 31369582; https://doi.org/10.1371/journal.pone.0220116.
7. Hibbard JH, Stockard J, Mahoney ER, Tusler M. Development of the Patient Activation Measure (PAM): conceptualizing and measuring activation in patients and consumers. Health Serv Res. 2004;39(4 Pt 1):1005-26. PMID: 15230939; https://doi.org/10.1111/j.1475-6773.2004.00269.x.
8. Hibbard JH, Greene J. What the evidence shows about patient activation: better health outcomes and care experiences; fewer data on costs. Health Aff. 2013;32(2):207-14. PMID: 23381511; https://doi.org/10.1377/hlthaff.2012.1061.

9. Barbanel D, Eldridge S, Griffiths C. Can a self-management programme delivered by a community pharmacist improve asthma control? A randomised trial. Thorax. 2003;58(10):851-4. PMID: 14514935; https://doi.org/10.1136/thorax.58.10.851.
10. Hibbard JH, Mahoney ER, Stockard J, Tusler M. Development and testing of a short form of the patient activation measure. Health Serv Res. 2005;40(6 Pt 1):1918-30. PMID: 16336556; https://doi.org/10.1111/j.1475-6773.2005.00438.x.
11. Shah SL, Siegel CA. Increasing patient activation could improve outcomes for patients with inflammatory bowel disease. Inflamm Bowel Dis. 2015;21(12):2975-8. PMID: 26422517; https://doi.org/10.1097/mib.0000000000000575.
12. Cunha CM, da Cunha D, Manzato RO, et al. Validation of the Brazilian version of the Patient Activation Measure 13. J Nurs Meas. 2019;27(1):97-113. PMID: 31068494; https://doi.org/10.1891/1061-3749.27.1.97.
13. Oliveira GMM, Brant LCC, Polanczyk CA, et al. Cardiovascular Statistics – Brazil 2020. Arq Bras Cardiol. 2020;115(3):308-439. PMID: 33027364; https://doi.org/10.36660/abc.20200812.
14. Rademakers J, Maindal HT, Steinsbekk A, et al. Patient activation in Europe: an international comparison of psychometric properties and patients' scores on the short form Patient Activation Measure (PAM-13). BMC Health Serv Res. 2016;16(1):570. PMID: 27729079; https://doi.org/10.1186/s12913-016-1828-1.
15. PAM Insignia Health 2024. Available from: https://www.insigniahealth.com/pam/. Accessed in 2025 (June 18).
16. Wallston KA, Stein MJ, Smith CA. Form C of the MHLC scales: a condition-specific measure of locus of control. J Pers Assess. 1994;63(3):534-53. PMID: 7844739; https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6303_10.
17. Young L, Kupzyk K, Barnason S. The impact of self-management knowledge and support on the relationships among self-efficacy, patient activation, and self-management in rural patients with heart failure. J Cardiovasc Nurs. 2017;32(4):e1-8. PMID: 28060085; https://doi.org/10.1097/jcn.0000000000000390.
18. Prochaska JO, DiClemente CC. Stages of change in the modification of problem behaviors. Prog Behav Modif. 1992;28:183-218. PMID: 1620663.
19. Wilkinson TJ, Memory K, Lightfoot CJ, Palmer J, Smith AC. Determinants of patient activation and its association with cardiovascular disease risk in chronic kidney disease: A cross-sectional study. Health Expect. 2021;24(3):843-52. PMID: 33835670; https://doi.org/10.1111/hex.13225.
20. Poon BY, Shortell SM, Rodriguez HP. Patient activation as a pathway to shared decision-making for adults with diabetes or cardiovascular disease. J Gen Intern Med. 2020;35(3):732-42. PMID: 31646455; https://doi.org/10.1007/s11606-019-05351-6.
21. Holter M, Avian A, Weger M, et al. Measuring patient activation: the utility of the Patient Activation Measure administered in an interview setting. Qual Life Res. 2024;33(5):1389-400. PMID: 38388807; https://doi.org/10.1007/s11136-024-03614-2.
22. Darabi F, Ziapour A, Mohamadkhah F, et al. Factors related to self-care behaviors' in chronic heart failure patients: a cross-sectional study in Western Iran. Am J Health Promot. 2025:8901171251330513. PMID: 40245285; https://doi.org/10.1177/08901171251330513.
23. Dariya SS, Maheshwari A, Viswanathan V, et al. Assessment of the awareness of risk factors and current behavior among individuals with type 2 diabetes mellitus in India: a cross-sectional study. Cureus. 2025;17(3):e80512. PMID: 40225536; https://doi.org/10.7759/cureus.80512.
24. Magnezi R, Glasser S, Shalev H, Sheiber A, Reuveni H. Patient activation, depression and quality of life. Patient Educ Couns. 2014;94(3):432-7. PMID: 24331277; https://doi.org/10.1016/j.pec.2013.10.015.
25. Lunardi LE, K Le Leu R, Matricciani LA, et al. Patient activation in advanced chronic kidney disease: a cross-sectional study. J Nephrol. 2024;37(2):343-52. PMID: 38345687; https://doi.org/10.1007/s40620-023-01847-x.
26. Goevaerts WF, Tenbült-van Limpt NCCW, Lu Y, et al. Evaluation of an application for the self-assessment of lifestyle behaviour in cardiac patients. Neth Heart J. 2024;32(1):55-62. PMID: 38060138; https://doi.org/10.1007/s12471-023-01835-7.
27. Hernar I, Graue M, Igland J, et al. Patient activation in adults attending appointments in general practice: a cross-sectional study. BMC Prim Care. 2023;24(1):144. PMID: 37430197; https://doi.org/10.1186/s12875-023-02102-9.
28. Zang Y, Wang L, Choi KC, Du H. Impact of depression on activation and summer heat adaptation in older adults with cardiovascular concerns: empirical research quantitative. Nurs Open. 2025;12(4):e70203. PMID: 40211454; https://doi.org/10.1002/nop2.70203.
29. Grafe W, Tinsel I, Borger M, et al. General practitioners' attitudes and barriers to patient activation in cardiovascular disease prevention: insights from the DECADE study. BMC Prim Care. 2025;26(1):86. PMID: 40155816; https://doi.org/10.1186/s12875-025-02798-x.
30. Nair D, Cavanaugh KL. Measuring patient activation as part of kidney disease policy: are we there yet? J Am Soc Nephrol. 2020;31(7):1435-43. PMID: 32527978; https://doi.org/10.1681/asn.2019121331.
31. Tusa N, Kautiainen H, Elfving P, Sinikallio S, Mantyselka P. Relationship between patient activation measurement and self-rated health in patients with chronic diseases. BMC Fam Pract. 2020;21(1):225. PMID: 33148185; https://doi.org/10.1186/s12875-020-01301-y.
32. Janamian T, Greco M, Cosgriff D, Baker L, Dawda P. Activating people to partner in health and self-care: use of the Patient Activation Measure. Med J Aust. 2022;216(Suppl 10):s5-8. PMID: 35665937; https://doi.org/10.5694/mja2.51535.

Authors' contributions: Iglecias FM: conceptualization (equal), investigation (equal), methodology (lead), project administration (supporting), resources (lead), visualization (equal), writing - original draft (equal); Riano E: investigation (equal), methodology (supporting); Ferreira-Alfaya FJ: visualization (equal), writing - original draft (equal);

Valverde-Merino MI: writing - review and editing (equal); Gomez-Guzman M: validation (lead), visualization (equal), writing - original draft (equal); Piquer-Martinez C: data curation (equal), formal analysis (equal), writing - original draft (equal); Zarzuelo MJ: conceptualization (equal), data curation (equal), formal analysis (equal), funding acquisition (lead), investigation (equal), project administration (equal), supervision (lead), visualization (equal), writing - original draft (equal), writing - review and editing (equal). All authors have reviewed and approved the final version of the manuscript submitted for publication

Acknowledgments: Associação Nacional de Farmacêuticos Magistrais (ANFARMAG) supported this project. We thank the University of Granada for the concession of aid for project development.

Sources of funding: This study was funded by the University of Granada (PPJIA2022-05)
Conflicts of interest: None

Date of first submission: October 24, 2024
Last received: April 22, 2025
Accepted: June 13, 2025

Address for correspondence:
Maria José Zarzuelo
Pharmaceutical Care Research Group, Department of Pharmacy and Pharmaceutical Technology, Faculty of Pharmacy, University of Granada
Campus de Cartuja, sn, 18071, Granada, Spain.
Phone: 003458243895
E-mail: mjzarzuelo@ugr.es

Editor responsible for the evaluation process:
Marianne Yumi Nakai, MD, PhD (AE)
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD (EIC)

Functional constipation in pediatric patients: an observational study in southern Brazil

Anita dos Santos Cardoso[I], Laura Bittencourt de Oliveira[II], Mayra Sonego[III]

Serviço Especializado em Gastroenterologia Pediátrica, Secretaria Municipal de Saúde, Criciúma (SC), Brazil

[I]Medical Student, Department of Health Sciences, Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma (SC), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-2846-9682

[II]Medical Student, Department of Health Sciences, Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma (SC), Brazil. https://orcid.org/0009-0001-9836-8529

[III]Pediatrician; Professor, Department of Health Sciences, Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma (SC), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-2176-8890

KEYWORDS (MeSH terms):
Constipation.
Pediatrics.
Gastrointestinal diseases.

AUTHORS' KEYWORDS:
Constipation.
Pediatric prevalence.
Gastrointestinal disorders.
Abdominal pain.
Stool retention.

ABSTRACT

BACKGROUND: Functional constipation is characterized by a set of symptoms including hardened stools, abdominal discomfort, a tendency to retain stools, and eventual fecal incontinence. This condition negatively affects the quality of life of the affected individuals and has potential psychosocial repercussions.

OBJECTIVES: To assess the epidemiological, clinical, and therapeutic aspects of functional constipation in patients treated at a pediatric gastroenterology outpatient clinic.

DESIGN AND SETTING: Descriptive observational study with a quantitative approach using secondary data collected from the medical records of a pediatric gastroenterology outpatient clinic in Criciúma between 2018 and 2023.

METHODS: This study was approved by the Human Research Ethics Committee of the Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) under number 6.788.465. Sociodemographic, clinical, and therapeutic variables were evaluated in 67 patients aged 0–18 years who were diagnosed with Functional Constipation (ICD K590) during the study period. Data were analyzed using descriptive statistics in the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), version 25.0.

RESULTS: There was a predominantly female profile (36; 53.7%), with an average age at diagnosis of 7.75 years (± 3.96). The main symptoms included abdominal pain (52, 77.6%) and hardened stools (42, 62.7%), with an average interval of 4 days between bowel movements. Treatment consisted of macrogol prescriptions (60, 89.6%), with most patients showing complete symptom improvement (49, 73.1%).

CONCLUSION: Analysis of medical records highlighted the need for continuous monitoring and targeted interventions, considering the variability of symptoms and individual characteristics of patients.

INTRODUCTION

Functional gastrointestinal disorders are a group of medical conditions characterized by the persistence or recurrence of gastrointestinal symptoms, even in the absence of identifiable structural or biochemical alterations.[1] A prominent subtype is functional constipation (FC), which warrants specific attention.[2]

FC presents as persistent difficulty with bowel movements, which may involve excessive straining, hardened stools, and occasionally, fecal incontinence.[3] This condition, diagnosed by the Rome IV criteria,[3] has a significant impact on patients' quality of life, leading to pronounced abdominal discomfort and psychosocial repercussions.[1]

The global epidemiology of pediatric constipation has an estimated prevalence of 9.5%, with notable variations across regions, ranging from 0.5% to 32.2%.[4] In the Brazilian context, the latest data on prevalence indicated rates between 17.5% and 36.5%, suggesting a higher number of affected individuals compared to the global average.[5]

Biopsychosocial risk factors such as stress, childhood obesity, sedentary lifestyle, poor diet, and dysfunctional family environments may exacerbate symptoms.[6] Therefore, treatment aims at targeted interventions for these aspects, necessitating changes in dietary patterns, lifestyle, and medication use.[6,7] Macrogol, an osmotic laxative, is the primary substance used in the management of functional constipation across all age groups because of its efficacy and safety in long-term treatment.[7]

FC in children and adolescents is often underestimated and can substantially affect their quality of life, affecting daily activities and socio-emotional aspects. Characterizing pediatric patients with FC provides a foundation for identifying specific patterns and enabling more efficient and targeted treatments. This significantly improves clinical practice and the well-being of

these patients, leading to positive long-term outcomes. This study aimed to describe the epidemiological, clinical, and therapeutic aspects of patients with FC treated at the pediatric gastroenterology department of the Secretaria Municipal de Saúde de Criciúma (PMC) between 2018 and 2023.

METHODS

Study design

This was a descriptive observational study with secondary data collection.

Ethical aspects

This study was approved by the Research Ethics Committee of the Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) under number 6.788.465. The requirement for informed consent was waived because this was a retrospective study based on medical records with no identification of the participants.

Population

The target population included all individuals aged 0–18 years diagnosed with functional constipation (ICD K590), who were treated at a specialized pediatric gastroenterology service in the southern region of Santa Catarina between January 2018 and December 2023. Patients with an inconclusive diagnosis of functional constipation according to the Rome IV criteria were excluded.

Sample

The medical records of all patients fitting the target population during the period of January 2018 to December 2023 were included in the study, considering it a census data collection.[8] A total of 71 medical records were obtained during the evaluated period.

Data collection

Data from patients aged 0–18 years who were diagnosed with functional constipation (ICD K590) and treated at the pediatric gastroenterology outpatient clinic between 2018 and 2023 were analyzed. Medical records were retrieved from the Celk Saúde system in the Municipality of Criciúma. The variables analyzed included patient age, sex, age at symptom onset, signs and symptoms associated with functional constipation, interval between bowel movements, fecal incontinence episodes, nutritional quality, presence of comorbidities, daily medication use, prior macrogol treatment and dose, prescribed treatment, and clinical response.

The data collection instrument was a questionnaire developed by the researchers structured into four distinct sections to cover the research variables and provide a detailed understanding of the clinical and therapeutic panorama of children treated in the pediatric gastroenterology service. Section A contains the essential information for patient identification and characterization, including medical record number, age, and sex. Section B (Past Medical History) focused on evaluating the patients' medical history and gathering information on comorbidities and medication use. Section C explores the clinical details related to functional constipation and investigates factors such as abdominal pain and fecal incontinence. Section D addresses information on therapeutic interventions for gastrointestinal conditions as well as the observed clinical responses.

Statistical analysis

Data were analyzed using IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), version 25.0. Descriptive analyses of the studied variables were performed, reporting the frequency and percentage of qualitative variables (sex, daily medications, comorbidities, nutritional quality, signs and symptoms, presence of fecal incontinence, prior treatment, type of treatment, dietary changes, and clinical response) and the mean and standard deviation of quantitative variables (current age, age at symptom onset, interval between bowel movements, and prior macrogol dose) if they followed a normal distribution, and median and interquartile range if they did not. The normality of the quantitative variables was assessed using the Kolmogorov-Smirnov test. All the results are expressed as graphs and/or tables.

RESULTS

During the analysis period, 71 medical records of patients aged 0–18 years with functional constipation (ICD K590) were selected. After excluding four cases with inconclusive diagnoses, the final sample comprised 67 patients, corresponding to 9.4% of the total (710) individuals who attended the specialized outpatient clinic. The mean age at the time of consultation was 7.75 (± 3.96) years. The minimum and maximum ages ranged from 1–16 years, with a predominance of females (36; 53.7%) (**Table 1**).

The average age of onset of functional constipation symptoms was 4.49 (± 3.93) years, with a predominance in younger age groups, as most episodes occurred in children up to 5 years old (41; 66.1%). The interval between the onset of the first symptoms

Table 1. Demographic characteristics of patients with functional constipation

Variables	Mean ± SD, n (%)
	n = 67
Age (years)	7.75 ± 3.96
Minimum	1
Maximum	16
Sexo	
Female	36 (53.7)
Male	31 (46.3)

and specialized consultation was at most two years in the majority of cases (32; 47.8%).

Among the signs and symptoms, the most prevalent were abdominal pain (52; 77.6%), which was particularly common in patients up to 10 years of age (43; 82.7%); hardened stools (42; 62.7%); and hematochezia (28; 41.8%), which were more common in the 6–15 years age group (21; 75%). Other manifestations such as excessive straining (20, 29.9%), abdominal distension (16, 23.9%), and fecal impaction (16, 23.9%) appeared in approximately one-third of the patients (**Table 2**).

The interval between bowel movements varied, ranging from a minimum of 1 (4; 6%) to a maximum of 30 days (1; 1.5%). However, the most common interval was 4 days (n = 15; 22.4%). Constipated patients with longer periods between bowel movements (4 or more days) had a higher occurrence of fecal incontinence episodes (15; 83.3%). In total, 23 (34.3%) reported this symptom. Despite dietary habits, 61.2% (n = 41) of patients followed a varied diet, while 35.8% (n = 24) ateselectively e. The occurrence rates of up to four symptoms were similar in both cases at 87% (36) and 83.3% (20).

Comorbidities were present in 34.9% (23) of the patients and were more prevalent in boys (14; 60.9%). A minority of patients were on daily medication (18, 26.9%). **Table 3** shows the clinical characteristics of the patients. The main coexisting conditions among those with functional constipation included Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), Autism Spectrum Disorder (ASD), and Intellectual Disability, each affecting six patients (26.1%). Of the 18 individuals using medications, risperidone was the most commonly used (10; 55.6%), primarily in the 6 to 15 years age group.

Among the individuals studied, a minority (24; 35.8%) had previously used macrogol, mainly at lower doses (11; 45.8%), and in only one patient (0.04%), at a higher dose than that prescribed by the specialist. The average previous dose, excluding records without explicit registration (12, 50%), was 13.99 g ± 8.25. Regarding prescribed pharmacological treatment, only seven children (10.4%) did not receive a prescription for macrogol, making it the main recommended medication (60; 89.6%). Other medications included lactulose and enemas (both in 17 patients; 25.4%), sorbitol + sodium lauryl sulfate (8 patients; 11.9%), and mineral oil (7 patients; 10.4%). **Table 4** shows the details of the observed therapies.

Nonpharmacological treatments have also been adopted in addition to drug interventions. Dietary modifications were recommended for just over half of the patients (38; 56.7%), with increased fiber intake and water consumption being the main suggestions, as indicated for 15 (39.5%) and 31 (81.6%) patients, respectively. Lifestyle changes, such as increased physical activity and the establishment of regular evacuation routines, were proposed for 35 (52.2%) individuals. Isolated non-drug therapy was prescribed for only three (4.47%) constipated patients, highlighting

Table 2. Clinical characteristics of patients with functional constipation

Variables	Mean ± SD, n (%)
	n = 67
Age of symptom onset	**4.49 ± 3.93**
Signs and symptoms	
Abdominal pain	52 (77.6)
Hardened stools	42 (62.7)
Hematochezia	28 (41.8)
Excessive straining	20 (29.9)
Abdominal distension	16 (23.9)
Impaction and/or rectal Mass	16 (23.9)
Fear of defecation	14 (20.9)
Nausea and/or vomiting	10 (14.9)
Tenesmus	10 (14.9)
Abdominal colic	4 (6)
Interval between bowel movements (days)	
1–3 days	16 (23.9)
4–10 days	33 (49.3)
14–30 days	5 (7.5)
Ignored	13 (19.4)
Fecal incontinence	
Yes	23 (34.3)
No	44 (64.7)
Dietary quality	
Varied diet	41 (61.2)
Selective diet	24 (35.8)
Ignored	2 (3)

Table 3. Clinical history of patients with functional constipation

Variables	Mean ± SD, n (%)
	n = 67
Comorbidities	
Yes	23 (34.9)
Attention deficit hyperactivity disorder	6 (26.1)
Autism spectrum disorder	6 (26.1)
Intellectual disability	6 (26.1)
Cerebral palsy	2 (8.7)
Oppositional defiant disorder	2 (8.7)
Down syndrome	1 (4.3)
Others	6 (26.1)
No	44 (65.7)
Medication use	
Yes	18 (26.9)
Risperidone	10 (55.6)
Imipramine	7 (38.9)
Methylphenidate	4 (22.2)
Amitriptyline	2 (11.1)
Sodium valproate	2 (11.1)
Fluoxetine	1 (5.6)
Others	9 (50)
No	49 (73.1)

Table 4. Therapeutic resources used in patients with functional constipation

Variables	Mean ± SD, n (%)
	n = 67
Previous treatment with macrogol	
Yes	24 (35.8)
Higher dose	1 (0.04)
Lower dose	11 (45.8)
Ignored	12 (50)
No	43 (64.2)
Previous dose of macrogol	13.99 ± 8.25
Pharmacological treatment	
Prescribed medications	
Macrogol	60 (89.6)
Lactulose	17 (25.4)
Enema	17 (25.4)
Sorbitol + sodium lauryl sulfate	8 (11.9)
Mineral oil	7 (10.4)
Macrogol 3350 + sodium bicarbonate + sodium chloride + potassium chloride	1 (1.5)
Others	3 (4.5)
Number of medications prescribed per patient	
Up to 1 medication	29 (59.2)
2–3 medications	16 (32.7)
4 or more medications	4 (8.2)
Non-pharmacological treatment	
Dietary modifications	38 (56.7)
Increased fiber intake	15 (39.5)
Remove cow's milk	8 (21.1)
Remove wheat	1 (2.6)
Increased fluid intake	31 (81.6)
Lifestyle change	35 (52.2)
Clinical response	
Complete improvement	49 (73.1)
Partial improvement	8 (11.9)
No change	1 (1.5)
Worsening	2 (3)
Relapse	1 (1.5)
Did not return for follow-up	6 (9)

the need for combined interventions to restore the intestinal health of those evaluated.

Regarding the clinical response, in the majority of the sample, complete symptom improvement was achieved with the use of up to one medication (29; 59.2%), which was the outcome observed in most patients (49; 73.1%). However, eight individuals (11.9%) showed partial improvement, and two (3%) reported worsening of symptoms. Additionally, six patients (9%) did not return for follow-up, limiting the reevaluation and prognosis of this group.

DISCUSSION

In the pediatric gastroenterology outpatient clinic, functional constipation was predominantly observed in girls, with an average age of 7.75 years at the time of consultation and initial episodes occurring mostly before the age of 5 years. The main reported symptoms were abdominal pain and hardened stools, with an average interval of 4 days between bowel movements. Additionally, 34.3% of the patients experienced episodes of fecal incontinence.

The overall prevalence of functional constipation in the population, including both adults and children, shows wide variation, with estimates ranging from 0.7% to 79% and a median of 16%.[9] In children, the rates range from 9.5% to 11.8%,[10,11] with reports from specialized pediatric outpatient clinics in Brazil ranging from 7.6% to 29%.[12,13] Internationally, the variation ranges from 3% to 46.7%, reflecting methodological and socioeconomic differences among studies.[14,15] In this study, the prevalence of consultations for functional constipation of 9.4%, was within the expected range for both the national and global pediatric population. This result supports previously published data, suggesting that, even in a regional sample, the observed rates remain consistent with those found in other locations.

The mean age at the time of the consultation was 7.75 years (± 3.96), ranging from 1 to 16 years. Although the age group with the highest prevalence of functional constipation has not been clearly defined,[14] the data obtained are similar to those reported in other studies, which reported average ages of 5.4 and 6.4 years.[16,9] These results suggest that functional constipation can occur at various pediatric ages, without a specific age trend. Regarding sex, there was a female predominance (36; 53.7%), which aligns with findings showing similar prevalence rates between boys and girls (8.6% versus 8.9%, respectively).[4] A Colombian study also found no significant gender predominance,[17] indicating that the differences observed in our sample may be specific to the analyzed population.

The data presented reveal the onset of symptoms of FC at ages younger than 5 years, with an age of 4.49 years (± 3.93). The predominance of initial episodes in children up to 5 years old, representing 66.1% of the cases, is consistent with existing literature, which predicts an average onset age around 2.3 years, with higher prevalence in preschool-aged children.[5,18–20] This suggests that factors such as dietary changes, transitions in sphincter control, and the start of schooling may play a significant role in triggering symptoms in this age group.[6,21–23] It was also observed that 47.8% of individuals waited up to 2 years to receive specialized care, reflecting a pattern consistent with studies that reported that 77.8% of patients experience delays of over a year for their first consultation.[13,24] This delay in treatment can exacerbate symptoms and lead to excessive use of rectal laxatives and other inappropriate interventions, resulting in significant morbidity for the pediatric population.[25]

Hard stools are the most prevalent symptom of pediatric functional constipation, affecting nearly all patients.[5,19,26] In the present sample, this symptom was observed in 62.7% of the cases, a

notable rate but lower than that reported in other Brazilian studies, which indicated prevalence of up to 86.5%.[13] This difference may suggest that some patients already experience partial symptom relief, possibly due to prior laxative use, or that the studied population has distinct clinical characteristics that influence this manifestation. On the other hand, abdominal pain was reported by 77.6% of the patients, a rate significantly higher than the 40% found in comparative studies.[27] This symptom can significantly contribute to children's resistance to evacuation, fueling a cycle of pain and retention that exacerbates constipation condition.[28–30]

Most individuals experienced fewer than two bowel movements per week. Additionally, children with FC and longer intervals between evacuations (4 or more days) showed a higher incidence of fecal incontinence (15; 83.3%), reflecting the significant overlap between these conditions, which is often observed in more severe cases.[28,31,32] Patients who experience this co-occurrence have a lower quality of life than those with isolated constipation,[24,33] and if not properly treated, fecal incontinence can lead to social isolation and long-term psychological issues.[24] Studies suggest that about one-quarter of patients experience this co-occurrence,continue to have symptoms in adulthood,[34] and present a lower quality of life than those with worse clinical outcomes over time.[31] This underscores the importance of early diagnosis and appropriate treatment. FI can lead to social isolation and long-term psychological issues.[7]

Regarding diet, although some studies have shown associated inadequate eating habits, such as low fiber intake and functional constipation,[1,3,35] others have found no significant correlation between diet and the disease.[32,36] These findings are consistent with those of this study, where most patients followed a varied diet (41; 61.2%), suggesting that dietary factors may play a less determining role in some pediatric populations. However, it is crucial to consider dietary interventions as part of a multidisciplinary approach for managing functional constipation.[7,37]

It was observed that 34.9% of the patients had comorbidities mainly characterized by neurodevelopmental disorders. The prevalence of ADHD in this sample (26.1%) was higher than the average reported in the literature (13.87 %),[38] suggesting particularities of the study population. However, this comorbidity is not necessarily associated with a higher risk of gastrointestinal disorders compared to the general population, and medication for ADHD does not seem to significantly affect the rates of consultations for defecatory disorders.[38,39] In contrast, children with ASD have a high prevalence of constipation, occurring in up to 85% of cases,[26] and also a higher risk of needing medication, as exemplified by the use of risperidone in 26.9% of patients in this study. Constipation is a common side effect of risperidone in children with ASD,[40,41] suggesting a possible relationship between the use of antipsychotics and the worsening of gastrointestinal symptoms.

In the literature, most patients received prior treatment in primary care before being referred to a specialist, with the main interventions being the use of laxatives (such as macrogol), dietary modifications, and lifestyle changes.[18,42] Malowitz et al.[18] and Bongers et al.[34] found that although the peak onset of functional constipation occurs early, the search for specialized care usually occurs later, after prolonged episodes and inadequate management in primary care, with the presentation of more severe symptoms, indicating that previous treatments were insufficient.[18,34] In the present study, we found a minority of individuals (24; 35.8%) who had used macrogol previously, with an estimated average dose of 13.99 g ± 8.25. Although this average does not take into account the children's weight, and thus it is not possible to confirm whether it is within the recommended dose range of 0.93 ± 0.28 g/kg/day, with a maximum of 30 g/day,[43] it is plausible that the previous treatment followed guidelines, even though the available data do not allow for a conclusive analysis.

Macrogol is the primary pharmacological treatment for pediatric functional constipation, as recommended by the guidelines of the North American Society for Pediatric Gastroenterology, Hepatology, and Nutrition, due to its safety and efficacy in increasing the water content in stools, thus relieving symptoms.[44,45] When it is unavailable or poorly tolerated, lactulose is the preferred alternative, although it causes more side effects.[45–49] Other laxatives, such as mineral oil, may be used as a second-line option if osmotic laxatives fail or are insufficient.[50] Despite these alternatives, macrogol remains the most prescribed agent, as reflected in the study sample, which showed a low rate of non-prescription (7; 10.4%). Studies suggest that enemas, while useful for immediate relief, are not recommended for continuous therapy, which justifies their reduced use in the clinic (17; 25.4%).[9,44,51,52] Mineral oil, although effective, is restricted due to risks such as aspiration and lipoid pneumonia as well as the potential for intestinal dependencewith prolonged use,[53–56] explaining its low prescription rate in the sample (7; 10.4%).

Although they do not have a prophylactic role,[32,36] there is a recognized need for concurrent non-pharmacological measures for the effective management of functional constipation.[44] In the present study, this therapeutic approach was recommended for just over half of the patients (38; 56.7%). This aligns with the literature, which points out that low water and fiber intake is associated with harder stools, worsening the condition, and is a critical component in managing chronic functional constipation.[57] Lifestyle changes, such as increased physical activity and the establishment of a regular evacuation routine, were proposed for 35 (52.2%) individuals. However, no randomized studies have evaluated the effect of increased physical activity on childhood constipation, limiting evidence regarding its effectiveness.[44]

Most children who received prescriptions used up to one medication to achieve complete symptom improvement, a stage

reached by most patients (49; 73.1%). The number of medications required for the successful management of functional constipation can vary significantly based on individual responses to treatment and severity of the condition. For 60–90% of children, a single medication, typically macrogol, may be sufficient; however, some may not achieve satisfactory results and require additional therapies,[58] as evidenced by eight patients in the present study who showed only partial improvement. Furthermore, 6 patients (9%) did not return for follow-up, and various factors contributed to this lack of follow-up, including socioeconomic barriers, lack of awareness among parents about the importance of follow-up, and logistical challenges such as transportation or scheduling issues.[59] Without appropriate follow-up, healthcare providers may miss the opportunity to modify treatment plans or intensify care for those who do not respond adequately,[44,46,60,61] resulting in chronic constipation and unsatisfactory long-term outcomes.[58]

Although the analyzed medical records were comprehensive, some limitations should be acknowledged. The observational nature of this research, combined with its reliance on secondary data, may restrict the availability of information and prevent the inference of associations between variables. Additionally, the sample in this study, although relevant to the context of southern Santa Catarina, had limited national representativeness, which may have affected the generalizability of the results. Finally, factors such as lack of information on clinical progression and absence of follow-up data may affect the evaluation of the effectiveness of the proposed interventions.

This study provides an updated sociodemographic, clinical, and therapeutic profile of pediatric functional constipation in Brazil, addressing the scarcity of recent data in the national literature. With only one recent study available in 2021 and others dating back to the 2000s and the 2010s, the observations highlight distinct characteristics that may influence the understanding and management of the condition. Furthermore, by including a representative sample of the population attending a pediatric outpatient clinic, the results offer valuable insights into the development of more effective treatment and follow-up strategies tailored to the specific needs of this population.

CONCLUSIONS

The analysis of 67 patients with functional constipation, representing 9.4% of the 710 pediatric gastroenterology outpatient visits at the PMC, revealed a predominantly female profile (36; 53.7%), with symptom onset before the age of 5 years and a mean age at consultation of 7.75 (± 3.96) years. The most commonly reported symptoms included abdominal pain (n = 52, 77.6%), hardened stools (n = 42, 62.7%), and fecal incontinence (n = 23, 34.3 %). Pharmacological treatment was characterized by frequent macrogol prescriptions (60, 89.6%), with most patients (49, 73.1%) achieving complete symptom relief. Non-pharmacological interventions such as dietary modifications were also implemented in more than half of the cases (38; 56.7%), reinforcing the importance of a multidisciplinary therapeutic approach.

For future research, a longitudinal approach is recommended to allow patient follow-up over time and to evaluate factors influencing treatment response, in addition to multicenter studies aimed at a more comprehensive understanding of functional constipation and its nuances.

REFERENCES

1. Black CJ, Drossman DA, Talley NJ, Ruddy J, Ford AC. Functional gastrointestinal disorders: advances in understanding and management. Lancet. 2020;396(10263):1664–74. PMID: 33049221; https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32115-2.
2. Malone M, Waheed A, Samiullah S. Functional gastrointestinal disorders: functional lower gastrointestinal disorders in adults. FP Essent. 2018;466:21–8. PMID: 29528206.
3. Vriesman MH, Koppen IJN, Camilleri M, Di Lorenzo C, Benninga MA. Management of functional constipation in children and adults. Nat Rev Gastroenterol Hepatol. 2020;17(1):21–39. PMID: 31690829; https://doi.org/10.1038/s41575-019-0222-y.
4. Koppen IJN, Vriesman MH, Saps M, Rajindrajith S, et al. Prevalence of functional defecation disorders in children: a systematic review and meta-analysis. J Pediatr. 2018;198:121–30.e6. PMID: 29656863; https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2018.02.029.
5. Medeiros LCS, Morais MB, Tahan S, et al. Características clínicas de pacientes pediátricos com constipação crônica de acordo com o grupo etário. Arq Gastroenterol [Internet]. 2007;44(4):340–4. https://dx.doi.org/10.1590/s0004-28032007000400011.
6. Vriesman MH, Rajindrajith S, Koppen IJN, et al. Quality of life in children with functional constipation: a systematic review and meta-analysis. J Pediatr. 2019;214:141–50. PMID: 31399248; https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2019.06.059.
7. Aziz I, Whitehead WE, Palsson OS, Törnblom H, Simrén M. An approach to the diagnosis and management of Rome IV functional disorders of chronic constipation. Expert Rev Gastroenterol Hepatol. 2020;14(1):39–46. PMID: 31893959; https://doi.org/10.1080/17474124.2020.1708718.
8. Rodrigues PC. Bioestatística. 3rd ed. Eduff; 2002.
9. Mugie SM, Benninga MA, Di Lorenzo C. Epidemiology of constipation in children and adults: a systematic review. Best Practice and Research Clinical Gastroenterology. 2011;25(1):3–18.
10. Wald ER, Di Lorenzo C, Cipriani L, et al. Bowel habits and toilet training in a diverse population of children. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition. 2009;48(3):294–8.
11. Chung JM, Lee SD, Kang DI, et al. An epidemiologic study of voiding and bowel habits in korean children: a nationwide multicenter study. Urology. 2010;76(1):215–9.

12. Bastos MD, Pereira BF, Chaves J, Tabile P, Pereira LM. Características da constipação funcional em crianças de zero a doze anos atendidas em um ambulatório de gastroenterologia pediátrica. Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção. 2018;8(4):415–21.
13. Benetti OH, Piaia K, Caixeta MS, et al. Constipação funcional em crianças: alta prevalência em ambulatório especializado, apesar do diagnóstico e manejo simples. Rev Assoc Méd Rio Gd do Sul [Internet]. 2021;01022105–5. Available from: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1367441.
14. Grupo de Trabajo de Constipación del Comité Nacional de Gastroenterología Pediátrica. Estreñimiento funcional en pediatría, diagnóstico y tratamiento [Functional constipation in pediatrics, diagnosis and treatment]. Arch Argent Pediatr. 2021;119(1):s39–s47. https://doi.org/10.5546/aap.2021.s39. PMID: 33459004.
15. El-Gazzar HE, Ali A, Eman AEE. Effectiveness of management program of chronic functional constipation in children who are attending the Pediatric Gastroenterology Clinic at Elbeheira Specialized Children's Hospital. Journal of Medicine in Scientific Research. 2023;6(2).
16. Poenaru D, Roblin N, Bird M, et al. The pediatric bowel management clinic: Initial results of a multidisciplinary approach to functional constipation in children. Journal of Pediatric Surgery. 1997;32(6):843–8.
17. Lu PL, Velasco-Benítez CA, Saps M. Sex, age, and prevalence of pediatric irritable bowel syndrome and constipation in colombia: a population-based study. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition. 2017;64(6):e137–e141.
18. Malowitz S, Green M, Karpinski A, Rosenberg A, Hyman PE. Age of onset of functional constipation. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition. 2016;62(4):600–2.
19. Bin Mohanna MA. Prevalência e características clínicas da constipação em crianças no Specialized Sam Pediatric Center Sana'a, lêmen. Minerva Pediatr 2022;74:313–7. https://doi.org/10.23736/s2724-5276.16.04493-5.
20. Muhardi L, Aw M, Hasosah M, et al. A narrative review on the update in the prevalence of infantile colic, regurgitation, and constipation in young children: implications of the Rome IV criteria. Frontiers in Pediatrics. 20225;9.
21. Hernández-Quirós T, Villachica-Madriz A. Estreñimiento funcional en pediatría. Revista Ciencia y Salud Integrando Conocimientos. 2021;5(5).
22. Pawasarat A, Biank VF. Constipation in pediatrics: a clinical review. Pediatric Annals. 2021;50(8).
23. Gozali FS, Febiana B, Putra IGNS, Karyana IPG, Hegar B. Relationship between psychological stress with functional constipation in children: a systematic review. The Pan African Medical Journal [Internet]. 2023 [cited 2023 Sep 17];46(8). Available from: https://www.panafrican-med-journal.com/content/article/46/8/full/.
24. Kovacic K, Sood MR, Mugie S, et al. A multicenter study on childhood constipation and fecal incontinence: effects on quality of life. The Journal of Pediatrics. 2015;166(6):1482–7.e1.
25. Khalil A, Alkot M. Study of functional constipation among children attending the Gastroenterology Clinic at Alexandria University Children's Hospital. Alexandria Journal of Pediatrics. 2018;31(3):120.
26. Dehghani SM, Kulouee N, Honar N, et al. Clinical manifestations among children with chronic functional constipation. Middle East J Dig Dis. 2015;7(1):31–5. PMID: 25628851.
27. Altamimi E. Clinical characteristics of pediatric constipation in south Jordan. Pediatric Gastroenterology, Hepatology and Nutrition. 2014;17(3):155.
28. Silva LBD, Dias FC, Melli LCFL, Tahan S, Morais MB. Clinical spectrum of functional constipation and bowel-habit patterns of schoolchildren recruited from two elementary schools and a specialized outpatient clinic. Arquivos de Gastroenterologia [Internet]. 2022 [cited 2023 Oct 9];59(2):263–7. Available from: https://www.scielo.br/j/ag/a/8DFcNSGFZx9Yn4SgR3ZxNqv/?lang=en.
29. Santucci NR, Hyman PE, Karpinski A, et al. Development and validation of a childhood self-efficacy for functional constipation questionnaire. Neurogastroenterology and Motility. 20174;30(3):e13222.
30. Varni JW, Nurko S, Shulman RJ, et al. Pediatric functional constipation gastrointestinal symptom profile compared with healthy controls. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition. 2015;61(4):424–30.
31. Classen M, Righini-Grunder F, Schumann S, von Gontard A, De Laffolie J. Constipation in children and adolescents. Deutsches Ärzteblatt international. 2022;119(41).
32. Çağan Appak Y, Karakoyun M, Koru T, Baran M. Dietary properties and anthropometric findings of children with functional constipation: a cross-sectional study. Arch Argent Pediatr. 2019;117(3):e224–e231
33. Rajindrajith S, Devanarayana NM, Crispus Perera BJ, Benninga MA. Childhood constipation as an emerging public health problem. World Journal of Gastroenterology [Internet]. 2016;22(30):6864. Available from: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4974585/pdf/WJG-22-6864.pdf.
34. Bongers MEJ, van Wijk MP, Reitsma JB, Benninga MA. Long-term prognosis for childhood constipation: clinical outcomes in adulthood. Pediatrics. 2010;126(1):e156–e162.
35. Rajindrajith S, Devanarayana NM, Thapar N, Benninga MA. Functional fecal incontinence in children: epidemiology, pathophysiology, evaluation, and management. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition [Internet]. 2021;72(6):794–801. Available from: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33534361/.
36. Inan M. Childhood constipation and diet. Pediatric Health. 2009;3(4):353–8.
37. Mazumder MW, Hasan S, Fathema K, Md Rukunuzzaman, Karim AB. Functional constipation in children: demography and risk factors analysis from a tertiary care hospital of Bangladesh. Bangladesh Journal of Child Health. 2021;44(3):148–52.
38. Bazmamoun H, Momeni A, Jahangard L, Asnaashari F, Pezeshki N. How common is attention deficit hyperactivity disorder in a cohort of children with functional constipation, and does ADHD treatment improves functional constipation? Archives of Medical Science. 2021;19(2).
39. McKeown C, Hisle-Gorman E, Eide M, Gorman GH, Nylund CM. Association of constipation and fecal incontinence with attention-deficit/hyperactivity disorder. Pediatrics. 2013;132(5):e1210–e1205.

40. Gorrindo P, Williams KC, Lee EB, et al. Gastrointestinal dysfunction in autism: parental report, clinical evaluation, and associated factors. Autism Research. 2012;5(2):101–8.
41. Aman MG, Arnold LE, McDougle, et al. Acute and long-term safety and tolerability of risperidone in children with autism. Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology. 2005;15(6):869–84.
42. Sinha A, Mhanna M, Gulati R. Clinical characteristics of children needing inpatient treatment after failed outpatient treatment for fecal impaction. Pediatric Gastroenterology, Hepatology and Nutrition. 2018;21(3):196.
43. Kim MR, Park HW, Son JS, Lee R, Bae SH. Correlation between colon transit time test value and initial maintenance dose of laxative in children with chronic functional constipation. Pediatric Gastroenterology, Hepatology and Nutrition. 2016;19(3):186.
44. Tabbers MM, Di Lorenzo C, Berger MY, et al. Evaluation and treatment of functional constipation in infants and children. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition [Internet]. 2014;58(2):265–81. Available from: https://naspghan.org/wpcontent/uploads/attachments/Evaluation_and_Treatment_of_Functional.24.pdf.
45. Leung AK, Hon KL. Paediatrics: how to manage functional constipation. Drugs Context. 2021;10:2020-11-2. PMID: 33828605; https://doi.org/10.7573/dic.2020-11-2.
46. Dziechciarz P, Horvath A, Szajewska H. Polyethylene Glycol 4000 for treatment of functional constipation in children. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition. 2015;60(1):65–8.
47. Voskuijl W. PEG 3350 (Transipeg) versus lactulose in the treatment of childhood functional constipation: a double blind, randomised, controlled, multicentre trial. Gut. 2004;53(11):1590–4.
48. Mathew JL, Bhatnagar S. Polyethylene Glycol vs. Lactulose in infants and children with functional constipation. Indian Pediatrics. 2019;56(5):415–9.
49. Dheivamani N, Thomas W, Bannerjii R, Mukherjee M, Mitra M. Efficacy of Polyethylene Glycol 3350 as compared to lactulose in treatment of Rome IV criteria-defined pediatric functional constipation: a randomized controlled trial. Indian J Gastroenterol. 2021;40(2):227–33. PMID: 33830440; https://doi.org/10.1007/s12664-021-01148-w.
50. Hyman PE, Di Lorenzo C, Prestridge LL, Youssef NN, Ueno R. Lubiprostone for the treatment of functional constipation in children. Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition. 2014;58(3):283–91.
51. Koppen IJ, Lammers LA, Benninga MA, Tabbers MM. Management of functional constipation in children: therapy in practice. Paediatr Drugs. 2015;17(5):349–60. PMID: 26259965; https://doi.org/10.1007/s40272-015-0142-4.
52. De Geus A, Koppen IJN, Flint RB, Benninga MA, Tabbers MM. An update of pharmacological management in children with functional constipation. Paediatr Drugs. 2023;25(3):343–58. PMID: 36941393; https://doi.org/10.1007/s40272-023-00563-0.
53. Osatakul S, Benninga MA, Thapar N, Treepongkaruna S, Puetpaiboon A. The magnitude and management of functional constipation at pediatric gastroenterology clinics: a survey study of various countries. J Gastroenterol Hepatol. 2022;37(1):89–96. PMID: 34425028; https://doi.org/10.1111/jgh.15671.
54. Azitoune S, Ourrai A, Abilkassem R. Exogenous lipoid pneumonia following paraffin oil intake in an infant: clinical case. Asian Journal of Pediatric Research. 2024;14(3):44–8.
55. Chen SL, Cai SR, Deng L, et al. Efficacy and complications of polyethylene glycols for treatment of constipation in children: a meta-analysis. Medicine (Baltimore). 2014;93(16):e65. PMID: 25310742; https://doi.org/10.1097/MD.0000000000000065.
56. Lewin S, Indumathi C, Kumar SV, Paul P. Severe lipoid pneumonia following aspiration of machine oil: successful treatment with steroids. The Indian Journal of Chest Diseases and Allied Sciences. 2022;54(3):197–9.
57. Jangid V, Godhia M, Sanwalka N, Shukla A. Water intake, dietary fibre, defecatory habits and its association with chronic functional constipation. Current Research in Nutrition and Food Science Journal. 2016;4(2):90–5.
58. Sood M, Lichtlen P, Perez MC. Unmet needs in pediatric functional constipation. Clin Pediatr (Phila). 2018;57(13):1489–95. PMID: 29742911; https://doi.org/10.1177/0009922818774343.
59. Upadhyaya VD, Bharti LK, Mishra A, et al. Constipation after surgery for anorectal malformations: unrecognised problem until it is a problem. Afr J Paediatr Surg. 2021;18(1):67–71. PMID: 33595546; https://doi.org/10.4103/ajps.AJPS_63_20.
60. Chang SH, Park KY, Kang SK, et al. Prevalence, clinical characteristics, and management of functional constipation at pediatric gastroenterology clinics. J Korean Med Sci. 2013;28(9):1356–61. PMID: 24015043; https://doi.org/10.3346/jkms.2013.28.9.1356.
61. Yachha SK, Srivastava A, Mohan N, Bharadia L, Sarma MS. Management of childhood functional constipation: consensus practice guidelines of Indian Society of Pediatric Gastroenterology, Hepatology and Nutrition and Pediatric Gastroenterology, Chapter of Indian Academy of Pediatrics. Indian Pediatrics. 2018;55(10):885–92.

Authors' contributions: Cardoso AS: conceptualization (equal); data curation (equal); formal analysis (equal); investigation (equal); methodology (equal); project administration (equal); resources (equal); software (equal); validation (equal); visualization (equal); original draft writing (equal); writing – review and editing (equal); substantially contributed to the conception and design, data collection, analysis, interpretation of data, writing of the article, critical review of intellectual content; Oliveira LB: conceptualization (equal); data curation (equal); formal analysis (equal); investigation (equal); methodology (equal); project administration (equal); resources (equal); software (equal); validation (equal); visualization (equal); original draft writing (equal); writing – review and editing (equal); substantially contributed to the conception and design, data collection, analysis, interpretation of data, writing of the article, critical review of intellectual content; Sonego M: formal analysis (equal); project administration

(equal); supervision (all); validation (equal); visualization (equal); writing – review and editing (equal); substantially contributed to the formal analysis, project administration, supervision, validation, visualization, writing of the article, critical review of intellectual content. All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Acknowledgments: We would like to thank the Secretaria Municipal de Saúde de Criciúma for providing access to the medical records that enabled this study.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of submission: January 15, 2025
Accepted: May 23, 2025

Address for correspondence:
Anita dos Santos Cardoso
Escola de Medicina, Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc)
Rua Rio dos Cedros, 160
Santa Augusta — Criciúma (SC) — Brasil
CEP 88805-430
Tel. (+55 48) 9 9692-7031
E-mail: anitasantos1216@unesc.net

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

The effect of methadone and ketamine on quality of recovery in patients undergoing laparoscopic cholecystectomy: a prospective cohort study

Leopoldo Muniz da Silva[I], Ana Clara Mourão Barreto[II], Rafael Souza Fava Nersessian[III], Saullo Queiroz Silveira[IV], Helidea de Oliveira Lima[V], Matheus de Alencar Arraes[VI], Gabriel Silva dos Anjos[VII], Sérgio Martins Pereira[VIII]

São Luiz Hospital/Rede D'Or; Instituto D'Or Pesquisa e Ensino (Idor), São Paulo (SP), Brazil

[I]PhD; MD. Department of Quality and Patient Safety/Rede D'Or – CMA, São Luiz Hospital/Vila Nova Star/Rede D'Or; Instituto D'Or Pesquisa e Ensino (Idor), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0003-4703-0832

[II]MD. Department of Anesthesia – CMA, São Luiz Hospital/Vila Nova Star/Rede D'Or; Instituto D'Or Pesquisa e Ensino (Idor), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0003-4519-3790

[III]MD. Department of Anesthesia – CMA, São Luiz Hospital/Vila Nova Star/Rede D'Or, São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-8786-9475

[IV]MD. Department of Anesthesia – CMA, São Luiz Hospital/Vila Nova Star/Rede D'Or, São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-6110-5493

[V]MD; Department of Quality and Patient Safety/Rede D'Or, Instituto D'Or Pesquisa e Ensino (Idor), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0009-2107-1266

[VI]MD. Department of Anesthesia – CMA, São Luiz Hospital/Vila Nova Star/Rede D'Or, São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0002-3253-0762

[VII]BCE. Departamento de Anestesiologia – CMA, Hospital São Luiz Hospital/Vila Nova Star/Rede D'Or, São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0006-0182-904X

[VIII]PhD. Department of Anesthesia, St. Michael's Hospital, Unity Health; Department of Anesthesiology and Pain Medicine, University of Toronto, Toronto, Canada.
https://orcid.org/0000-0003-3790-7506

KEYWORDS (MeSH terms):
Methadone.
Analgesia.
Anesthesia.

AUTHOR'S KEYWORDS:
Methadone.
Analgesia.
Ketamine.
Multimodal analgesia.
Anesthesia.

ABSTRACT

BACKGROUND AND OBJECTIVES: Acute pain following laparoscopic cholecystectomy is most intense in the first 24 h. The use of shorter-acting opioids for pain management may contribute to increased postoperative morbidity. The combination of methadone and ketamine has been associated with lower postoperative pain scores and less opioid use. We aimed to determine whether the combination of ketamine and methadone improves the quality of recovery.

METHODS: This prospective cohort study included patients undergoing laparoscopic cholecystectomy. Patients who received either methadone alone or a combination of methadone and ketamine (0.3 mg/kg) were followed up for 24 h after surgery. The primary outcome was the quality of recovery, measured using the quality of recovery-40 (QoR-40) questionnaire. Secondary outcomes included postoperative pain intensity, opioid consumption, and the incidence of nausea and vomiting.

RESULTS: The QoR-40 scores were higher in patients who received methadone and ketamine than in those who received methadone alone [197 (194.7–198) versus 195 (189–197), P = 0.01]. Postoperative pain scores, the incidence of postoperative nausea and vomiting, and postoperative opioid use were similar between the groups. The combination of methadone and ketamine was not associated with lower incidence of moderate-to-severe pain in propensity score analysis.

CONCLUSION: Although the combination of methadone and ketamine showed a slight increase in QoR-40 scores at 24 h postoperatively, the observed difference between the groups was not clinically significant. Moreover, the absence of a reduction in postoperative pain intensity and similar perioperative opioid consumption between the groups further support the hypothesis that small, isolated doses of ketamine may not be effective in improving recovery quality compared with methadone alone.

INTRODUCTION

Acute pain following laparoscopic cholecystectomy is complex in nature and typically most intense on the day of surgery and the subsequent day.[1] The conventional use of shorter-acting opioids administered in bolus doses for perioperative analgesia may lead to intervals of insufficient pain control due to fluctuating antinociceptive levels.[2] Conversely, literature indicates that excessive perioperative opioid administration, contrary to its intended purpose, is correlated with increased postoperative morbidity, including pain.[3,4] Although not fully elucidated, evidence has highlighted the role of N-methyl-D-aspartate (NMDA) receptors in the pathways involved in pain activation.[4]

NMDA receptor antagonists, such as ketamine and methadone, have been investigated as part of multimodal strategies for managing acute postoperative pain. These agents demonstrate potential for preemptive analgesia by impeding central sensitization to nociceptive stimuli.[4] Ketamine acts mainly as a competitive antagonist of NMDA receptors, while methadone functions as a long-acting μ-opioid receptor agonist with additional activity at κ- and σ-opioid receptors and also inhibits the reuptake of monoamines and catecholamines.[5] Brinck et al.[6] concluded that perioperative ketamine is associated with a reduction on postoperative pain scores and analgesic requirements. Methadone has similarly been proposed as an alternative for perioperative pain management,[7] including in patients undergoing ambulatory procedures[8] and surgeries with next-day discharge.[9]

Although the association between methadone and ketamine has been studied in patients with spinal disorders,[10] the potential benefits of such a combination in other populations are lacking. Data regarding the effect of this combination on the quality of recovery remain scarce. This prospective cohort study aimed to assess whether adding ketamine to a methadone-based regimen improves postoperative recovery quality in patients undergoing laparoscopic cholecystectomy. The primary outcome was the quality of recovery (QoR-40) score measured 24 h after surgery. Secondary outcomes included postoperative pain at rest and during movement, opioid consumption, and the incidence of postoperative nausea and vomiting (PONV).

MATERIALS AND METHODS

From January 2022 to July 2022, all patients scheduled for elective laparoscopic cholecystectomy were screened and enrolled after obtaining approval from the Research Ethics Committee (Protocol No. 4.959.204; CAAE: 51393621.4.0000.0087), and written informed consent was obtained. We followed the Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology guidelines.[11]

Inclusion and exclusion criteria

Patients were selected based on the daily schedule of elective laparoscopic cholecystectomy. Inclusion criteria included patients aged 18 to 65 years, classified as American Society of Anesthesiologists Physical Status Classification (ASA-PS) I or II, and a body mass index (BMI) of ≤ 30 kg/m^{-2}. Exclusion criteria were as follows: (i) cardiovascular diseases associated with coronary ischemia, (ii) cardiac conduction disorders (defined as QTc > 450 ms), (iii) poorly controlled psychiatric disorders, (iv) significant liver disease (cirrhosis or hepatic failure), (v) preoperative chronic renal insufficiency or failure, (vi) a history of alcohol or drug abuse, (vii) allergy to methadone or ketamine, (viii) acute cholecystitis, (ix) intraoperative cholangiography, (x) chronic opioid use, (xi) concurrent surgical procedures, (xii) unplanned intraoperative endoscopic retrograde cholangiopancreatography, (xiii) bleeding with hemodynamic instability, (xiv) conversion to open surgery, (xv) unplanned transfer to the intensive care unit, (xvi) surgical reintervention, and (xvii) refusal to participate.

Perioperative care

All patients were continuously monitored using electrocardiography, pulse oximetry, non-invasive blood pressure measurement, capnography, a skin temperature probe, train-of-four stimulation, and bispectral index monitoring. Premedication was not routinely administered. Anesthesia was induced with propofol (1-2 mg/kg), remifentanil (1 mcg/kg), and rocuronium (1.2 mg/kg). After induction, all patients received intravenous methadone (0.15 mg/kg) and intravenous dexamethasone (10 mg). Intravenous ketamine (0.3 mg/kg) was administered at the discretion of the attending anesthesiologist. Anesthesia was maintained with remifentanil (0.1-0.5 mcg/kg/min) and target-controlled infusion propofol (1-4 mcg/ml) to achieve bispectral index values between 40 and 60 and mean arterial pressures within 20% of baseline measures. At the end of surgery, all patients received intravenous ketoprofen (100 mg), intravenous metamizole (2 g), and intravenous ondansetron (8 mg). Notably, metamizole, a non-narcotic pyrazolone derivative, is the most widely used analgesic in some countries and remains a commonly prescribed drug in Brazil for pain relief.[12] Intravenous fluids were administered continuously at a rate of 5 ml/kg/h. Hypotension was treated with ephedrine (5 mg), metaraminol (0.5 mg), or fluid boluses. Normothermia was maintained using a convective air-circulation heating system (Bair Hugger; 3M-Switzerland, Rüschlikon, Switzerland). Neuromuscular blockade was reversed with sugammadex, following recommended guidelines. Patients were extubated in the operating room and transferred to the post-anesthesia care unit (PACU).

In the PACU, patients experiencing moderate to severe pain (defined as a numeric rating scale [NRS] score > 3) received intravenous morphine: 0.03 mg/kg for moderate pain and 0.05 mg/kg for severe pain. The goal was to reduce pain to an NRS score of 3 or lower (0, no pain; 10, worst pain imaginable). Patients presenting with PONV were treated with 30 mg of intravenous dimenhydrinate. In the ward, all patients followed the institutional protocol and received intravenous metamizole (2 g every 6 h), intravenous ketoprofen (100 mg every 12 h), intravenous ondansetron (4 mg as needed for nausea), and intravenous tramadol (100 mg every 6 h if NRS > 3). Patients who required tramadol were reassessed 30 min after administration. For patients with moderate-to-severe pain after administration of metamizole, ketoprofen, and tramadol, a medical evaluation was requested, and intravenous morphine (2 mg) was administered every 15 min until mild pain was achieved.

Data collection and outcomes

Patients were followed for 24 h, beginning with the preoperative assessment and continuing through the postoperative period. In the preoperative area, a research team member calculated the Apfel score for all patients. Data collected from the anesthesia records included the time to extubation, duration of surgery, and cumulative intraoperative doses of remifentanil and propofol. Extubation time was defined as the interval between the end of anesthetic drug infusion and the patient's eye opening in response to verbal commands. In the PACU, patients were assessed for pain every 15 min. Pain severity was categorized using the NRS: scores of 1–3 indicated mild pain, 4–6 moderate

pain, and 7–10 severe pain. Nurses recorded the total amount of intravenous morphine administered, instances of PONV, and postoperative complications such as cardiac arrhythmias and respiratory depression. Residual sedation was assessed at 15 and 30 min after PACU admission using the modified Wilson sedation scale.[13]

In the inpatient ward, pain assessments were conducted at rest and during movement within the first hour and again 6 h after admission. Nurses recorded episodes of PONV during the first 24 postoperative hours. Following the institutional protocol, patients were instructed to ambulate with assistance 3 h after ward admission and could request additional pain assessments if needed. All relevant data were recorded, and opioid doses administered in the ward were converted to morphine equivalents.

At 24 h post-admission and before hospital discharge, a research team member, blinded to the patient's group allocation, administered a questionnaire to assess the quality of postoperative recovery. The Quality of Recovery questionnaire is a patient-reported tool that evaluates physiological values, functional recovery, and patient-reported outcomes.[14]

Statistical analysis

The sample size was determined from the available data, i.e., all patients who underwent elective laparoscopic cholecystectomy at our institution from January 2022 to July 2022. No *a priori* power calculations were performed. However, a *post hoc* power analysis was performed using the actual sample size and parameter estimates derived from the dataset. For an effect size of 0.5 (total QoR-40 score in the methadone–ketamine (MK) group compared with the methadone-only (ME) group [197 (194.7–198) versus 195 (189–197), respectively] and a significance level of 5%, a t-test yielded a critical t-value of 0.66 and statistical power (1-β) of 0.82.

Categorical variables are presented as absolute values and percentages. The normality of continuous variables was assessed using the Shapiro–Wilk test, with results reported as mean (SD) and median (IQR). Given the non-normal distribution and clear negative skewness of the original QoR-40 score data, the Wilcoxon rank-sum test was used for nonparametric comparisons at each time point. Internal reliability of the QoR-40 was assessed using Cronbach's alpha. All outcomes were analyzed using univariate logistic regression.

To identify independent predictors of moderate-to-severe postoperative pain, a multivariate logistic regression model was used. Variables with P-values < 0.20 in the univariate analysis were considered candidates, and stepwise selection retained those with P-values < 0.10. Effect sizes were expressed as odds ratios (ORs) with 95% confidence intervals (95% CIs). To adjust for potential confounding due to the non-randomized use of ketamine, inverse probability treatment weighting (IPTW) was applied. This method accounted for imbalances in confounding factors between the ME and MK groups. Propensity scores (PSs) were generated using a wide array of independent variables: age, sex, BMI, diabetes mellitus, hypertension, ASA-PS classification, history of nausea and vomiting, Apfel score, extubation time, duration of surgery, cumulative doses of remifentanil and propofol, Wilson sedation score, NRS > 3 in the PACU, and incidence of PONV in the PACU. Patients in the MK group were weighted by the inverse of the PS, while those in the ME group were weighted by the inverse of (1-PS), thus forming the IPTW-adjusted cohort. Covariate balance before and after IPTW adjustment was assessed using standardized mean differences, with a standardized mean difference < 10% considered optimal and < 20% acceptable.[15] IPTW-adjusted logistic regression models were used to estimate the odds of moderate-to-severe pain, improving the validity of causal inferences in this non-randomized setting.

All P-values were calculated using two-tailed analyses, and a cut-off of < 0.05 was adopted to reject the null hypothesis. R software (version 3.4.4; R Foundation for Statistical Computing, Austria) was used for all analyses.

RESULTS

A total of 213 patients were screened from January 2022 to July 2022. After excluding 133 patients and accounting for three patients lost to follow-up, the final sample consisted of 77 patients (**Figure 1**). Among these, 37 patients received methadone at 0.15 mg/kg, and 41 patients received a combination of methadone 0.15 mg/kg and ketamine 0.3 mg/kg. The mean age of the included patients was 39 ± 9.6 years, and the average BMI was 27.4 ± 2.2 kg/m². Regarding comorbidities, 3% of the patients had type II diabetes, and 14% had hypertension. No statistically significant differences were observed between the ME and MK groups in terms of age, BMI, sex, ASA-PS classification, comorbidities, APFEL score, and smoking habits (**Table 1**).

Details regarding anesthetic management and postoperative residual sedation in the PACU are shown in **Table 1**. Extubation time was not prolonged in the MK group compared with the ME group. Surgical duration did not differ between the study arms. No difference was found in cumulative intraoperative doses of remifentanil [mcg, 520 (409.6–698.5) versus 687.2 (408.5–954.6), P = 0.21] and propofol [mg, 678.2 (283.5) versus 746.6 (262.9), P = 0.28] between the ME and MK groups. Analysis of postoperative sedation using the Wilson sedation scale revealed no difference between the groups.

Postoperative sedation levels in the PACU were evaluated using the modified Wilson sedation scale. In the ME group, 54% of patients (n = 20) received a score of 1, indicating that they were alert and oriented, while 46% (n = 17) scored 2, indicating

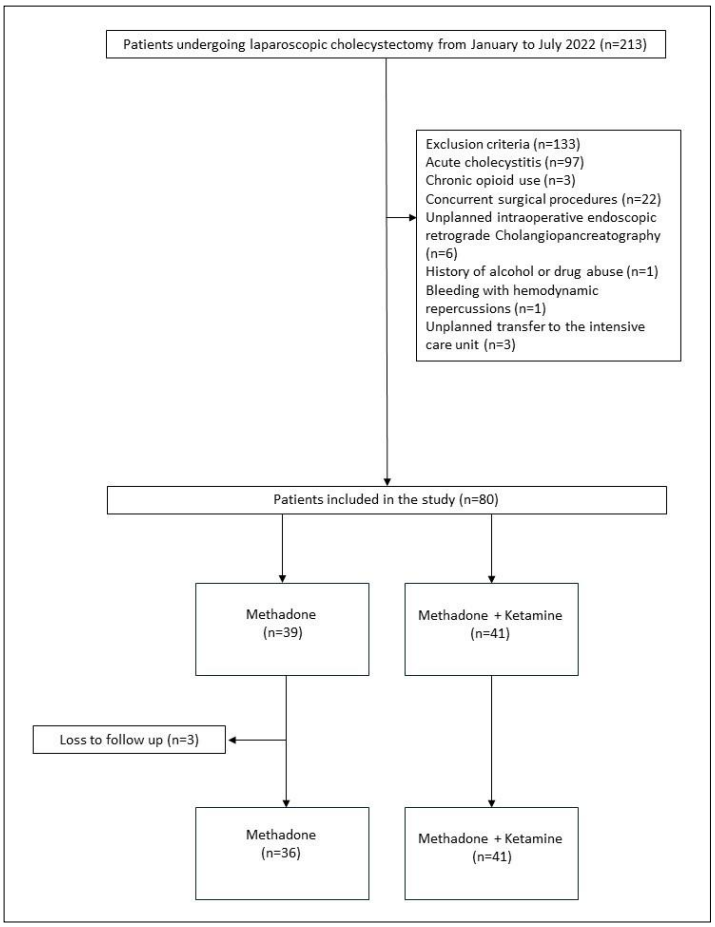


Figure 1. Study flow diagram.

wakefulness with drowsiness. In the MK group, 36% (n = 15) scored 1 and 64% (n = 26) scored 2. No patients in either group exhibited deeper sedation levels (scores ≥ 3), and no episodes of respiratory depression or delayed emergence were observed. Overall, Wilson sedation scale scores did not differ between the groups (P > 0.05).

Primary outcome

The postoperative scores of the five dimensions of the QoR-40 are summarized in **Table 2**. At 24 h after surgery, the total QoR-40 score was higher in the MK group than in the ME group [197 (194.7–198) versus 195 (189–197), P = 0.01]. No significant differences were observed between groups in the dimensions of physical independence and psychological support. By contrast, the ME group had significantly lower scores in physical comfort, emotional state, and pain than the MK group (P < 0.05). The overall Cronbach's alpha for the total QoR-40 score for both groups was 0.93.

Secondary outcomes

Pain levels, postoperative complications, nausea and vomiting, and the accumulated dose of morphine in the PACU and ward are shown in **Table 3**. The percentage of patients reporting an NRS > 3 at rest and during movement did not differ between groups at PACU admission and at 1, 6, and 12 h after admission to the ward. No episodes of respiratory depression or cardiac arrhythmia occurred in the PACU. In addition, no significant

Table 1. Baseline characteristics, anesthetic management, and postoperative residual sedation in the PACU

	Overall		Groups				P value
			Methadone (ME)		Methadone and ketamine (MK)		
Age, mean (SD), yr	38.9	(9.6)	38.6	(10.6)	39.2	(8.5)	0.75
BMI, mean (SD), kg/m²	27.1	(6.8)	27.4	(5.7)	27.1	(6.1)	0.45
ASA-PS classification							
I, n (%)	36	(46)	24	(58)	12	(33)	0.05
II, n (%)	41	(53)	17	(41)	24	(67)	
Diabetes, n (%)	2	(3)	1	(2)	1	(3)	1
Arterial hypertension, n (%)	11	(14.)	4	(10)	7	(19)	0.38
History of nausea and vomiting, n (%)	1	(1)	0	(0)	1	(3)	0.95
Smoking, n (%)	8	(10)	6	(15)	2	(6)	0.35
APFEL score							
1, n (%)	10.4	(8)	4	(10)	4	(11)	
2, n (%)	48	(37)	19	(46)	18	(50)	0.9
3, n (%)	41.6	(32)	18	(44)	14	(39)	
Extubation time, mean ± SD, min	8.8	(4.1)	8.1	(4.1)	9.6	(4.1)	0.11
Duration of surgery, mean ± SD, min	55	(45–65)	55	(43–65)	60	(51.5–63.5)	0.31
Cumulative dose of remifentanil, median (IQR), µcg*	545	(409.6–849.6)	520	(409.6–698.4)	687.2	(408.5–954.6)	0.21
Cumulative dose of propofol, mean (SD), mg*	710.2	(274.4)	678.2	(283.5)	746.6	(262.9)	0.28
Wilson sedation score							
1, n (%)	35	(45)	22	(54)	13	(36)	0.19
2, n (%)	42	(54)	19	(46)	23	(64)	

Abbreviations: BMI: body mass index; ASA-PS classification: The American Society of Anesthesiologists Physical Status; yr: years. * Total cumulative dose of anesthetics administered during the intraoperative period.

differences were found in the incidence of PONV between the two groups. The total dose of morphine administered in the PACU (in milligrams) did not significantly differ between the groups [5.4 (2.6) vs. 6.8 (3.2), P = 0.48]. Similarly, in the ward, no significant differences were observed in the dose of morphine equivalents administered [ME 4.0 (5.6) versus MK 4.8 (5.7), P = 0.28] or in the incidence of PONV. Within the first 24 h postoperatively, the incidence of moderate-to-severe pain in the ward showed no difference between the ME and MK groups. The total morphine dose administered during this period also did not differ between groups (P = 0.28).

Univariate analysis revealed no factors independently associated with moderate-to-severe postoperative pain in the PACU. In the multivariate analysis, adjusted using PS methods, the combined administration of methadone and ketamine was not significantly associated with the occurrence of moderate-to-severe pain compared with methadone alone (OR = 0.79; 95% CI; 0.29–2.12). However, longer surgical duration was slightly associated with a higher incidence of postoperative pain (OR = 1.02; 95% CI; 1.004–1.05) (**Table 4**).

Table 2. Primary outcome: Subcomponents of the Quality of Recovery-40 score 24 h after surgery in patients receiving either intraoperative methadone (ME) or methadone–ketamine combination (MK)

Subcomponents of the Quality of Recovery-40 score	Groups				P value
	ME		MK		
Physical comfort (60)	58	(57–59)	59	(57–60)	0.02
Emotion state (45)	45	(42–45)	45	(44–45)	0.04
Physical independence (25)	24	(22–24)	24	(22.75–24)	0.33
Psychological support (35)	35	(34–35)	35	(35–35)	0.13
Pain (35)	34	(33–34)	34	(34–35)	0.01
Total score (200)	195	(189–197)	197	(194.7–198)	0.01

The maximum score for each dimension is reported in parentheses; values are medians (25th and 75th percentiles).

Table 4. Factors associated with the incidence of pain (NRS > 3) at the post anesthesia care unit—summary of propensity-weighted analysis

	Propensity-weighted analysis		
	Estimate (OR)	95% CI	P value
Groups			
Methadone	1		0.64
Methadone and ketamine	0.79	0.29 – 2.12	
Duration of surgery, min	1.02	1.004 – 1.05	0.03
Cumulative dose of propofol, mg	1	0.99 – 1.001	0.45
Smoking	7.5	1.1 – 149.4	0.07

These estimates correspond to the prevalence ratio (OR). CI = confidence interval; propensity score was estimated using a logistic regression model.

Table 3. Secondary outcomes: Pain at rest, pain with movement, cardiac arrhythmias, respiratory depression, nausea and vomiting, and total dose of morphine

	Overall		Groups				P value
			Methadone		Methadone and ketamine		
Level of pain at rest (NRS > 3)							
On PACU admission, n (%)	43	(56)	24	(58)	19	(53)	0.78
1 h after admission to the ward, n (%)	15	(19)	7	(17)	8	(22)	0.78
6 h after admission to the ward, n (%)	5	(6)	3	(7)	2	(6)	1
12 h after admission to the ward, n (%)	4	(5)	2	(5)	2	(6)	1
Level of pain with movement (NRS > 3)							
1 h after admission to the ward, n (%)	3	(4)	2	(5)	1	(3)	1
6 h after admission to the ward, n (%)	5	(6)	3	(7)	2	(6)	1
12 h after admission to the ward, n (%)	4	(5)	2	(5)	2	(6)	1
PACU							
Cardiac arrhythmias, n (%)	0	(0)	0	()	0	(0)	1
Respiratory depression, n (%)	0	(0)	0	()	0	(0)	1
Nausea and vomiting, n (%)	5	(6)	3	(7)	2	(6)	0.98
Total dose of morphine, mean (SD)	5.9	(2.2)	5.4	(2.6)	6.8	(3.2)	0.48
Ward							
Total dose of morphine equivalents, mean (SD), mg	4.3	(5.2)	4.0	(5.6)	4.8	(5.7)	0.28
Nausea and vomiting, n (%)	11	(14)	6	(14)	5	(14)	0.95

Abbreviation: NRS: numeric rating scale.

DISCUSSION

This prospective cohort study aimed to evaluate whether adding ketamine to a methadone-based regimen would influence QoR-40 scores in young patients undergoing laparoscopic cholecystectomy. The results demonstrated a slight improvement in QoR-40 scores 24 h post-surgery in patients who received both methadone and ketamine compared with those who received methadone alone. However, incidences of moderate to severe pain and PONV showed no differences between groups, as was opioid consumption. These findings suggest that administering low-dose ketamine at anesthesia induction did not substantially impact pain management or postoperative complications in this cohort. No episodes of cardiac arrhythmia or respiratory depression were reported.

Postoperative recovery is a key outcome for anesthesiologists, as it directly influences patient satisfaction.[16] The QoR-40, a validated 40-item questionnaire, is regarded as one of the most effective tools for assessing the complex and multidimensional aspects of recovery following general anesthesia and surgery.[16] Nonetheless, interpreting QoR-40 scores requires caution. Both groups in this study presented high QoR-40 scores, indicating good recovery[17] and an acceptable symptom burden.[18] Although statistically significant differences were observed in individual domains such as pain, comfort, and emotional well-being, the overall difference in QoR-40 scores between groups did not reach the 6.3-point threshold, which is the proposed cutoff for clinical significance.[18] While QoR-40 scores are applicable to assess postoperative patient recovery following any type of procedure, lower scores might be expected in patients undergoing more complex and painful surgeries. In such cases, an intervention such as the one we proposed could potentially offer greater benefit. Conversely, young and otherwise healthy patients undergoing laparoscopic cholecystectomy report higher QoR-40 scores, which may reduce the observable effect size of additional interventions. Within this context, the addition of ketamine to a methadone-based regimen did not result in a clinically meaningful improvement in postoperative recovery.

Multiple factors may contribute to the lack of differences observed not only in QoR-40 scores, but also in postoperative pain scores and opioid consumption between the groups. A key consideration is the timing of administration, whether ketamine was given before or after skin incision, which may play a critical role.[19,20] Ketamine is a "use-dependent" drug: it blocks NMDA channels only after they have been activated by intense or repeated noxious stimuli.[21] In other words, the more severe the pain, the more efficient ketamine tends to be. Therefore, the additive analgesic effect of ketamine would be expected to be more pronounced in surgeries associated with higher pain potential. A retrospective cohort study[22] involving 115,775 patients from 105 different institutions examined postoperative pain in 179 procedures. Despite the complex nature of laparoscopic cholecystectomy, the median NRS was 5, ranking it 94th in plain intensity. Conversely, three of the six surgeries with the highest pain scores were major spinal surgeries. These variations in pain stimuli among different surgical types may explain why low-dose ketamine has demonstrated efficacy as an adjuvant in highly painful orthopedic procedures[23] but not in laparoscopic cholecystectomy, as observed in our findings.

Another key component that may affect ketamine's effectiveness is the administration regimen.[24] Continuous intravenous infusion throughout surgery and into the recovery phase is generally more effective for preventing post-surgical pain; however, this approach seems impractical for short-duration surgeries.[25] In an animal model, subanesthetic doses of ketamine greatly alleviated provoked pain by preventing hyperalgesia and the development of opioid tolerance.[26] Nonetheless, in patients undergoing laparoscopic cholecystectomy, different ketamine doses administered before skin incision failed to produce differences in either QoR-40 scores or postoperative pain scores compared with placebo.[19] Similarly, the PODCAST trial,[27] where patients were given placebo, 0.5 mg/kg or 1 mg/kg of ketamine, did not show a reduction in postoperative opioid consumption or pain scores. The lack of benefit from a single dose may be attributed to ketamine's rapid decline in plasma concentration.[24] For instance, following a bolus dose, plasma concentrations fall below 150 ng/ml within 10 min for a 0.5 mg/kg dose and within < 25 min for a 1 mg/kg dose.[21] Hence, the dose and method of administration (i.e., bolus instead of a continuous infusion) in our study might have been insufficient to reach steady plasma concentrations necessary to reduce moderate to intense postoperative pain in patients receiving ketamine.

All the patients received intravenous methadone, ketoprofen, and metamizole. Multimodal analgesia has been associated with reduced opioid consumption and improved postoperative pain scores, but not with improved quality of recovery.[28] Other adjuvants, such as intravenous acetaminophen, which has been demonstrated to be more effective than ketamine in reducing postoperative pain,[29] are not available in Brazil and therefore was not administered. Concurrently, no increase in adverse effects commonly associated with ketamine, such as nausea and vomiting, was observed. Although higher doses of ketamine might offer more robust pre-emptive analgesia, such doses could also increase the occurrence of emergence hallucinations, nightmares, and other side effects that may limit its use, particularly in short-duration surgeries.[23]

Although methadone use in the operating room has increased, the literature presents conflicting findings regarding its perioperative administration and its association with ketamine. Compared with shorter-acting opioids, one study found no association between methadone and lower pain scores or improved QoR-40 scores.[30] By contrast, Kharasch et al.[9] showed that a single dose of methadone

reduced opioid requirements in next-day discharge patients. Administration of methadone in that context may have decreased the effect size between the groups. The potential benefits of methadone and ketamine remain unclear. An experimental rat model of neuropathy suggested a supra-additive effect between ketamine and methadone,[31] a phenomenon observed in patients undergoing spine surgery,[32] where the combination led to a greater-than-expected reduction in opioid use and postoperative pain scores.[33]

Despite the potential analgesic benefits of the MK combination in short-duration surgeries such as cholecystectomy and the use of low doses of ketamine after induction, our study did not find synergistic analgesic effects. A recent cohort study in cardiac surgery reported that even with higher doses of both methadone and ketamine (approximately twice those used in our study), the observed benefit was limited to delaying the time to first rescue opioid administration, without a lasting effect beyond the first postoperative day.[34] These findings suggest that the analgesic synergy between ketamine and methadone may be highly context-dependent and influenced by surgical invasiveness, nociceptive load, duration of noxious stimuli, and the timing and method of ketamine delivery.

This study has some limitations. First, the absence of randomization and the allocation of patients at the discretion of the attending anesthesiologist introduce a significant risk of selection bias. However, **Table 1** shows that the groups were similar at baseline. Second, although laparoscopic cholecystectomy presents a risk for long-term pain management, with chronic pain occurring in up to 10–40% of cases,[35,36] and perioperative methadone has been associated with lower pain scores at 3 months after surgery,[37] our follow-up was specifically designed for the early postoperative period and did not evaluate long-term effects. Third, the use of single-dose ketamine at the beginning of surgery may have been insufficient to reduce the incidence of moderate-to-severe pain upon PACU admission. Finally, neither methadone nor the MK combination provided sufficient analgesia in the PACU for most patients, suggesting a need for further studies comparing different doses of intravenous methadone alone[9] or in combination with ketamine. At 1 and 6 h after ward admission, 81% and 93% of patients, respectively, reported NRS scores < 3.

We conclude that small doses of ketamine, when administered as part of a multimodal analgesic regimen, do not improve the quality of recovery, as assessed using the QoR-40 questionnaire, following methadone-based anesthesia for laparoscopic cholecystectomy. Although the MK combination showed a slight increase in the quality of recovery scores 24 h postoperatively, the observed difference between the groups was not clinically significant. Further research is warranted to evaluate the impact of different pain management approaches, considering both short- and long-term effects of MK combination on postoperative recovery.

REFERENCES

1. Bisgaard T, Warltier DC. Analgesic treatment after laparoscopic cholecystectomy. Anesthesiology. 2006;104(4):835–46. https://doi.org/10.1097/00000542-200604000-00030.
2. Murphy GS, Szokol JW. Intraoperative methadone in surgical patients. Anesthesiology. 2019;131(3):678–92. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000002755.
3. Madsen MR, Jensen KE. Postoperative pain and nausea after laparoscopic cholecystectomy. Surg Laparosc Endosc. 1992;2(4):303–5.
4. Lee M, Silverman SM, Hansen H, Patel VB, Manchikanti L. A comprehensive review of opioid-induced hyperalgesia. Pain Physician. 2011;14(2):145–61.
5. Eap CB, Buclin T, Baumann P. Interindividual variability of the clinical pharmacokinetics of methadone: implications for the treatment of opioid dependence. Clin Pharmacokinet. 2002;41(14):1153–93. https://doi.org/10.2165/00003088-200241140-00003.
6. Brinck E, Tiippana E, Heesen M, et al. Perioperative intravenous ketamine for acute postoperative pain in adults. Cochrane Database Syst Rev. 2018;12(12):CD012033. https://doi.org/10.1002/14651858.CD012033.pub4.
7. Machado FC, Vieira JE, De Orange FA, Ashmawi HA. Intraoperative methadone reduces pain and opioid consumption in acute postoperative pain: a systematic review and meta-analysis. Anesth Analg. 2019;129(6):1723–32. https://doi.org/10.1213/ANE.0000000000004404.
8. Komen H, Brunt LM, Deych E, Blood J, Kharasch ED. Intraoperative methadone in same-day ambulatory surgery: a randomized, double-blinded, dose-finding pilot study. Anesth Analg. 2019;128(4):802–10. https://doi.org/10.1213/ANE.0000000000003464.
9. Kharasch ED, Brunt LM, Blood J, Komen H. Intraoperative methadone in next-day discharge outpatient surgery: a randomized, double-blinded, dose-finding pilot study. Anesthesiology. 2023;139(4):405–19. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000004663.
10. Nunn KP, Velazquez AA, Bebawy JF, et al. Perioperative methadone for spine surgery: a scoping review. J Neurosurg Anesthesiol. 2025 Jan 1;37(1):31–9. PMID: 38624227; https://doi.org/10.1097/ANA.0000000000000966.
11. Von Elm E, Altman DG, Egger M, et al. The Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) statement: guidelines for reporting observational studies. J Clin Epidemiol. 2008;61(4):344–9. https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2007.11.008.
12. Sznejder H, Amand C, Stewart A, Salazar R, Scala WAR. Real world evidence of the use of metamizole (dipyrone) by the Brazilian population. A retrospective cohort with over 380,000 patients. Einstein (Sao Paulo). 2022;20:eAO6353. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2022AO6353.
13. Höhener D, Blumenthal S, Borgeat A. Sedation and regional anaesthesia in the adult patient. Br J Anaesth. 2008;100(1):8–16. https://doi.org/10.1093/bja/aem342.
14. Myles PS, Weitkamp B, Jones K, Melick J, Hensen S. Validity and reliability of a postoperative quality of recovery score: the QoR-40. Br J Anaesth. 2000;84(1):11–5. https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.bja.a013366.

15. Austin PC, Stuart EA. Moving towards best practice when using inverse probability of treatment weighting (IPTW) using the propensity score to estimate causal treatment effects in observational studies. Stat Med. 2015;34(28):3661–79. https://doi.org/10.1002/sim.6607.
16. Myles PS, Reeves MD, Anderson H, Weeks AM. Measurement of quality of recovery in 5672 patients after anaesthesia and surgery. Anaesth Intensive Care. 2000;28(3):276–80. https://doi.org/10.1177/0310057X0002800304.
17. Guimarães-Pereira L, Costa M, Sousa G, Abelha F. Quality of recovery after anaesthesia measured with QoR-40: a prospective observational study. Braz J Anesthesiol. 2016;66(4):369–75. https://doi.org/10.1016/j.bjane.2014.11.010.
18. Myles PS, Myles DB, Galagher W, et al. Minimal clinically important difference for three quality of recovery scales. Anesthesiology. 2016;125(1):39–45. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000001158.
19. Moro ET, Feitosa IMPSS, Oliveira RG, et al. Ketamine does not enhance the quality of recovery following laparoscopic cholecystectomy: a randomized controlled trial. Acta Anaesthesiol Scand. 2017;61(7):740–8. https://doi.org/10.1111/aas.12919.
20. Kwok RFK, Lim J, Chan MTV, Gin T, Chiu WKY. Preoperative ketamine improves postoperative analgesia after gynecologic laparoscopic surgery. Anesth Analg. 2004;98(4):1044–9. https://doi.org/10.1213/01.ANE.0000105911.66089.59.
21. Mion G. Ketamine stakes in 2018: right doses, good choices. Eur J Anaesthesiol. 2019;36(1):1–3. https://doi.org/10.1097/EJA.0000000000000902.
22. Gerbershagen HJ, Aduckathil S, Van Wijck AJM, et al. Pain intensity on the first day after surgery. Anesthesiology. 2013;118(4):934–44. https://doi.org/10.1097/ALN.0b013e31828866b3.
23. Riddell JM, Trummel JM, Onakpoya IJ. Low-dose ketamine in painful orthopaedic surgery: a systematic review and meta-analysis. Br J Anaesth. 2019;123(3):325–34. https://doi.org/10.1016/j.bja.2019.05.043.
24. Zanos P, Moaddel R, Morris PJ, et al. Ketamine and ketamine metabolite pharmacology: insights into therapeutic mechanisms. Pharmacol Rev. 2018;70(3):621–60. https://doi.org/10.1124/pr.117.015198.
25. Ates I, Aydin ME, Celik EC, Gozeler MS, Ahiskalioglu A. Perioperative intravenous low-dose ketamine infusion to minimize pain for septorhinoplasty: a prospective, randomized, double-blind study. Ear Nose Throat J. 2021;100(4):254–9. https://doi.org/10.1177/0145561320974860.
26. Rivat C, Laulin JP, Corcuff JB, et al. Fentanyl enhancement of carrageenan-induced long-lasting hyperalgesia in rats: prevention by the N-methyl-D-aspartate receptor antagonist ketamine. Anesthesiology. 2002;96(2):381–91. https://doi.org/10.1097/00000542-200202000-00025.
27. Avidan MS, Maybrier HR, Abdallah AB, et al. Intraoperative ketamine for prevention of postoperative delirium or pain after major surgery in older adults: an international, multicentre, double-blind, randomised clinical trial. Lancet. 2017;390(10091):267–75. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(17)31467-8.
28. Maheshwari K, Avitsian R, Sessler DI, et al. Multimodal analgesic regimen for spine surgery. Anesthesiology. 2020;132(5):992–1002. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000003143.
29. Faiz HR, Rahimzadeh P, Visnjevac O, et al. Intravenous acetaminophen is superior to ketamine for postoperative pain after abdominal hysterectomy: results of a prospective, randomized, double-blind, multicenter clinical trial. J Pain Res. 2014;7:65–70. https://doi.org/10.2147/JPR.S53234.
30. Moro ET, Lambert MF, Pereira AL, et al. The effect of methadone on postoperative quality of recovery in patients undergoing laparoscopic cholecystectomy: a prospective, randomized, double blinded, controlled clinical trial. J Clin Anesth. 2019;53:64–9. https://doi.org/10.1016/j.jclinane.2018.09.031.
31. Pelissier T, Laurido C, Kramer V, Hernández A, Paeile C. Antinociceptive interactions of ketamine with morphine or methadone in mononeuropathic rats. Eur J Pharmacol. 2003;477(1):23–8. https://doi.org/10.1016/S0014-2999(03)02192-7.
32. Murphy GS, Avram MJ, Greenberg SB, et al. Perioperative methadone and ketamine for postoperative pain control in spinal surgical patients: a randomized, double-blind, placebo-controlled trial. Anesthesiology. 2021;134(5):697–708. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000003743.
33. Kharasch ED, Clark JD. Methadone and ketamine: boosting benefits and still more to learn. Anesthesiology. 2021;134(5):676–9. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000003752.
34. Buckner Petty SA, Raynor G, Verdiner R, et al. The use of methadone and ketamine for intraoperative pain management in cardiac surgery: a retrospective cohort study. J Cardiothorac Vasc Anesth. 2025;39(2):414–9.
35. Macrae WA. Chronic pain after surgery. Br J Anaesth. 2001;87(1):88–98. https://doi.org/10.1093/bja/87.1.88.
36. Perkins FM, Kehlet H. Chronic pain as an outcome of surgery: a review of predictive factors. Anesthesiology. 2000;93(4):1123–33. https://doi.org/10.1097/00000542-200010000-00038.
37. Murphy GS, Avram MJ, Greenberg SB, et al. Postoperative pain and analgesic requirements in the first year after intraoperative methadone for complex spine and cardiac surgery. Anesthesiology. 2020;132(2):330–42. https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000003025.

Authors' contributions: Silva LM: conceptualization (equal), writing – review and editing (equal); Barreto ACM: investigation (equal), methodology (equal); Nersessian RSF: data curation (equal), methodology (equal), writing – review and editing (equal); Silveira SQ: project administration (equal), resources (equal), validation (equal), writing – review and editing (equal); Lima HO: formal analysis (equal), writing – review and editing (equal); Arraes MA: conceptualization (equal), supervision (equal); Anjos GS: conceptualization (equal), methodology (equal), writing – original draft (equal); Pereira SM: formal analysis (equal), validation (equal). All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Acknowledgments: We extend our heartfelt gratitude to all the healthcare professionals at Equipe de Anestesia da CMA, whose unwavering dedication and commitment to patient safety and high-quality care were fundamental to this work. We also thank the broader multidisciplinary team, whose collaborative efforts enrich every step of perioperative care, especially the nursing staff, whose vigilance, technical expertise, and compassionate support are indispensable for achieving safe and effective outcomes.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of first submission: June 4, 2024
Last received: May 1, 2025
Accepted: June 18, 2025

Address for correspondence:
Leopoldo Muniz da Silva, MD, PhD
Rua Dr. Alceu de Campos Rodrigues, 229, Conj. 403
Vila Nova Conceição — São Paulo (SP) — Brasil
CEP 04544-000
Tel: (+55 11) 9 8134-7743
E-mail: leopoldo.muniz@saoluiz.com.br

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

Static cold package for transporting organs for transplants: a validation method and pilot test

Sibele Maria Schuantes-Paim[I], Renata Fabiana Leite[II], Vanessa Ayres Carneiro Gonçalves[III], Adriana Aparecida Carbonel[IV], Eliana Cavalari Teraoka[V], Graciana Maria de Moraes Coutinho[VI], Victor Arayama Cruz[VII], Manuel de Jesus Simões[VIII], Andre Ibrahim David[IX], Murched Omar Taha[X], Janine Schirmer[XI], Bartira de Aguiar Roza[XII]

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil

[I]RN; MSc. PhD candidate, Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0003-4249-9148

[II]RN; MSc. PhD candidate, Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (USP), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0003-0017-6770

[III]RN. MA student, Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-1170-4383

[IV]PhD. Coordinator of Clinical Research, Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0001-8129-0318

[V]RN; PhD. Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0001-8865-8031

[VI]RN; PhD. Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0003-4022-2612

[VII]RN. MA student, Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0009-0005-8376-8668

[VIII]MD; PhD. Professor, Laboratory of Structural and Molecular Gynecology, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0003-2770-8618

[IX]MD; PhD. Professor, Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0001-9520-5241

[X]MD; PhD. Professor, Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0001-7323-1393

[XI]RN; PhD. Professor, Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0003-0783-2961

[XII]RN; PhD. Professor, Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-6445-6846

KEYWORDS (MeSH terms):
Product packaging.
Transplants.
Validation study.

AUTHOR'S KEYWORDS:
Static cold package.
Transport.
Logistics.
Organ transplantation.
Transplantation.
Validation method.

ABSTRACT

BACKGROUND: Logistic and temperature challenges contribute to organ loss during transplantation. Ensuring the safety of static cold packaging for organ transport is essential to improve patient access to transplants. This study aimed to verify a method for validating the packaging used to transport organs for transplantation.

DESIGN AND SETTING: Validation study and pilot test using experimental surgery on porcine organs.

METHODS: Data collection considered the variables related to organ integrity before and after transportation, including temperature (measured thrice with three instruments per organ), macroscopic evaluation (based on photographic and observational assessments), histology (structural analysis of the collected samples), and packaging contamination (triple-swab sampling for microorganism growth). Data analysis was performed using descriptive statistics, visual assessment, histological processing, and microbiological evaluation.

RESULTS: By the end of transportation, all the organs reached the ideal temperature range for transplantation. The similarity in swine weight and size enabled macroscopic comparisons. Histological analysis revealed no significant injuries or morphological changes. Regarding packaging, environmental microorganisms predominate, with sustainable post-transport differences.

CONCLUSION: The method developed to validate the package used for transporting organs for transplantation was successfully verified. Furthermore, this method addresses the existing gap in the process of documenting a robust validation method for packaging intended for organ transportation.

INTRODUCTION

Organ donation and transplantation in Brazil are among the world's most advanced, with approximately 25,000 transplants performed by 2023. However, nearly 60,000 people remained on waiting lists.[1] The leading cause of organ loss was family refusal to donate (42%), followed by clinical contraindications (17%) and logistical issues (15%).[1] These challenges highlight the need for strategies to improve donation rates and optimize organ transportation.[2–3]

Brazil's vast territory and extreme temperature variations complicate its transportation logistics. Organs must be kept between 2°C and 8°C,[4–7] while some regions exceed 45°C.[8] A 2023 report noted a 3°C temperature increase, which further affects safe transport.[9] Given these constraints, evaluating the safety and efficacy of organ transport packaging is crucial.

A literature search revealed that no comprehensive method for validating static cold packages to ensure organ integrity. To address this gap, we developed a robust, reliable, and replicable validation method for organ transport packaging.

This study aimed to verify a method for validating the packaging used for transporting organs for transplantation.

METHODS

This was a validation study and pilot test for experimental surgery using porcine organs. This experimental study assessed the variables before and after the transportation of porcine organs (Landrace swine). Four categories were analyzed to evaluate organ integrity and packaging: temperature, macroscopic appearance, histology, and microbiological growth. This research report refers to the development of two pilot tests of the method conducted in November (P1) and December (P2) of 2022 and describes all modifications in the method until the final protocol based on the results.

Packaging regulations

In accordance with Brazilian legislation, each organ must be packaged in three sterile plastic bags. The first bag contains the organ and preservation solution, the second bag encloses the first bag and the cold physiological solution, and the third bag contains both the previous bags. All these packages are placed in a domestic plastic cooler with ice for transportation (static cold).[4]

Animals

Human research is not feasible due to ethical constraints, the need for thorough organ analysis, and the requirement for a controlled environment, which is impractical in clinical transplantation. Despite its limitations, hypothermic static cold storage with ice remains the preferred global method for organ transport, yielding positive outcomes despite the gaps in data on organ integrity.

To address these challenges, we used porcine organs from Landrace swine, given their anatomical similarity to human organs and their role in xenotransplantation trials.[10] This pilot test involved two female Landrace pigs (≈25 kg) from a farm affiliated with the Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). The animals received proper care before transportation and were housed in a ventilated wooden transport box under veterinary supervision upon arrival.

Anesthesia, monitoring, and surgical procedure

Animals received pre-anesthetic medication with ketamine (15 mg/kg) and midazolam maleate (0.2 mg/kg) intramuscularly, followed by intravenous propofol (7 mg/kg) after 3 minutes. They were then intubated with a 7.0 orotracheal tube with a cuff and maintained under inhaled anesthesia (1.5–2% isoflurane) for 4 hours. Analgesia was provided with fentanyl citrate (2.5 mg/kg) at surgery initiation and every 2 hours, with propofol, as needed. Electrodes and oximeters were used for continuous monitoring.

After thoracoabdominal incision and aortic clamping, the animals were declared dead and cold ischemia was initiated. The heart, liver, pancreas, and kidneys were retrieved under the supervision of physicians and veterinarians to ensure minimal suffering. The animals remained on the surgical table throughout the procedure, and at the end of the procedure, all organs were reintroduced into the cavity. The animals were then stored in a freezer until collection by São Paulo city's specialized service. The experiment was conducted at the Laboratory of Operative Technique and Experimental Surgery, Unifesp, under the supervision of two physicians, a veterinarian, and a veterinary assistant.

Data collection

Data were collected at various time points throughout the experiment. After organ retrieval, the first collection of macroscopic aspects was performed. Each organ was then placed on a back table where other researchers, nurses, and undergraduate students proceeded with perfusion and continued with data collection and packaging. Once packaging was complete, the organs were transported by car through a simulated circuit. After their return, all data collection steps were repeated (**Figure 1**).

Temperature

Data related to the "temperature" variable was collected at different stages: H0: as soon as the organ was retrieved from the animal cavity; H1: after perfusion on the back table, before packaging; H2: after transportation.

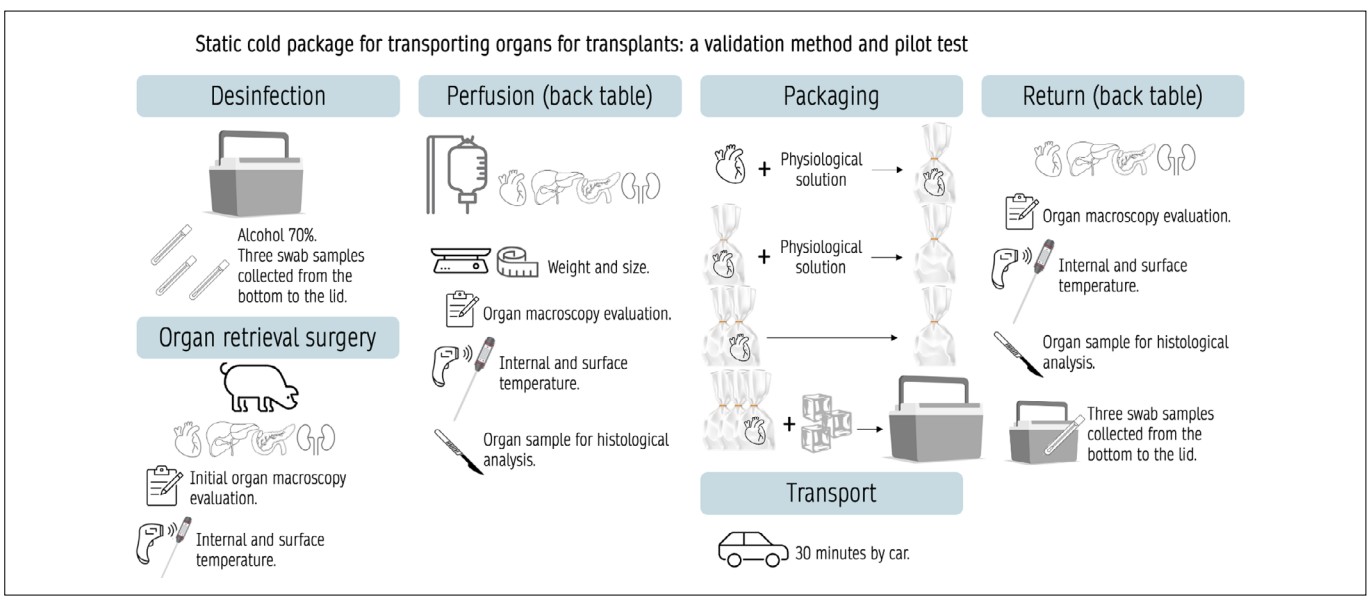


Figure 1. Data collection method.

Temperature measurements of the pancreas were not performed at time point H1 because, after the initial data collection, the pancreas did not undergo perfusion and was immediately placed in the packaging.

In the first surgery (P1), only one thermometer was used to measure the internal temperature. However, in the second surgery (P2), we employed an additional thermometer to obtain the average internal temperature for each organ and an infrared thermometer to measure the surface temperature. This paper presents the values from the internal thermometers for the first surgery and the averages from the second surgery derived from the internal thermometers, in addition to the superficial readings.

Organ macroscopy

Organ macroscopic data were recorded using study-specific forms based on macroscopic evaluation studies.[11–14] Each organ had a unique form, which was completed at retrieval, after perfusion, and post-transport by physicians and nurses. Evaluations included visual inspection with responses in "yes/no" format or on a 1–10 scale.

Weight was measured using a scale and size was measured with a ruler. From the second experiment onward, each organ was photographed immediately after perfusion and post-transport to document the changes.

Histology

The tissue samples were collected after perfusion and post-transport unpacking. Each sample was fixed in 4% paraformaldehyde (phosphate buffer) for 24 hours, then processed through dehydration in graded alcohol, diaphanization with xylene, and paraffin impregnation at 60°C.

The samples were then embedded for histological cross-sectional analysis. Using a Minot-type microtome, 4 µm sections were cut with 50 µm spacing and mounted on slides for hematoxylin and eosin (H&E) staining (histomorphometric analysis).

Packaging

Before surgery, the transport packaging was disinfected by applying 70% alcohol to the interior, followed by wiping the internal walls and lid with disposable paper in unilateral motion. This process was repeated twice and applied to the external walls.

Three swab samples were collected from the bottom to the lid, following microbiological sampling standards (sample, test, and control). After transportation, the researchers removed the ice and repeated the swab collection. Initially, samples were collected from each internal wall. However, after the first analysis, the protocol was standardized to three swabs from the entire packaging.

DATA ANALYSIS

Temperature

Temperature data were subjected to quantitative analysis using descriptive statistics, specifically calculating the average temperature.

Macroscopy

Pre-transport assessments included tissue/parenchymal quality, overall organ quality, perfusate appearance after 5 min, and perfusion quality (parenchymal discoloration). Post-transport evaluations considered tissue/parenchyma quality, overall organ quality, and perfusion quality.

Overall organ quality was rated on a scale of 1–10, with 10 being the highest. On average, the stability indicated no change, an increase suggested improvement, and a decrease indicated deterioration. Abnormalities including lesions were documented before and after transport for comparison. Parenchymal coloration was assessed for homogeneity (ideal) or heterogeneity (potential perfusion issues) in both phases.

Histology

Histological samples were analyzed using H&E staining, enabling the differentiation of basophilic (stained by hematoxylin) and acidophilic or eosinophilic (stained by eosin) structures. This technique allows the observation of images via light microscopy using an optical microscope. In H&E staining, cell nuclei appear as blue-purple shades owing to their basophilic nature, as the cell nucleus contains deoxyribonucleic acid (DNA), which attracts hematoxylin, a basic dye. Conversely, the cell cytoplasm, with its more basic character, was stained pinkish-red by eosin staining. Some regions of the cytoplasm appear bluish because of the presence of ribonucleic acid (RNA), which is stained with hematoxylin. Organ structures were carefully observed and analyzed to identify morphological alterations.

Microbiologic samples

The laboratory provided a report on microbial growth within the packaging after processing the samples using matrix-assisted laser desorption ionization time-of-flight mass spectrometry (MALDI-TOF MS). Data analysis relied primarily on the measurement of colony-forming units (CFU).

Ethics statement

This study was conducted in strict accordance with the recommendations of the Guide for the Care and Use of Laboratory Animals of the National Health Authority. The study protocol was approved by the Committee on the Ethics of Animal Experiments of the Universidade Federal de São Paulo (Unifesp; Protocol No. 4197081221). All efforts were made to minimize animal suffering.

RESULTS

Temperature

Because the surgery replicated human organ procurement in swine, temperature data were collected at critical moments when fluctuations could occur. The duration for which each organ remained in the packaging from the initial (H1) to the final (H2) temperature measurements is detailed in **Table 1**.

Figure 2 illustrates all the temperature measurements from the two experiments. The temperature patterns obtained from the internal thermometers of each organ during the first surgery (P1) are shown in **Figure 2a**. The patterns obtained from the average of the internal thermometers used in the second surgery (P2) compared with the surface temperature measurements are presented in **Figure 2b** for each organ. **Figure 3** shows the thermometers used and the temperature measurement process.

Table 1. Duration of each organ storage in minutes within the packaging (P1 + P2)

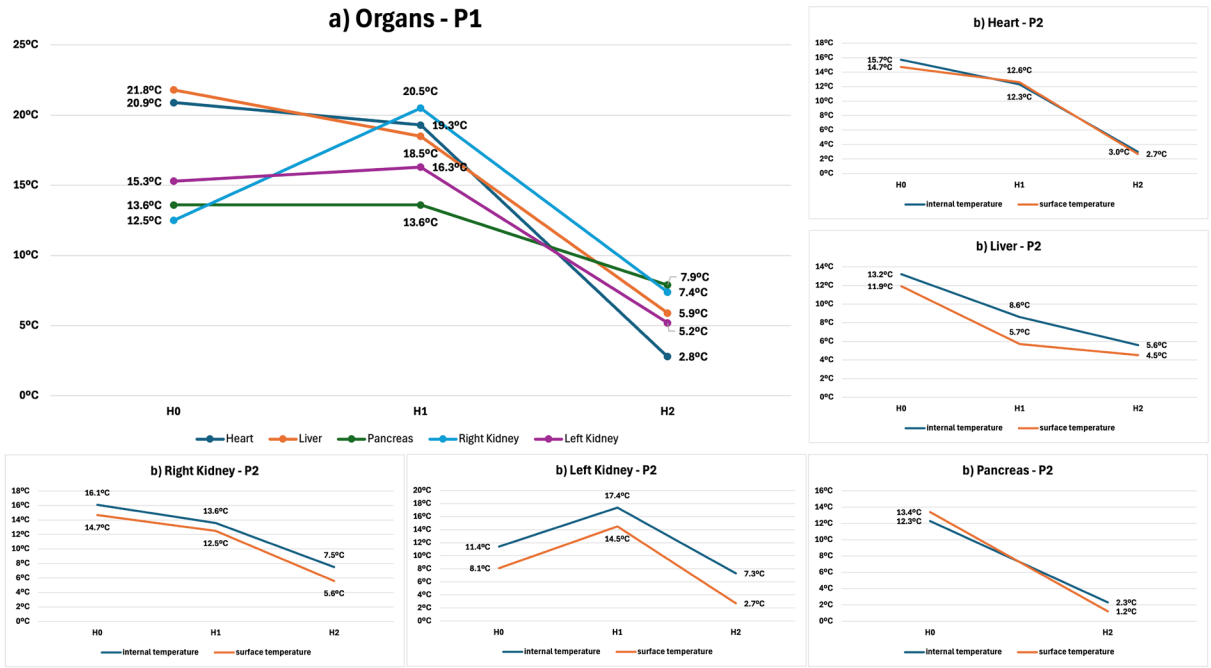
Organs	P1 (min)	P2 (min)	Average (min)
Heart	163	110	131,5
Liver	89	114	101,5
Pancreas	86	115	100,5
Right kidney	75	99	87
Left kidney	71	96	83,5
Total			**100,8**

Organ macroscopy

The average weight in the two experiments for each organ was 158,5 g for the hearts, 607 g livers, 64 g pancreas, and 69,2 g for the kidneys. **Table 2** presents the qualitative macroscopic evaluation

a) Measurement methods. b) Thermometer used to assess the internal temperature: after the insertion, researchers keep the thermometer in the parenchyma until the temperature mark stabilizes. c) Infrared thermometer: researchers keep the thermometer at a distance of 2 cm for 2–3 s according to the manufacturer's guidance provided in the product manual.

Figure 3. Temperature measurement process and thermometers.



a) Temperature patterns obtained from the internal thermometers of each organ during the first surgery (P1). b) Patterns obtained from the average of the internal thermometers used in the second surgery (P2) compared with the surface temperature measurements.

Figure 2. Temperature patterns of each organ in the surgeries (P1 and P2).

data for each organ (heart, liver, pancreas, right kidney, and left kidney) in both pilot experiments (P1 + P2), as assessed using the forms developed.

Comparative photographs of the organs after perfusion before and after transportation in P2 are shown in **Figure 4**.

Histology

The morphological structures of the organs were examined. Each organ was analyzed separately (**Figure 5**).

In the heart (**Figure 5a**), the myocardial morphology of both ventricles was similar across the study groups. The myocardium consists of small elongated cardiac fibers with one or two central nuclei that display transverse striations surrounded by small capillaries. The endocardium was lined by simple squamous epithelium with a small amount of connective tissue beneath it, whereas the epicardium showed loose connective tissue with some adipose cells.

The hepatic parenchyma exhibits integrity in its histological structure and is composed of a high concentration of hepatocytes arranged in cords that converge towards the central lobular vein, forming approximately hexagonal geometric figures. Between the cords of hepatocytes, hepatic sinusoids were observed, lined by endothelial cells with nuclei of various shapes,

Table 2. Macroscopic evaluation data in each pilot test (P1 + P2)

Heart	**Pre transport**		**Post transport**		**Evaluation**	
	P1	**P2**	**P1**	**P2**	**P1**	**P2**
Abnormality of the organ	None	None	None	None	No change	No change
Tissue quality	10	10	10	10	No change	No change
Overall quality	10	10	10	10	No change	No change
Perfusate appearance on the bench after 5 minutes	8	7	–	–	Improved	Improved
Perfusion quality (degree of parenchymal discoloration)	8	6	10	10		
Homogeneous coloration of the parenchyma after perfusion	Yes	No	Yes	Yes	No change	Improved
Liver	**Pre transport**		**Post transport**		**Evaluation**	
	P1	**P2**	**P1**	**P2**	**P1**	**P2**
Abnormality of the organ	None	None	None	None	No change	No change
Parenchyma quality	7	10	5	9	Worsened	Worsened
Overall quality	7	10	6	9	Worsened	Worsened
Perfusate appearance on the bench after 5 minutes	6	8	–	–	Worsened	Improved
Perfusion quality (degree of parenchymal discoloration)	7	9	6	10		
Homogeneous coloration of the parenchyma after perfusion	No	Yes	No	Yes	Improved	Improved
Pancreas	**Pre transport**		**Post transport**		**Evaluation**	
	P1	**P2**	**P1**	**P2**	**P1**	**P2**
Color	Pink-gray	Yellow	Pink	Milky white	Improved	Improved
Tissue injury	None	None	None	None	No change	No change
Calcification	None	None	None	None	No change	No change
Stiffness	None	None	None	None	No change	No change
Hematoma	No	No	No	No	No change	No change
Edema	No	No	No	No	No change	No change
Right kidney	**Pre transport**		**Post transport**		**Evaluation**	
	P1	**P2**	**P1**	**P2**	**P1**	**P2**
Abnormality of the organ	None	None	None	None	No change	No change
Parenchyma quality	10	10	8	10	Worsened	No change
Overall quality	10	10	9	10	Worsened	No change
Perfusate appearance on the bench after 5 minutes	9	10	–	–	Worsened	Improved
Perfusion quality (degree of parenchymal discoloration)	10	9	9	10		
Homogeneous coloration of the parenchyma after perfusion	Yes	Yes	No	Yes	Worsened	No change
Left kidney	**Pre transport**		**Post transport**		**Evaluation**	
	P1	**P2**	**P1**	**P2**	**P1**	**P2**
Abnormality of the organ	None	None	None	None	No change	No change
Parenchyma quality	10	10	8	10	Worsened	No change
Overall quality	10	10	9	10	Worsened	No change
Perfusate appearance on the bench after 5 minutes	8	9	–	–	Worsened	No change
Perfusion quality (degree of parenchymal discoloration)	9	8	9	10	No change	Improved
Homogeneous coloration of the parenchyma after perfusion	No	Yes	No	Yes	No change	No change

Source: Dabare et al.;[13] Dare et al.;[12] Kulu et al.;[14] Tierie et al.[11]

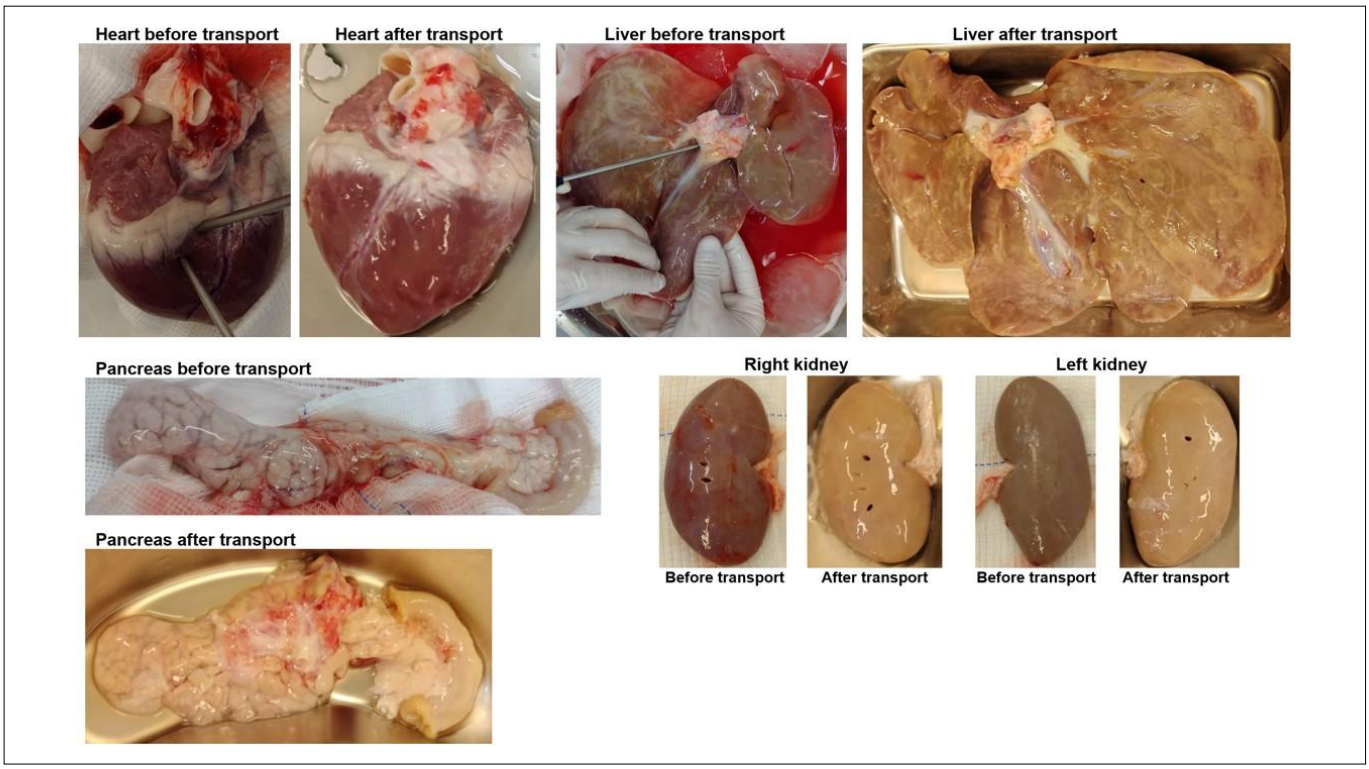


Figure 4. Photographs of organs after perfusion, before and after transportation, in P2.

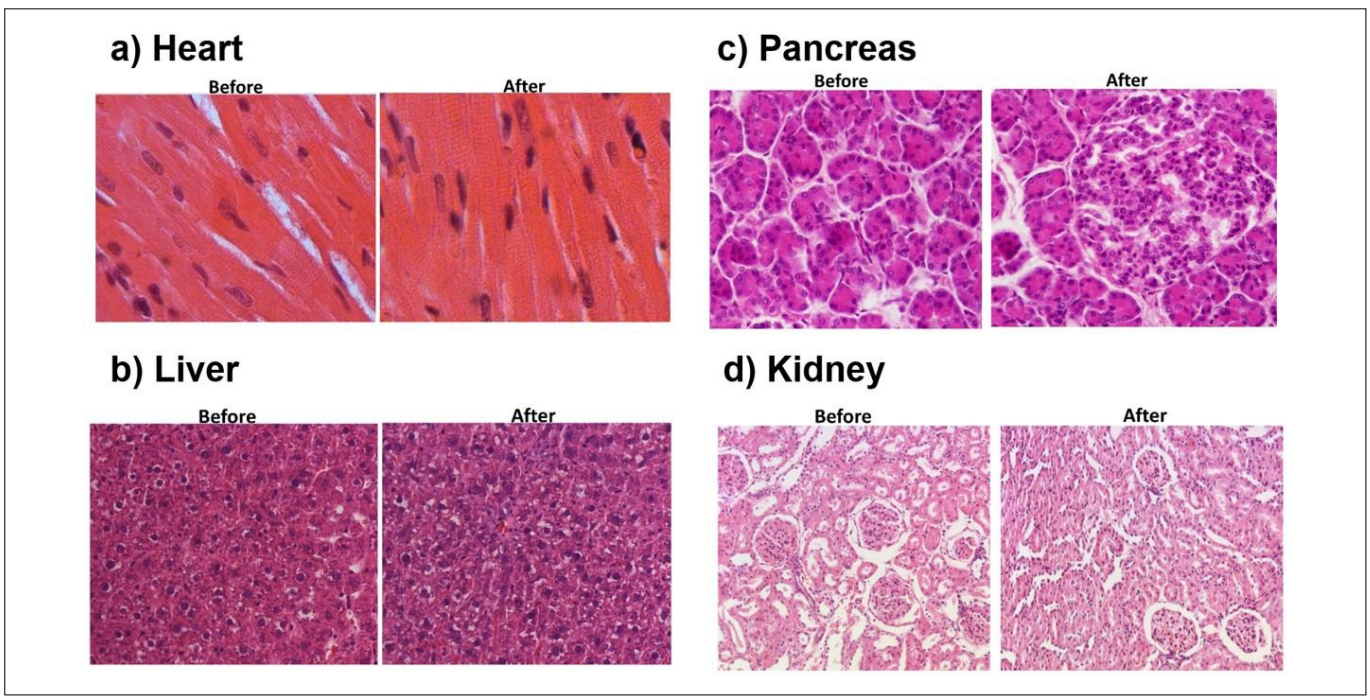


Figure 5. Photomicrograph showing sections of pig hearts, livers, pancreas, and kidneys before and after transportation. 20× HE.

ranging from elongated to spherical, and usually heterochromatic. Hepatocytes are voluminous polyhedral cells with one or two centrally positioned spherical nuclei rich in chromatin and well-defined nucleoli.

The cytoplasm was not homogeneous and displayed areas with basophilic and eosinophilic characteristics. Red blood cells were identified within the sinusoidal capillaries. Within the portal space, at least one branch of the portal vein, hepatic artery, or bile duct

can be identified. Connective tissue cells and rare collagen fibers surrounded these structures (**Figure 5b**).

The pancreas (**Figure 5c**) is a mixed gland with both exocrine and endocrine components. The exocrine portion is formed by numerous acini, among which we identified endocrine portions called the pancreatic or Langerhans islets. The acini are globular structures composed of prismatic cells containing spherical nuclei located in the middle of the cells or slightly shifted towards the basal region. The pancreatic islets are formed from cords containing cells with spherical nuclei.

The kidneys (**Figure 5d**) showed preserved renal parenchyma, especially in the cortical region, with intact glomeruli, and proximal and distal convoluted tubules. The renal corpuscles, including the intact Bowman's capsule with a visible urinary space and glomeruli composed of endothelial-lined capillaries, podocytes, and mesangial cells, showed no visible histological alterations. Most of the renal cortex comprises glomeruli and tubules.

Microbiological growth

As described in the Methods section, data collection was standardized after the second surgery. In this paper, the results obtained following the data collection pattern at P2 are presented. **Table 3** shows the microorganisms found in the packages, comparing pre- and post-transport results.

DISCUSSION

Temperature

Regarding the temperature range, it's important to note that while the typical range cited in literature falls between 2°C and 8°C, there are varying ranges reported. Factors such as the preservation solution and the time between organ retrieval and packaging may contribute to this variation. However, studies examining organ integrity, transplant outcomes, and organ transportation have shown a range of temperatures from 0°C to 10°C.[5–7,15–20] In this study, we have chosen to use the most common temperature range as our reference point for analyzing the impact of temperature on organ integrity.

During the first surgery, the organs tended to warm after perfusion. To improve the outcomes, we introduced additional variables in the second experiment (P2) to better control the data collection. These included maintaining a stable room temperature (18°C), using three liters of physiological solution within the animals' cavities, tightly regulating temperature with a freezer, and employing smaller pieces of crushed ice to lower cavity temperatures.

These experiments did not use preservation solutions but instead used physiological solutions. We emphasize the need for future research to incorporate appropriate preservation solutions to enhance the resemblance to human surgical conditions and improve overall organ quality.

Macroscopy

In the context of organ macroscopy, the similarity in the weight and size of the pigs in both experiments (P1 and P2) facilitated a comparative analysis. The qualitative interpretation of each organ using the data collection instrument revealed substantial differences, particularly in the case of the liver, before and after transportation. This discrepancy underscores the susceptibility of the liver to transportation-induced stress.[21] Other organs, despite being transported, demonstrate good color and perfusion characteristics. Although the evaluation was qualitative and subject to the researcher's judgment, it may serve as a valuable tool to be validated for application in human scenarios.

The amalgamation of data from instruments and photographs aids in understanding the rationale behind these classifications. Moreover, it provided visual evidence to facilitate data comparison. Photographs serve as a resource for future comparative studies by establishing defined patterns.[22]

Histology

The assessment of organ integrity, a combination of macroscopic analysis in two distinct ways, and histological analysis helped identify areas of damage during transportation. These analyses shed light on the changes that the organs undergo during transportation. Histological analysis indicated that the examined groups

Table 3. Standardized protocol for sample collection and results obtained in the second pilot experiment (P2), considering samples collected pre-transport (pre) and post-transport (post)

Transported organ	Sample 1		Sample 2		Sample 3	
	Pre	Post	Pre	Post	Pre	Post
Liver	None	None	None	None	None	None
Pancreas	None	None	None	None	None	None
Heart	*Micrococcus luteus* (90CFU) *Staphylococcus warneri* (20CFU) *Penicillium* spp.	None	*Micrococcus luteus* (40CFU) *Staphylococcus warneri* (10CFU)	None	*Micrococcus luteus* (20CFU) *Staphylococcus warneri* (5CFU)	None
Kidney	None	None	None	None	None	None

CFU: Colony Forming Unit

did not exhibit significant injury or morphological alterations. However, it has become evident that structural analysis alone may not reveal all the damage, prompting consideration of the inclusion of immunohistochemical analysis in future experiments.[23]

Microbiology

Specific discussions of microorganisms have provided interesting insights. *Micrococcus luteus* is commonly found in natural environments, such as soil and water resources, and is considered a normal inhabitant of human skin and oropharynx mucosa.[24–25] *Staphylococcus warneri* is part of the normal skin flora, particularly in the nares, head, legs, and arms.[26] *Corynebacterium imitans* is present within the human oral cavity and airways,[27] while *Penicillium* spp. is one of the most widespread fungi in various environments.[28]

The presence of environmental microorganisms in the pre-transport phase, despite following cleaning and disinfection protocols, suggests that microorganisms may proliferate even with proper protocol adherence. This highlights the need for maintaining high standards of disinfection. Although packaging is not sterile, some growth is expected; however, the use of ice effectively inhibits microorganism proliferation.

Comparison with prior work

Previous studies on organ transportation have predominantly focused on examining individual variables associated with organ integrity. Recent research efforts have been directed towards developing new products and packages aimed at enhancing the safety of organ transportation for transplantation. Conversely, previous studies have concentrated on the feasibility of transporting organs on ice.[29–34] To the best of our knowledge, this is the first study to specifically investigate organ transport for transplantation, encompassing the analysis of four variables (temperature, organ macroscopy, histology, and microbiological growth within the package) to ascertain the safety of such transportation method.

Limitations

The first limitation pertains to the duration for which each organ remains in the package. Although the analysis yielded satisfactory results, it required an average time of 100.8 minutes. Another limitation is the use of a limited number of animals. This limitation was implemented to minimize suffering; hence, we restricted the pilot test to two animals. Finally, this report presents a pilot test aimed at validating the method and underscores the necessity for replicability by incorporating diverse scenarios to substantiate the concept.

CONCLUSION

After interpreting the data and conducting experiments, this pilot test successfully verified the developed method for validating the packaging used to transport organs for transplantation.

Considering the variables under investigation, it is evident that temperature measurement methods are effective tools for monitoring the temperature patterns in the studied organs. The combination of macroscopic and histological analyses and photography offers comprehensive insights into the condition of the examined organs. The inclusion of standardized histological analyses provides valuable information about organ integrity, and standardized microbiological analyses effectively demonstrate microbiological growth.

The method developed in this study can serve as a valuable tool for validating packaging used in the safe transportation of organs for transplantation. This research is significant because it addresses the existing gap in documenting a robust validation method for packaging intended for organ transportation. By integrating complementary data and scrutinizing variables that directly affect organ integrity and package safety, this method effectively ensures product reliability.

REFERENCES

1. Dimensionamento dos transplantes no Brasil e em cada Estado (2016–2023). Regist Bras Transpantes (RBT). 2023 [cited 2024 Jul 11];30(4) Available from: https://site.abto.org.br/wp-content/uploads/2024/03/RBT_2023-Populacao_Atualizado.pdf.
2. Roza BA, Schuantes-Paim SM, Oliveira PC, et al. Reasons for organ and tissue donation refusal and opposition: a scoping review. Rev Panam Salud Publica. 2024;48:e115. https://doi.org/10.26633/RPSP.2024.115.
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Atlas escolas. Brasília (DF): IBGE; 2023 [cited 2024 Jul 11]. Available from: https://atlasescolar.ibge.gov.br.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Diretoria Colegiada. Resolução RDC nº 504, de 27 de maio de 2021. Dispõe sobre as Boas Práticas para o transporte de material biológico humano. Diário Oficial da União [Internet]. 2021 May 27 [cited 2025 Aug 20];101.1:126. Disponível em: https://pncq.org.br/wp-content/uploads/2021/06/RDC-504_27-mai-2021.pdf.
5. Copeland H, Hayanga JWA, Neyrinck A, et al. Donor heart and lung procurement: a consensus statement. J Heart Lung Transplant. 2020;39(6):501–17. https://doi.org/10.1016/j.healun.2020.03.020. Erratum in: J Heart Lung Transplant. 2020;39(7):734. PMID: 32650882; https://doi.org/10.1016/j.healun.2020.06.001.
6. Pereira WA, Fernandes RC, Soler WV, editors. Basic guidelines for retrieving multiple organs and tissues from the Brazilian Transplantation Society (ABTO). Brazil: Brazilian Transplantation Society; 2009.
7. Tripathy S, Das SK. Strategies for organ preservation: current prospective and challenges. Cell Biol Int. 2023;47(3):520–38. PMID: 36626269; https://doi.org/10.1002/cbin.11984.
8. Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Clima. Anomalias de temperaturas medias, jul. 2025. [cited 2024 Jul 11]. Available from: https://clima.inmet.gov.br/temp.

9. The scientific basis of climate change. Contribution from the Working Group 1 to the first national assessment report of the Brazilian Panel on Climate Change (GT1 RAN1 PBMC). Brasília (DF): Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC); 2013 [cited 2024 Jul 11]. Available from: http://www.pbmc.coppe.ufrj.br/index.php/en/publications/reports-pbmc/item/executive-summary-the-scientific-basis-of-climate-change?category_id=16.
10. Carrier AN, Verma A, Mohiuddin M, et al. Xenotransplantation: a new era. Front Immunol. 2022;13:900594. PMID: 35757701; https://doi.org/10.3389/fimmu.2022.900594.
11. Tierie EL, Roodnat JI, Dor FJMF. Systematic surgical assessment of deceased-donor kidneys as a predictor of short-term transplant outcomes. Eur Surg Res. 2019;60(3–4):97–105. PMID: 31480061; https://doi.org/10.1159/000501602.
12. Dare AJ, Pettigrew GJ, Saeb-Parsy K. Preoperative assessment of the deceased-donor kidney: from macroscopic appearance to molecular biomarkers. Transplantation. 2014;97(8):797–807. PMID: 24553618; https://doi.org/10.1097/01.TP.0000441361.34103.53.
13. Dabare D, Hodson J, Nath J, et al. Macroscopic assessment of the quality of cold perfusion after deceased-donor kidney procurement: A United Kingdom population-based cohort study. Clin Transplant. 2021;35(5):e14272. PMID: 33638883; https://doi.org/10.1111/ctr.14272.
14. Kulu Y, Khajeh E, Ghamarnejad O, et al. Expanding pancreas donor pool by evaluation of unallocated organs after brain death: Study Protocol Clinical Trial (SPIRIT Compliant). Med (Baltim). 2020;99(10):e19335.
15. Nicholson ML, Hosgood SA. Organ retrieval and preservation. Surgery (Oxf). 2023;41(9):559–65.
16. Eixerés-Esteve A, Pérez-De la Sota E, Cortina-Romero JM. Preservation methods: beyond the icebox. Cir Cardiovasc. 2022;29(6):323–31.
17. Abbas SH, Friend PJ. Principles and current status of abdominal organ preservation for transplantation. Surg Pract Sci. 2020;3:100020.
18. Smith TB, Nicholson ML, Hosgood SA. Advances in hypothermic and normothermic perfusion in kidney transplantation. Transplantology. 2021;2(4):460–77.
19. D'Alessandro AM, Southard JH, Love RB, Belzer FO. Organ preservation. Surg Clin North Am. 1994;74(5):1083–95. PMID: 7940062.
20. Lechiancole A, Sponga S, Benedetti G, et al. Graft preservation in heart transplantation: current approaches. Front Cardiovasc Med. 2023;10:1253579. PMID: 37636303; https://doi.org/10.3389/fcvm.2023.1253579.
21. Schlegel A, Muller X, Dutkowski P. Machine perfusion strategies in liver transplantation. Hepatobiliary Surg Nutr. 2019;8(5):490–501. PMID: 31673538; https://doi.org/10.21037/hbsn.2019.04.04.
22. Evagorou M, Erduran S, Mäntylä T. The role of visual representations in scientific practices: from conceptual understanding and knowledge generation to "seeing" how science works. IJ Stem Ed. 2015;2(1).
23. Magaki S, Hojat SA, Wei B, So A, Yong WH. An introduction to the performance of immunohistochemistry. Methods Mol Biol. 2019;1897:289–98. PMID: 30539453; https://doi.org/10.1007/978-1-4939-8935-5_25.
24. Erbasan F. Brain abscess caused by Micrococcus luteus in a patient with systemic lupus erythematosus: case-based review. Rheumatol Int. 2018;38(12):2323–8. PMID: 30374688; https://doi.org/10.1007/s00296-018-4182-2.
25. Zhu M, Zhu Q, Yang Z, Liang Z. Clinical characteristics of patients with Micrococcus luteus bloodstream infection in a Chinese tertiary-care hospital. Pol J Microbiol. 2021;70(3):321–6. PMID: 34584526; https://doi.org/10.33073/pjm-2021-030.
26. Karam BRS, Ribeiro PMAP. Staphylococcus warneri: brief literature review. Braz J Hea Rev. 2022;5(2):4358–64.
27. Corynebacterium imitans LMG 19048 is an aerobe, mesophilic bacterium that was isolated from human throat. BacDive Database. 2025; 2022 [cited 2024 Jul 11]. Available from: https://www.bacdive.dsmz.de/strain/3162.
28. Yadav AN, Verma P, Kumar V, et al. Biodiversity of the Genus Penicillium in different habitats. In: Gupta VK, Couto-Rodriguez S, editors. New and future developments in microbial biotechnology and bioengineering. Elsevier; 2018. p. 3–18.
29. McAnulty JF. Hypothermic organ preservation by static storage methods: current status and a view to the future. Cryobiology. 2010;60(3) Suppl:S13–9. PMID: 19538951; https://doi.org/10.1016/j.cryobiol.2009.06.004.
30. Ohkawara H, Kitagawa T, Fukushima N, et al. A newly developed container for safe, easy, and cost-effective overnight transportation of tissues and organs by electrically keeping tissue or organ temperature at 3 to 6°C. Transplant Proc. 2012 May;44(4):855–8. PMID: 22564566; https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2012.02.023.
31. Gómez KM, Camacaro FT, Vargas DS, et al. How are organs transported for transplantation in Chile? an exploratory study. Transplant Proc. 2023;55(1):49–52. PMID: 36599731; https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2022.10.060.
32. Cobos M, Trunzo L, Vogt MV, et al. Sterility and safety validation for transport packaging of organs and tissues. Transplant Proc. 2018;50(2):416–7. PMID: 29579817; https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2017.12.050.
33. Bellotti HB, Francoso MT. System for transporting human organs. Case Studies on Transport Policy. 2021;9(2):431–42.
34. Axelrod DA, Shah S, Guarrera J, et al. Improving safety in organ recovery transportation: report from the ASTS/UNOS/AST/AOPO transportation safety summit. Am J Transplant. 2020;20(8):2001–8.

Authors' contributions: Schuantes-Paim SM: concept and design, funding acquisition, data collection, data analysis, statistics, and interpretation, drafting article, critical revision of article, approval of article; Leite RF: data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; Gonçalves VAC: data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; Carbonel AA: data collection, data analysis, statistics, and interpretation, critical revision of article, approval of article; Teraoka EC:

data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; Coutinho GMM: data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; Cruz VA: data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; Simões MJ: data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; David AI: data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article. Taha MO: concept and design, data collection, data analysis and interpretation, critical revision of article, approval of article; Schirmer J: concept and design, funding acquisition, data collection, data analysis, statistics, and interpretation, drafting article, critical revision of article, approval of article; Roza BA: concept and design, funding acquisition, data collection, data analysis, statistics, and interpretation, drafting article, critical revision of article, approval of article.
All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Acknowledgments: To the Safe Transport for Organ and Tissue Transplantation (Safe-TX) working group, from São Paulo.
https://orcid.org/0009-0000-0530-8918

Sources of funding: Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Grant no. 2168/20.
Conflicts of interest: None.

Date of submission: February 26, 2025
Accepted: April 29, 2025

Address for correspondence:
Sibele Maria Schuantes-Paim
Escola Paulista de Enfermagem (EPE), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
Rua Napoleão de Barros, 754
Vila Clementino — São Paulo (SP) — Brasil
CEP 04024-002
Tel. (+55 11) 5576-4430
E-mail: sibele.schuantes@unifesp.br

Editor responsible for the evaluation process:
Marianne Yumi Nakai, MD, PhD (AE)
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD (EIC)

Is the atherogenic index of plasma a predictor for mortality in ischemic stroke patients?: a retrospective cross-sectional study

Sefa Tatar[I], Osman Serhat Tokgöz[II], Ümmü Gülsüm Selvi[III]

Department of Cardiology, Meram Faculty of Medicine, Necmettin Erbakan University, Konya, Türkiye

[I]MD; Professor, Department of Cardiology, Meram Faculty of Medicine, Necmettin Erbakan University, Konya, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0001-8703-5078

[II]MD; Professor, Department of Neurology, Meram Faculty of Medicine, Necmettin Erbakan University, Konya, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0002-4919-0285

[III]MSc; Department of Neurology, Meram Faculty of Medicine, Necmettin Erbakan University, Konya, Türkiye.
https://orcid.org/0009-0004-7554-8211

KEYWORDS (MeSH terms):
Ischemic stroke.
Atherosclerosis.
Cholesterol.
Triglycerides.
Mortality.

AUTHOR'S KEYWORDS:
Ischemic stroke.
Cardiovascular diseases.
Atherosclerosis.
Mortality.

ABSTRACT

BACKGROUND: The atherogenic index of plasma (AIP), derived from the logarithmic transformation of the triglyceride to high-density lipoprotein cholesterol ratio, is frequently used to predict cardiovascular events.

OBJECTIVE: This study aimed to investigate the association between AIP and 1-month mortality in patients with acute ischemic stroke (AIS).

DESIGN AND SETTING: Retrospective study was conducted in Türkiye.

METHODS: In total, 530 AIS patients were enrolled in this study. Clinical, demographic, and laboratory characteristics were recorded within 24 hours of admission. One-month mortality outcomes were analyzed in relation to the AIP of the patients.

RESULTS: Of the 530 patients, 140 patients did not survive during the follow-up period. The mean AIP was 0.50 ± 0.33 in survivors and 0.11 ± 0.27 in the mortality group (P = 0.001). In the receiver operating characteristic analysis, the AIP value of 0.291 had a sensitivity of 74.4%, specificity of 76.4%, positive predictive value of 75.92%, and negative predictive value of 74.9% for mortality. The AIP value above 0.291 had an AUC (area under curve) of 0.829 (95% CI [confidence interval] 0.78–0.88, P = 0.0001). In Cox regression analysis, AIP values below 0.291 (HR 3.962; 95% CI 2.643–5.937) were identified as an independent predictor of mortality. Higher mortality rates were observed in patients with cryptogenic stroke and AIP below 0.291 after stratification by stroke TOAST (P = 0.003).

CONCLUSIONS: Lower AIP is an independent predictor of short-term mortality in AIS patients, surpassing the sensitivity of traditional lipid parameters. This study provides a valuable prognostic tool for clinicians, offering a non-invasive and cost-effective test for a condition associated with substantial mortality and morbidity.

INTRODUCTION

Stroke remains a significant health concern owing to its considerable impact on morbidity and mortality.[1] The early impairment of motor functions, progressive clinical deterioration, and potential for permanent disabilities pose substantial challenges for both patients and their families. Despite advancements in examination and treatment strategies, the prognosis in stroke cases has not shown satisfactory improvement.[2] Acute ischemic stroke (AIS), comprising 70% of all strokes, is particularly concerning.[3] Existing classifications for predicting poor prognosis lack clear evidence of superiority, necessitating the exploration of new parameters for assessing prognosis in ischemic stroke patients.[4,5] Numerous studies have attributed atherosclerosis as a primary cause of ischemic stroke. The evaluation of lipid parameters to predict the atherosclerotic process has become a widely used approach. The atherogenic index of plasma (AIP), calculated as the logarithmic transformation of the triglyceride (TG) to high-density lipoprotein cholesterol (HDL-C) ratio (log [TG/HDL-C]), is a key parameter for the assessment of dyslipidemia and atherosclerosis. Previous studies have shown that low TG levels are associated with adverse post-stroke conditions. This is generally explained by collateral circulatory dysfunction and low TG levels not responding adequately to increased metabolic stress. Many studies have focused on the positive association between AIP and conditions such as diabetes mellitus, coronary artery disease, and vascular diseases; however, studies on its association with AIS are limited.

OBJECTIVE

This study aimed to establish the AIP as a predictor of 1-month mortality in patients with ischemic stroke.

METHODS

Study population

Patients with AIS over the age of 18 years were included in this study. A retrospective analysis was conducted by reviewing the files of patients with AIS between 2012 and 2022. Patients admitted to the hospital with AIS were considered for inclusion, whereas those with strokes occurring after 24 hours were excluded. The exclusion criteria included individuals with hematological diseases, those using immunosuppressive drugs, individuals with a history of malignancy, those with an active infection in the last month, patients with a history of stroke in the last 6 months, those with involvement outside the cortex, and individuals with active diseases directly influencing mortality. The study criteria are shown in **Figure 1**.

Study protocol

A total of 530 patients were included in the study, including 390 surviving and 140 non-surviving patients. The patients were systematically classified based on their demographic, clinical, and laboratory characteristics. Furthermore, the AIP, Modified Rankin classification, and Trial of Org 10172 in Acute Stroke Treatment (TOAST) classification were assessed. Stroke was confirmed using computed tomography and magnetic resonance imaging. Mortality status was verified within 1 month of admission by cross-referencing with the national health screening database (E-Nabız) system. The average acute period of stroke is 15 days. During the chronic period, liquefaction necrosis develops in the brain, which repairs itself and stabilizes. Considering that more than one independent factor will have an impact on mortality in the period after 1 month, 1 month was chosen as the follow-up period. The causes of death of deceased patients were validated through communication with their respective physicians.

Patient information, including age, diabetes mellitus, hypertension, history of coronary artery disease, and use of anti-aggregant and anti-coagulant medications, was obtained using an inquiry questionnaire. Comprehensive assessments, incorporating hemogram and biochemical tests, were performed, with specific attention paid to lipid levels. The AIP was calculated based on lipid levels using the formula log (TG/HDL-C).

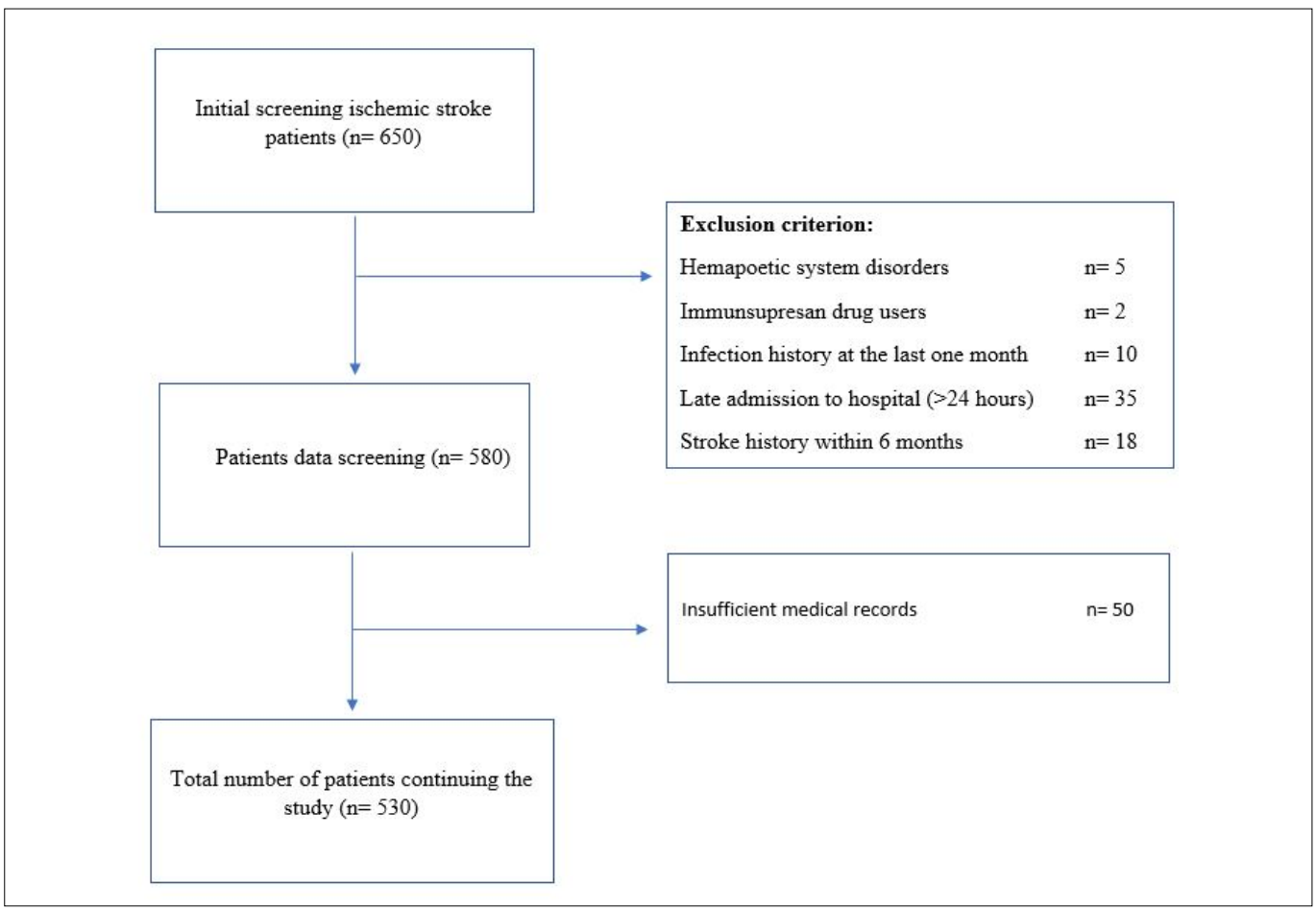


Figure 1. Study flow chart.

Statistical analysis

Data analysis was conducted using SPSS software (version 20.0; SPSS Inc., Chicago) and presented as mean ± standard deviation or median (interquartile range). The normality of distribution was assessed using the Kolmogorov–Smirnov test. Independent Student's t-tests were employed to compare differences between two groups, while the Mann–Whitney U test was used for non-normally distributed variables. Categorical variable differences were assessed using the chi-square test.

Kaplan–Meier survival analysis was performed to explore the association between the median AIP value and mortality. Cox regression analysis was performed to identify predictors of 30-day mortality. The independent variables included in the regression model were age, glucose levels, alanine aminotransferase level, diabetes mellitus, hypertension, coronary arterial disease, WBC count, antiplatelet treatment, and AIP. Receiver operating characteristic (ROC) analysis was performed to determine the specificity and sensitivity of the study. Kaplan–Meier survival estimates for AIP in AIS and survival for AIP were compared according to the median AIP value using the log-rank test. Power analysis was performed using the GPower 3.1.9.7 packet program, which determined the power of a sample size of 530 patients to detect differences in AIP to be 80.5%.

Ethical considerations

This study was approved by the Ethics Committee for Research Involving Human Subjects of the Faculty of Medicine at Necmettin Erbakan University (protocol no. 2024/4781, issued on February 2, 2024). This study adhered to the ethical principles of the Declaration of Helsinki (1964).

RESULTS

In patients with ischemic stroke, the mean age of the surviving group (390 patients) was 66.7 ± 13.3 years, whereas the mean age of the mortality group (140 patients) was significantly higher at 78.5 ± 12.6 years (P value < 0.001). No statistically significant differences were observed between the groups in terms of hypertension, diabetes mellitus, history of coronary artery disease, insulin use, or antiplatelet therapy use. However, variables such as age, glucose level, total cholesterol level, HDL-C level, and WBC count were significantly higher in the mortality group (**Table 1**).

There were no significant differences in TG and HDL-C levels between the two groups (116 ± 79.4, 111.7 ± 69.1 mg/dL for TG, 37 ± 13, 39.1 ± 13.1 mg/dl for HDL-C, P > 0.05); however, AIP was significantly lower in the mortality group (0.11 ± 0.27) than in the surviving group (0.50 ± 0.33) (P value = 0.001, Z value = −11.5) (**Table 1**).

ROC curve analysis revealed that an AIP value of 0.291 had a 74.4% sensitivity and 76.4% specificity for predicting 1-month mortality. The positive predictive value of AIP for predicting 1-month mortality was 75.92%, with a negative predictive value of 74.9%. The AUC was 0.829 (95% CI 0.78–0.88, P = 0.0001) (**Figure 2**).

Table 1. Demographic and laboratory findings of surviving and deceased patients

	Surviving (n = 390)	Deceased (n = 140)	P value	Z value
Age, y (mean ± SD)	66.7 ± 13.3	78.5 ± 12.6	0.001	
Hypertension (%)	61.3	65.7	NS	
Diabetes mellitus (%)	31	36.4	NS	
CAD (%)	14.1	8.6	NS	
Antiplatelet	5.9	3.6	NS	
Warfarin	4.6	10.7	0.014	5.9*
Oral antidiabetic	12.1	5.7	0.036	5*
Insulin	6.2	11.4	NS	
Glucose (mg/dL), Median (IQR)	113 (75.3)	129 (63.3)	0.008	−4
Creatinine (mg/dL), (mean ± SD)	0.9 ± 0.93	1.02 ± 1.1	NS	
AST	22 ± 18.2	23 ± 11.5	NS	
ALT	19 ± 21.8	15 ± 12.7	NS	
Total cholesterol (mg/dL), (mean ± SD)	173.5 ± 65	162 ± 47.4	0.004	−2.64
Triglyceride (mg/dL), Median (IQR)	116 (79.4)	111.7 (69.1)	NS	
LDL (mg/dL), (mean ± SD)	106 ± 37.1	96 ± 38.6	0.001	−3.51
HDL (mg/dL), (mean ± SD)	37 ± 13	39.1 ± 13.1	0.043	−2.53
Hemoglobin	13.1 ± 1.8	12.9 ± 2.4	NS	
WBC	8.6 ± 4	10.2 ± 4.9	0.002	−3.34
PLT	235 ±1 01.1	235 ± 126.8	NS	
AIP	0.50 ± 0.33	0.11 ± 0.27	0.001	−11.5

CAD, coronary artery disease; SD, standard deviation; AST, aspartate aminotransferase; ALT, alanine aminotransferase; IQR, interquartile range; LDL, low-density lipoprotein; HDL, high-density lipoprotein; NS, not significant; WBC, white blood cell; PLT, platelet; AIP, atherogenic index of plasma. * Chi-square.

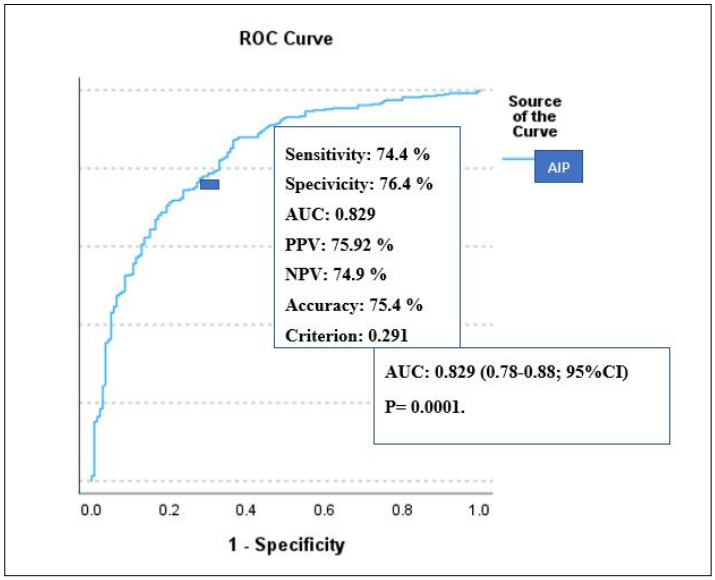


Figure 2. Receiver operating characteristic curve of atherogenic index of plasma prediction of mortality in acute ischemic stroke.

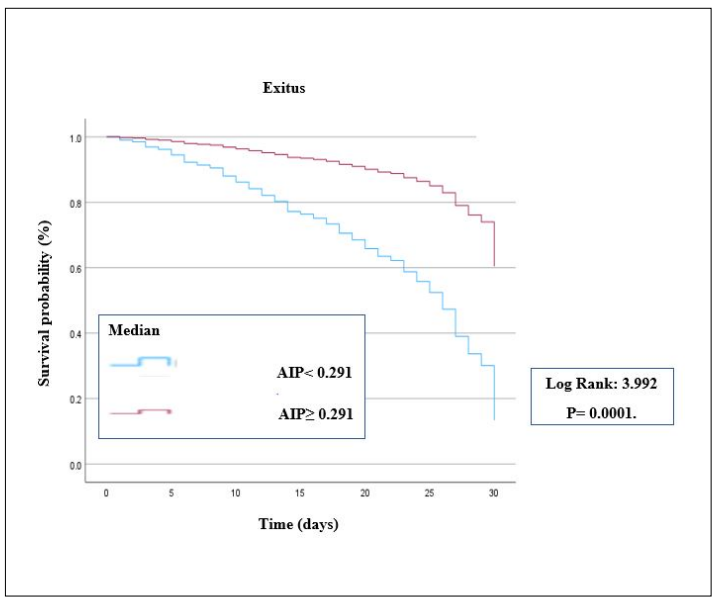


Figure 3. Kaplan–Meier survival estimates for atherogenic index of plasma in acute ischemic stroke and a comparison of survival for AIP according to the median AIP value with long rank test.

Kaplan–Meier analysis demonstrated a significant difference between the two groups based on the AIP value of 0.291 (**Figure 3**). Age and AIP were identified as independent risk factors for mortality in the Cox regression analysis, with hazard ratios (HR) (95% CI) of 1.048 (1.032–1.064) for age, 3.992 (2.648–6.020) (first step) for AIP, and 3.962 (2.643–5.937) (last step) for AIP (P value < 0.001) (**Table 2**). TGs and HDL-C were not independent predictors in the Cox regression analysis (HR: 1.000 (0.999-1.002), p = 0.581; HR: 1.001 (0.990-1.012), p = 0.889, respectively).

DISCUSSION

This study aimed to explore the role of the AIP in the pathogenesis of stroke and its impact on 1-month mortality in patients with AIS.

Atherosclerosis and dyslipidemia are commonly implicated causes of ischemic stroke. Although lipid parameters appear to offer insights into atherosclerosis, the results can be inconclusive. Lipid parameters were not identified as independent predictors in this study. Therefore, these new parameters are needed. Literature reports have highlighted the AIP as a parameter with a higher predictive value than other lipid parameters. Numerous small low-density lipoprotein cholesterol (LDL-C) particles traversing the vascular endothelium interact with glycoproteins in the vascular wall, leading to lipid accumulation.[6]

Moreover, oxidized LDL-C particles create an environment that facilitates the transformation of monocytes into macrophages with hormonal effects. This process results in foam cell formation and aggregation, triggering the release of large amounts of lipid particles from atherosclerotic plaque and ultimately contributing to stroke. Elevated TG and reduced HDL-C levels are significant risk factors for vascular diseases, regardless of LDL-C levels. Even if LDL-C levels are effectively managed with statin therapy, the vascular risk may persist. Some studies have suggested that the logarithmic ratio of TG to HDL-C has a more predictive effect than considering each parameter individually.[7,8]

The HDL-C level, which is reported in numerous studies to have protective effects against coronary artery diseases, exerts a significant impact on cardiovascular diseases. However, recent studies have reported conflicting data. Cheng et al.[8] demonstrated in a study that very high HDL-C levels (> 60 mg/dl) and very low HDL-C levels (< 25 mg/dl) were associated with mortality in patients undergoing percutaneous coronary intervention. Furthermore, evidence suggests that elevated TG levels are a vascular risk factor. The negative impact of these two parameters on lipid metabolism and atherosclerosis is indisputable when considered in isolation. However, the present study indicates that their individual effects on mortality prediction are notably poor. Therefore, the AIP may be deemed as a more sensitive indicator of mortality, given its logarithmic ratio of TG/HDL-C.

Wu et al.[9] established in a study involving 696 patients that the AIP independently predicted the risk of cardiovascular disease. Another study conducted by Garg et al.,[10] which focused on 267 patients with symptomatic carotid artery stenosis, identified AIP as an independent predictor of carotid vascular risk compared to other lipid parameters. Similarly, a study in China revealed a close correlation between AIP and the severity of cardiovascular disease in patients undergoing coronary angiography.[11] Won et al.[12] demonstrated that the AIP exhibits higher sensitivity than traditional risk assessment in detecting an increase in plaque burden in the coronary arteries. Although the study emphasized the pathological nature of a high AIP value in atherosclerosis, it primarily addressed the evaluation of atherosclerosis and the associated

Table 2. Cox regression results for the predictors of mortality

Variables	HR (95% CI)	P value
First step		
Age	1.052 (1.035–1.069)	< 0.001
Glucose	1.002 (0.999–1.005)	0.114
ALT	1.001 (1–1.003)	0.077
WBC	1.027 (0.995–1.059)	0.096
*AIP**	3.992 (2.648–6.02)	< 0.001
Hypertension	1.346 (0.934–1.941)	0.111
Diabetes mellitus	0.817 (0.553–1.206)	0.309
CAD	1.338 (0.737–2.432)	0.339
Antiplatelet	2.136 (0.859–5.317)	0.103
Last step		
Age	1.048 (1.032–1.064)	< 0.001
*AIP**	3.962 (2.643–5.937)	< 0.001

ALT, alanine aminotransferase; WBC, white blood cell; CAD, coronary artery disease; AIP, atherogenic index of plasma. * AIP was included in the regression model as a dichotomous variable as above the median (> 3.962) and below or equal to the median (≤ 3.962).

stroke frequency rather than mortality. Given this distinction, our study should be regarded as a pilot study exploring the potential differences in mortality pathogenesis compared to atherosclerosis.

In the context of coronary artery disease, the AIP is frequently employed as a parameter that indicates the presence of atherosclerosis. Its applicability is more restricted in cerebrovascular and peripheral vascular diseases. However, in recent years, there has been a growing interest in this parameter. Yu et al.[13] identified AIP as the most crucial determinant of intracranial atherosclerosis. Furthermore, Wang et al.[14] demonstrated a significant positive linear association between the AIP and ischemic stroke. According to the RICAS study, AIP was positively and linearly correlated with asymptomatic intracranial atherosclerotic stenosis in middle-aged and older patients.[15] One contributing factor to this association is the disappearance of the anti-atherosclerotic effect of estrogen in the postmenopausal period, coupled with an increase in dyslipidemia with aging. Numerous studies in the literature stated above are vascular risk studies and suggest that a higher AIP may cause cardiological and cerebrovascular diseases. However, such studies have not focused on the outcome and mortality, which is different from our mortality study.

Deng et al.[16] underscored the significance of a lower TG/HDL-C ratio in terms of 3-month mortality in their study, which is consistent with the results of our study. Liu et al.[17] demonstrated through multivariate logistic regression analysis that AIP independently predicted poor prognosis in patients with AIS, aligning with the outcomes observed in our study. Liu et al.[18] revealed in their study that a higher AIP was associated with poor prognosis in patients with AIS during the first 3 months, and its predictive value surpassed that of other lipid parameters. A cohort study conducted by Weir et al.[19] reported that a lower AIP in stroke patients was linked to unfavorable outcomes. The study conducted by Liu et al.[18] focused on patients with AIS and identified higher AIP as an independent predictor of atherosclerosis occurring in large vessels in stroke mortality. The study stated above was a mortality study; however, it suggested that higher AIP levels were related to mortality, in contrast to our study, which suggested that lower AIP levels were related to mortality. The study cut-off value of AIP in that study ([0.112, HR: 1.84 {95% CI, 1.23–2.53, P = 0.007}]) is different from the cut-off our study ([0.291, HR: 3.962 {95% CI, 2.643–5.937, P < 0.001}]), with a lower sensitivity (59%), and specificity (70%) than our results (sensitivity of 74.4% and specificity of 76.4% in the ROC analysis). Chang et al.[8] suggested in a cohort study involving approximately 50 thousand patients that a higher TG-to-HDL-C ratio was associated with positive outcomes. These findings are consistent with those of our study.

Çoban et al.[20,21] highlighted higher TG and TG/HDL-C ratios in young ischemic stroke patients than in older individuals with AIS. The finding was similar to that of our study; the mortality group had mostly older patients compared to the survivors in our results. However, in this study, the AIP was an independent predictor of mortality from age.

In our study, stroke of undetermined etiology exhibited higher AIP values according to TOAST classification (**Table 3**). The reason undermined etiology differs from others may be the combination of more than one risk factor; however, the number of samples was relatively small when compared to other groups. Another noteworthy aspect of our study was its focus on mortality rather than prevalence. While numerous studies have explored the correlation between elevated AIP and vascular risk, data regarding the association between AIP and mortality are scarce. This literature supports the notion that lower AIP values, particularly in acute stroke patients undergoing metabolic stress, play a role in meeting the heightened energy demands of TGs, which serve as stored glucose (i.e., low AIP value). The outcomes of these studies are consistent with those of the present study.

Sujatha et al. and Xu et al.[22,23] found a positive relationship between high AIP and stroke risk. However, the results of our study differ from these results. In our study, we investigated the relationship between AIP and stroke mortality. Several studies have shown that increased TG levels disrupt the vascular bed and increase the risk of stroke. However, there is insufficient evidence suggesting that high TG levels directly affect mortality. Decreased TG levels may reflect malnutrition and increased energy deficits. As a result, the destruction process begins in the body and mediators effective on the endothelium are secreted, which further disrupts the vascular bed. The TG and HDL-C levels in the deceased and living groups were very close and were not statistically significant their differences were not statistically significant. However, as a result of the plasma atherogenicity index calculated with the help of these parameters, mortality can be predicted in ischemic stroke patients. This index is a more sensitive risk predictor than the classical lipid profile.

The present study has some limitations. The first is the single-center design of the study, which may affect the generalizability of the findings to broader populations. Furthermore, the age distribution of the patients in our study leans towards advanced age groups. It is crucial to recognize that different results may have been observed in a younger patient cohort. Therefore, caution should be exercised when extrapolating the study outcomes to more diverse populations or varying age groups. Future research involving multiple centers and encompassing a broader age range could provide a more comprehensive understanding of the association between AIP and outcomes in AIS patients.

CONCLUSION

Dyslipidemia is a significant risk factor of ischemic stroke, and atherosclerosis exerts adverse effects on the entire vascular system. Hyperlipidemia and low TG levels are important risk factors for mortality. Numerous studies have investigated various lipid and non-lipid parameters to highlight the unfavorable prognosis of patients with ischemic stroke. However, traditional lipid parameters and other variables do not demonstrate the same level of sensitivity and specificity as AIP in indicating poor prognosis and mortality associated with ischemic stroke. The present study with higher prognostic accuracy and the fact that AIP is a noninvasive and cost-effective test is poised to serve as a valuable resource for clinicians. The findings of this study have the potential to effectively guide clinicians in the future, particularly in the context of stroke, a condition characterized by high mortality and morbidity.

REFERENCES

1. GBD 2019 Diseases and Injuries Collaborators. Global burden of 369 diseases and injuries in 204 countries and territories, 1990-2019: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. Lancet. 2020;396(10258):1204–22. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30925-9. Erratum in: Lancet. 202014;396(10262):1562. PMID: 33069326; https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32226-1.
2. Montellano FA, Ungethüm K, Ramiro L, et al. Role of blood-based biomarkers in ischemic stroke prognosis: a systematic review. Stroke. 2021;52(2):543–51. https://doi.org/10.1161/STROKEAHA.120.029232. Erratum in: Stroke. 2021 Mar;52(3):e106. PMID: 33430636; https://doi.org/10.1161/STR.0000000000000369.
3. Kuriakose D, Xiao Z. Pathophysiology and treatment of stroke: present status and future perspectives. Int J Mol Sci. 2020;21(20):7609. PMID: 33076218; https://doi.org/10.3390/ijms21207609.
4. Nasr N, Ruidavets JB, Farghali A, et al. Lipoprotein (a) and carotid atherosclerosis in young patients with stroke. Stroke. 2011;42(12):3616–8. PMID: 21940953; https://doi.org/10.1161/STROKEAHA.111.624684.
5. Banerjee C, Chimowitz MI. Stroke caused by atherosclerosis of the major intracranial arteries. Circ Res. 2017;120(3):502–13. PMID: 28154100; https://doi.org/10.1161/CIRCRESAHA.116.308441.
6. Santos HO, Earnest CP, Tinsley GM, Izidoro LFM, Macedo RCO. Small dense low-density lipoprotein-cholesterol (sdLDL-C): analysis, effects on cardiovascular endpoints and dietary strategies. Prog Cardiovasc Dis. 2020;63(4):503–9. PMID: 32353373; https://doi.org/10.1016/j.pcad.2020.04.009.
7. Salazar MR, Carbajal HA, Espeche WG, et al. Identifying cardiovascular disease risk and outcome: use of the plasma triglyceride/high-density lipoprotein cholesterol concentration ratio versus metabolic syndrome criteria. J Intern Med. 2013;273(6):595–601. PMID: 23331522; https://doi.org/10.1111/joim.12036.
8. Chang TI, Streja E, Soohoo M, et al. Association of serum triglyceride to HDL cholesterol ratio with all-cause and cardiovascular mortality in incident hemodialysis patients. Clin J Am Soc Nephrol. 2017;12(4):591–602. PMID: 28193609; https://doi.org/10.2215/CJN.08730816.
9. Wu TT, Gao Y, Zheng YY, Ma YT, Xie X. Atherogenic index of plasma (AIP): a novel predictive indicator for the coronary artery disease in postmenopausal women. Lipids Health Dis. 2018;17(1):197. PMID: 30134981; https://doi.org/10.1186/s12944-018-0828-z.
10. Garg R, Knox N, Prasad S, Zinzuwadia S, Rech MA. The atherogenic index of plasma is independently associated with symptomatic carotid artery stenosis. J Stroke Cerebrovasc Dis. 2020;29(12):105351. PMID: 33045624; https://doi.org/10.1016/j.jstrokecerebrovasdis.2020.105351.
11. Liu T, Liu J, Wu Z, Lv Y, Li W. Predictive value of the atherogenic index of plasma for chronic total occlusion before coronary angiography. Clin Cardiol. 2021;44(4):518–25. PMID: 33751593; https://doi.org/10.1002/clc.23565.
12. Won KB, Heo R, Park HB, et al. Atherogenic index of plasma and the risk of rapid progression of coronary atherosclerosis beyond traditional risk factors. Atherosclerosis. 2021;324:46–51. PMID: 33813155; https://doi.org/10.1016/j.atherosclerosis.2021.03.009.
13. Yu S, Yan L, Yan J, et al. The predictive value of nontraditional lipid parameters for intracranial and extracranial atherosclerotic stenosis: a hospital-based observational study in China. Lipids Health Dis. 2023;22(1):16. https://doi.org/10.1186/s12944-022-01761-4. Erratum in: Lipids Health Dis. 2024;23(1):260. PMID: 36709301; https://doi.org/10.1186/s12944-024-02250-6.
14. Wang C, Du Z, Ye N, et al. Using the atherogenic index of plasma to estimate the prevalence of ischemic stroke within a general population in a rural area of China. Biomed Res Int. 2020;2020:7197054. PMID: 33490253; https://doi.org/10.1155/2020/7197054.

Table 3. A comparison of median AIP ratio values among stroke subtypes and the relationship between AIP ratio and survival status for each stroke subtypes

	AIP			
Stroke subtype	**Total**	**Surviving**	**Dead**	**P value**
Major arterial	142 (27.2%)	62 (11.9%)	80 (15.3%)	NS
Cardioembolic	83 (15.9%)	36 (6.9%)	47 (9%)	NS
Minor arterial	115 (22%)	35 (6.7%)	80 (15.3%)	NS
Idiopathic	145 (27.8%)	48 (9.2%)	97 (18.6%)	NS
Cryptogenic	37 (7.1%)	23 (4.4%)	14 (2.7%)	0.003

15. Wang X, Zhao Y, Ji X, et al. Kongcun Town asymptomatic intracranial artery stenosis study in Shandong, China: cohort profile. BMJ Open. 2020;10(7):e036454. PMID: 32665348; https://doi.org/10.1136/bmjopen-2019-036454.
16. Deng QW, Li S, Wang H, et al. The short-term prognostic value of the triglyceride-to-high-density lipoprotein cholesterol ratio in acute ischemic stroke. Aging Dis. 2018;9:498–506.
17. Liu H, Liu K, Zhang K, et al. Early neurological deterioration in patients with acute ischemic stroke: a prospective multicenter cohort study. Ther Adv Neurol Disord. 2023;16:17562864221147743. PMID: 36710721; https://doi.org/10.1177/17562864221147743.
18. Liu H, Liu K, Pei L, et al. The atherogenic index of plasma predicts outcomes in acute ischemic stroke. Front Neurol. 2021;12:741–54.
19. Weir CJ, Sattar N, Walters MR, Lees KR. Low triglyceride, not low cholesterol concentration, independently predicts poor outcome following acute stroke. Cerebrovasc Dis. 2003;16(1):76–82. PMID: 12766366; https://doi.org/10.1159/000070119.
20. Çoban EK. Can TG/HDL ratio be an accurate predictor in the determination of the risk of cerebrovascular events in youngsters? Sisli Etfal Hastan Tıp Bul. 2018;52(3):201–5. PMID: 32595399; https://doi.org/10.14744/SEMB.2018.83097.
21. Serhat Tokgoz O, Guney F, Kaya A, et al. Acute-phase stroke outcome and lipids. Sisli Etfal Hastan Tıp Bul. 2021;55(4):538–44. PMID: 35317377; https://doi.org/10.14744/SEMB.2020.26817.
22. Sujatha R, Kavitha S. Atherogenic indices in stroke patients: a retrospective study. Iran J Neurol. 2017;16(2):78–82. PMID: 28761629.
23. Xu F, Zhong X. The association between atherogenic index of plasma and stroke in Chinese middle-aged and elderly population: a national cross-sectional study. Neurol Asia. 2023;28(4).

Authors' contributions: Tatar S: conceptualization, data curation, formal analysis, investigation, project administration, writing – review and editing, and final approval of the version to be published; Tokgöz OS: conceptualization, investigation, resources, writing – original draft, and writing – review and editing; Selvi UG: acquisition of data, analysis and interpretation of data, and drafting of the manuscript. All authors reviewed and approved the final version of the manuscript submitted for publication.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of first submission: October 10, 2024
Last received: January 21, 2025
Accepted: July 14, 2025

Address for correspondence:
Sefa Tatar
Department of Cardiology, Meram Faculty of Medicine, Necmettin Erbakan University
Abdülhamid Han Cd., 3
Hocacihan — Konya — Türkiye
PO Box 42081
Tel. (+90) 0332-223-62-90
E-mail: ssefa_tatar@hotmail.com

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

The systemic immune-inflammatory index in high-risk patients with hypertension: a cross sectional-study

Francelise Susan Mihara Bettanin[I], Marcelo Rodrigues Bacci[II]

Centro Universitário Faculdade de Medicina ABC, Santo André (SP), Brazil

[I]MSc. Student, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Centro Universitário Faculdade de Medicina ABC; Nurse, Centro Universitário Faculdade de Medicina ABC, Santo André (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0003-3907-2864

[II]PhD. Professor, Centro Universitário Faculdade de Medicina ABC, Santo André (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0001-8578-8404

KEYWORDS (MeSH terms):
Biomarkers.
Risk factors.
Kidney diseases.
Hypertension.
Cardiovascular diseases.

AUTHOR'S KEYWORDS:
Arterial hypertension.
Inflammation.
Systemic immune-inflammatory index.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Essential hypertension is an important health condition responsible for conditions such as heart attack, stroke, and kidney disease. Traditional risk factors and their control are important for reducing mortality. Inflammation caused by organ damage plays a role in the undesirable outcomes of hypertension. Biomarkers, such as the systemic immune-inflammatory index (SII), are predictors, but their relationship with risk factors is poorly understood.

OBJECTIVE: To evaluate the correlation between the SII and risk factors in patients with hypertension.

METHODS: This cross-sectional study was conducted in 2020 in Bahia with hypertensive patients from an outpatient clinic. We collected demographic and clinical data such as age, body mass index, and the following biomarkers: low-density lipoprotein level, glomerular filtration rate, interleukin 6 level, C-reactive protein level, neutrophil/lymphocyte ratio (NLR), hemogram, creatinine level, urea level, ferritin level, and vitamin D level.

RESULTS: A total of 61 patients, most of them black women, participated in the study. The prevalence of type 2 diabetes was 19%, and there was no prevalence of stroke or heart attacks. According to the Framingham risk index, a large part of the sample presented high and very high risks. The bivariate analysis between SII and NLR was positive. Multivariate analysis showed that age, renal function, and NLR were positively correlated with the SII. The patients' Framingham risk did not correlate with the SII.

CONCLUSION: Inflammation is important for vascular damage in arterial hypertension caused by increased oxidative stress. We evaluated SII and NLR as indices of correlation with risk factors. The SII is a low-cost tool that can be used to screen for chronic conditions, such as hypertension. In summary, higher SII was positively associated with older age and worse renal function in patients with high-risk hypertension.

INTRODUCTION

Hypertension is a chronic non-communicable disease characterized by permanently elevated blood pressure. It is a complex syndrome influenced by genetic, epigenetic, environmental, and social variables, and is linked to cardiovascular disease (CVD).[1,2] In the Americas, the condition affects over 25% of women and 40% of men.[1] In Brazil, a national pool inquiry reported a prevalence of 23% of hypertension in young adults in 2013, reaching 47% in adults older than 74 years. Despite a reduction in the age-adjusted mortality model in the last three decades due to public prevention programs, the most vulnerable and economically disadvantaged population had a lesser impact on these policies in the northern and northeastern regions of the country.[2] Data from the Brazilian Cardiovascular Statistics Registry show that CVD has been the most important cause of death in Brazil in the last 30 years, with coronary disease as the leading cause of CVD.[3]

Higher blood pressure is linked to the development of atherosclerosis, a contributing factor to CVD.[3] Adequate control of risk factors such as obesity, dyslipidemia, smoking, glycemic control, and sedentarism can prevent around 75% of CVD.[2] The underlying physiological mechanism between CVD and hypertension is characterized by persistent inflammation and microcirculatory abnormalities.[3,4] Biomarkers associated with chronic inflammation play a direct role in the development of atherosclerosis. These biomarkers include C-reactive protein (CRP), interleukins, and primary hematological indices such as the neutrophil-lymphocyte ratio (NLR), the platelet-lymphocyte ratio (PLR), and the systemic immune-inflammatory index (SII) which measures the balance between the inflammatory, immunological, and thrombotic statuses.[4–6] The SII is calculated using the formula: (platelets × neutrophils) ÷ total lymphocyte levels.[7] The higher the index, the worse the inflammation status. The SII outperforms indices such as the NLR in

predicting some types of cancer.[8] Additionally, the SII can predict unfavorable cardiac outcomes and the standard uncontrolled risk factors with a reduced cost following coronary intervention.[4,5]

The study aimed to evaluate the impact of the traditional CVD risk factors among adults with hypertension and its correlation with the SII in a hypertension public facility unit care.

METHODS

Study design

This study employed a cross-sectional design utilizing quantitative and population-based methods. This study was conducted in the Barreiras district of northeastern Brazil. This district is responsible for a local gross domestic product (GDP) of approximately US$ 1,400,000, compared to the overall Brazilian GDP of approximately US$ 2,126 trillion.[9]

Study location and period

All participants in the hypertension follow-up program were invited to participate in the study, which spanned from April 2019 to January 2020, before the beginning of the COVID-19 pandemic in Barreiras, Bahia. The health unit in Barreiras is a countryside reference in Bahia that diagnoses, treats, and monitors patients with hypertension.

Study population and eligibility criteria

Participants who were both over the age of 18 and diagnosed with hypertension were included in the study after providing written consent. Individuals who had received cancer therapy within the past five years, individuals with hepatitis and HIV, individuals with rheumatologic illnesses, pregnant women, and individuals who regularly used steroids were excluded from the study.

Data collection

The data were collected between April 2019 and January 2020. The demographic data of each patient and risk factors for CVD were collected. The risk factors studied included dyslipidemia, diabetes, smoking, obesity, and CVD onset. A standard blood pressure measurement was used to define the arterial hypertension stage according to the Brazilian arterial hypertension guidelines, aligned with the American Heart Association recommendation.[2]

The estimated glomerular filtration rate (eGFR) was evaluated with the serum creatinine result and the CKD-EPI equation.[10] Chronic kidney disease (CKD) diagnosis followed the Kidney Disease Global Initiative Outcomes (KDIGO) guideline with a persistent eGFR below 60 ml/min/1,73 m² for more than twelve weeks.[11] The Framingham stratification CVD risk score and the inflammatory condition assessed the cardiovascular risk with the hs-CRP, interleukin-6 (IL-6), the NLR, and the SII.[6,12]

Data analysis and statistical analysis

The data analysis began in February 2020. Data distribution was checked using the Kolmogorov-Smirnov test. The variables of height, waist circumference, LDL, IL6, hs-CRP, and creatinine presented a non-homogeneous distribution, described as the median, 25th percentile, and 75th percentile. Non-parametric tests were used to analyze variables with different distributions. Bivariate relationships between quantitative variables were analyzed using Spearman's correlation test. A significance level of 0,05 (5%) was used in this study.

We performed multivariate analysis using multiple linear regression to evaluate the influence of age, body mass index, LDL, eGFR, IL6, hs-CRP, and NLR on the SII. Bootstrapping procedures (1000 resamples; 95% CI BCa) were carried out to obtain better reliability of the results, correct deviations from the normality of the sample distribution, and to present a 95% confidence interval (95% CI) for the Multiple Linear Regression.[13] The selection of the Enter method made it possible to run the regression test in conjunction with the bootstrapping procedure.

An exploratory analysis was performed to correlate the Framingham risk score, stratified into low-, intermediate-, high-, and very high-risk groups, with the SII. Framingham risk strata were considered ordinal variables. We divided the four risk strata into two groups: low + intermediate risk and high + very high risk, and used Mann–Whitney analysis to evaluate the correlation with the SII.

Ethical and legal aspects of the research

This study followed the STROBE systematization for cross-sectional studies (REF) and received local ethics approval (no. 3.286.842). Data were entered using Microsoft Excel software and the statistical package was SPSS v. 21.0 (IBM, Armonk, New York).

RESULTS

The demographic and laboratory parameters of the patients are shown in **Table 1**. The 61 participants had a median age of 58 years, with a predominance of women (56%) of black ethnicity and without chronic kidney disease. No patient had a history of stroke, acute myocardial infarction, or secondary hypertension. The prevalence of type 2 diabetes was 19,6%, and 46% had dyslipidemia. The mean fasting glucose level of the sample was 111,6 mg/dl, indicating reasonable glycemic control. Only 13% reported smoking tobacco cigarettes. The hypertensive sample showed that 71% patients received angiotensin enzyme converting inhibitors (ACEi) or angiotensin receptor blockers (ARB) as renin-angiotensin-aldosterone system inhibition (RAASi).

The results of the inflammatory tests, such as hs-CRP, SII, NLR, and IL6, showed that the cohort of patients presented a median hs-CRP result of 0,21 and a median SII result of 371,20. The Framingham CVD risk score was calculated among the sample

individuals, revealing nine patients with low risk, 13 with intermediate risk, 37 with high risk, and two with very high risk. There was no significant difference between the risk stratification evaluation and the patient's sex.

Table 2 shows Spearman's correlation test between the dependent variable, SII, and the rest of the parameters. There was no correlation between SII and the other laboratory variables, only with the NLR.

The multivariate linear regression results demonstrated that the independent variables had a substantial impact on the SII (F (7, 46) = 110,863, P < 0.0001; R2 adjusted = 0,447). The coefficients for the three predictors that affected the SII, age, eGFR, and NLR are shown in **Table 3**. The dependent variable was not affected by the other evaluated variables. The predictive equation for this model was: SII = 539,88 −4,32 × Age −3,59 × eGFR + 193,78 × NLR.

Table 1. Demographics of the study population in Barreiras (BA), 2019–2020

Variables	Participants (n = 61)		
	Median	Percentile 25	Percentile 75
Age (years)	58	51	65
Waist (cm)	95	89	102
BMI (kg/m^2)	27,1	25,2	30,8
Sex			
Male		27 (44,3%)	
Female		34 (55,7%)	
Ethnicity			
White		6 (9,8%)	
Not white		55 (90,2%)	
Alcohol consumption			
Yes		12 (19,7%)	
No		49 (80,3%)	
Hypertensive drugs			
None		2 (3,3%)	
1 medicine		19 (31,1%)	
2 medicines		20 (32,8%)	
3 medicines		11 (18%)	
4 or more medicines		9 (14,8%)	
Hemoglobin (g/dl)	14	12,7	15,25
Hematocrit (%)	41,9	39,4	45,3
Creatinine (mg/dl)	0,89	0,73	1,08
Urea (mg/dl)	29	23	34
NLR	1,6	1,18	2,07
IL6 (pg/ml)	2,24	1,53	3,56
Ferritin (ng/ml)	154	99,65	207
Vitamin D (ng/ml)	25,5	21,75	29,7
hs-CRP (mg/l)	0,15	0,06	0,45
LDL (mg/dl)	107,5	90	140
eGFR (ml/min/1,73 m^2)	91,2	77,3	111,8
SII	371,2	249,04	504,56

BMI: body mass index; IL6: interleukin 6; hs-CRP: high sensitivity C-reactive protein; LDL: low-density lipoproteins; eGFR: estimated glomerular filtration rate; SII: systemic immune-inflammatory index.

As shown in **Figure 1**, the two groups (low-risk + intermediate-risk and high-risk + very-high-risk) were correlated with the SII. However, there was no correlation between the SII result and the Framingham risk score.

DISCUSSION

In this cross-sectional study, adult patients with hypertension in a hypertension care program at a primary healthcare facility in Brazil were evaluated for traditional cardiovascular risk factors and their inflammatory parameters. The SII, a simple ratio based on platelet, neutrophil, and lymphocyte counts, positively correlated with age, renal function, and NLR in adults with hypertension.

Inflammation plays an important role in vascular damage in arterial hypertension due to the increase in oxidative stress.[4] To this matter, many inflammatory biomarkers have been evaluated as surrogates to prevent undesired outcomes such as acute myocardial infarction and stroke. CRP, an acute-phase inflammatory protein, is associated with hypertension development when elevated.[14] The NLR, a simple ratio between the neutrophils and lymphocytes, also showed a good correlation when elevated to predict arterial hypertension development in a Chinese cohort.[4,15] Apart from the prediction role in hypertension development, the SII correlated with the development of left ventricle hypertrophy in hypertensive patients, showing the importance of inflammatory biomarkers in the prediction of hypertension and the development of structural damage once hypertension is installed.[16] In our sample, the NLR was positively associated with the SII in hypertensive patients, suggesting that when elevated, hypertension might be present in patients.

Traditional risk factors such as diabetes, obesity, dyslipidemia, aging, male sex, and smoking are usually related to poor CV outcomes in hypertensive patients.[2] In our sample, higher age was associated with a higher SII in hypertensive patients, but there was no correlation with sex. On the contrary, a South African study evaluated the accuracy of the SII to predict the new onset of essential hypertension.[17] Women with higher age had higher SII results and developed essential hypertension in a

Table 2. Relationship between inflammatory markers and the systemic immune- inflammatory index

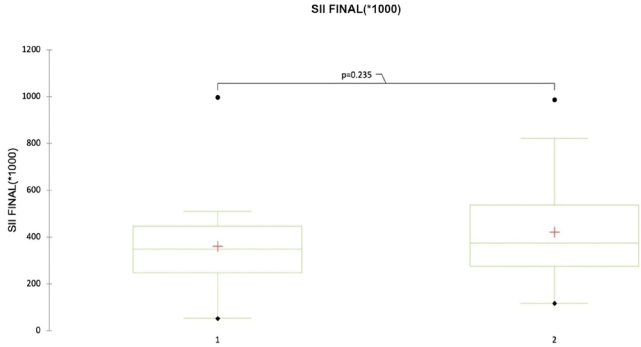
	Correlacion coefficient (p)
Age (years)	−0,076 (0,561)
BMI (kg/m^2)	0,01 (0,938)
LDL (mg/dl)	0,031 (0,813)
eGFR (mL/min/1,73 m^2)	−0,19 (0,143)
IL6 (pg/ml)	0,19 (0,166)
hs-CRP (mg/l)	−0,021 (0,873)
NLR	0,719* (< 0,001)

* Spearman correlation coefficient with P < 0.01; BMI: Body mass index; LDL: low-density lipoproteins; eGFR: estimated glomerular filtration rate; IL6: interleukin 6; hs-CRP: high-sensitivity C-reactive protein.

Table 3. Multivariate analysis of factors that influence the dependent variable Systemic inflammatory index

	B	Beta coefficient	t	p	95% CI for B	
					Inferior limit	Upper limit
(Constant)	539,88		2,07	0,04	14,52	1065,23
Age	−4,32	−0,26	−2,07	0,04	−8,53	−0,12
eGFR	−3,59	−0,4	−3,14	0,001	−5,9	−1,29
NLR	193,78	0,6	5,72	0,001	125,56	262

eGFR: Estimated glomerular filtration rate; NLR: neutrophil/lymphocyte ratio.



SII: systemic immune-inflammatory index; 1: low and intermediate risk; 2: high and very high risk; * Mann–Whitney U test.

Figure 1. Relationship between the SII and Framingham risk score in patients with hypertension.

higher proportion than men.[17] Our sample enrolled 56% women; the majority were over 50 years old and above ideal weight. Aging is also associated with increased in blood pressure. A cohort study conducted in the United States of America evaluated the onset of essential hypertension with aging and aldosterone sensitivity.[18] It was found that with higher age, the blood pressure levels are higher in patients with black ethnicity and in those with higher aldosterone sensitivity during the development of essential hypertension.[18] The RAASi is one of the main targets for controlling blood pressure. Continuous RAAS activation induces organ damage,[19] inflammation, and therefore, higher levels of SII. Most hypertensive individuals received an ACEi or ARB treatment strategy; however, we could not evaluate the rate of aldosterone inhibition because of a lack of financial support.

The CVD Framingham score was evaluated in our sample, and as it was shown, most of the patients had a high-risk CVD Framingham score.[12] In a recent elderly Chinese cohort, the SII was evaluated as a prediction tool for clinical outcomes in acute myocardial infarction patients who had undergone percutaneous coronary intervention. The SII showed an independent predictive value for in-hospital mortality, in-hospital major adverse cardiovascular and cerebrovascular events, and long-term mortality.[20] In our sample, the prevalence of acute myocardial infarction and stroke Arterial hypertension is associated with CVD, and the SII might be an efficient tool to predict future events.[5] The early detection and control of blood pressure values are still the main clinical tools to avoid unfavorable outcomes.[21,22]

There were some limitations to the study design and procedure. First, it was a single-center evaluation of patients in a hypertension care program. These patients may have had more information about their disease than the general population. Moreover, most participants used only two types of antihypertensive drugs with good achievement of the blood pressure goals, which reflects a less severe stage of hypertension. Owing to restrictions of the Brazilian public health system, a 24-hour arterial blood pressure monitoring device was not available to determine the range of blood pressure control. Adherence to drug treatment was evaluated, as was done in Brazil, using the self-report of the patient. However, using a single complete blood count to determine the ratio of neutrophils, lymphocytes, and platelets was revealed to be a good and inexpensive strategy to add information to the inflammatory status of patients. Usually, in the Brazilian Unified Public Health System, the requisition of hs-CRP and IL6 as screening tools is not permitted because of their high cost. This simple screening strategy could be adopted in low-income countries.

CONCLUSION

In summary, in this cross-sectional study, the SII was positively correlated with age and renal function in patients with hypertension. Traditional risk factors for CVD include the addition of SII and NLR to address inflammatory status.

REFERENCES

1. Campbell NRC, Paccot Burnens M, Whelton PK, et al. Diretrizes de 2021 da Organização Mundial da Saúde sobre o tratamento medicamentoso da hipertensão arterial: repercussões para as políticas na Região das Américas. Rev Panam Salud Publica. 2022;46:e55. https://doi.org/10.26633/RPSP.2022.55.
2. Barroso WKS, Rodrigues CIS, Bortolotto LA, et al. Diretrizes brasileiras de hipertensão arterial, 2020. Arq. Bras. Cardiol. 2021;116(3):516–658. https://doi.org/10.36660/abc.20201238.
3. Oliveira GMM, Brant LCC, Polanczyk CA, et al, Cardiovascular statistics, Brazil, 2021. Arq Bras Cardiol. 2022;118(1):115–373. https://dx.doi.org/10.36660/abc.20211012.
4. Yihui C, Yanfeng G. Inflammatory markers in patients with hypertension. Br J Hosp Med (Lond). 2023;84(5):1–8. PMID: 37235676; https://doi.org/10.12968/hmed.2022.0531.

5. Xu JP, Zeng RX, Zhang YZ, et al. Systemic inflammation markers and the prevalence of hypertension: A NHANES cross-sectional study. Hypertens Res. 2023;46(4):1009–19. PMID: 36707716; https://doi.org/10.1038/s41440-023-01195-0.
6. Leibowitz A, Schiffrin EL. Immune mechanisms in hypertension. Curr Hypertens Rep. 2011;13(6):465–72. PMID: 21842150; https://doi.org/10.1007/s11906-011-0224-9.
7. Akyüz A, Işık F. Systemic Immune-Inflammation Index: a novel predictor for non-dipper hypertension. Cureus. 2022;14(8):e28176. https://doi.org/10.7759/cureus.28176.
8. Li J, Cao D, Huang Y, et al. The prognostic and clinicopathological significance of Systemic Immune-Inflammation Index in bladder cancer. Front Immunol. 2022;13:865643. PMID: 35572533; https://doi.org/10.3389/fimmu.2022.865643.
9. Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The gross domestic product [cited 2024 Feb 12]. Brasília (DF): IBGE. Available from: https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php.
10. Levey AS, Stevens LA, Schmid CH, et al.; CKD-EPI (Chronic Kidney Disease Epidemiology Collaboration). A new equation to estimate glomerular filtration rate. Ann Intern Med. 2009;150(9):604–12. Erratum in: Ann Intern Med. 2011;155(6):408. PMID: 19414839; https://doi.org/10.7326/0003-4819-150-9-200905050-00006.
11. Murton M, Goff-Leggett D, Bobrowska A, et al. Burden of chronic kidney disease by KDIGO categories of glomerular filtration rate and albuminuria: a systematic review. Adv Ther. 2021;38(1):180–200. PMID: 33231861; https://doi.org/10.1007/s12325-020-01568-8.
12. Mahmood SS, Levy D, Vasan RS, Wang TJ. The Framingham Heart Study and the epidemiology of cardiovascular disease: a historical perspective. Lancet. 2014;383(9921):999–1008. PMID: 24084292; https://doi.org/10.1016/S0140-6736(13)61752-3.
13. Haukoos JS, Lewis RJ. Advanced statistics: bootstrapping confidence intervals for statistics with "difficult" distributions. Acad Emerg Med. 2005;12(4):360–5. PMID: 15805329; https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018.
14. Sesso HD, Buring JE, Rifai N, et al. C-reactive protein and the risk of developing hypertension. JAMA. 2003;290(22):2945–51. PMID: 14665655; https://doi.org/10.1001/JAMA.290.22.2945.
15. Liu X, Zhang Q, Wu H, et al. Blood neutrophil to lymphocyte ratio as a predictor of hypertension. Am J Hypertens. 2015;28(11):1339–46. PMID: 25824450; https://doi.org/10.1093/ajh/hpv034.
16. Karayiğit O, Nurkoç SG, Çelik MC. Systemic immune-inflammation index (SII) may be an effective indicator in predicting the left ventricular hypertrophy for patients diagnosed with hypertension. J Hum Hypertens. 2023;37(5):379–85. https://doi.org/ 10.1038/s41371-022-00755-0.
17. Altuntas E, Cetın S, Usalp S. The relationship between gender and systemic immune-inflammation index in patients with new-onset essential hypertension. Cardiovasc J Afr. 2022;33(6):317–21. PMID: 35900267; https://doi.org/10.5830/cvja-2022-030.
18. Tu W, Li R, Bhalla V, Eckert GJ, Pratt JH. Age-related blood pressure sensitivity to aldosterone in blacks and whites. Hypertension. 2018;72(1):247–52. PMID: 29785962; https://doi.org/10.1161/HYPERTENSIONAHA.118.11014.
19. Kim HL. Arterial stiffness and hypertension. Clin Hypertens. 2023;29(1):31. PMID: 38037153; https://doi.org/10.1186/s40885-023-00258-1.
20. Huang J, Zhang Q, Wang R, et al. Systemic Immune-Inflammatory Index predicts clinical outcomes for elderly patients with acute myocardial infarction receiving percutaneous coronary intervention. Med Sci Monit. 2019;25:9690–701. https://doi.org/10.12659/MSM.919802.
21. NCD Risk Factor Collaboration (NCD-RisC). Worldwide trends in hypertension prevalence and progress in treatment and control from 1990 to 2019: a pooled analysis of 1201 population-representative studies with 104 million participants. Lancet. 2021;398(10304):957–80. Erratum in: Lancet. 2022;399(10324):520. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)01330-1.
22. Gur DO, Efe MM, Alpsoy S, et al. Systemic Immune-Inflammatory Index as a determinant of atherosclerotic burden and high-risk patients with acute coronary syndromes. Arq Bras Cardiol. 2022;119(3):382–90. https://doi.org/10.36660/abc.20210416.

Authors' contributions: Bettanin FSM: data collection (lead), first draft (lead), study conception (equal), and statistical analysis (lead); Bacci MR: study conception (lead), and final writing review (lead). All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Acknowledgments: We thank the Clinical Analysis Laboratory of the Centro Universitário Faculdade de Medicina ABC for their collaboration in conducting this study.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of first submission: August 13, 2024
Last received: December 5, 2024
Accepted: July 14, 2025

Address for correspondence:
Francelise Susan Mihara Bettanin
Centro Universitário Faculdade de Medicina ABC
Rua Profa. Guiomar Porto, 435
Centro — Barreiras (BA) — Brasil
CEP 47800-124
Tel. (+55 77) 9 9115-0521
E-mail: francelisebettanin@hotmail.com

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

Association between the use of midazolam, fentanyl, propofol, ketamine, and dexmedetomidine and the incidence of delirium in elderly patients in intensive care units: a systematic review

Willian Setubal dos Santos[I], Omar Carrión-Torres[II], Matheus Galvão Valadares Bertolini Mussalem[III], Vinicius Santos Baptista[IV], Samira Yarak[V]

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brasil; Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC), Santiago de Surco, Lima, Peru

[I]MD. Resident Physician, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0002-7758-6305

[II]MD. Resident Physician, Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC), Santiago de Surco, Lima, Peru.
https://orcid.org/0009-0007-9351-4324

[III]Medical Student, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0003-1123-9570

[IV]Medical Student, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-4017-6110

[V]MD, PhD. Professor, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-5657-6645

KEYWORDS (MeSH terms):
Delirium.
Deep sedation.
Intensive Care Units.
Aged.

AUTHOR'S KEYWORDS:
Sedoanalgesics.
ICU.
Elderly.
Dexmedetomidine.
Propofol.
Midazolam.

ABSTRACT

BACKGROUND: Delirium is a common and serious complication among elderly patients in intensive care units (ICUs), and is often associated with increased morbidity and mortality rates. The choice of sedoanalgesic may influence the incidence of delirium; however, the evidence remains unclear, particularly in the elderly population.

OBJECTIVES: To evaluate the association between the use of different sedoanalgesics and the incidence of delirium in elderly ICU patients, based on data from randomized clinical trials.

DESIGN AND SETTING: This systematic review was conducted using data from randomized clinical trials performed in various ICU settings.

METHODS: A systematic search of the MEDLINE, Embase, and CENTRAL databases was performed in January 2024. The review included randomized clinical trials involving patients aged 60 years or older that examined the relationship between sedoanalgesics (midazolam, fentanyl, propofol, ketamine, and dexmedetomidine) and delirium incidence. Studies involving COVID-19 patients and non-randomized studies were excluded.

RESULTS: A total of 1,331 patients from six studies were included. The mean age of the patients ranged from 71 to 74.7 years. Four studies compared dexmedetomidine with propofol; two found no significant difference in delirium incidence, whereas two suggested a lower incidence with dexmedetomidine. The remaining studies compared propofol with ketamine and dexmedetomidine with midazolam and showed no significant differences in the incidence of delirium.

CONCLUSIONS: Dexmedetomidine may be associated with a lower incidence of delirium than propofol or midazolam in elderly ICU patients. However, further research is needed to confirm these findings and explore the factors contributing to delirium in this population.

SYSTEMATIC REVIEW REGISTRATION: Registered with PROSPERO, CRD42024575693, available at https://www.crd.york.ac.uk/prospero/display_record.php?RecordID=575693.

INTRODUCTION

Delirium is a neuropsychiatric syndrome characterized by disturbances in cognition and consciousness, often observed in patients in intensive care units (ICUs), particularly among the elderly and those with prior cognitive impairment.[1,2] The management of symptoms such as pain and agitation in ICUs typically involves sedation and anesthesia, which, while aimed at patient comfort, can contribute to the onset of delirium.[3,4]

Midazolam, fentanyl, propofol, ketamine, and dexmedetomidine are among the most commonly used sedatives in Brazilian clinical practice, particularly in ICUs, due to their pharmacological properties suited for managing pain, agitation, and sedation in critically ill patients.[5,6] The preference for these medications is influenced by their availability, cost-effectiveness, and specific characteristics, such as rapid onset of action and ease of titration.[7] However, these agents are also associated with known adverse effects, including delirium, in certain clinical contexts.[8]

The preference for these medications is influenced by their availability, cost-effectiveness, and specific characteristics, such as rapid onset of action and ease of titration.[7] However, these

agents are also associated with known adverse effects, including delirium, in certain clinical contexts.[8]

This condition is exacerbated in elderly patients undergoing procedures requiring sedation, which increases the risk of cognitive impairment and consequently extends the duration and severity of delirium. These factors are associated with higher mortality.[9,10] The presence of dementia or cognitive deficits in elderly individuals may further worsen patient orientation regarding their environment.[11]

Delirium is associated with longer hospital stays, increased mortality, and long-term cognitive decline.[12] Therefore, identifying sedatives and anesthetics that minimize the risk of delirium in this population is crucial for improving ICU care. The literature lacks a systematic review that specifically addresses this topic in the elderly population, despite it being the most affected by delirium. Therefore, this article reviewed randomized clinical trials to determine the relationship between various sedatives and the incidence of delirium in elderly ICU patients.

MATERIALS AND METHODS

General information

This study was a systematic review, and the manuscript was prepared in accordance with the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) 2020 guidelines,[13] with data searches conducted in January 2024. This study was published on the PROSPERO platform (ID No. CRD42024575693). The MEDLINE, Embase, and CENTRAL databases were used to identify studies on the incidence of delirium related to the use of sedoanalgesics in elderly ICU patients. The keywords employed were: (delirium) AND (aged) AND (intensive care unit) AND (propofol) OR (fentanyl) OR (dexmedetomidine) OR (ketamine) OR (midazolam), with adaptations according to the specificities of each database.

Data selection and extraction

Article selection was conducted by two independent reviewers in two stages: an initial analysis of titles and abstracts, followed by full-text assessment. Discrepancies were resolved by consensus among all authors. The articles, unrestricted by language, were limited to publications published from 2000 onwards, to focus on recent data on sedoanalgesia in ICU settings. Only randomized clinical trials that examined patients aged 60 years or older using the Confusion Assessment Method for Intensive Care Units (CAM-ICU) to assess delirium were included. The choice of clinical trials is justified as they are the gold standard for investigating the relationship between delirium and the use of various sedoanalgesics, allowing for a rigorous analysis of the risks and safety of these drugs. The studied sedatives were midazolam, fentanyl, propofol, ketamine, and dexmedetomidine.

The exclusion criteria included articles that did not associate delirium with the use of specified sedoanalgesics, studies outside the ICU context, patients with COVID-19 or delirium tremens, cohorts, case reports, case-control studies, cross-sectional studies, reviews, and meta-analyses. These criteria aimed to eliminate potential confounding factors and ensure the relevance and accuracy of the analyzed data. It is important to note that the choice of inclusion and exclusion criteria preceded the search.

Data extraction was performed by two independent reviewers who collected information about the author, year, purpose, comparison, conclusion, type and location of the study, treatment interval, patient demographics, details of follow-up, intervention and control groups, drug dosing, incidence of delirium, odds ratio (OR), P-value, and sources of funding.

Methodological analysis

In the methodology adopted in the present study, the Cochrane Risk of Bias Tool (RoB 2.0)[14], which is a systematic approach for assessing bias in randomized clinical trials was used. The analysis focused on seven critical domains: the randomization process, allocation concealment, blinding of participants and personnel, blinding of outcome assessment, completeness of outcome data, addressing dropouts, selective reporting, and other potential sources of bias.

A thorough analysis was conducted on the adequacy of the random sequence generation process and allocation concealment to prevent predictability in participant selection. Lack of blinding and inadequate blinding of the outcome assessors were evaluated to mitigate the risk of performance and detection biases. Data integrity was rigorously verified, as was the selective reporting of outcomes.

The results of this bias assessment were communicated through an intuitive graph, in which the colored circles indicated the risk of bias in each domain per study, with green (low risk), yellow (uncertain risk), and red (high risk). This graph summarizes the risk profile of each study and aids in the critical interpretation of the results, ensuring a high standard of methodological rigor in the review.

Specifications

In this study, effect measures such as odds ratio (OR) and relative risk (RR) were employed to assess the association between the use of analgesics and the incidence of delirium in elderly ICU patients. These measures were selected to facilitate quantitative comparison between the intervention and control groups across the included studies. OR was predominantly used to determine the likelihood of delirium occurrence following the administration of sedatives, such as dexmedetomidine, propofol, ketamine, and midazolam, thereby enabling a clear interpretation of the effects of these medications on the studied outcome.

For each synthesis, we tabulated the characteristics of the interventions and compared them with those of the planned groups. The data were prepared for synthesis by handling the missing summary statistics and converting them when necessary. The results of individual studies are displayed in structured tables and visual tools, such as risk-of-bias charts, to facilitate comparison.

RESULTS

Study selection

After implementing the search strategy across the databases, 1325 articles were identified: 250 from MEDLINE, 769 from Embase, and 306 from CENTRAL. Of these, 114 were duplicates and were subsequently removed. Following the analysis of the studies, 1,205 of the 1,211 articles were excluded for not meeting the inclusion criteria or meeting the exclusion criteria. The remaining six articles were read in full, and ultimately, all 6[15–20] were selected for inclusion in this study. The reasons for excluding studies in the first stage of selection were drugs other than the five specified sedoanalgesics (which could introduce confounding bias in assessing the association between specific sedoanalgesic use and the occurrence of delirium), not using the CAM-ICU scale for delirium assessment, not associating the use of a specific sedoanalgesic with the occurrence of delirium, and not isolating the elderly population. These data are summarized in **Figure 1**.

Characteristics of the studies

The six included studies were randomized clinical trials. The details of the objectives, comparisons, conclusions, and designs of the studies are presented in **Table 1**. Four studies[16,17,19,20] compared dexmedetomidine with propofol. Another article[18] compared dexmedetomidine and midazolam, whereas another study[15] evaluated the use of ketamine versus propofol. No articles that compared the use of fentanyl with other sedoanalgesics or that met our inclusion criteria were found. Additionally, we did not find studies comparing dexmedetomidine with ketamine, propofol with midazolam, or ketamine with midazolam that met our inclusion criteria.

It is also noteworthy that among the six included studies, four received funding for their research, whereas the other two did not report any funding in their manuscripts.[15–20]

Demographic analysis

A total of 1,331 patients were evaluated in the six studies included in this review, comprising 561 men and 770 women. Additionally, three studies assessed patients over 60 years old, two studies examined patients over 65 years old, and one study focused on patients between 65 and 80 years of age.[15–20] The average age of the patients ranged from 71 to 74.7 years, although one of the studies did not report the average age of the participants.[15] The overall average age of the articles evaluated, considering the five studies that reported this value, was 72.37 years. No study has reported data on the median age of the patients. The selected studies were published between 2014 and 2023 and patient evaluations were conducted between 2009 and 2021. These studies were conducted in Thailand, China, Canada, and South Korea.

The average follow-up time was reported in three studies, with two of them noting a duration of five days, while the other reported a period of three days.[16,17,20] The follow-up time was limited to the period in which these patients were hospitalized in an ICU, and specifics on how delirium assessments were conducted during this follow-up are shown in **Table 2**.

Methodological analysis and risk of bias

The methodological analysis of the included studies indicated that most adhered to rigorous procedures for randomization and allocation concealment, as demonstrated by Siripoonyothai and Sindhvananda[15] and Shin et al.[20] However, there was a lack of clarity in the blinding of participants and assessors in some studies, including those by Siripoonyothai and Sindhvananda[15] and Shu et al.,[18] introducing uncertainty in this aspect (**Figure 2**).

Djaiani et al.[16] effectively managed allocation concealment, despite employing single blinding. Fang et al.[19] also presented deficiencies in detailing the blinding procedures, resulting in an uncertain risk. The analysis of randomized patients was consistently well-conducted, indicating appropriate handling of incomplete data. Shu et al.[18] demonstrated a low risk of bias in the blinding.

The study by Shin et al.[20] with its double-blind design and rigorous postoperative data collection procedures, effectively minimized performance and detection biases, although the absence of a pre-registered protocol leaves the risk of selective reporting uncertain. **Figure 2** highlights the predominance of a low bias risk across several critical categories, emphasizing the need for careful evaluation of the blinding of participants, personnel, and outcome assessors.

Sedoanalgesics and delirium

Four studies compared dexmedetomidine with propofol.[16,17,19,20] Two of these studies found no statistically significant differences in delirium rates between the groups, with P values of 0.0758 and 0.434 (95% confidence interval [95% CI]).[17,19] Shi et al.[17] compared 84 patients receiving dexmedetomidine (0.4–0.6 μg/[kg h]) with 80 patients receiving propofol (25–50 mg/[kg h]), reporting delirium incidences of 39.3% and 26.3%, respectively. Fang et al.[19] compared 54 patients on dexmedetomidine (0.2–0.7 μg/[kg h]) with 54 patients on propofol (0.3–4 mg/[kg h]), with delirium incidences of 3.7% and 9.2%, respectively.

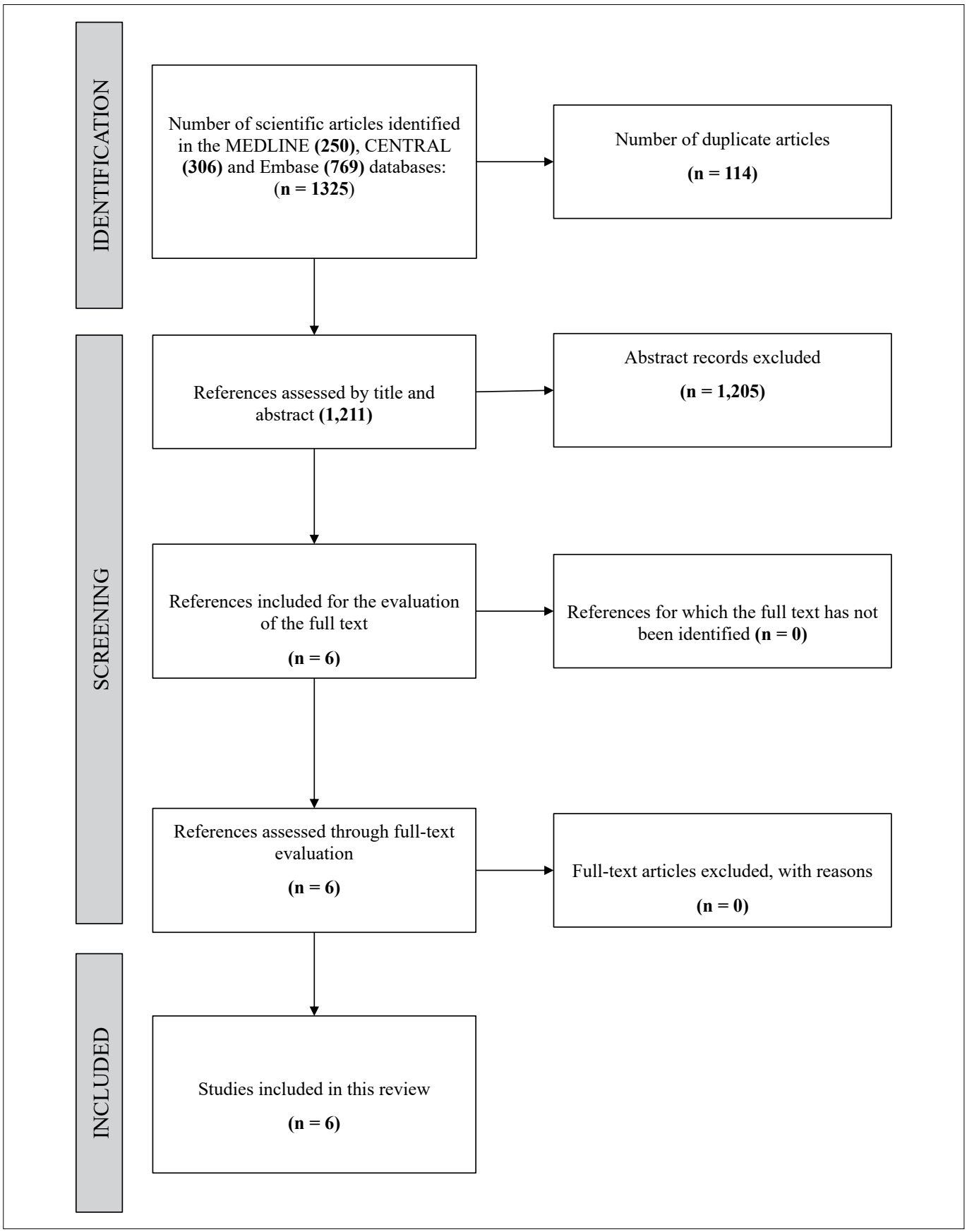


Figure 1. PRISMA flowchart.

Table 1. Characteristics and summary of the studies

Reference	Objective	Comparison	Conclusion	Study design
Siripoonyothai S et al.[15] Thailand	To compare postoperative delirium between ketamine and propofol during cardiac surgery with the use of extracorporeal circulation machine.	Postoperative delirium between groups that received ketamine and propofol.	Compared to propofol, ketamine resulted in fewer delirium events. However, the results are inconclusive.	Randomized clinical trial
Djaiani G et al.[16] Canada	Comparing dexmedetomidine and propofol regarding the incidence of postoperative delirium in elderly patients after cardiac surgery.	Postoperative delirium between sedation with dexmedetomidine and propofol.	Sedation with dexmedetomidine reduced the incidence, delayed the onset, and shortened the duration of postoperative delirium compared to propofol.	Randomized clinical trial
Shi C et al.[17] China	Investigating the effect of perioperative administration of dexmedetomidine on the occurrence and duration of postoperative delirium in elderly patients after cardiac surgery.	Postoperative occurrence of delirium between sedation with dexmedetomidine and propofol.	There was no significant difference in the incidence of delirium between the dexmedetomidine and propofol groups.	Randomized clinical trial
Shu A et al.[18] China	Investigating the influence of dexmedetomidine on delirium and hemodynamics in elderly patients under mechanical ventilation in the ICU.	Anti-delirium effects and hemodynamic influence between dexmedetomidine and midazolam.	Compared to midazolam, dexmedetomidine showed a lower incidence of delirium. However, there was no significant difference between the groups.	Randomized clinical trial
Fang H et al.[19] China	Assessing the sedative effect and safety of dexmedetomidine for postoperative mechanical ventilation in elderly patients.	Sedation effects and safety of dexmedetomidine compared to propofol.	It does not reduce the incidence of delirium or ICU length of stay.	Randomized clinical trial
Shin HJ et al.[20] South Korea	Evaluating the incidence of postoperative delirium in elderly patients undergoing lower limb orthopedic surgery under spinal anesthesia.	Postoperative occurrence of delirium between sedation with dexmedetomidine and propofol.	Dexmedetomidine showed a lower incidence of delirium than propofol.	Randomized clinical trial

Description: ICU, intensive care unit.

Table 2. Patient characteristics

Reference	Treatament (year)	Patients (n)	Men (n)	Women (n)	Population (year)	Mean Age (year ± SD)	Follow-up (day)	Follow-up details
Siripoonyothai S et al.[15]	2019–2020	64	35	29	> 65	NR	NR	Assessment of postoperative delirium within the first 24 hours in the ICU
Djaiani G et al.[16]	2011–2014	183	138	45	> 60	Intervention: 72,7 (6,4) Control: 72,4 (6,2)	5	Delirium assessment was conducted every 12 hours or as needed, using the CAM-ICU tool
Shi C et al.[17]	2009–2016	164	119	45	> 60	Intervention: 74,7 (7,2) Control: 74,2 (7,7)	5	Delirium assessment was performed twice daily until the fifth day post-surgery, utilizing the CAM-ICU assessment method
Shu A et al.[18]	2015–2016	80	52	28	> 60	Intervention: 73,4 (8,6) Control: 73,8 (7,9)	NR	Delirium assessment was conducted during the ICU stay
Fang H et al.[19]	2011–2012	108	62	46	65–80	Intervention: 73,7 (3,1) Control: 74,2 (4,2)	NR	Observation during mechanical ventilation and ICU admission
Shin HJ et al.[20]	2017–2021	732	155	577	> 65	Intervention: 71 (NR) Control: 72 (NR)	3	Delirium assessment using the confusion assessment method in the first three postoperative days

Description: NR, not reported; SD, standard deviation; CAM-ICU, Confusion Assessment Method for Intensive Care Units; ICU, intensive care unit.

Figure 2. Bias risk analysis.

In contrast, the other two studies found significant differences in delirium incidence.[16,20] Djaiani et al.[16] compared 91 patients on dexmedetomidine (0.4 μg/kg bolus, followed by 0.2–0.7 μg/[kg h]) with 92 patients on propofol (1.5–3 mg/[kg h]), reporting delirium incidences of 17.5% and 31.5%, respectively (P = 0.028, 95% CI, OR = 0.46, interval 0.23–0.92). Shin et al.[20] compared 366 patients on dexmedetomidine (1 μg/kg bolus, followed by 0.1–0.5 μg/[kg h]) with 366 patients on propofol (1–2 μg/ml infusion), with incidences of 3% and 6%, respectively (P = 0.036, 95% CI, OR = 0.42, interval 0.20–0.86).

Siripoonyothai and Sindhvananda[15] compared propofol with ketamine and found no significant difference in the incidence of delirium between the groups. The study involved 32 patients on propofol (1.5–6 mg/[kg h]) and 32 on ketamine (1 mg/[kg·h]), with delirium incidences of 56.25% and 31.25%, respectively (P = 0.47, 95% CI, OR = 2.11, interval 0.29–26.42).

Shu et al.[18] compared dexmedetomidine and midazolam and found no significant difference in the incidence of delirium. The study compared 40 patients on dexmedetomidine (1 μg/kg bolus, followed by 0.2–0.7 μg/[kg h]) with 40 patients on midazolam (0.05 mg/kg bolus, followed by 0.05–0.10 mg/[kg h]), reporting delirium incidences of 0% and 10%, respectively (P = 0.116, 95% CI). The odds ratios for this outcome have not been reported. The relevant data are summarized in **Tables 3** and **4**.

DISCUSSION

General considerations

The association between sedoanalgesia and the onset of delirium in ICU patients, particularly the elderly, is well documented; however, its multifactorial etiology complicates targeted intervention strategies.[21–25] Delirium incidence significantly increases

Table 3. Sedoanalgesia details

Reference	Intervention group	Control group	Intervention (n)	Control (n)	Dose – Intervention	Dose – Control
Siripoonyothai S et al.[15]	Propofol	Ketamine	32	32	Infusion of propofol ranging from 1.5–6 mg/(kg h)	Infusion of ketamine at 1 mg/(kg h)
Djaiani G et al.[16]	Dexmedetomidine	Propofol	91	92	Bolus of 0.4 µg/kg of dexmedetomidine followed by an infusion of 0.2–0.7 µg/(kg h).	Infusion of propofol ranging from 1.5–3 mg/(kg h)
Shi C et al.[17]	Dexmedetomidine	Propofol	84	80	Infusion of dexmedetomidine ranging from 0.4–0.6 µg/(kg h)	Infusion of propofol ranging from 25–50 mg/(kg h)
Shu A et al.[18]	Dexmedetomidine	Midazolam	40	40	Bolus of 1 µg/kg of dexmedetomidine followed by an infusion of 0.2–0.7 µg/(kg h)	Bolus of 0.05 mg/kg of midazolam followed by an infusion of 0.05–0.10 mg/(kg h)
Fang H et al.[19]	Dexmedetomidine	Propofol	54	54	Infusion of dexmedetomidine ranging from 0.2–0.7 µg/(kg h)	Infusion of propofol ranging from 0.3–4 mg/(kg h)
Shin HJ et al.[20]	Dexmedetomidine	Propofol	366	366	Bolus of 1 µg/kg of dexmedetomidine followed by an infusion of 0.1–0.5 µg/(kg h)	Continuous infusion of propofol adjusted to an effective concentration of 1–2 µg/ml

Table 4. Analysis of the incidence of delirium

Reference	Presence of delirium Intervention (n)	Presence of delirium Control (n)	Odds Ratio	P valor
Siripoonyothai S et al.[15]	18 of 32 patients (56,25%)	10 of 32 patients (31,25%)	2,11 (0,29–26,42)	0,47
Djaiani G et al.[16]	16 of 91 patients (17,5%)	29 of 92 patients (31,5%)	0,46 (0,23–0,92)	0,028
Shi C et al.[17]	33 of 84 patients (39,3%)	21 of 80 patients (26,3%)	NR	0,0758
Shu A et al.[18]	0 of 40 patients (0%)	4 of 40 patients (10%)	NR	0,116
Fang H et al.[19]	2 of 54 patients (3,7%)	5 of 54 patients (9,2%)	NR	0,434
Shin HJ et al.[20]	11 of 366 patients (3%)	24 of 366 patients (6%)	0,42 (0,20–0,86)	0,036

Description: NR, not reported.

with age, particularly post-65 years, reflecting the heightened vulnerability of this demographic to ICU-related stressors and pre-existing neuropsychiatric conditions.[26–29] Given this, our review focused exclusively on studies involving elderly patients to address the nuances of this high-risk group.

The choice of the diagnostic tool critically influences the consistency and reliability of delirium detection. The use of the CAM-ICU scale across all included studies ensured a standardized approach, although variations in assessment intervals were noted, ranging from twelve to twenty-four hours, or unspecified in some cases.[30–35] These discrepancies underline the need for uniform application protocols to enhance the comparability of study outcomes.

Dexmedetomidine versus propofol

In the comparative analysis between dexmedetomidine and propofol, our findings suggest that dexmedetomidine may provide a protective effect against delirium, which is supported by the significant results of two of the four studies reviewed.[16,20] Specifically, Djaiani et al.[16] and Shin et al.[20] reported a reduced incidence of delirium with dexmedetomidine, indicating its potential advantage in certain clinical scenarios, such as orthopedic surgery. The high methodological quality of these studies, as reflected in their RoB ratings, enhances the credibility of their results.

However, this protective effect was not observed uniformly across all studies. Shi et al.[17] and Fang et al.[19] found no significant differences in the incidence of delirium between dexmedetomidine and propofol, suggesting that variations in dosage and bolus administration may critically influence outcomes.

Although this review did not include placebo-controlled trials, existing evidence emphasizes the importance of administration techniques in maximizing the protective effects of dexmedetomidine and improving long-term cognitive outcomes.[36–40] Consequently, future research should focus on precise dosing and standardized administration to better define the role of dexmedetomidine in delirium prevention and provide clearer guidance for sedation practices in ICU settings, ultimately aiming to optimize patient outcomes.

Dexmedetomidine versus midazolam

Shu et al.[18] observed that although there was no statistically significant difference between the groups, the dexmedetomidine

group exhibited a descriptively lower incidence of delirium than the midazolam group. This lack of statistical significance may be attributed to the small sample size studied.[41–47] In contrast, the literature comparing these two drugs in both adult and elderly populations (without isolating the elderly) consistently shows that dexmedetomidine has a protective effect against delirium, while midazolam is associated with a higher incidence of this outcome.

Further supporting this, Pasin et al.[43] systematic review and meta-analysis of 14 randomized clinical trials involving 3,029 adult patients found that dexmedetomidine significantly reduced the occurrence of delirium, agitation, and confusion compared to the control groups (P = 0.03, 95% CI, RR = 0.68, interval 0.49–0.96). Although this meta-analysis did not exclusively focus on elderly patients, the evidence strongly suggests that dexmedetomidine may be beneficial in reducing these adverse outcomes.

Given the findings of Shu et al.[18] and the broader literature, it is evident that larger and more targeted studies specifically focusing on the elderly population are necessary. These studies should have sufficient sample sizes to reduce random errors and enhance the reliability of the conclusions.[48] Such research is crucial to fill the current gap in the literature and provide more precise guidance on the use of sedatives, such as dexmedetomidine, in elderly patients, ultimately leading to improved clinical outcomes in this vulnerable group.

Propofol versus ketamine

The comparison between propofol and ketamine, as explored by Siripoonyothai and Sindhvananda,[15] did not yield conclusive results owing to wide confidence intervals and potential sample size limitations. The observed trends suggest a higher incidence of delirium with propofol; however, the variability in the data underscores the need for more robust trials to definitively establish the comparative risks of these sedatives. Moreover, there is a lack of consensus on the impact of ketamine on delirium in both adult and elderly populations, as evidenced by Shurtleff et al.,[49] further emphasizing the need for comprehensive research to clarify its effects across different age groups.

Final considerations

The high heterogeneity across the included studies due to differences in population demographics, sedative regimens, and outcome measurements precluded a meta-analysis. However, despite these variations, the pooled data provided valuable insights into the relationship between sedoanalgesics and delirium. Notably, significant gaps in the literature were identified, including the absence of studies comparing fentanyl with other sedatives and the lack of research on drug combinations, such as propofol and midazolam, propofol and ketamine, or midazolam and ketamine. These deficiencies, particularly in older adults, underscore the urgent need for comprehensive studies to evaluate these factors. Such research is essential for developing more effective and tailored sedation strategies in ICU settings and for providing conclusive and detailed evidence regarding the comparative efficacy and safety profiles of these drugs.

Strengths and limitations

This review aimed to synthesize data from clinical trials available in the literature since 2000 on the incidence of delirium and its relationship with the use of sedoanalgesics in elderly ICU patients. The methodology used is detailed to allow for replication in this study. This review maintains a high scientific standard by adhering to all the Cochrane recommendations. The extraction of descriptive and statistical data enabled a broader assessment of the included studies.

The methodology, restricted to clinical trials focusing on the elderly, has limited the availability of relevant literature for analysis. To compensate for this limitation, literature on the impact of these drugs on the general adult population is included in the discussion. Although this may result in less specific conclusions for the elderly, the combined approach underscores the need for more research dedicated to this age group to avoid inappropriate generalizations between studies of different populations.

Additionally, the deliberate exclusion of studies comparing drug use with placebo aimed to maintain a focus on the comparative analysis of different pharmacological therapies employed in hospital settings. This decision seeks to better understand the current practices and therapeutic options available for sedoanalgesia among elderly populations.

This systematic review did not identify randomized clinical trials conducted in Brazil that met the inclusion criteria. Consequently, we also included studies conducted in other countries, such as Thailand, China, Canada, and South Korea, that explored strategies for sedoanalgesia in elderly patients in ICU settings and employed the same pharmacological agents widely used in Brazilian intensive care practice. This approach enabled the synthesis of relevant evidence for clinical practice despite contextual differences. Nevertheless, we highlight the need for future studies to evaluate sedoanalgesia protocols within the Brazilian context, considering local specificities, and complementing the international experience presented in this review regarding delirium outcomes in elderly patients.

CONCLUSION

This study highlights the complex relationship between sedative use and the occurrence of delirium in elderly ICU patients, emphasizing that advanced age is a significant risk factor for delirium. Despite the varying results, dexmedetomidine appears to be potentially more beneficial than propofol and midazolam. The limitations of the studies in the literature underscore the need for more

comprehensive and standardized future research. The variability in sedative dosages and administration methods further highlights the importance of additional clinical trials to establish optimized sedation practices that minimize the risk of delirium, thereby improving care and outcomes in this vulnerable population.

REFERENCES

1. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5-TR) [Internet]. Washington, DC: American Psychiatric Association; 2022. Available from: https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm.
2. Vasilevskis EE, Han JH, Hughes CG, Ely EW. Epidemiology and risk factors for delirium across hospital settings. Best Pract Res Clin Anaesthesiol. 2012;26(3):277–87. PMID: 23040281; https://doi.org/10.1016/j.bpa.2012.07.003.
3. Pun BT, Balas MC, Barnes-Daly MA, et al. Caring for critically ill patients with the ABCDEF bundle: results of the ICU liberation collaborative in over 15,000 adults. Crit Care Med. 2019;47(1):3–14. PMID: 30339549; https://doi.org/10.1097/CCM.0000000000003482.
4. Pereira JV, Sanjanwala RM, Mohammed MK, Le ML, Arora RC. Dexmedetomidine versus propofol sedation in reducing delirium among older adults in the ICU: a systematic review and meta-analysis. Eur J Anaesthesiol. 2020;37(2):121–31. PMID: 31860605; https://doi.org/10.1097/EJA.0000000000001131.
5. Carmo TG. Vantagens e desvantagens do uso de dexmedetomidina na sedação em unidades de terapia intensiva. Revista Saúde e Desenvolvimento. 2017;11(6):268–82.
6. Sakata RK. Analgesia e sedação em unidade de terapia intensiva. Revista Brasileira de Anestesiologia [Internet]. 2010;60(6):653–8.
7. Skrobik Y. Chasing the elusive notion of delirium causality. Intensive Care Med. 2015;41(12):2216–7. PMID: 26474993; https://doi.org/10.1007/s00134-015-4097-2.
8. Muellejans B, Matthey T, Scholpp J, Schill M. Sedation in the intensive care unit with remifentanil/propofol versus midazolam/fentanyl: a randomised, open-label, pharmacoeconomic trial. Crit Care. 2006;10(3):R91. PMID: 16780597; https://doi.org/10.1186/cc4939.
9. Bisinotto FMB, Silveira LAM, Silva RO, Martins LB. Postoperative delirium in the elderly: where are we? Revista Médica de Minas Gerais. 2017;27.
10. Khan BA, Perkins AJ, Prasad NK, et al. Biomarkers of delirium duration and delirium severity in the ICU. Crit Care Med. 2020;48(3):353–61. PMID: 31770149; https://doi.org/10.1097/CCM.0000000000004139.
11. Herling SF, Greve IE, Vasilevskis EE, et al. Interventions for preventing intensive care unit delirium in adults. Cochrane Database Syst Rev. 2018;11(11):CD009783. PMID: 30484283; https://doi.org/10.1002/14651858.CD009783.pub2.
12. Campbell NL, Perkins AJ, Khan BA, et al. Deprescribing in the pharmacologic management of delirium: a randomized trial in the intensive care unit. Journal of the American Geriatrics Society. 2019;67(4):695–702.
13. Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. Syst Rev. 2021;10(1):89. PMID: 33781348; https://doi.org/10.1186/s13643-021-01626-4.
14. Higgins JP, Savović J, Page MJ, Elbers RG, Sterne JA. Chapter 8: Assessing risk of bias in a randomized trial. Cochrane [Internet]. 2019. Available from: https://training.cochrane.org/handbook/current/chapter-08.
15. Siripoonyothai S, Sindhvananda W. Comparison of postoperative delirium within 24 hours between ketamine and propofol infusion during cardiopulmonary bypass machine: a randomized controlled trial. Ann Card Anaesth. 2021;24(3):294–301. PMID: 34269257; https://doi.org/10.4103/aca.ACA_85_20.
16. Djaiani G, Silverton N, Fedorko L, et al. Dexmedetomidine versus propofol sedation reduces delirium after cardiac surgery: a randomized controlled trial. Anesthesiology. 2016;124(2):362–8. PMID: 26575144; https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000000951.
17. Shi C, Jin J, Qiao L, et al. Effect of perioperative administration of dexmedetomidine on delirium after cardiac surgery in elderly patients: a double-blinded, multi-center, randomized study. Clin Interv Aging. 2019;14:571–5. https://doi.org/10.2147/CIA.S194476. Retraction in: Clin Interv Aging. 2022;17:505–6. PMID: 30936687; https://doi.org/10.2147/CIA.S369950.
18. Shu A, Fu Y, Luo Y, et al. An investigation on delirium and hemodynamics influenced by dexmedetomidine for sedating elderly patients in mechanical ventilation. Int J Clin Exp Med [Internet]. 2019;12(2):1942–6.
19. Fang H, Jun W, Xinjing Y, et al. Analysis of the sedetative effect of dexmedetomidine on postoperative mechanical ventilation in elderly patients. Chinese Medical Journal. 2014 [cited 2024 Feb 13];94(41):3211–5.
20. Shin HJ, Woo Nam S, Kim H, et al. Postoperative delirium after dexmedetomidine versus propofol sedation in healthy older adults undergoing orthopedic lower limb surgery with spinal anesthesia: a randomized controlled trial. Anesthesiology. 2023;138(2):164–71. https://doi.org/ 10.1097/ALN.0000000000004438. Erratum in: Anesthesiology. 2023;138(4):456. PMID: 36534899; https://doi.org/10.1097/ALN.0000000000004488.
21. Pisani MA, Murphy TE, Araujo KL, et al. Benzodiazepine and opioid use and the duration of intensive care unit delirium in an older population. Crit Care Med. 2009;37(1):177–83. PMID: 19050611; https://doi.org/10.1097/CCM.0b013e318192fcf9.
22. Almeida TM, Azevedo LC, Nosé PM, Freitas FG, Machado FR. Risk factors for agitation in critically ill patients. Rev Bras Ter Intensiva. 2016;28(4):413–9. PMID: 28099638; https://doi.org/10.5935/0103-507X.20160074.
23. Jaber S, Chanques G, Altairac C, et al. A prospective study of agitation in a medical-surgical ICU: incidence, risk factors, and outcomes. Chest. 2005;128(4):2749–57. PMID: 16236951; https://doi.org/10.1378/chest.128.4.2749.
24. Fraser GL, Prato BS, Riker RR, Berthiaume D, Wilkins ML. Frequency, severity, and treatment of agitation in young versus elderly patients in the ICU. Pharmacotherapy. 2000;20(1):75–82. PMID: 10641977; https://doi.org/10.1592/phco.20.1.75.34663.

25. Prayce R, Quaresma F, Galriça I Neto. Delirium: o 7º parâmetro vital? [Delirium: the 7th vital sign?]. Acta Med Port. 2018;31(1):51–8. Portuguese. PMID: 29573769; https://doi.org/10.20344/amp.9670.
26. Pandharipande P, Shintani A, Peterson J, et al. Lorazepam is an independent risk factor for transitioning to delirium in intensive care unit patients. Anesthesiology. 2006;104(1):21–6. PMID: 16394685; https://doi.org/10.1097/00000542-200601000-00005.
27. Tilouche N, Hassen MF, Ali HBS, et al. Delirium in the intensive care unit: incidence, risk factors, and impact on outcome. Indian J Crit Care Med. 2018;22(3):144–9. PMID: 29657370; PMCID: PMC5879855; https://doi.org/10.4103/ijccm.IJCCM_244_17.
28. Pisani MA, Murphy TE, Araujo KL, et al. Benzodiazepine and opioid use and the duration of intensive care unit delirium in an older population. Crit Care Med. 2009;37(1):177–83. PMID: 19050611; https://doi.org/10.1097/CCM.0b013e318192fcf9.
29. Li X, Zhang L, Gong F, Ai Y. Incidence and risk factors for delirium in older patients following intensive care unit admission: a prospective observational study. J Nurs Res. 2020;28(4):e101. PMID: 32692119; https://doi.org/10.1097/jnr.0000000000000384.
30. Micek ST, Anand NJ, Laible BR, Shannon WD, Kollef MH. Delirium as detected by the CAM-ICU predicts restraint use among mechanically ventilated medical patients. Crit Care Med. 2005;33(6):1260–5. PMID: 15942341; https://doi.org/10.1097/01.ccm.0000164540.58515.bf.
31. Roberts B, Rickard CM, Rajbhandari D, et al. Multicentre study of delirium in ICU patients using a simple screening tool. Aust Crit Care. 2005;18(1):6,8–9,11–4 passim. PMID: 18038529; https://doi.org/10.1016/s1036-7314(05)80019-0.
32. Ely EW, Margolin R, Francis J, et al. Evaluation of delirium in critically ill patients: validation of the Confusion Assessment Method for the Intensive Care Unit (CAM-ICU). Crit Care Med. 2001;29(7):1370–9. PMID: 11445689; https://doi.org/10.1097/00003246-200107000-00012.
33. Gusmao-Flores D, Salluh JI, Chalhub RÁ, Quarantini LC. The Confusion Assessment Method for the Intensive Care Unit (CAM-ICU) and intensive care delirium screening checklist (ICDSC) for the diagnosis of delirium: a systematic review and meta-analysis of clinical studies. Crit Care. 2012;16(4):R115. PMID: 22759376; https://doi.org/10.1186/cc11407.
34. Guenther U, Popp J, Koecher L, et al. Validity and reliability of the CAM-ICU flowsheet to diagnose delirium in surgical ICU patients. J Crit Care. 2010;25(1):144–51. PMID: 19828283; https://doi.org/10.1016/j.jcrc.2009.08.005.
35. Soja SL, Pandharipande PP, Fleming SB, et al. Implementation, reliability testing, and compliance monitoring of the Confusion Assessment Method for the Intensive Care Unit in trauma patients. Intensive Care Medicine. 2008;34(7):1263–8.
36. Zhang DF, Su X, Meng ZT, et al. Impact of dexmedetomidine on long-term outcomes after noncardiac surgery in elderly: 3-year follow-up of a randomized controlled trial. Ann Surg. 2019;270(2):356–63. PMID: 29742525.37; https://doi.org/10.1097/SLA.0000000000002801.
37. Deiner S, Luo X, Lin HM, et al. Intraoperative infusion of dexmedetomidine for prevention of postoperative delirium and cognitive dysfunction in elderly patients undergoing major elective noncardiac surgery: a randomized clinical trial. JAMA Surg. 2017;152(8):e171505. PMID: 28593326; https://doi.org/10.1001/jamasurg.2017.1505.
38. Li CJ, Wang BJ, Mu DL, et al. Randomized clinical trial of intraoperative dexmedetomidine to prevent delirium in the elderly undergoing major non-cardiac surgery. Br J Surg. 2020;107(2):e123–e132. PMID: 31903588; https://doi.org/10.1002/bjs.11354.
39. Guo Y, Sun LL, Chen ZF, Li QF, Jiang H. [Preventive effect of dexmedetomidine on postoperative delirium in elderly patients with oral cancer]. Shanghai Kou Qiang Yi Xue. 2015;24(2):236–9. Chinese. PMID: 25938158.
40. Priye S, Jagannath S, Singh D, Shivaprakash S, Reddy DP. Dexmedetomidine as an adjunct in postoperative analgesia following cardiac surgery: a randomized, double-blind study. Saudi J Anaesth. 2015;9(4):353–8. PMID: 26543448; https://doi.org/10.4103/1658-354X.154715.
41. Maldonado JR, Wysong A, van der Starre PJ, et al. Dexmedetomidine and the reduction of postoperative delirium after cardiac surgery. Psychosomatics. 2009;50(3):206–17. PMID: 19567759; https://doi.org/10.1176/appi.psy.50.3.206.
42. Keating GM. Dexmedetomidine: a review of its use for sedation in the intensive care setting. Drugs. 2015;75(10):1119–30. PMID: 26063213; https://doi.org/10.1007/s40265-015-0419-5.
43. Pasin L, Landoni G, Nardelli P, et al. Dexmedetomidine reduces the risk of delirium, agitation and confusion in critically Ill patients: a meta-analysis of randomized controlled trials. J Cardiothorac Vasc Anesth. 2014;28(6):1459–66. PMID: 25034724; https://doi.org/10.1053/j.jvca.2014.03.010.
44. Wen J, Ding X, Liu C, et al. A comparation of dexmedetomidine and midazolam for sedation in patients with mechanical ventilation in ICU: a systematic review and meta-analysis. PLoS One. 2023;18(11):e0294292. PMID: 37963140; https://doi.org/10.1371/journal.pone.0294292.
45. Riker RR, Shehabi Y, Bokesch PM, et al; SEDCOM (Safety and Efficacy of Dexmedetomidine Compared With Midazolam) Study Group. Dexmedetomidine vs midazolam for sedation of critically ill patients: a randomized trial. JAMA. 2009;301(5):489–99. PMID: 19188334; https://doi.org/10.1001/jama.2009.56.
46. Wan LJ, Huang QQ, Yue JX, Lin L, Li SH. [Comparison of sedative effect of dexmedetomidine and midazolam for post-operative patients undergoing mechanical ventilation in surgical intensive care unit]. Zhongguo Wei Zhong Bing Ji Jiu Yi Xue. 2011;23(9):543–6. Chinese. PMID: 21944176.
47. Sampurnanand, Chilana D, Sinha AK. A comparative study of dexmedetomidine and midazolam for sedation in patients on mechanical ventilation in ICU. Int J Acad Med Pharm (JAMP). 2023;5(3):1070–4. https://doi.org/10.47009/jamp.2023.5.3.219.
48. Schulz KF, Grimes DA. Sample size calculations in randomised trials: mandatory and mystical. Lancet. 2005;365(9467):1348–53. PMID: 15823387; https://doi.org/10.1016/S0140-6736(05)61034-3.

49. Shurtleff V, Radosevich JJ, Patanwala AE. Comparison of ketamine- versus nonketamine-based sedation on delirium and coma in the intensive care unit. J Intensive Care Med. 2020;35(6):536–41. PMID: 29607710; https://doi.org/10.1177/0885066618767619.

Authors' contributions: Santos WS: conceptualization (equal), investigation (equal), methodology (equal), validation (equal), and writing – original draft (equal). Carrión-Torres O: conceptualization (equal), investigation (equal), methodology (equal), validation (equal), and writing – original draft (equal). Mussalem MGVB: conceptualization (equal), investigation (equal), methodology (equal), validation (equal), and writing – original draft (equal). Baptista VS: conceptualization (equal), formal analysis (equal), investigation (equal), methodology (equal), and writing – review and editing (equal). Yarak S: conceptualization (equal), investigation (equal), methodology (equal), validation (equal), and writing – review and editing (equal). All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of first submission: August 14, 2024
Last received: December 13, 2024
Accepted: July 14, 2025

Address for correspondence:
Vinicius Santos Baptista
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
Rua Botucatu, 821
Vila Clementino — São Paulo (SP) — Brasil
CEP 04039-001
Tel. (+55 11) 9 8840-1821
E-mail: cientifico.iaad@gmail.com

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

Sleep quality and levels of stress, anxiety, and depression in patients treated with homeopathy: a prospective study in the Brazilian public healthcare service

Fernanda Maria Simões da Costa Fujino[I], Ana Paula Ribeiro[II], Denise Castanho Antunes[III], Renato Jimenez Gomez[IV], Guilherme Eustáquio Furtado[V], Patrícia Colombo-Souza[VI]

Universidade Santo Amaro (Unisa), São Paulo (SP), Brasil

[I]Homeopathic doctor at the Hahnemannian George Galvão Institute (IHGG) and the city hall of Guarulhos (SP), Brazil; master's in Ciências da Saúde at the Universidade Santo Amaro (Unisa), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-4580-6222

[II]Physiotherapist; research and internationalization director, and professor of the Programa de Pós-Gradução em Ciências da Saúde at the Universidade Santo Amaro (Unisa), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-1061-3789

[III]Occupational therapist and manager of the Multiprofessional Centre for Integrative and Complementary Health Practices (CEMPICS), Guarulhos (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0001-5703-3098

[IV]Nurse and master's in Ciências da Saúde at the Universidade Santo Amaro (Unisa), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0001-9929-6320

[V]Physical educator and researcher on Sustainability, Physical Activity, Health and Well-being at the Universidade Politécnica de Coimbra, Coimbra, Portugal.
https://orcid.org/0000-0001-8327-1567

[VI]Nutritionist and professor of the Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde at the Universidade Santo Amaro (Unisa), São Paulo (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0003-0247-4245

KEYWORDS (MeSH terms):
Homeopathy.
Sleep disorders.
Anxiety.
Depression.
Stress disorders.

AUTHORS' KEYWORDS:
Health promotion.
Chronic noncommunicable diseases.
NCD.
Homeopathic treatment.
Public health.
Sleep quality.

ABSTRACT

BACKGROUND: Chronic noncommunicable diseases (NCDs) have a multifactorial etiology and are associated with psychosocial factors, such as stress, anxiety, and depression. Sleep quality also influences general health and is associated with obesity and NCDs. Homeopathy, as a medical specialty, is effective in managing these conditions because of its comprehensive approach to individuals.

OBJECTIVE: To evaluate the influence of homeopathic treatment on sleep quality and levels of stress, anxiety, and depression.

DESIGN AND SETTING: Observational, longitudinal, and prospective study on individuals over 18 years of age with homeopathic medical follow-up for 6 months in the public healthcare service of Guarulhos, São Paulo.

METHODS: Participants were evaluated initially (T0) and after 3 (T1) and 6 months (T2) using validated questionnaires (Pittsburgh Sleep Quality Index and the Depression Anxiety and Stress Scale), following all ethical precepts. The scores were compared over time and correlated with each other ($P < 0.05$).

RESULTS: The mean patient age was 49 years. Initially, 81% of the participants had sleep disorders and severe or extremely severe levels of stress (33.78%), anxiety (28.38%), and depression (27.03%). A total of 26 patients were present at the three evaluation points, which were included as the participants of the study. Homeopathic treatment significantly improved sleep quality and reduced stress, anxiety, and depression. Sleep quality and anxiety were strongly ($r = 0.53$, $P = 0.005$) and weakly ($r = 0.25$, $P = 0.021$) correlated with stress, respectively.

CONCLUSION: In the short term, homeopathic treatment had a positive impact on the sample, suggesting that this therapy can be used to prevent NCDs.

INTRODUCTION

Currently, the main causes of mortality and high healthcare costs worldwide are chronic noncommunicable diseases (NCDs), which are characterized by multiple etiologies, many risk factors, long latency periods, prolonged courses, non-infectious origins, deficiencies, and functional disabilities.[1,2]

According to the World Health Organization (WHO), NCDs, including cardiovascular diseases, neoplasms, chronic respiratory diseases, and diabetes mellitus, are the main causes of mortality and high healthcare costs globally.[3] Factors such as unhealthy lifestyles, diet, insufficient physical activity, tobacco and alcohol consumption, and psychosocial factors, including high levels of anxiety, stress, and depression, are crucial determinants in the pathogenesis of these diseases.[1,4]

Sleep quality is fundamental to general health and is directly associated with the incidence of obesity and several chronic diseases.[5] Inadequate sleep can aggravate mental health conditions like stress and depression, creating a vicious cycle that worsens NCDs.[6] Improving sleep quality and reducing symptoms of stress, anxiety, and depression are essential for the prevention and control of NCDs.[5,6]

Homeopathy, a medical specialty with a comprehensive approach to the individual, considers the complexity and individual needs of each patient and is particularly effective in managing multifactorial conditions such as NCDs. It addresses all physical, emotional, mental, and behavioral signs and symptoms with the aim of promoting the integral state of balance of the organism.[7,8] Thus, it contributes to the prevention and control of NCDs and can consequently help

reduce mortality and healthcare costs associated with these diseases. Furthermore, the homeopathic approach is recognized and legitimized by the National Policy on Integrative and Complementary Practices (PNPIC) as a viable and accessible option for the general population and is offered in Brazilian public healthcare services.[9]

Considering the above, the objective of this study was to evaluate the influence of homeopathic treatment on the quality of sleep and levels of stress, anxiety, and depression in patients treated by the public healthcare service in the city of Guarulhos, São Paulo.

METHODS

This was an observational, longitudinal, and prospective study carried out with patients over 18 years of age, regardless of gender, who began homeopathic medical follow-up from June 21, 2022, to January 31, 2023, in two healthcare services in the city of Guarulhos. Convenience sampling was performed based on the inclusion criteria.

In addition to routine homeopathic appointments, which consisted of homeopathic anamnesis, diagnosis of the situation presented by the individual, prescription of homeopathic medicine, and guidance regarding lifestyle habits, specific and validated questionnaires were also applied for the studied variables in the first appointment and in the follow-up appointments at 3 and 6 months after the initial assessment.

Only patients treated by the same homeopathic doctor in the two healthcare services in the city that offered homeopathic care were considered for inclusion in the study. This doctor was the main study researcher who conducted the questionnaires at all times during the evaluation. The individuals had homeopathic medical follow-up appointments for 6 months, with an assessment of their evolution at three time points: T0, time zero (first appointment); T1, time one (3 months of follow-up); and T2, time two (6 months of follow-up).

For sleep analysis, the Pittsburgh Sleep Quality Index (PSQI) was applied.[10–12] This questionnaire consists of 19 items grouped into seven components, each scored on a scale from 0–3. The scores of the seven components were added together to obtain an overall PSQI score ranging from 0 to 21. Scores of 0–4 indicate good sleep quality, 5–10 indicate poor sleep quality, and > 10 indicate sleep disorders.

The patient's emotional state was assessed using the Depression Anxiety and Stress Scale, short version of 21 items (Depression Anxiety and Stress Scale: DASS-21).[13] The DASS-21 is composed of a set of three Likert-type subscales (depression, anxiety, and stress). Each subscale consists of seven items designed to assess the emotional states regarding depression, anxiety, and stress. Individuals were asked to answer questions based on the week prior to the assessment. Four response possibilities of severity or frequency were provided, organized on a scale of 0–3 points, with the results obtained by adding up the responses to the items that make up each of the three subscales.[14,15] According to the final score per subscale, an individual's level of stress, anxiety, and depression was assessed at that particular moment, as shown in **Table 1**.

It is worth mentioning that at T1 and T2, patients were asked whether they used any other medication and whether they sought out any form of treatment or other therapies due to issues related to anxiety, stress, discouragement, sadness, or problems with sleep during the study period, with the aim of ensuring that there had not been any stimulus of this nature since the beginning of the evaluation. If positive, the individual was excluded from the final analysis.

Individuals took part in the research after signing a Free and Informed Consent Form containing all study information in a clear and detailed manner. Data collection began only after approval from the Research Ethics Committee of Universidade Santo Amaro (Unisa) under Opinion 5.469.720.

Analysis of variance (ANOVA) was applied to compare the scores at the initial time (T0) and at 3 and 6 months after the start of the homeopathic treatment (T1 and T2, respectively), with reference to sleep quality and levels of stress, anxiety, and depression in the studied individuals. Pearson's correlation was performed to evaluate the degree and direction of the linear relationship between sleep quality and stress, depression, and anxiety scores, considering 0.05 or 5% for the rejection level of the null hypothesis.

RESULTS

Initially, 74 patients were evaluated, the majority of whom were women (89.19%) aged between 35 and 63 years (average 49 ± 13.97 years). At T0, 81% of patients had a change in their normal sleep pattern (poor sleep or sleep disorder), and a significant

Table 1. Score interpretation determined by each subscale after applying the Depression Anxiety and Stress Scale, short version of 21 items (DASS-21)

Score	Stress level
0–10	Normal (N)
11–18	Low (L)
19–26	Moderate (M)
27–34	Severe (S)
35–42	Extremely severe (ES)
Score	**Anxiety level**
0–6	Normal (N)
7–9	Low (L)
10–14	Moderate (M)
15–19	Severe (S)
20–42	Extremely severe (ES)
Score	**Depression level**
0–9	Normal (N)
10–12	Low (L)
13–20	Moderate (M)
21–27	Severe (S)
28–42	Extremely severe (ES)

proportion had severe or extremely severe levels of stress, anxiety, and depression (33,78%, 28,38% and 27,03%, respectively).

Of the 74 patients evaluated initially, 26 returned in 3 (T1) and 6 (T2) months (**Figure 1**), making these individuals the focus of our study.

In **Figure 2**, the scores obtained by applying the questionnaires at the first appointment, at 3 (T1) and 6 months (T2) after the start of the homeopathic treatment were compared regarding sleep quality and the levels of stress, anxiety, and depression in the 26 patients who were present at the time of the three assessments.

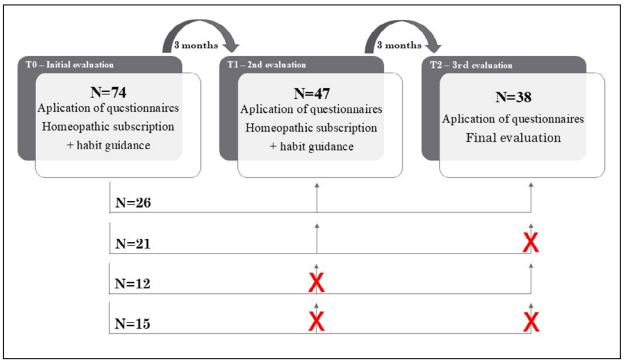
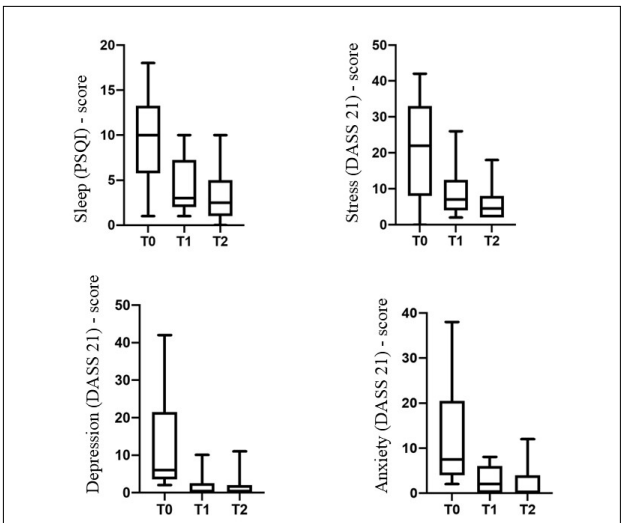


Figure 1. Sample loss during the observation of patients' evolution after the start of homeopathic treatment in the public healthcare service of Guarulhos (SP).



Comparison of sleep quality (PSQI; P < 0,001*#) and stress levels (P < 0,002*#), anxiety (P < 0,024*#) and depression (P < 0,035*#) between different evaluation moments (first appointment [T0] and after 3 months [T1] and 6 months [T2] of this) of individuals who started homeopathic treatment in the public healthcare service of Guarulhos (SP) from June 2022 to January 2023. ANOVA, statistical significance, P < 0.005. * Comparison between T0 and T1; # Comparison between T0 and T2. PSQI, Pittsburgh Sleep Quality Index; DASS21, Depression Anxiety and Stress Scale, short version of 21 items.

Figure 2. Positive impact of treatment on sleep quality, stress level, anxiety and depression.

Table 2 shows the correlation of sleep quality (poor or sleep disorder) with stress, anxiety, and depression levels after 6 months of homeopathic treatment (T2). There was a strong positive Pearson's Correlation (r = 0,53/P = 0,005*) between sleep changes and anxiety, and a weak correlation (r = 0.25/P = 0.021*) between changes in sleep disorders and stress level.

DISCUSSION

The importance of sleep duration and quality of health is widely evidenced in studies that have found an association between poor sleep quality and the appearance of cardiovascular diseases (CVDs) and metabolic, respiratory, mental, and musculoskeletal diseases.[16] While some studies have identified the impacts of morbidities on sleep quality,[17,18] others suggest that sleep deficiency and disorders can develop pathological processes and lead to diseases. Evidence in this regard is consistent with that of CVDs.[16,19,20]

In this study, the observation of poor sleep or sleep disorders among the patients during their first appointment was noteworthy, and this finding was a risk factor for NCDs in the studied population. During the initial assessment, a significant proportion of the individuals experienced severe or extremely severe levels of stress, anxiety, and depression. Because these conditions are involved in the pathogenesis and incidence of NCDs,[21] especially those related to CVDs, it is presupposed that this situation is another risk factor for NCDs in this sample.

In recent decades, epidemiological studies have demonstrated strong evidence of an association between depression and CVDs.[22] The cardiotoxic effects of depressive symptoms have been consistently observed, which is why it is important to invest in strategies to prevent this emotional state, in the same way that stressful situations must be tackled, as there is evidence that daily exposure to chronic stress or severe psychological trauma can also increase the risk of developing and dying from CVDs.[22,23]

Stress is associated with a greater risk of hypertension, acute myocardial infarction, arrhythmogenesis, and heart failure.[21,22]

Table 2. Correlation between sleep quality and levels of stress, depression, and anxiety of individuals attended by the public healthcare service in Guarulhos (SP) after 6 months of homeopathic treatment (T2)

Variable (score at T2)	Mean ± SD	Sleep quality (score at T2)	r	P
Level of depression	1,3 ± 0,9	3,6 ± 2,8	0,03	0,878
Level of anxiety	2,4 ± 2,1	3,6 ± 2,8	0,53	0,005*
Level of stress	6,2 ± 4,9	3,6 ± 2,8	0,25	0,021*

Pearson's Correlation Test. * Statistical significance P < 0.005.

This is because changes occur in the body in response to chronic stress experienced daily owing to biological mechanisms that may be responsible for elevated hypothalamic-pituitary-adrenal axis activity, reactivity of the autonomic nervous system, inflammation, oxidative stress, and endothelial dysfunction, which may be associated with the development of cerebrovascular diseases and CVDs.[22,23]

Likewise, anxiety or anxiety disorders can influence the onset or progression of CVDs, due, for example, to the fact that anxiety is associated with unhealthy behaviors, such as tobacco consumption, excessive alcohol intake, lower physical activity, and poor diet, which increase the risk of CVDs.[24] In the same way as chronic stress, the organism reacts to the stimulus caused by anxiety through the excessive activation of the hypothalamic-pituitary-adrenal axis and the sympathetic nervous system, increasing the release of plasma catecholamines, resulting in endothelial damage, ultimately leading to atherosclerosis, coronary artery disease and possible acute coronary events, making it important to identify these risk factors and develop mechanisms for their prevention.[21–24]

The homeopathic approach to mental conditions is well documented in literature, which meets the need to use tools that help in the psycho-emotional balance of individuals, avoiding the development of situations that further compromise their health.[25] To exemplify the role of homeopathy in this context, we can mention the study carried out in 2008 that reports a series of clinical cases of depression treated exclusively with homeopathy at the Outpatient Clinic of Homeopathy and Depression of the public healthcare service in Jundiaí, São Paulo, showing a therapeutic response, with a reduction of more than 50% in depression scores in 93% of patients after seven weeks of treatment, on average, suggesting that homeopathy can be a therapeutic alternative in the treatment of depression.[24]

In 2010, Giorgi and collaborators[26] showed that homeopathic treatment resulted in a higher rate of anxiety reduction after 90 days of treatment compared to conventional anxiolytics, in addition to no side effects, which occurred with allopathic medicines traditionally used to control anxiety. Two groups were analyzed: one group was treated with diazepam (benzodiazepine) and the other with homeopathic medicine, with a greater reduction in anxiety in the group treated with homeopathy. Zepeda-Quiroz et al.[25] also showed an excellent response in the management of anxiety and depressive disorders with homeopathy, concluding that there is a comparable and even better effect than conventional treatment, with fewer undesirable reactions.

Considering these harmful effects arising from the treatment of anxiety and depression disorders through the use of conventional medications, Grimaldi-Bensouda et al.[27] concluded, after comparing the use of conventional psychotropic drugs, the regular use of homeopathic medicines alone, and the mixed use of these two types of medicine among patients seeking care for anxiety and depression disorders, that in addition to homeopathy with the possibility of helping with the rebound effect of these drugs, patients treated with homeopathy, exclusively or in combination, were less likely to use psychotropic drugs over 12 months compared to those treated conventionally, and the rate of clinical improvement was higher for the group treated exclusively with homeopathy than for those treated with conventional treatment.

In this study, comparing the scores obtained by applying the questionnaires at the first appointment and 3 and 6 months after the start of homeopathic treatment with regard to the quality of sleep and the levels of stress, anxiety, and depression, a statistically significant improvement was observed in these four variables after 6 months of homeopathic treatment (**Figure 2**).

Data of the correlation of sleep quality with the level of stress, anxiety, and depression (**Table 2**) show that both stress and anxiety, to a greater extent, interfere with the quality of sleep, which, in a way, also corroborates epidemiological studies that show that sleep disorders, particularly insomnia, affect approximately 50% of individuals with anxiety.[28]

It is important to highlight that the treatment was not only aimed at complaints regarding sleep and/or emotional state, as the choice of the most appropriate homeopathic medicine for each individual case followed the Law of Similars, which is one of the laws that rule homeopathy, considering the individual's totality of presented symptoms, which is another principle of medical rationality.

The results described here could be even more significant if the study time is longer and the number of individuals evaluated is greater. The absence of the 74 individuals initially assessed after six months may have compromised the representativeness of the sample and the robustness of the conclusions.

The fact that questionnaires can be considered long and may have made the consultation convenient for the patient and for the doctor who administered the questionnaires, and recall bias can all be seen as potential limitations of this study.

The homeopathic care offered in just two locations of the city (difficult to access for many residents) may have contributed significantly to absenteeism as well as economic conditions, both in terms of the patients' ability to travel to care locations and in the purchase of homeopathic medicines, representing a financial barrier that may have affected adherence to treatment and, consequently, the results of the study.

Due to these considerations, difficulties were observed in the municipality in relation to both geographic and economic accessibility. Furthermore, the centralization of homeopathic care in just two healthcare services in a large municipality (with an area of 319,19 km^2) and the non-availability of homeopathic medicines free of charge are still negative aspects of this scenario, which compromises and hinders the effectiveness of homeopathic treatment.[29,30]

Based on the acquired results, homeopathic treatment may help prevent risk factors for NCDs, as the improvement in sleep quality and levels of stress, anxiety, and depression was evident and significant after 6 months of individualized homeopathic medical follow-up in the studied population.

CONCLUSION

Homeopathic treatment had a positive impact on the studied population, with improvements in sleep quality and levels of stress, anxiety, and depression in a short period (3–6 months), suggesting that this therapy could be used as a prevention strategy for NCDs.

REFERENCES

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas e agravos não transmissíveis no Brasil, 2021-2030. Panorama da mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis e fatores de risco associados no Brasil. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2021 [cited 2025 Aug 8]. Available from: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-svs/doencas-cronicas-nao-transmissiveis-dcnt/09-plano-de-dant-2022_2030.pdf/view.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes e Recomendações para o Cuidado Integral de Doenças crônicas Não Transmissíveis: promoção da saúde, vigilância, prevenção e assistência. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2008 [cited 2025 Aug 8]. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_recomendacoes_cuidado_doencas_cronicas.pdf.
3. WHO reveals leading causes of death and disability worldwide: 2000-2019. World Health Organization (WHO) [Internet]. 2020 [cited 2025 Aug 8]. Available from: https://www.who.int/news/item/09-12-2020-who-reveals-leading-causes-of-death-and-disability-worldwide-2000-2019.
4. Sagner M, Katz D, Egger G, et al. Lifestyle medicine potential for reversing a world of chronic disease epidemics: from cell to community. Int J Clin Pract. 2014;68(11):1289–92. PMID: 25348380; https://doi.org/10.1111/ijcp.12509.
5. Silva EL, Braga MFT, Carminatti CM, et al. A relação intrínseca entre a privação de sono e obesidade: uma revisão integrativa. Braz J Develop [Internet]. 2023;9(8):24582–99. Available from: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/62265.
6. Chamorro RA, Durán SA, Reyes SC, et al. La reducción del sueño como factor de riesgo para obesidad [Sleep deprivation as a risk factor for obesity]. Rev Med Chil. 2011;139(7):932–40. Spanish. PMID: 22051834.
7. Hahnemann S. Exposition of the homeopathic doctrine or organon of the art of healing. 7. ed. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo (GEHSP) "Benoit Mure"; 2019.
8. Hahnemann S. Chronic diseases: their peculiar nature and their homeopathic cure. 8. ed. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo (GEHSP) "Benoit Mure"; 2020.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC-SUS). 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2015. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica.pdf.
10. Passos MH, Silva HA, Pitangui AC, et al. Reliability and validity of the Brazilian version of the Pittsburgh Sleep Quality Index in adolescents. J Pediatr (Rio J). 2017;93(2):200–6. PMID: 27520731; https://doi.org/10.1016/j.jped.2016.06.006.
11. Buysse DJ, Reynolds CF 3rd, Monk TH, Berman SR, Kupfer DJ. The Pittsburgh Sleep Quality Index: a new instrument for psychiatric practice and research. Psychiatry Res. 1989;28(2):193–213. PMID: 2748771; https://doi.org/10.1016/0165-1781(89)90047-4.
12. Farah NM, Saw Yee T, Mohd Rasdi HF. Self-reported sleep quality using the Malay version of the Pittsburgh Sleep Quality Index (PSQI-M) in Malaysian adults. Int J Environ Res Public Health. 2019;16(23):4750. PMID: 31783607; https://doi.org/10.3390/ijerph16234750.
13. Bengwasan PD, Bernardo ABI, Maximo SI. Translation and initial validation of the Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) in Ilokano. Psychol Stud (Mysore). 2022;67(4):594–604. PMID: 36407971; https://doi.org/10.1007/s12646-022-00696-1.
14. Makara-Studzińska M, Tyburski E, Załuski M, et al. Confirmatory factor analysis of three versions of the Depression Anxiety Stress Scale (DASS-42, DASS-21, and DASS-12) in Polish adults. Front Psychiatry. 2022;12:770532. PMID: 35058818; https://doi.org/10.3389/fpsyt.2021.770532.
15. Cohen BE, Edmondson D, Kronish IM. State of the art review: depression, stress, anxiety, and cardiovascular disease. Am J Hypertens. 2015;28(11):1295–302. PMID: 25911639; https://doi.org/10.1093/ajh/hpv047.
16. Lima MG, Barros MBA, Malta DC, Medina LPB, Szwarcwald CL. Association of self-reported sleep problems with morbidities and multimorbidities according to sex: national health survey, 2019. Epidemiol Serv Saude. 2022;31(1):e2021386. PMID: 35730889; https://doi.org/10.1590/SS2237-9622202200007.especial.
17. Gajardo YZ, Ramos JN, Muraro AP, et al. Problemas com o sono e fatores associados na população brasileira: pesquisa nacional de saúde, 2013 [Sleep-related problems and associated factors among the Brazilian population: National Health Survey, 2013]. Cien Saude Colet. 2021;26(2):601–10. Portuguese. PMID: 33605337; https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.08412020.
18. Kwok CS, Kontopantelis E, Kuligowski G, et al. Self-reported sleep duration and quality and cardiovascular disease and mortality: a dose-response meta-analysis. J Am Heart Assoc. 2018;7(15):e008552. PMID: 30371228; https://doi.org/10.1161/JAHA.118.008552.
19. Troxel WM, Buysse DJ, Matthews KA, et al. Sleep symptoms predict the development of the metabolic syndrome. Sleep. 2010;33(12):1633–40. PMID: 21120125; https://doi.org/10.1093/sleep/33.12.1633.
20. Lao XQ, Liu X, Deng HB, et al. Sleep quality, sleep duration, and the risk of coronary heart disease: a prospective cohort study with 60,586 adults. J Clin Sleep Med. 2018;14(1):109–17. PMID: 29198294; https://doi.org/10.5664/jcsm.6894.

21. Shao M, Lin X, Jiang D, et al. Depression and cardiovascular disease: shared molecular mechanisms and clinical implications. Psychiatry Res. 2020;285:112802. PMID: 32036152; https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112802.
22. Meng R, Yu C, Liu N, et al. Association of depression with all-cause and cardiovascular disease mortality among adults in China. JAMA Netw Open. 2020;3(2):e1921043. doi:10.1001/jamanetworkopen.2019.21043.
23. Chauvet-Gelinier JC, Bonin B. Stress, anxiety and depression in heart disease patients: a major challenge for cardiac rehabilitation. Ann Phys Rehabil Med. 2017;60(1):6–12. PMID: 27771272; https://doi.org/10.1016/j.rehab.2016.09.002.
24. Adler UC, Paiva NM, César AT, et al. Tratamento homeopático da depressão: relato de série de casos. Arch Clin Psychiatry (São Paulo). 2008;35:74–8. https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000200005.
25. Zepeda-Quiroz N, Luna-Reséndiz R, Soto-Sánchez J. Efficacy of individualized homeopathy in treatment-resistant depression. cureus. 2021;13(10):e18444. PMID: 34737912; https://doi.org/10.7759/cureus.18444.
26. Giorgi MS, Borelli Neto L, Frias AC, Santos CMS, Trindade I. Contribuição da homeopatia no controle da ansiedade e do medo, como prevenção das emergências médicas em odontologia: estudo piloto. Rev homeopatia (São Paulo). 2010;17–22. Available from: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/hom-10429.
27. Grimaldi-Bensouda L, Abenhaim L, Massol J; EPI3-LA-SER group. Homeopathic medical practice for anxiety and depression in primary care: the EPI3 cohort study. BMC Complement Altern Med. 2016;16:125. PMID: 27145957; https://doi.org/10.1186/s12906-016-1104-2.
28. Chellappa SL, Aeschbach D. Sleep and anxiety: from mechanisms to interventions. Sleep Med Rev. 2022;61:101583. PMID: 34979437; https://doi.org/10.1016/j.smrv.2021.101583.
29. Faisal-Cury A, Rodrigues DMO. Prevalence and associated factors with homeopathy use in Brazil: a population-based study. Cad Saude Publica. 2022;38(9):e00261821. PMID: 36169510; https://doi.org/10.1590/0102-311XEN261821.
30. Garcia-Cerde R, Medeiros PFP, Silva LF, et al. Use of integrative and complementary health practices by Brazilian population: results from the 2019 National Health Survey. BMC Public Health. 2023;23(1):1153. PMID: 37316825; https://doi.org/10.1186/s12889-023-16083-y.

Authors' contributions: Fujino FMSC: conceptualization, data curation, formal analysis, research, methodology, project administration, resources, visualization, writing of the original draft, writing – revision and editing; Ribeiro AP: conceptualization, data curation, formal analysis, methodology, resources, software, writing – revision and editing; Antunes DC: conceptualization, research, methodology, resources, writing – revision and editing; Gomez RJ: conceptualization, research, methodology, resources, writing – revision and editing; Furtado GE: conceptualization, research, methodology, resources, writing – revision and editing; Colombo-Souza P: conceptualization, data curation, formal analysis, research, methodology, project administration, resources, software, supervision, validation, writing of the original draft, writing – revision and editing. All authors reviewed and approved the final version of the manuscript submitted for publication.

Acknowledgments: The authors would like to thank the Secretaria Municipal Guarulhos for allowing this study to be conducted at two healthcare units affiliated with the Centro Multiprofessional de Práticas Integrativas e Complementares da Saúde (Cempics). We also extend our gratitude to the Universidade Santo Amaro (Unisa) for providing opportunities and support for this study.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of first submission: March 27, 2025
Accepted: August 6, 2025

Address for correspondence:
Fernanda Maria Simões da Costa Fujino
Universidade Santo Amaro (Unisa)
Rua Conselheiro Saraiva, 388
Santana — São Paulo (SP) — Brasil
CEP 02037-020
Tel. (+55 11) 9 7300-1399
E-mail: fernandamscosta@gmail.com

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

Prognostic value of chemotherapy response score in advanced ovarian cancer: a single-center retrospective analysis

Hamdullah Sözen[I], Yagmur Minareci[II], Atahan Toyran[III], Ibrahim Yalçin[IV], Semen Önder[V], Aysel Bayram[VI], Sidar Bağbudar[VII], Mustafa Albayrak[VIII], Müge Ateş Tikiz[IX], Pınar Mualla Saip[X], Samet Topuz[XI], Mehmet Yavuz Salihoglu[XII]

Istanbul University, Istanbul, Türkiye

[I]MD. Associate Professor, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-1894-1688

[II]MD. Assistant Professor, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-1420-9318

[III]MD. Fellow, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-1063-5301

[IV]MD. Associate Professor, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Dokuz Eylül University, Izmir, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-3469-1084

[V]MD. Full Professor, Department of Pathology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0002-1384-630X

[VI]MD. Assistant Professor, Department of Pathology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0002-5014-0074

[VII]MD. Assistant Professor, Department of Pathology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-1633-9394

[VIII]MD. Associate Professor, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-2941-7574

[IX]MD. Fellow, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Akdeniz University, Antalya, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-0813-2094

[X]MD. Professor, Institute of Oncology, Department of Medical Oncology, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0001-6871-8519

[XI]MD. Full Professor, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0002-9069-0185

[XII]MD. Full Professor, Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University, Istanbul, Türkiye.
https://orcid.org/0000-0003-2801-9339

KEYWORDS (MeSH terms):
Ovarian neoplasms.
Neoadjuvant therapy
Survival analysis

AUTHOR'S KEYWORDS:
Interval debulking surgery
Chemotherapy response score
High-grade serous ovarian carcinoma
Overall survival
Disease-free survival

ABSTRACT

BACKGROUND: The chemotherapy response score (CRS) is a histopathological tool used to assess the tumor response in patients with high-grade serous ovarian carcinoma (HGSC) undergoing neoadjuvant chemotherapy (NACT) followed by interval debulking surgery (IDS).

DESIGN AND SETTING: This single-center retrospective study was conducted at the Faculty of Medicine at Istanbul University. The study included patients treated between January 1, 2010, and December 31, 2017 at a tertiary care hospital specializing in gynecologic oncology.

OBJECTIVES: This study aimed to evaluate the prognostic significance of omental and adnexal CRS in predicting overall survival (OS) and disease-free survival (DFS) in patients with advanced HGSC undergoing NACT followed by IDS.

METHODS: Data from 79 patients with advanced HGSC treated with NACT followed by IDS between 2010 and 2017 were analyzed. CRS was applied to both omental and adnexal samples, and its association with OS and DFS was evaluated. Statistical analyses were performed using univariate and multivariate methods with a significance level of $P < 0.05$.

RESULTS: Omental CRS 1-2 was identified as an independent predictor of decreased OS (hazard ratio 2.69; 95% confidence interval 1.26–5.76, $P = 0.010$), whereas adnexal CRS 1-2 did not significantly impact DFS or OS in multivariate analysis. Patients with omental CRS 3 had superior outcomes, with a 5-year OS rate of 72%, compared to 30.8% in the CRS 1–2 group. The median DFS of the CRS 1–2 group was 19 months, whereas that of the CRS 3 group was 35 months ($P = 0.005$).

CONCLUSIONS: Omental CRS is a strong independent predictor of OS in patients with advanced HGSC, whereas adnexal CRS has limited prognostic value. CRS should be considered in clinical practice to guide treatment decisions, and further research is warranted to refine its use by using molecular and radiological markers.

INTRODUCTION

Although not the most common, ovarian cancer is the deadliest gynecological malignancy. The World Health Organization reports that approximately 225,500 new cases are diagnosed annually, and 140,200 deaths occur, making it the seventh most prevalent and eighth leading cause of cancer-related deaths among women globally.[1,2] Approximately 80% of cases are diagnosed at an advanced stage, with high-grade serous carcinoma (HGSC) being the most common histological type.[3,4]

Surgery, often combined with chemotherapy, either as neoadjuvant chemotherapy (NACT) followed by interval debulking surgery (IDS) or primary debulking surgery (PDS) followed by adjuvant chemotherapy, remains the cornerstone of treatment for advanced-stage ovarian cancer. The use of NACT and IDS has increased in recent years because of favorable results from two randomized phase III trials, which showed similar disease-free survival (DFS) and overall survival (OS) with lower surgical morbidity and mortality rates compared to those undergoing PDS.[5,6]

Another advantage of NACT followed by IDS is that it can provide an opportunity for future prognostic risk assessment through histopathological evaluation of the tumor response to chemotherapy. Böhm et al.[7] developed the chemotherapy response score (CRS), which is a simple and reproducible scoring system based on post-therapy evaluation of the tumor architecture and microenvironment at the omental site. They demonstrated that CRS was significantly correlated with DFS, whereas the results for OS were mixed.

Böhm et al.[7] proposed a simplified three-tier system: CRS 1, minimal tumor response; CRS 2, moderate tumor response with easily identifiable residual neoplastic foci; and CRS 3, complete or near-complete response with no residual neoplastic cells or minimal irregularly scattered tumor cells up to 2 mm in maximum size. This three-tiered scoring system demonstrated a significant prognostic difference between the CRS 1–2 and CRS 3 groups and improved interobserver reproducibility. Consequently, the three-tiered CRS has been incorporated into the International Collaboration on Cancer Reporting (ICCR) and College of American Pathologists (CAP) guidelines for the histopathologic reporting of ovarian carcinoma.[7,8] Currently, the ESGO-ESMO-ESP consensus conference recommendations on ovarian cancer state that CRS performed during IDS on an omental (preferred) or adnexal specimen provides valuable prognostic information and is thus recommended.[9]

OBJECTIVE

This study aimed to validate the prognostic role of the CRS system in a cohort of patients from a clinic that has been an ESGO-accredited advanced ovarian cancer surgery center since 2018.

METHODS

Study design

The study protocol was reviewed and approved by the Istanbul Faculty of Medicine Clinical Research Ethics Committee at Istanbul University (approval number: 2024/2413). All the patients provided informed consent for the use of their medical information upon admission. All surgeries were performed by gynecologic oncologists.

This study was a retrospective analysis, and the sample size was determined based on the available data from patients who met the inclusion criteria within the defined study period (January 1, 2010, to December 31, 2017). No prospective sample size calculations were performed. The retrospective nature of the study allowed us to include all eligible patients, which improved the generalizability of the findings to this patient population.

Study population

This study reviewed women with a postoperative histopathological diagnosis of advanced HGSC, treated between January 1, 2010, and December 31, 2017. Selection for NACT at our center was determined by a multidisciplinary tumor board after standardized preoperative staging using whole-abdomen magnetic resonance imaging and fluorine-18 fluorodeoxyglucose positron emission tomography/computed tomography. NACT was favored when complete or optimal cytoreduction was deemed unlikely based on objective imaging findings, including involvement or encasement of the superior mesenteric artery; multiple hepatic parenchymal metastases; involvement of the pancreatic head or body; infiltration of the hepatic hilum; extra-abdominal metastases (cerebral, pulmonary, osseous, or diffuse pleural carcinomatosis); or diffuse miliary carcinomatosis of the small-bowel serosa where resection would be expected to risk short-bowel syndrome. Patient-related factors also prompted NACT when medically unfit status was present, particularly Eastern Cooperative Oncology Group (ECOG) performance status ≥ 2 or significant comorbidities precluding extensive cytoreduction. Surgical pathology reports and/or clinical records were reviewed for each case to identify patients who received neoadjuvant platinum-based chemotherapy with carboplatin and paclitaxel. In this cohort, 141 women underwent NACT before undergoing IDS. Because the use of CRS has been validated and recommended only for HGSC, all other epithelial ovarian cancer histotypes were initially excluded from the present study. Patients with synchronous malignancies, incomplete clinicopathological records, and those who did not undergo optimal cytoreductive surgery were excluded. Women with platinum-refractory diseases were excluded from the study. The study sequence is illustrated in **Figure 1**.

Germline or somatic BRCA 1/2 status was not routinely obtained during the study period because of local reimbursement policies; therefore, genetic data were not systematically collected and were not included in the analyses.

Pathology review

The ICCR issued guidelines on reporting serous ovarian cancer, advising the inclusion of a 3-point scoring system described by Böhm et al.[7] as the standard for the assessment of tumor regression following NACT.

All available hematoxylin and eosin stained slides from the surgical specimens that were diagnosed as HGSC in the Pathology Department of Istanbul Faculty of Medicine were re-evaluated by three pathologists (S.Ö, A.B, S.B), including an expert gynecologic pathologist (S.Ö). Each slide representing the omentum and adnexa was scored independently by pathologists according to a three-tier system. The summary of the scoring system proposed by Böhm et al. is as follows: Score 1: No or minimal tumor response (mainly viable tumor with no or minimal regression-associated fibroinflammatory changes, limited to a few foci); Score 2: Partial tumor response (both tumor groups and regression-associated fibroinflammatory changes are easily identifiable); Score 3: Complete or near-complete response (mainly regression, with few irregularly scattered individual tumor cells or cell groups, all measuring < 2 mm, or no residual tumor identified).[7] The cases that did not receive the same score from all three pathologists were evaluated together, and a consensus was established for outcome analysis.

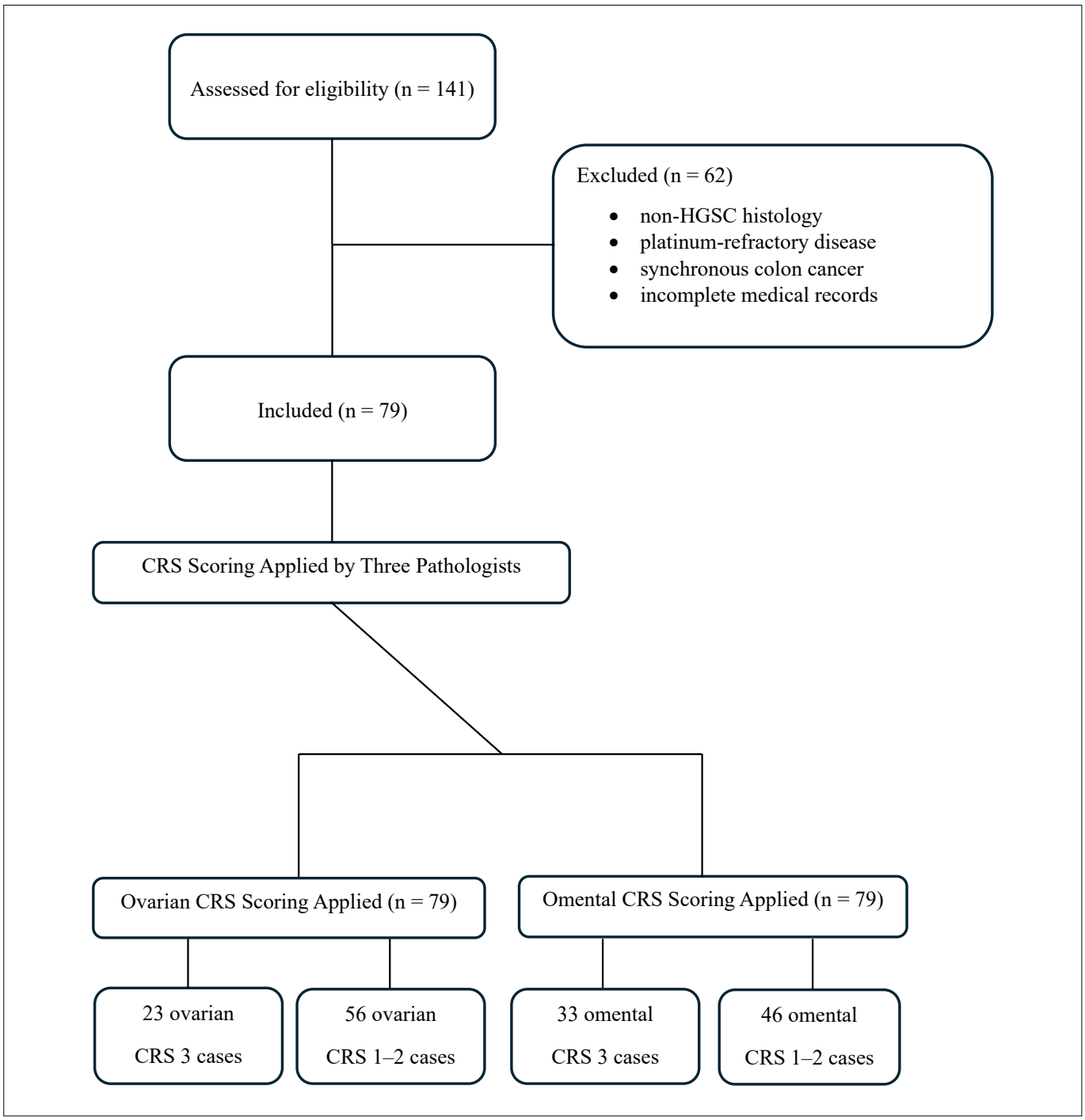


Figure 1. Flow diagram of the study.

Statistical analysis

Patient data, including age, disease stage, histology, CA-125 levels at diagnosis and completion of NACT, and residual tumors after IDS, were collected from computerized medical records. The level of CA-125 reduction attributable to NACT was defined as the difference between the highest pretreatment and pre-surgical CA-125 measurements. The survival status of patients was determined as alive or dead at the time of the last follow-up. This was confirmed by performing a Social Security Death Index search for all study participants with recorded deaths. After initial diagnosis, recurrence was defined as documentation of metastasis with serum CA-125 measurement and imaging techniques after a DFS ≥ 3 months. DFS was defined as the time from surgery to the first identification of recurrence by radiological

imaging and serum CA-125 measurement or death from any cause, whichever occurred first, or the date of the last contact for patients who remained alive without recurrent disease. OS was calculated as the period between the initial diagnosis of HGSC and the date of death or last contact. The surviving patients were censored at the last follow-up. Survival analysis was based on the Kaplan–Meier method, and the results were compared using a log-rank test. The chi-square test and Student's t-test for unpaired data were used for statistical analysis. Cox regression analysis was used to determine the factors affecting survival, presented as hazard ratios (HRs) and 95% confidence intervals (95% CI), unadjusted or adjusted for all factors. All variables with a p value < 0.05 in univariate analysis were included in the multivariate analysis. All statistical analyses were performed using SPSS software (version 23.0; SPSS Inc., Chicago, IL, USA). Statistical significance was set at $P < 0.05$.

RESULTS

A total of 62 patients were excluded because of non-HGSC histology, platinum-refractory disease, synchronous colon cancer, or incomplete medical records. **Table 1** shows a comparison of the baseline characteristics of the 79 patients included in this study. Twenty-three adnexal CRS 3 cases were compared with 56 adnexal CRS 1–2 cases. Age, menopausal status, pre-NACT CA-125 levels, post-NACT CA-125 levels, percentage of CA-125 drop, stage, presence of ascites at surgery, number of NACT cycles, and recurrence rates were similar between the groups. The time to chemotherapy after IDS (47 days vs. 30 days, respectively) and median follow-up (72 months versus 48.50 months, respectively) were significantly longer in adnexal CRS 3 cases than in adnexal CRS 1–2 cases. Patients with adnexal CRS 3 were more likely to have a high omental CRS than that of those with adnexal CRS 1–2 (69.6% and 30.4%, respectively).

For the entire cohort, univariate analysis revealed that adnexa CRS 1-2 ($P = 0.016$) and Omental CRS 1–2 ($P = 0.007$) were significant predictors of decreased DFS. Multivariate analysis showed that none was determined to be an independent risk factor for decreased DFS (**Table 2**).

In the entire cohort, univariate analysis revealed that the presence of ascites ($P = 0.002$), adnexa CRS 1–2 ($P = 0.011$), and omental CRS 1–2 ($P < 0.001$) were significant factors for decreased OS. At the end of multivariate analysis, only omental CRS 1–2 (HR 2.69; 95% CI 1.26–5.76, $P = 0.010$) was identified as independent predictor of decreased OS as shown in **Table 3**.

Because only omental CRS was identified as an independent predictor of decreased OS, log-rank analysis was performed to assess the impact of omental CRS on survival. The median DFS for women with omental CRS 1–2 was 19 months (95% CI

Table 1. Baseline characteristics of the study cohort.

	Adnexal CRS 1–2 (n = 56)	Adnexal CRS 3 (n = 23)	P
Age, years (median)	60 (38–80)	58 (39–78)	0.927
Menopausal status			
Pre-menopause	16 (28.6%)	4 (17.4%)	0.299
Post-menopause	49 (71.4%)	19 (82.6%)	
Pre NACT CA 125 levels (median, IU/ml)	1192.50 (259–10858)	980 (270–8169)	0.553
Post NACT CA 125 levels (median, IU/ml)	32.50 (7–450)	29 (3–355)	0.524
Percent of CA 125 drop %, (median)	96.32 (71.76–99.53)	96.53 (81.08–99.86)	0.742
Stage			
Stage IIIC	47 (83.9%)	17 (73.9%)	0.35
Stage IV	9 (16.1%)	6 (16.1%)	
Presence of ascites at surgery, n			
Present	23 (41.1%)	8 (34.8%)	0.603
Absent	33 (58.9%)	15 (65.2%)	
NACT cycles			
3–4	23 (41.1%)	10 (43.5%)	0.844
> 4	33 (58.9%)	13 (56.5%)	
Time to chemotherapy after interval debulking surgery, days (median)	30 (15-75)	47 (24-95)	**0.001**
Omental CRS			
Score 1–2	39 (69.6%)	7 (30.4%)	**0.001**
Score 3	17 (30.4%)	16 (69.6%)	
Recurrence, N			
Present	43 (76.8%)	16 (69.6%)	0.503
Absent	13 (23.2%)	7 (30.4%)	
Median follow up, months	48.50 (15–104)	72 (24–129)	**0.014**

CA 125, cancer antigen 125; NACT, neoadjuvant chemotherapy; CRS, chemotherapy response score.

Table 2. Univariate and multivariate analyses for prognostic factors for disease-free survival in the entire cohort.

Variable	Univariate analysis HR 95% CI P	Multivariate analysis HR 95% CI P
Age	0.912	
Menopausal status (post-menopause vs. pre-menopause)	0.73	
Pre NACT CA 125 levels	0.443	
Post NACT CA 125 levels	0.564	
Percent of CA 125 drop	0.878	
Stage (IV vs. IIIC)	0.69	
Ascites (present vs. absent)	0.168	0.755
NACT cycles (> 4 vs. 3–4)	0.059	0.074
Time to chemotherapy after interval debulking surgery	0.079	0.46
Adnexa CRS (1–2 vs. 3)	**2.10 1.14–3.86 0.016**	0.096
Omental CRS (1–2 vs. 3)	**2.08 1.22–3.54 0.007**	0.112

HR, hazard ratio; CI, confidence interval; LN, lymph node.

Table 3. Univariate and multivariate analyses for prognostic factors for overall survival in the entire cohort.

Variable	Univariate analysis HR 95% CI P	Multivariate analysis HR 95% CI P
Age	0.992	
Menopausal status (post-menopause vs. pre-menopause)	0.756	
Pre NACT CA 125 levels	0.423	
Post NACT CA 125 levels	0.675	
Percent of CA 125 drop	0.363	
Stage (IV vs. IIIC)	0.69	
Ascites (present vs. absent)	**2.59 1.43–4.70 0.002**	1.86 1–3.48 0.05
NACT cycles (> 4 vs. 3–4)	0.153	0.198
Time to chemotherapy after interval debulking surgery	0.213	0.838
Adnexa CRS (1–2 vs. 3)	**2.62 1.24–5.53 0.011**	0.182
Omental CRS (1–2 vs. 3)	**3.56 1.77–7.16 < 0.001**	**2.69 1.26–5.76 0.01**

HR, hazard ratio; CI, confidence interval; LN, lymph node.

14.8–23.1, standard error [SE] 2.11) compared to 35 months (95% CI 13.1–56.8, SE 11.14) in the omental CRS 3 group (P = 0.005) (**Figure 2**). The 5-year DFS rate was higher in the omental CRS 3 group (38.5% in the omental CRS 3 group vs. 14.9% in the omental CRS 1–2 group). The median OS of the omental CRS 1–2 group was 46 months (95% CI 38.8–53.1, SE 3.67), while the median OS of the omental CRS 3 group was not yet reached (P < 0.001) (**Figure 3**). When the 5-year OS rates were examined; superior outcomes were observed in omental CRS 3 cases than in omental CRS 1–2 cases (72% versus 30.8%, respectively).

At the time of reporting, of the 33 women in the omental CRS 3 group, 12 (36,4%) had died, whereas 21 (63,6%) were alive. The corresponding figures were 35 (76,1%) and 11 (23,9%) in omental CRS Groups 1 and 2, respectively.

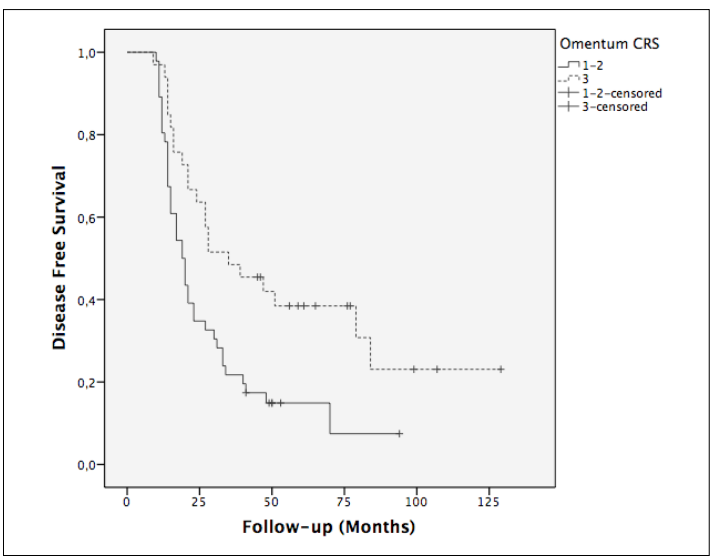


Figure 2. Kaplan–Meier curve showing disease-free survival based on omental CRS (1–2 versus 3).

DISCUSSION

In this study, we investigated the prognostic significance of CRS in patients with advanced-stage HGSC, with a particular focus on the differences in outcomes between adnexal and omental CRS. Our results demonstrated that omental CRS 1–2 was a significant independent predictor of decreased OS, whereas neither adnexal CRS 1–2 nor omental CRS 1–2 were independent predictors of decreased DFS in multivariate analysis. These findings reinforce the

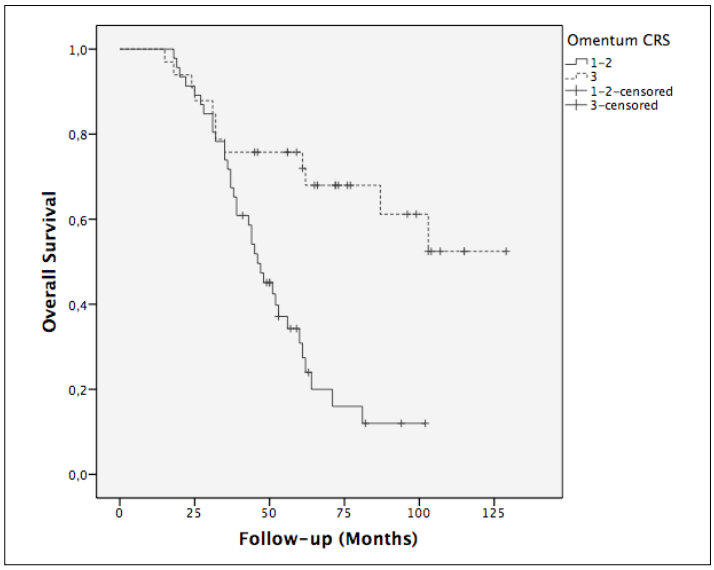


Figure 3. Kaplan–Meier curve showing overall survival based on omental CRS (1–2 versus 3).

importance of the omental CRS as a critical site for assessing chemotherapy response in HGSC.

The CRS system, initially developed and validated by Böhm et al.,[7] has been accepted as a reliable and reproducible marker for evaluating histopathologic response to NACT.[7] Although the importance of the CRS score is emphasized in the ESGO-ESMO-ESP consensus conference recommendations on ovarian cancer, the relationship between the CRS score and DFS and OS outcomes is inconsistent in studies in the literature (**Table 4**).[7,9–18] Our findings align with previous studies that established the prognostic value of CRS, particularly in the omentum, where higher CRS 3 is associated with significantly improved OS compared to that with CRS 1–2.[14–16,19] In line with the work of Santoro et al., we found that omental CRS 3 patients had superior survival outcomes, with a 5-year OS rate of 72%, compared to 30.8% in omental CRS 1–2 patients.[14]

One of the notable findings in our study was the absence of prognostic significance for adnexal CRS 1–2 in the multivariate

Table 4. Summary of studies evaluating CRS in relation to DFS and OS.

Study	Sample Size	Scoring System	Period of Enrollment	Results	HR, P
Böhm et al.[7]	62 (TC)	Six-tier omental and adnexal	2009–2014	A significantly improved DFS for mCRS 4–5 compared with mCRS 2–3 (Adjusting for age, stage, and residual disease) A significant OS benefit for mCRS 4–5	mCRS 2–3 vs. mCRS 4–5: Median survival, 11.3 vs. 32.1 months; aHR, 6.13; 95% CI, 2.13–17.68; P < 0.001 aHR, 24.97; 95% CI, 2.35–265.6; P < 0.01 P = 0.59 P = 0.12
	71 (VC)	Three-tier omental	1999–2012	Adnexal scores not associated with DFS or OS Improved DFS for mCRS3 compared with mCRS 1–2 Nonsignificant trend for OS	mCRS 1–2 vs. mCRS 3: median survival, 12 vs. 18 months; aHR, 3.60; 95% CI, 1.69–7.66; P < 0.001 mCRS 1–2 vs. 3: median survival, 28.4 vs. 45.1 months; aHR, 1.81; 95% CI, 0.79–4.14; P = 0.15
Lee et al.[10]	110	Three-tier omental and adnexal	2006–2014	İmproved DFS for mCRS3 compared with mCRS 1–2 No significant difference in OS between mCRS 1–2 and mCRS 3 Adnexal CRS showed no significant association with outcome	The median DFS of CRS 1–2 vs. CRS 3 14.5 vs. 18.6 months, P = 0.016 P = 0.902 P = 0.317
Coghlan et al.[11]	71	Three-tier omental	2010–2014	İmproved DFS for mCRS3 compared with mCRS 1–2 No significant association for OS	HR, 2; 95% CI, 1.06–3.78; P = 0.032; median DFS, 26 months (mCRS 3) vs 16 months (mCRS 1–2) mCRS 1–2 vs. 3: HR, 1.57; 95% CI, 0.68–3.65; P = 0.291

Continue...

Table 4. Continuation.

Study	Sample Size	Scoring System	Period of Enrollment	Results	HR, P
Ditzel et al.[12]	68 (omental n = 65) (adnexal n = 59)	Three-tier omental and adnexal	2005–2012	İmproved DFS for AT mCRS3 compared with AT mCRS 1–2 No significant association with OS between AT mCRS 1–2 and AT mCRS3 Adnexal CRS showed no significant association with DFS and OS	AT mCRS 1–2 vs. 3; HR, 0.526; 95% CI, 0.306–0.904; P = 0.020 Median DFS, 10.9 vs. 18.9 months AT mCRS 1–2 vs. 3; HR, 0.608; 95% CI, 0.319–1.16; P = 0.131 Median DFS, 39.4 vs. 53.6 months P = 0.062 P = 0.055
Michaan et al.[13]	132	Three-tier omental and adnexal	2009–2014	Significantly longer DFS for mCRS 3, with no significant OS difference A significantly longer DFS but not OS for patients with ovCRS 3 Significantly longer DFS for cCRS 3, with no significant OS difference	P < 0.01 Median DFS = 7.5, 12, and 17 months for ovCRS 1, 2, and 3, P = 0.012 P < 0.01
Santaro et al.[14]	161	Three-tier omental and adnexal	2014–2017	Worsened DFS with mCRS1 and ovCRS1-2, Compared with mCRS3 and ovCRS3 Worsened OS with mCRS1 compared with mCRS3	mCRS1 vs. mCRS3: HR, 2.17; 95% CI, 1.41–3.33; P = 0.0004 mCRS2 vs. mCRS3: HR, 2.34; 95% CI, 1.35–4.04; P = 0.002 ovCRS1 vs. ovCRS3: HR, 2.53; 95% CI, 1.50–4.24; P = 0.001 ovCRS2 vs. ovCRS3: HR, 1.90; 95% CI, 1.08–3.37; P = 0.03 mCRS1 vs. mCRS3: HR, 2.75; 95% CI, 1.29–5.86; P = 0.01
Böhm et al.[15]	80	Three-tier omental	2009–2015	İmproved DFS with mCRS3 compared with mCRS2 İmproved OS with mCRS3 compared with mCRS2	Median DFS 13 months (mCRS 2) and 27 months (mCRS 3); HR 0.39 (95% CI 0.21–0.7), P = 0.002 (Adjusted for age, stage, and debulking status) Median OS was 31 months (mCRS 2) and 66 months (mCRS 3); HR 0.17 (95% CI 0.07–0.44), P = 0.0002 (Adjusted for age, stage, and debulking status)
Zorzato et al.[16]	108	Three-tier omental	2007–2017	İmproved DFS with mCRS3 compared with mCRS1 İmproved OS with mCRS3 compared with mCRS1	HR 0.35; 95% CI, 0.2–0.61; P < 0.0001 HR 0.38; 95% CI, 0.18–0.82; P = 0.013

Continue...

Table 4. Continuation.

Study	Sample Size	Scoring System	Period of Enrollment	Results	HR, P
Lawson et al.[17]	158	Three-tier omental and adnexal	2013–2018	İmproved DFS with mCRS3 compared with mCRS 1–2 No association with OS between mCRS1-2 and mCRS3 İmproved DFS for ovCRS3 compared with ovCRS1-2 No association with OS between ovCRS1-2 and ovCRS3 İmproved DFS for cCRS3 compared with cCRS 1–2 No association with OS between cCRS 1–2 and cCRS3	HR 0.612, 95% CI: 0.378–0.989, P = 0.045 HR 0.96, 95% CI: 0.495–1.865, P = 0.91 HR 0.535, 95% CI: 0.297–0.963, P = 0.037 HR 0.734, 95% CI: 0.327–1.645, P = 0.45 HR 0.364, 95% CI: 0.148–0.896, P = 0.028 HR 0.66, 95% CI: 0.205–2.131, P = 0.49
Liontos et al.[18]	48	Three-tier omental and adnexal	2011–2016	Median DFS was associated with CRS at omentum CRS at omentum was not associated with OS Adnexal scores not associated with DFS or OS	Median DFS was: 10.3 months (mCRS 1) (95% CI 7.4–15.7), 14 months (mCRS 2) (95% CI 12.2–22.9), 18.7 months (mCRS 3) (95% CI 13.5–31.3), P = 0.003 Median OS was: 29.3 months (mCRS 1) (95% CI 10.9-NR), 32 months (mCRS 2) (95% CI 16.4–46.9) 42.3 months (mCRS 3) (95% CI 30.8-NR), P = 0.182 P = 0.115 P = 0.428

DFS, disease-free survival; OS, overall survival; CRS, chemotherapy response score; mCRS, omental chemotherapy response score; ovCRS, ovarian chemotherapy response score; cCRS, combined chemotherapy response score; HR, hazard ratio; TC, test cohort; VC, validation cohort; AT, after traiing.

analysis for DFS, which contrasts with some reports suggesting the relevance of adnexal CRS in predicting survival outcomes.[13,14,17,20] This discrepancy may stem from inherent challenges in scoring adnexal disease, as previously noted in the literature. The adnexal site is often less reproducible, and adnexal CRS has shown variable prognostic significance across studies.[21] Further research is needed to standardize the assessment of CRS in adnexal tissue and to determine its potential utility in guiding clinical decision-making.[19]

Our study further underscores the critical role of the omental CRS in predicting long-term survival. As demonstrated in a meta-analysis by Cohen et al.,[19] omental CRS 3 remains a strong independent predictor of both DFS and OS. In our cohort, the median OS for the omental CRS 1–2 group was 46 months (95% CI 38.8–53.1, SE 3.67), indicating a shorter survival compared to that of the omental CRS 3 group, for which the median OS was not yet reached. These results suggest that the extent of response to chemotherapy in the omentum can serve as a valuable surrogate for predicting treatment response and overall prognosis.

Despite the strengths of our study, including its well-characterized cohort and comprehensive follow-up data, some limitations must be acknowledged. The relatively small sample size may have limited the generalizability of our findings. Moreover, the exclusion of patients with platinum-refractory disease may have introduced selection bias, potentially underestimating the true prognostic significance of CRS. In addition, the absence of BRCA 1/2 data due to local reimbursement constraints during the study period precluded analysis of the potential influence of BRCA status on CRS distribution and survival outcomes.

CONCLUSION

Our study highlights the prognostic value of omental CRS in advanced epithelial ovarian cancer, particularly for predicting OS. The use of CRS, especially in omental tissues, should be further explored as a clinical tool to guide therapeutic decision-making and follow-up strategies. Future research should focus on refining the CRS system and integrating it with molecular and radiological markers to enhance its prognostic utility.

REFERENCES

1. Jemal A, Bray F, Center MM, et al. Global cancer statistics. CA Cancer J Clin. 2011;61(2):69–90. Erratum in: CA Cancer J Clin. 2011;61(2):134. PMID: 21296855; https://doi.org/10.3322/caac.20107.
2. Ferlay J, Soerjomataram I, Dikshit R, et al. Cancer incidence and mortality worldwide: sources, methods and major patterns in GLOBOCAN 2012. Int J Cancer. 2015;136(5):E359–E386. PMID: 25220842; https://doi.org/10.1002/ijc.29210.
3. Siegel RL, Miller KD, Jemal A. Cancer statistics, 2019. CA Cancer J Clin. 2019;69(1):7–34. PMID: 30620402; https://doi.org/10.3322/caac.21551.
4. Du Bois A, Reuss A, Pujade-Lauraine E, et al. Role of surgical outcome as prognostic factor in advanced epithelial ovarian cancer: a combined exploratory analysis of 3 prospectively randomized phase 3 multicenter trials: by the Arbeitsgemeinschaft Gynaekologische Onkologie Studiengruppe Ovarialkarzinom (AGO-OVAR) and the Groupe d'Investigateurs Nationaux Pour les Etudes des Cancers de l'Ovaire (GINECO). Cancer. 2009;115(6):1234–44. https://doi.org/10.1002/cncr.24149. Erratum in: Cancer. 2024;130(17):3043–5. PMID: 19189349; https://doi.org/10.1002/cncr.35344.
5. Kehoe S, Hook J, Nankivell M, et al. Primary chemotherapy versus primary surgery for newly diagnosed advanced ovarian cancer (CHORUS): an open-label, randomised, controlled, non-inferiority trial. Lancet. 2015;386(9990):249–57. PMID: 26002111; https://doi.org/10.1016/S0140-6736(14)62223-6.
6. Vergote I, Tropé CG, Amant F, et al.; European Organization for Research and Treatment of Cancer-Gynaecological Cancer Group; NCIC Clinical Trials Group. Neoadjuvant chemotherapy or primary surgery in stage IIIC or IV ovarian cancer. N Engl J Med. 2010;363(10):943–53. PMID: 20818904; https://doi.org/10.1056/NEJMoa0908806.
7. Böhm S, Faruqi A, Said I, et al. Chemotherapy response score: development and validation of a system to quantify histopathologic response to neoadjuvant chemotherapy in tubo-ovarian high-grade serous carcinoma. J Clin Oncol. 2015;33(22):2457–63. PMID: 26124480; https://doi.org/10.1200/JCO.2014.60.5212.
8. McCluggage WG, Judge MJ, Clarke BA, et al.; International Collaboration on Cancer Reporting. Data set for reporting of ovary, fallopian tube and primary peritoneal carcinoma: recommendations from the International Collaboration on Cancer Reporting (ICCR). Mod Pathol. 2015;28(8):1101–22. PMID: 26089092; https://doi.org/10.1038/modpathol.2015.77.
9. Ledermann JA, Matias-Guiu X, Amant F, et al. ESGO-ESMO-ESP consensus conference recommendations on ovarian cancer: pathology and molecular biology and early, advanced and recurrent disease. Ann Oncol. 2024;35(3):248–66. PMID: 38307807; https://doi.org/10.1016/j.annonc.2023.11.015.
10. Lee JY, Chung YS, Na K, et al. External validation of chemotherapy response score system for histopathological assessment of tumor regression after neoadjuvant chemotherapy in tubo-ovarian high-grade serous carcinoma. J Gynecol Oncol. 2017;28(6):e73. PMID: 28758379; https://doi.org/10.3802/jgo.2017.28.e73.
11. Coghlan E, Meniawy TM, Munro A, et al. Prognostic role of histological tumor regression in patients receiving neoadjuvant chemotherapy for high-grade serous tubo-ovarian carcinoma. Int J Gynecol Cancer. 2017;27(4):708–13. PMID: 28441251; https://doi.org/10.1097/IGC.0000000000000945.
12. Ditzel HM, Strickland KC, Meserve EE, et al. Assessment of a chemotherapy response score (CRS) system for tubo-ovarian high-grade serous carcinoma (HGSC). Int J Gynecol Pathol. 2019;38(3):230–40. PMID: 29750700; https://doi.org/10.1097/PGP.0000000000000513.
13. Michaan N, Chong WY, Han NY, Lim MC, Park SY. Prognostic value of pathologic chemotherapy response score in patients with ovarian cancer after neoadjuvant chemotherapy. Int J Gynecol Cancer. 2018;28(9):1676–82. PMID: 30256239; https://doi.org/10.1097/IGC.0000000000001366.
14. Santoro A, Angelico G, Piermattei A, et al. Pathological chemotherapy response score in patients affected by high grade serous ovarian carcinoma: the prognostic role of omental and ovarian residual disease. Front Oncol. 2019;9:778. PMID: 31482065; https://doi.org/10.3389/fonc.2019.00778.
15. Böhm S, Le N, Lockley M, Brockbank E, et al. Histopathologic response to neoadjuvant chemotherapy as a prognostic biomarker in tubo-ovarian high-grade serous carcinoma: updated chemotherapy response score (CRS) results. Int J Gynecol Cancer. 2019;29(2):353–6. PMID: 30683759; https://doi.org/10.1136/ijgc-2018-000092.
16. Zorzato PC, Zannoni GF, Tudisco R, et al. External validation of a "response score" after neoadjuvant chemotherapy in patients with high-grade serous ovarian carcinoma with complete clinical response. Int J Gynecol Cancer. 2020;30(1):67–73. PMID: 31754067; https://doi.org/10.1136/ijgc-2019-000561.
17. Lawson BC, Euscher ED, Bassett RL, et al. A 3-tier chemotherapy response score for ovarian/fallopian tube/peritoneal high-grade serous carcinoma: is it clinically relevant? Am J Surg Pathol. 2020;44(2):206–13. PMID: 31651523; https://doi.org/10.1097/PAS.0000000000001391.
18. Liontos M, Andrikopoulou A, Koutsoukos K, et al. Neutrophil-to-lymphocyte ratio and chemotherapy response score as prognostic markers in ovarian cancer patients treated with neoadjuvant chemotherapy. J Ovarian Res. 2021;14(1):148. PMID: 34724958; https://doi.org/10.1186/s13048-021-00902-0.
19. Cohen PA, Powell A, Böhm S, et al.; HGSC CRS collaborative network (supplementary 1); Singh N. Pathological chemotherapy response score is prognostic in tubo-ovarian high-grade serous carcinoma: a systematic review and meta-analysis of individual patient data. Gynecol Oncol. 2019;154(2):441–8. https://doi.org/10.1016/j.ygyno.2019.04.679. Erratum in: Gynecol Oncol. 2020;157(2):558–9. https://doi.org/10.1016/j.ygyno.2020.02.023. Erratum in: Gynecol Oncol. 2021;161(1):328–9. PMID: 31118141; https://doi.org/10.1016/j.ygyno.2021.01.032.
20. Santoro A, Travaglino A, Inzani F, et al. Prognostic value of chemotherapy response score (CRS) assessed on the adnexa in ovarian high-grade serous carcinoma: a systematic review and meta-analysis. Diagnostics (Basel). 2022;12(3):633. PMID: 35328186; https://doi.org/10.3390/diagnostics12030633.

21. Rodolakis I, Pergialiotis V, Liontos M, et al. Chemotherapy response score in ovarian cancer patients: an overview of its clinical utility. J Clin Med. 2023;12(6):2155. PMID: 36983157; https://doi.org/10.3390/jcm12062155.

Authors' contributions: Sözen H: conceptualization, methodology; Minareci Y: data curation, investigation; Toyran A: writing – original draft, validation; Yalçın İ: formal analysis; Önder S: methodology, formal analysis; Bayram A: formal analysis; Bağbudar S: formal analysis; Albayrak M: writing – review and editing; Tikiz MA: data curation, investigation; Saip PM: supervision, writing – review and editing; Topuz S: project administration, validation, writing – review and editing; Salihoğlu MY: project administration, supervision, writing – review and editing. All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Note: The submitted version of this manuscript was posted on Research Square under DOI https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-5425478/v1. The authors certify that this work is original, has not been published elsewhere and is not currently under consideration for publication elsewhere.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of first submission: January 26, 2025
Last received: August 14, 2025
Accepted: August 15, 2025

Address for correspondence:
Atahan Toyran
Department of Gynecology and Obstetrics, Division of Gynecologic Oncology, Faculty of Medicine, Istanbul University
Topkapı, Turgut Özal Millet Cd, 34093
Fatih — İstanbul — Türkiye
Tel. (+90) 505 714 62 33
E-mail: atahan.toyran@istanbul.edu.tr

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

Impact of thyroid volume on serum ionized calcium and PTH levels after total thyroidectomy

Nicolas Johnson de Oliveira Vieira[I], Lucas Norambuena Aulicino[II], João Victor Marques Cruz Helene de Oliveira[III], Inês Nobuko Nishimoto[IV], Rogério Aparecido Dedivitis[V]

Faculdade de Ciências Médicas de Santos, Centro Universitário Lusíada (Unilus), Santos (SP), Brazil

[I]MD. Past-undergraduate student, Faculdade de Ciências Médicas de Santos, Centro Universitário Lusíada, Santos (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0006-6479-9159

[II]MD. Past-undergraduate student, Faculdade de Ciências Médicas de Santos, Centro Universitário Lusíada, Santos (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0006-6933-0878

[III]MD. Past-undergraduate student, Faculdade de Ciências Médicas de Santos, Centro Universitário Lusíada, Santos (SP), Brazil.
https://orcid.org/0009-0005-3053-8973

[IV]PhD. Assistant Professor, Faculdade de Ciências Médicas de Santos, Centro Universitário Lusíada, Santos (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0003-0512-6430

[V]PhD. Full Professor, Department of Surgery, Faculdade de Ciências Médicas de Santos, Centro Universitário Lusíada, Santos (SP), Brazil.
https://orcid.org/0000-0002-6267-1147

KEYWORDS (MeSH terms):
Hypoparathyroidism.
Thyroidectomy.
Complications, postoperative.
Parathyroid hormone.
Hypocalcemia.

AUTHOR KEYWORDS:
Parathyroid.
Thyroid surgery.
Hypocalcemia.
PTH.
Calcium level.

ABSTRACT

BACKGROUND: The relationship between thyroid gland volume and hypoparathyroidism after total thyroidectomy remains controversial.

OBJECTIVE: To evaluate thyroid gland mass as a risk factor for hypoparathyroidism after total thyroidectomy.

DESIGN AND SETTING: A Retrospective cross-sectional observational study was conducted at Centro Universitário Lusíada (UNILUS), Santos/SP, Brazil.

METHODS: Patients undergoing total thyroidectomy between January 2022 and September 2023 were retrospectively evaluated for serum levels of ionized calcium and ultrasensitive parathyroid hormone (PTH), measured preoperatively and 30–60 days postoperatively, and thyroid mass, obtained by weighing the specimen.

RESULTS: A total of 174 patients were evaluated, with a predominance of women (89.7%), a median age of 50.5 years, and a median goiter volume of 36.3 mL. A reduction in both PTH and ionized calcium levels was observed in the postoperative period compared with the preoperative period ($P < 0.05$). No significant changes were observed in PTH levels and volume ($P = 0.481$). For calcium, there was a tendency towards an association between volume measurements and its change between the pre- and postoperative periods, which was marginally significant ($P = 0.051$).

CONCLUSION: There was a marginal association between volume and changes in pre- and postoperative ionized calcium levels, but no significant association with pre- and postoperative PTH measurements.

INTRODUCTION

Total thyroidectomy is the most common endocrine surgery. Postoperative hypocalcemia is the most common complication of total thyroidectomy. Its incidence varies from 30% to 60%, and most patients recover completely. It is not always associated with accompanying symptoms and, in most cases, resolves in less than 6 months. The incidence of transient and permanent hypocalcemia varies from 19% to 38% and 0% to 3%, respectively.[1]

The mechanisms include direct injury, devascularization, venous drainage obstruction, or inadvertent excision of the parathyroid glands. A systematic review identified predictors of transient and permanent hypocalcemia after total thyroidectomy. Independent clinical predictors of permanent hypocalcemia included reoperation for bleeding, identification of fewer than two parathyroid glands, Graves' disease, and larger thyroid volume on multivariate analysis.[2] However, in another meta-analysis, the significant predictors of transient hypocalcemia were younger age, female sex, parathyroid autotransplantation, inadvertent parathyroid excision, Graves' disease, thyroid cancer, central compartment clearance, severe preoperative vitamin D deficiency, and low postoperative 24-hour parathyroid hormone (PTH) levels.[3]

However, the effect of thyroid gland volume as a risk factor for hypoparathyroidism remains controversial. In a prospective review of 121 patients undergoing total thyroidectomy, the thyroid volume was calculated preoperatively using ultrasound and by weighing the surgical specimen. When analyzing the incidence of complications based on the quartiles of gland weight and volume, no significant difference was observed in the incidence of transient or permanent hypoparathyroidism.[4]

OBJECTIVES

This study aimed to evaluate thyroid gland mass as a risk factor for decreased ionized calcium and PTH levels following total thyroidectomy.

METHODS

This study was approved by the Institutional Review Board of Fundação Lusíada, Centro Universitário Lusíada (UNILUS) under number 857/2023, on August 4th, 2023. All patients who underwent total thyroidectomy between January 2022 and September 2023 were retrospectively evaluated by reviewing their medical records. The inclusion criteria were as follows: patients aged > 18 years who underwent total thyroidectomy. Exclusion criteria included any type of cervical clearance, altered calcium homeostasis, prior surgical or radiotherapy treatment in the cervical region, and incomplete medical records.

All patients underwent surgery by the same surgical team using a standardized technique. The following aspects were evaluated: biochemical monitoring of mineral homeostasis by measuring ionized calcium and ultrasensitive PTH levels, assessed preoperatively and between 30 and 60 days postoperatively, and the mass of the thyroid gland obtained by weighing the specimen after removal.

Statistical analyses were performed as follows: frequency distribution was used to describe categorical variables, and measures of central tendency (mean and median) and variability (range and standard deviation) were used for numerical variables. The Wilcoxon signed-rank test was used to assess the association between preoperative and postoperative measurements of numerical variables (PTH and ionized calcium). We calculated the difference between postoperative and preoperative measurements of ionized calcium and PTH levels, creating a categorical variable (increase or decrease), and the association between the numerical variable and this new categorical variable was evaluated using the non-parametric Mann–Whitney U test. The Shapiro-Wilk test was used to check the normality of the numerical data for variables (PTH, ionized calcium, and volume). A significant level of 5% was used for all statistical tests. The statistical software STATA version 18 (StataCorp LLC, College Station, Texas, United States) was used for all the statistical analyses.[5]

RESULTS

A total of 174 patients were evaluated, with a predominance of women (89.7%), a median age of 50.5 years, and a median goiter volume of 36.3 mL (**Table 1**).

When comparing preoperative and postoperative PTH measurements, it was noted that the postoperative measurements were lower, and this difference was statistically significant (P < 0.001). The same was observed for ionized calcium; although there was a slight reduction, the difference was statistically significant (P = 0.0004) (**Table 2**).

To assess the association between preoperative and postoperative measurements in relation to volume, we created a difference variable by subtracting preoperative measurements from postoperative measurements (**Table 3**).

Table 1. Distribution of the study population according to demographic and clinical variables (n = 174)

Variable	Category / Measures	Freq. (%) / Measures
Gender	Female	156 (89,7)
	Male	18 (10,3)
Age	Range	18 – 83
	Median	50,5
	Mean (SD)	50,8 (13,8)
Volume (cm)	Range	4,7 – 495
	Median	36,3
	Mean(SD)	49,0 (49,4)

SD = standard deviation.

Table 2. Association between preoperative and postoperative measurements of parathyroid hormone and ionized calcium (n = 174)

Variable	Measures	Pré	Post	P value
PTH	Range	15 – 105	5,1 – 85	< 0,001
	Median	44,3	39,6	
	Mean (SD)	46,3 (17,8)	41,1 (14,9)	
Ionized Calcium	Range	1,00 – 1,35	0,88 – 1,38	0,0004
	Median	1,23	1,22	
	Mean (SD)	1,23 (0,05)	1,22 (0,07)	

PTH = parathyroid hormone; SD = standard deviation; P value obtained using the paired Wilcoxon signed-rank test.

Table 3. Distribution of differences between postoperative and preoperative parathyroid hormone and ionized calcium levels

Variable	Measures	Measures		Difference (Post- minus pre-)
		Pre	Post	
PTH	Range	15 – 105	5,1 – 85	(-73,0) – 35,2
	Median	44,3	39,6	(-3,0)
	Mean (SD)	46,3 (17,8)	41,1 (14,9)	(-5,2) (13,5)
Ionized Calcium	Range	1,00 – 1,35	0,88 – 1,38	(-0,41) – 0,34
	Median	1,23	1,22	(-0,02)
	Mean (SD)	1,23 (0,05)	1,22 (0,07)	(-0,015) (0,072)

PTH = parathyroid hormone; SD = standard deviation.

An increase was considered when the difference was positive, that is, the postoperative measurement was greater than the preoperative measurement, and a decrease was considered when the difference was negative, or the postoperative measurement was lower than the preoperative measurement. The volumes were then compared in relation to the increase or decrease in pre- and postoperative values. It is observed that the volumes were larger when the postoperative PTH difference was greater than the preoperative, with a median volume of 37.7 cm compared to a median volume of 35.1 cm when the postoperative PTH was lower than the preoperative, but no significant difference was observed (P = 0.481) (**Table 4**).

The volumes were larger when the postoperative calcium difference was greater than the preoperative value, with a median volume of 40.4 mL compared with a median volume of 31.3 mL

when the postoperative ionized calcium was lower than the preoperative value. However, a tendency towards an association was observed between the volume and ionized calcium (post- and preoperative), which was marginally significant (P = 0.051) (**Table 5**).

Therefore, it was found that the preoperative and postoperative measurements were different, with a decrease in the postoperative values compared to the preoperative values for both PTH and ionized calcium (P < 0.05). However, no significant changes were observed in the increase or decrease in PTH levels or volume (P > 0.05). For calcium, there was a tendency towards an association between volume measurements and the decrease or increase between the preoperative and postoperative periods, which was marginally significant (P = 0.051).

DISCUSSION

Total thyroidectomy can lead to hypoparathyroidism, the most frequent complication, with an incidence of permanent hypoparathyroidism of 4.11% at 6 months postoperatively.[6] Low postoperative levels of PTH and the resulting hypocalcemia may be associated with the accidental removal of one or more glands or compromised blood supply. Postoperative hypocalcemia can present with serious complications and cause significant morbidity.[7]

Monitoring postoperative PTH and serum calcium levels is the best predictor for identifying hypoparathyroidism and treating the resulting symptom, hypocalcemia; however, there is no consensus on the timing, patient selection, and cutoff points for PTH levels.[7] A meta-analysis included 23 studies. Twelve significant risk factors for postoperative hypocalcemia were identified: hypoparathyroidism, OR = 5.58; total thyroidectomy, OR = 3.59; hypomagnesemia, OR = 2.85; preoperative vitamin D deficiency, OR = 2.32; female gender, OR = 1.49; thyroid malignancy, OR = 1.85; thyroiditis, OR = 1.48; sub-sternal multinodular goiter, OR = 1.70; parathyroidectomy, OR = 1.58; central compartment neck dissection, OR = 1.17; modified radical neck dissection, OR = 1.57; and central neck dissection, OR = 1.54.[8] Another metanalysis showed significant predictors of transient hypocalcemia: younger age, female gender, parathyroid autotransplantation, inadvertent parathyroid excision, Graves' disease, thyroid cancer, central compartment dissection, preoperative vitamin D deficiency, and low PTH levels 24 hours postoperatively.[3] None of these studies considered gland volume as a possible risk factor.

Table 4. Association between volume and differences in parathyroid hormone measurements (difference = post- minus pre)

Variable	Measures	Difference in PTH (Post-Pre)		P value
		Reduction	Increase	
Volume (cm)	n	112	62	0,481
	Range	4,7 – 280,0	9,3 – 495,0	
	Median	35,1	37,7	
	Mean (SD)	46,2 (37,8)	54,0 (65,4)	

SD = standard deviation; PTH = parathyroid hormone; P value obtained using the Mann-Whitney U test.

Table 5. Association between volume and differences in ionized calcium measurements (difference = post minus preoperative), excluding one case in which the postoperative measurement was equal to the preoperative measurement (n = 173)

Variable	Measures	Difference in ionized calcium (Post- minus pre-)		P value
		Reduction	Increase	
Volume (cm)	n	102	71	0,051
	Range	9 – 126,2	4,7 – 495	
	Median	31,3	40,4	
	Mean (SD)	42,0 (28,1)	59,6 (68,4)	

SD = standard deviation; P value obtained using the Mann-Whitney U test.

A total of 2,937 patients were evaluated for hypoparathyroidism. The rates of transient and permanent hypoparathyroidism were 25.20% and 2.69%, respectively. A large thyroid mass was designated in cases in which the gland volume represented a difficulty that interfered with the regular progress of the procedure. This was a subjective criterion based on the surgeon's perception and experience. The occurrence of transient hypoparathyroidism was independently linked to thyroid weight (P < 0.001).[9] In a group of 227 patients, 74 (32.6%) had goiters with a weight exceeding 250 g (massive goiter), and 153 (67.4%) had masses between 100 g and 250 g. Patients with massive goiters had higher rates of transient hypoparathyroidism (41.9% vs. 25.5%).[10]

Thyroid volume was calculated preoperatively using ultrasonography and, together with the final specimen weight, correlated with the development of postoperative complications in 131 patients undergoing total thyroidectomy. When analyzing the incidence of complications based on the quartiles of weight and glandular volume, no significant differences were observed in the incidence of transient or permanent hypoparathyroidism in any of the groups. No fewer parathyroid glands were visualized intraoperatively in patients with larger thyroid glands, nor was there an increased number of glands accidentally removed during surgery. In fact, a certain protective trend was observed regarding the number of visualized glands and gland size, and the correlation between thyroid volume and accidental gland removal, with no significant differences.[4]

There is controversy in the literature regarding the possible influence of thyroid gland masses on hypoparathyroidism after total thyroidectomy. In our study, the operation led to a decrease in ionized calcium levels, but no significant association was observed with the mass. Regarding PTH levels, the observed decrease in the PTH levels was not statistically significant.

CONCLUSION

There may have been an association between volume and changes in preoperative and postoperative ionized calcium measurements, although the obtained value (P = 0.051) was considered marginally significant. No significant association was observed between pre- and postoperative PTH measurements.

REFERENCES

1. Dedivitis RA, Aires FT, Cernea CR. Hypoparathyroidism after thyroidectomy: prevention, assessment and management. Curr Opin Otolaryngol Head Neck Surg. 2017;25(2):142-6. PMID: 28267706; https://doi.org/10.1097/moo.0000000000000346.
2. Edafe O, Antakia R, Laskar N, Uttley L, Balasubramanian SP. Systematic review and meta-analysis of predictors of post-thyroidectomy hypocalcaemia. Br J Surg. 2014;101(4):307-20. PMID: 24402815; https://doi.org/10.1002/bjs.9384.
3. Qin Y, Sun W, Wang Z, et al. A meta-analysis of risk factors for transient and permanent hypocalcemia after total thyroidectomy. Front Oncol. 2021;10:614089. PMID: 33718114; https://doi.org/10.3389/fonc.2020.614089.
4. Gómez-Ramírez J, Heras PC, Jiménez RA, et al. Large goiters and postoperative complications: does it really matter? Langenbecks Arch Surg. 2023;408(1):213. PMID: 37247029; https://doi.org/10.1007/s00423-023-02959-5.
5. StataCorp. Stata Statistical Software: Release 18. College Station: StataCorp LLC; 2023.
6. Koimtzis GD, Stefanopoulos L, Giannoulis K, Papavramidis TS. What are the real rates of temporary hypoparathyroidism following thyroidectomy? It is a matter of definition: A systematic review. Endocrine. 2021;73(1):1-7. PMID: 33651345; https://doi.org/10.1007/s12020-021-02663-8.
7. Privitera F, Centonze D, La Vignera S, et al. Risk factors for hypoparathyroidism after thyroid surgery: A single-center study. J Clin Med. 2023;12(5):1956. PMID: 36902740; https://doi.org/10.3390/jcm12051956.
8. Chen Z, Zhao Q, Du J, et al. Risk factors of postoperative hypocalcemia after thyroidectomy: A systematic review and meta-analysis. J Int Med Res. 2021;49(3):300060521996911. PMID: 33779362; https://doi.org/10.1177/0300060521996911.
9. Daher R, Lifante JC, Voirin N, et al. Is it possible to limit the risks of thyroid surgery? Ann Endocrinol. 2015;76(1 Suppl 1):1S16-26. PMID: 26826478; https://doi.org/10.1016/s0003-4266(16)30010-5.
10. Chen Q, Su A, Zou X, et al. Clinicopathologic characteristics and outcomes of massive multinodular goiter: A retrospective cohort study. Front Endocrinol. 2022;13:850235. PMID: 35685217; https://doi.org/10.3389/fendo.2022.850235.

Authors contributions: Vieira NJO: formal analysis (equal), investigation (equal), methodology (equal); Aulicino LN: formal analysis (equal), funding acquisition (equal), project administration (equal), resources (equal); Oliveira JVMCH: data curation (equal), formal analysis (equal), investigation (equal), methodology (equal), project administration (equal); Nishimoto IN: methodology (equal), software (equal), validation (equal); Dedivitis RA: project administration (equal), methodology (equal), software (equal), validation (equal), writing – original draft, writing – review and editing. All authors have reviewed and approved the final version of the manuscript submitted for publication

Sources of funding: None
Conflicts of interest: None

Date of first submission: November 11, 2024
Accepted: June 13, 2025

Address for correspondence:
Nicolas Johnson de Oliveira Vieira
Centro Universitário Lusíada (Unilus)
Rua Oswaldo Cruz, 179
Boqueirão — Santos (SP) — Brasil
CEP: 11045-101
Telefone: (+55 33) 3202-4600
E-mail: nicolas.johnson1999@gmail.com

Editor responsible for the evaluation:
Marianne Yumi Nakai MD, PhD (AE)
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes MD, PhD (EIC)

Insights for the treatment of depression in the Brazilian Public Health System

Thales Marcon Almeida[I], Ana Lídia Marcon Almeida[II], Quirino Cordeiro[III], Ricardo Riyoiti Uchida[IV]

Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo (SP), Brazil

[I]MD. Professor, Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-6338-1002

[II]MD. Physician, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sorocaba (SP), Brazil. https://orcid.org/0009-0006-6247-5476

[III]MD. Professor, Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-4100-8207

[IV]MD. Professor, Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo (SP), Brazil. https://orcid.org/0000-0002-4209-8830

Dear Editor,

A recent article by Cleare et al.[1] provides valuable insights into the pharmacological management of treatment-resistant depression (TRD), particularly regarding the use of adjunctive agents. Over a 52-week follow-up period, the study found that participants treated with adjunctive quetiapine exhibited significantly lower depressive symptom severity, reduced healthcare costs, greater gains in Quality-Adjusted Life Years (QALYs), and no differences in discontinuation rates compared to those receiving lithium. These findings raise important considerations for the treatment of depressive episodes within the Brazilian Public Health System (Sistema Único de Saúde, SUS), especially in cases of TRD.

Taking the state of São Paulo as an example, which is the most populous in Brazil, with over 44 million inhabitants, representing approximately 20% of the country's population, the estimated prevalence of depression in primary care is around 25%.[2] Most of these patients receive treatment through the public health system, where certain medications are provided free of charge with a medical prescription. Available treatments for depressive episodes include selective serotonin reuptake inhibitors (fluoxetine and sertraline), tricyclic antidepressants (clomipramine, amitriptyline, nortriptyline, and imipramine), and, in some regions, the serotonin and norepinephrine reuptake inhibitor venlafaxine.

Regarding evidence-based adjunctive strategies,[3] only lithium, risperidone, and immediate-release methylphenidate are currently available. Quetiapine, along with other atypical antipsychotics, is included in the formulary solely for patients diagnosed with bipolar disorder or schizophrenia, consequently making its use in major depressive disorder inaccessible through the public system. Furthermore, given Brazil's socioeconomic landscape, many patients cannot afford the monthly cost of private prescriptions. This is particularly relevant considering that among primary care users, psychiatric diagnoses are more prevalent in individuals with lower income, unemployment, and limited access to education.[2]

In Latin America, Brazil has the highest prevalence of TRD, ultimately affecting nearly 40% of patients with depression, with higher rates observed in public healthcare settings compared to private services.[4] In addition, compared to non-resistant depressive episodes, TRD in Brazil imposes significantly greater costs on the public health system, thus requiring increased resource allocation, including higher hospitalization rates and multiple pharmacological trials, with pharmaceutical expenditures representing the largest proportion of total costs.[5]

Given this scenario and considering that quetiapine is among the most effective adjunctive treatments for TRD,[6] for mental health professionals, particularly those working in the public sector, to advocate for expanding treatment options is crucial. Doing so could improve response and remission rates, enhance patient quality of life, and potentially reduce the long-term financial burden on the healthcare system.

REFERENCES

1. Cleare AJ, Kerr-Gaffney J, Goldsmith K, et al.; LQD Study Group. Clinical and cost-effectiveness of lithium versus quetiapine augmentation for treatment-resistant depression: a pragmatic, open-label, parallel-group, randomised controlled superiority trial in the UK. Lancet Psychiatry. 2025;12(4):276–88. https://

doi.org/10.1016/S2215-0366(25)00028-8. Erratum in: Lancet Psychiatry. 2025;12(6):e9. PMID: 40113355; https://doi.org/10.1016/S2215-0366(25)00133-6.

2. Gonçalves DA, Mari JJ, Bower P, et al. Brazilian multicentre study of common mental disorders in primary care: rates and related social and demographic factors. Cad Saude Publica. 2014;30(3):623–32. PMID: 24714951; https://doi.org/10.1590/0102-311x00158412.
3. Lam RW, Kennedy SH, Adams C, et al. Canadian Network for Mood and Anxiety Treatments (CANMAT) 2023 update on clinical guidelines for management of major depressive disorder in adults: Réseau canadien pour les traitements de l'humeur et de l'anxiété (CANMAT) 2023: mise à jour des lignes directrices cliniques pour la prise en charge du trouble dépressif majeur chez les adultes. Can J Psychiatry. 2024;69(9):641–87. https://doi.org/10.1177/07067437241245384. Erratum in: Can J Psychiatry. 2025;70(8):652. PMID: 38711351; https://doi.org/10.1177/07067437251349087.
4. Soares B, Kanevsky G, Teng CT, et al. Prevalence and impact of treatment-resistant depression in Latin America: a prospective, observational study. Psychiatr Q. 2021;92(4):1797–815. PMID: 34463905; https://doi.org/10.1007/s11126-021-09930-x.
5. Lepine BA, Moreno RA, Campos RN, Couttolenc BF. Treatment-resistant depression increases health costs and resource utilization. Braz J Psychiatry. 2012;34(4):379–88. PMID: 23429808; https://doi.org/10.1016/j.rbp.2012.05.009.
6. Zhou X, Ravindran AV, Qin B, et al. Comparative efficacy, acceptability, and tolerability of augmentation agents in treatment-resistant depression: systematic review and network meta-analysis. J Clin Psychiatry. 2015;76(4):e487–e498. PMID: 25919841; https://doi.org/10.4088/JCP.14r09204.

Authors' contributions: Almeida TM: conceptualization, writing, reviewing, and editing; Almeida ALM: conceptualization, writing, and review; Cordeiro Q: conceptualization, reviewing, and editing; Uchida RR: conceptualization, writing, reviewing, and editing. All authors reviewed and approved the final version of the manuscript for publication.

Sources of funding: None.
Conflicts of interest: None.

Date of submission: April 8, 2025
Accepted: May 14, 2025

Address for correspondence:
Thales Marcon Almeida
Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo
Rua Dona Veridiana, 55
Higienópolis — São Paulo (SP) — Brasil
CEP 01238-010
Tel. (+55 15) 9 9797-9756
E-mail: thalesmarcona@gmail.com

Editor responsible for the evaluation process:
Paulo Manuel Pêgo-Fernandes, MD, PhD

INSTRUCTIONS FOR AUTHORS

Scope and indexing

São Paulo Medical Journal (formerly Revista Paulista de Medicina) was founded in 1932 and is published bimonthly by Associação Paulista de Medicina, a regional medical association in Brazil.

The Journal accepts articles in English in the fields of evidence-based health, including internal medicine, epidemiology and public health, specialized medicine (gynecology & obstetrics, mental health, surgery, pediatrics, urology, neurology and many others), and also physical therapy, speech therapy, psychology, nursing and healthcare management/administration.

São Paulo Medical Journal's articles are indexed in MEDLINE, LILACS, SciELO, Science Citation Index Expanded, Journal Citation Reports/Science Edition (ISI) and EBSCO Publishing.

Editorial policy

Papers with a commercial objective will not be accepted: please review the Journal's conflicts of interest policy below.

São Paulo Medical Journal accepts manuscripts previously deposited in a trusted preprint server.

São Paulo Medical Journal supports Open Science practices. It invites reviewers to join Open Peer Review practices through acceptance that their identities can be revealed to the authors of articles. However, this is purely an invitation: reviewers may also continue to provide their input anonymously.

São Paulo Medical Journal is an open-access publication. This means that it publishes full texts online with free access for readers.

São Paulo Medical Journal applies a publication fee in the form of an article processing charge (APC) for all studies conducted outside of Brazil. This rate will be charged to the corresponding author when the study has been accepted on the grounds of its scientific merit. This fee is US$ 500.00 and is independent of the length of the text. The corresponding author should wait to receive the journal's invoice before making the payment. The article will only be published after presentation of the proof of payment. Submission is free for all. Associação Paulista de Medicina provides financial support for the Journal.

Articles accepted for publication become the Journal's property for copyright purposes, in accordance with Creative Commons attribution type BY.

Transparency and integrity: guidelines for writing

The Journal recommends that all articles submitted should comply with the editorial quality standards established in the Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals,[1] as updated in the Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing and Publication of Scholarly Work in Medical Journals. These standards were created and published by the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) as a step towards integrity and transparency in science reporting and they were updated in December 2018.[1]

All studies published in *São Paulo Medical Journal* must be described in accordance with the specific guidelines for papers reporting on clinical trials (CONSORT),[2] systematic reviews and meta-analyses (PRISMA),[3,4] observational studies (STROBE),[5,6] case reports (CARE)[7] and accuracy studies on diagnostic tests (STARD).[8,9] These guidelines ensure that all methodological procedures have been described, and that no result has been omitted. If none of the above reporting guidelines are adequate for the study design, authors are encouraged to visit the EQUATOR Network website (http://www.equator-network.org/) to search for appropriate tools.

Conflicts of interest

Authors are required to describe any conflicts of interest that may exist regarding the research or the publication of the article. Failure to disclose any conflicts of interest is a form of misconduct.

Conflicts of interest may be financial or non-financial. The Journal recommends that the item "Conflicts of interest" at http://www.icmje.org should be read to obtain clarifications regarding what may or may not be considered to be a conflict of interest. The existence and declaration of conflicts of interest is not an impediment to publication at all.

Acknowledgements and funding

Grants, bursaries and any other financial support for studies must be mentioned separately, after the references, in a section named "Acknowledgements." Any financial support should be acknowledged, always with the funding agency name, and with the protocol number whenever possible. Donation of materials used in the research can and should be acknowledged too.

This section should also be used to acknowledge any other contributions from individuals or professionals who have helped in producing or reviewing the study, and whose contributions to the publication do not constitute authorship.

Authorship

The Journal supports the position taken by the ICMJE (http://www.icmje.org) regarding authorship. All authors should read ICMJE's recommendations to obtain clarifications regarding the criteria for authorship and to verify whether all of them have made enough contributions to be considered authors.[10]

All authors of articles published in *São Paulo Medical Journal* need to have contributed actively to the discussion of the study results and should review and approve the final version that is to be released. If one author has not contributed enough or has not approved the final version of the manuscript, he/she must be transferred to the Acknowledgement section.

The corresponding author is the primary guarantor of all ethical issues relating to the manuscript, before, during and after its publication. However, *São Paulo Medical Journal* and ICMJE consider that all authors are held fully responsible for the study, regarding the accuracy or integrity of data and data interpretation in the text. Contributions such as data collection only do not constitute authorship.

The addition or deletion of authors' names in the manuscript byline is possible only if the corresponding author provides the reason for the rearrangement and a written signed agreement from all authors. Modifications to the order of the authors are possible, but also need to be justified. Authors whose names are removed or inserted must agree with this in writing. Publication of the article cannot proceed without a declaration of authorship contributions signed by all authors.

São Paulo Medical Journal supports the ORCID initiative. All authors should create an ORCID identification (ID) record (in www.orcid.org) before submitting their article and should link the submission to their existing ORCID ID in the electronic submission system. ORCID identifications help to distinguish researchers with similar names, give credit to contributors and link authors to their professional affiliations. In addition, this may increase the ability of search engines to retrieve articles.

São Paulo Medical Journal supports Open Science practices. Authors must therefore complete an open science compliance form, which is available from: https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/Open-Science-Compliance-Form_en.docx.

Redundant or duplicate publication

São Paulo Medical Journal will avoid publishing redundant or duplicate articles. The Journal agrees with the ICMJE definition of redundant publication,[11] i.e. an attempt to report or publish the same results from a study twice. This includes but is not limited to publication of patient cohort data that has already been published, without clear reference to the previous publication. In situations in which authors are making a secondary analysis on data that has already published elsewhere, they must state this clearly. Moreover, the outcomes assessed in each analysis should be clearly differentiated.

The Journal's peer review policy and procedures

After receipt of the article through the electronic submission system, it will be read by the editorial team, who will check whether the text complies with the Journal's Instructions for Authors regarding format. The Journal has adopted the *CrossRef Similarity Check* system for identifying plagiarism and any text that has been plagiarized, in whole or in part, will be promptly rejected. Self-plagiarism will also be monitored.

When the general format of the manuscript is deemed acceptable and fully compliant with these Instructions for Authors, and only then, the editorial team will submit the article to the Editor-in-Chief, who will firstly evaluate its scope. If the editor finds that the topic is of interest for publication, he will assign at least two reviewers/referees with expertise in the theme, to evaluate the quality of the study. After a period varying from one to several weeks, the authors will then receive the reviewers' evaluations and will be required to provide all further information requested and the corrections that may be necessary for publication. These reviewers, as well as the Editorial Team and the Editor-in-Chief, may also deem the article to be unsuitable for publication by *São Paulo Medical Journal* at this point.

At the time of manuscript submission, the authors will be asked to indicate the names of three to five referees. All of them should be from outside the institution where the authors work and at least two should preferably be from outside Brazil. The Editor-in-Chief is free to choose them to review the paper or to rely on the *São Paulo Medical Journal's* Editorial Board alone.

Articles will be rejected without peer review if:

- they do not present Ethics Committee approval (or a justification for the absence of this);
- they fail to adhere to the format for text and figures described here.

After peer review

Peer reviewers, associated editors and the Editor-in-Chief may ask for clarifications or changes to be made to the manuscript. The authors should then send their article back to the Journal, with the modifications made as requested. Changes to the text should be highlighted (in a different color or using a text editor tool to track changes). Failure to show the changes clearly might result in the paper being returned to the authors.

The modified article must be accompanied by a letter answering the referees' comments, point by point. The modified article and the response letter are presented to the editorial team and reviewers, who will verify whether the problems have been resolved adequately. The text and the reviewers' final evaluations, along with the response letter, will then be sent to the Editor-in-Chief for a decision.

Manuscripts that are found to be suitable for publication through their scientific merit will be considered "provisionally accepted". However, all articles will subsequently be scrutinized to check for any problems regarding the reporting, i.e. sentence construction, spelling, grammar, numerical/statistical problems, bibliographical references and other matters that may arise, especially in the Methods section. The adherence to reporting guidelines will be checked at this point, and the staff will point out any information regarding methodology or results that the authors should provide. This is done in order to ensure transparency and integrity of publication, and to allow reproducibility.

The editorial team will then provide page proofs for the authors to review and approve. No article is published without this final author approval. All authors should review the proof, although the Journal asks the corresponding author to give final approval.

Submission

Articles should be submitted only after they have been formatted as described below. Texts must be submitted exclusively through the Internet, using the Journal's electronic submission system, which

is available at http://mc04.manuscriptcentral.com/spmj-scielo. Submissions sent by e-mail or through the post will not be accepted.

The manuscript should be divided into two files. The first of these, the main document ("blinded"), should contain the article title, article type, keywords and abstract, article text, references and tables, but must omit all information about the authors. The second of these, the "title page", should contain all the information about the authors.

To format these documents, use Times New Roman font, font size 12, line spacing 1.5, justified text and numbered pages.

The corresponding author is responsible for the submission. However, all authors should approve the final version of the manuscript that is to be submitted and should be aware of and approve any changes that might be made after peer review.

Covering letter

All manuscripts must be submitted with a covering letter signed at least by the corresponding author. The letter must contain the following five essential items relating to the manuscript:

1. a declaration that the manuscript is original and that the text is not under consideration by any other journal;
2. a statement that the manuscript has been approved by all authors, who agree to cede the copyrights to the Journal, disclose all sources of funding and declare all potential conflicts of interest;
3. a statement that the study protocol was endorsed by an Internal Review Board (Ethics Committee), including the date and number of the approval (in the case of original articles). This is required for absolutely all studies involving human subjects or patient data (such as medical records), in accordance with the Committee on Publication Ethics (COPE) guidelines, and even for case reports. A copy of the approval document must be submitted to the Journal;
4. each author should indicate a valid, up-to-date email address for contact;
5. a list of a minimum of five potential referees outside of the authors' institutions, who could be invited, at the Editor-in-Chief's discretion, to evaluate the manuscript.

General guidelines for original articles

The following are considered to be full-text original articles: clinical trials; cohort, case-control, prevalence, incidence, accuracy and cost-effectiveness studies; case series (i.e. case reports on more than three patients analyzed together); and systematic reviews with or without meta-analysis. These types of article should be written with a maximum of 3,500 words (from the introduction to the end of the conclusion).

Typical main headings in the text include Introduction, Methods, Results, Discussion and Conclusion. The authors can and should use short subheadings too, especially those concerning the reporting guideline items.

Trial and systematic review registration policy

São Paulo Medical Journal supports the clinical trial registration policies of the World Health Organization (WHO) and the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) and recognizes the importance of these initiatives for registration and international dissemination of information on randomized clinical trials, with open access. Thus, since 2008, manuscripts on clinical trials are accepted for publication if they have received an identification number from one of the public clinical trial registration database (such as ClinicalTrials.gov and/or REBEC and/or the World Health Organization; the options are stated at http://www.icmje.org). The identification number should be declared at the end of the abstract. Articles describing systematic reviews must provide the protocol registration number from a reliable database, such as PROSPERO, Open Science Framework, Cochrane, Joanna Briggs and others. Articles presenting clinical trials or systematic reviews without registration protocols will be promptly rejected without peer review.

Results from cases with DNA sequences must be deposited in appropriate public databases. The protocol number or URL can be requested at any time during the editorial review. Publication of other research data in public repositories is also recommended, since it contributes towards replicability of research, increases article visibility and possibly improves access to health information.

Sample size

All studies published in SPMJ must present a description of how the sample size was arrived at. If it was a convenience or purposive sample, the authors must declare so and explain the characteristics of this sample and recruitment method. For clinical trials, for instance, it is mandatory to inform each of the three main values used to calculate sample size:

- power (usually 80% or more);
- level of significance (usually 0.05 or lower);
- clinically meaningful difference (effect size targeted), according to the main outcome measurement.

Regardless of study results (if "positive" or "negative"), the journal will probably reject articles of trials using underpowered samples, when sample size has not been properly calculated or the calculation has not been fully described as indicated above.

Abbreviations, acronyms and products

Abbreviations and acronyms must not be used, even those in everyday use, unless they are defined when first used in the text. However, authors should avoid them for clarity whenever possible. Drugs or medications must be referred to using their generic names (without capital letters), with avoidance of casual mention of commercial or brand names.

Interventions

All drugs, including anesthetics, should be followed by the dosage and posology used.

Any product cited in the Methods section, such as diagnostic or therapeutic equipment, tests, reagents, instruments, utensils, prostheses, orthoses and intraoperative devices, must be described together with the manufacturer's name and place (city and country) of manufacture in parentheses. The version of the software used should be mentioned.

Any other interventions, such as exercises, psychological assessments or educational sessions, should be described in enough details to allow reproducibility. The Journal recommends that the TIDieR reporting guidelines should be used to describe interventions, both in clinical trials and in observational studies.[13]

Supplementary material

Because supplementary material comprises documents that do not form part of the text of the manuscript, São Paulo Medical Journal will not publish it. The authors should cite an access link that allows readers to view the supplementary material.

Short communications

Short communications are reports on the results from ongoing studies or studies that have recently been concluded for which urgent publication is important. They should be structured in the same way as original articles. The authors of this kind of communication should explain, in the covering letter, why they believe that publication is urgent. Short communications and case reports must be limited to 1,000 words (from the introduction to the end of the conclusion).

Case reports, case series, narrative reviews and letters to the editor

Starting in June 2018, only individual case reports dealing with situations of public health emergencies will be accepted by *São Paulo Medical Journal*. Case reports that had already been accepted for publication up to May 2018 will still be published in a timely manner.

After initial evaluation of scope by the editor-in-chief, case reports, case series and narrative reviews will be considered for peer-review evaluation only when accompanied by a systematic search of the literature, in which relevant studies found (based on their level of evidence) are presented and discussed.[12] The search strategy for each database and the number of articles obtained from each database should be shown in a table. This is mandatory for all case reports, case series and narrative reviews submitted for publication. Failure to provide the search description will lead to rejection before peer review.

The access route to the electronic databases used should be stated (for example, PubMed, OVID, Elsevier or Bireme). For the search strategies, MeSH terms must be used for Medline, LILACS, and Cochrane Library. DeCS terms must be used for LILACS. EMTREE terms must be used for Embase. Also, for LILACS, the search strategy must be conducted using English (MeSH), Spanish (DeCS) and Portuguese (DeCS) terms concomitantly. The search strategies must be presented exactly as they were used during the search, including parentheses, quotation marks and Boolean operators (AND, OR, and NOT). The search dates should be indicated in the text or in the table.

Patients have the right to privacy. Submission of case reports and case series must contain a declaration that all patients gave their consent to have their cases reported (even for patients cared for in public institutions), in text and images (photographs or imaging examination reproductions). The Journal will take care to cover any anatomical part or examination section that might allow patient identification. For deceased patients whose relatives cannot be contacted, the authors should consult the Editor-in-Chief. All case reports and case series must be evaluated and approved by an ethics committee.

Case reports should be reported in accordance with the CARE Statement,[7] including a timeline of interventions. They should be structured in the same way as original articles.

Case reports must not be submitted as letters. Letters to the editor address articles that have been published in the *São Paulo Medical Journal* or may deal with health issues of interest. In the category of letters to the editor, the text has a free format, but must not exceed 500 words and five references.

FORMAT: FOR ALL TYPES OF ARTICLES

Title page

The title page must contain the following items:

1. Type of paper (original article, review or updating article, short communication or letter to the editor);
2. Title of the paper in English, which should be brief but informative, and should mention the study design.[14] Clinical trial, cohort, cross-sectional or case-control study, and systematic review are the most common study designs. Note: the study design declared in the title should be the same in the methods and in the abstract;
3. Full name of each author. The editorial policy of the *São Paulo Medical Journal* is that abbreviations of authors' names must not be used; therefore, we ask that names be stated in full, without using abbreviations;
4. Place or institution where the work was developed, city and country;
5. Each author should indicate the way his/her name should be used in indexing. For example: for "João Costa Andrade", the indexed name could be "Costa-Andrade J." or "Andrade JC", as preferred;
6. The author's professional background (Physician, Pharmacist, Nurse, Dietitian or another professional description, or Undergraduate Student); and his/her position currently held (for

example, Master's or Doctoral Student, Assistant Professor, Associate Professor or Professor), in the department and institution where he/she works, and the city and country (affiliations);

7. Each author should present his/her ORCID identification number (as obtained from HYPERLINK "http://www.orcid.org/" www.orcid.org);
8. Each author must inform his contribution, preferably following the CRediT system (see above in Authorship);
9. Date and venue of the event at which the paper was presented, if applicable, such as congresses, seminars or dissertation or thesis presentations.
10. Sources of financial support for the study, bursaries or funding for purchasing or donation of equipment or drugs. The protocol number for the funding must be presented with the name of the issuing institution. For Brazilian authors, all grants that can be considered to be related to production of the study must be declared, such as fellowships for undergraduate, master's and doctoral students; along with possible support for postgraduate programs (such as CAPES) and for the authors individually, such as awards for established investigators (productivity; CNPq), accompanied by the respective grant numbers.
11. Description of any conflicts of interest held by the authors (see above).
12. Complete postal address, e-mail address and telephone number of the author to be contacted about the publication process in the Journal (the "corresponding author"). This author should also indicate a postal address, e-mail address and telephone number that can be published together with the article. *São Paulo Medical Journal* recommends that an office address (rather than a residential address) should be informed for publication.

Second page: abstract and keywords

The second page must include the title and a structured abstract in English with a maximum of 250 words. References must not be cited in the abstract.

The following headings must be used in the structured abstract:

- Background – Describe the context and rationale for the study;
- Objectives - Describe the study aims. These aims need to be concordant with the study objectives in the main text of the article, and with the conclusions;
- Design and setting – Declare the study design correctly, and the setting (type of institution or center and geographical location);
- Methods – Describe the methods briefly. It is not necessary to give all the details on statistics in the abstract;
- Results – Report the primary results;
- Conclusions – Make a succinct statement about data interpretation, answering the research question presented previously. Check that this is concordant with the conclusions in the main text of the article;
- Clinical Trial or Systematic Review Registration – Mandatory for clinical trials and systematic reviews; optional for observational studies. List the URL, as well as the Unique Identifier, on the publicly accessible website on which the trial is registered.
- MeSH Terms - Three to five keywords in English must be chosen from the Medical Subject Headings (MeSH) list of Index Medicus, which is available at http://www.ncbi.nlm.nih.gov/sites/entrez?db=mesh.These terms will help librarians to quickly index the article.
- Author keywords - The authors should also add three to six "author keywords" that they think express the main article themes. These keywords should be different from the MeSH terms and preferably different from words already used in the title and abstract, so as to improve the discoverability of the article by readers doing a search in PubMed. They provide an additional chance for the article to be retrieved, read and cited. Combinations of words and variations (different wording or plurals, for example) are encouraged.

References

For any manuscript, all statements in the text that do not result from the study presented for publication in the *São Paulo Medical Journal* but from other studies must be accompanied by a quotation of the source of the data. All statements regarding health statistics and epidemiological data should generally be followed by references to the sources that generated this information, even if the data are only available electronically.

São Paulo Medical Journal uses the reference style known as the "Vancouver style," as recommended by the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE). Follow the instructions and examples at www.icmje.org, item "References", for the format.

In the text, the references must be numbered in the order of citation. The citation numbers must be inserted after periods/full stops or commas in sentences, and in superscript (without parentheses or square brackets). References cited in the legends of tables and figures must maintain sequence with the references mentioned in the text.

In the list of references, all the authors must be listed if there are up to and including five authors; if there are six or more, the first three should be cited, followed by the expression "et al." For books, the city of publication and the name of the publishing house are mandatory. For texts published on the internet, the complete uniform resource locator (URL) or address is necessary (not only the main home page of a website or link), so that by copying the complete address into a computer internet browser, the Journal's readers will be taken to the exact document cited, and not to a general website.

At the end of each reference, please insert the "PMID" number (for papers indexed in PubMed) and the link to the "DOI" number if available.

Authors are responsible for providing a complete and accurate list of references. All references cited in the text must appear in the reference list, and every item in the reference list must be cited in the text. Also, citations must be in the correct sequence.

Manuscripts that do not follow these guidelines for references will be returned to the authors for adjustments.

The reference list should be inserted after the conclusions and before the tables and figures.

Figures and tables

Images must be submitted at a minimum size that is reproducible in the printed edition. Figures should be sent at a resolution of 300 DPI and minimum size of 2,500 pixels (width) and be recorded in ".jpg" or ".tif" format. Images submitted in inadequate formats will not be accepted.

Images must not be embedded inside Microsoft PowerPoint or Microsoft Word documents, because this reduces the image size. Authors must send the images separately, outside of .doc or .ppt documents. Failure to send the original images at appropriate sizes leads to paper rejection before peer review.

Flowcharts are an exception: these must be drawn in an editable document (such as Microsoft Word or PowerPoint), and should not be sent as an image that can't be changed.

Figures such as bars of line graphs should be accompanied by the tables of data from which they have been generated (for example, sending them in the Microsoft Excel spreadsheets, and not as image files). This allows the Journal to correct legends and titles if necessary, and to format the graphs according to the Journal's style. Graphs generated from software such as SPSS or RevMan must be generated at the appropriate size, so that they can be printed (see above). Authors must provide internal legends/captions in correct English.

All the figures and tables should be cited in the text. All figures and tables must contain legends or titles that precisely describe their content and the context or sample from which the information was obtained (i.e. what the results presented are and what the kind of sample or setting was). The reader should be able to understand the content of the figures and tables simply by reading the titles (without the need to consult the text), i.e. titles should be complete. Acronyms or abbreviations in figure and table titles are not acceptable. If it is necessary to use acronyms or abbreviations inside a table or figure (for better formatting), they must be spelled out in a legend below the table or figure.

For figures relating to microscopic findings (i.e. histopathological results), a scale must be embedded in the image to indicate the magnification used (just like in a map scale). The staining agents (in histology or immunohistochemistry evaluations) should be specified in the figure legend.

DOCUMENTS CITED

1. Internal Committee of Medical Journal Editors. Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals. Available from: http://www.icmje.org/recommendations/. Accessed in 2019 (March 11).
2. The CONSORT Statement. Available from: http://www.consort-statement.org/. Accessed in 2018 (May 3).
3. Moher D, Cook DJ, Eastwood S, et al. Improving the quality of reports of meta-analyses of randomised controlled trials: the QUOROM statement. Br J Surg 2002. Available at: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1365-2168.2000.01610.x. Accessed in 2019 (April 4).
4. PRISMA. Transparent Reporting of Systematic Reviews and Meta-Analyses. Available from: www.prisma-statement.org. Accessed in 2019 (April 4).
5. STROBE Statement. Strengthening the reporting of observational studies in epidemiology. What is strobe? Available from: http://www.strobe-statement.org/. Accessed in 2018 (May 3).
6. von Elm E, Altman DG, Egger M, et al. The Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) statement: guidelines for reporting observational studies. J Clin Epidemiol. 2008;61(4):344-9. PMID: 18313558. doi: 10.1016/j.jclinepi.2007.11.008.
7. The CARE Guidelines: Consensus-based Clinical Case Reporting Guideline Development. Enhancing the QUAlity and Transparency Of health Research. Available from: https://www.equator-network.org/reporting-guidelines/care/. Accessed in 2018 (May 3).
8. STARD Statement. STAndards for the Reporting of Diagnostic accuracy studies. Available from: http://www.equator-network.org/reporting-guidelines/stard/. Accessed in 2018 (May 3).
9. Rennie D. Improving reports of studies of diagnostic tests: the STARD initiative. JAMA. 2003;289(1):89-90. doi:10.1001/jama.289.1.89.
10. International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE). Defining the Role of Authors and Contributors. Available from: http://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html. Accessed in 2019 (March 11).
11. International Committee of Medical Journal Editors. Overlapping Publications. Available from: http://www.icmje.org/recommendations/browse/publishing-and-editorial-issues/overlapping-publications.html. Accessed in 2018 (Feb 18).
12. Phillips B, Ball C, Sackett D, et al. Oxford Centre for Evidence-based Medicine Levels of Evidence (March 2009). Available from: https://www.cebm.net/2009/06/oxford-centre-evidence-based-medicine-levels-evidence-march-2009/. Accessed in 2018 (May 3).
13. Hoffmann TC, Glasziou PP, Boutron I, et al. Better reporting of interventions: template for intervention description and replication (TIDieR) checklist and guide. BMJ. 2014;348:g1687. PMID: 24609605; doi: 10.1136/bmj.g1687.
14. Non-randomised controlled study (NRS) designs. Available from: http://childhoodcancer.cochrane.org/non-randomised-controlled-study-nrs-designs. Accessed in 2018 (May 3).

clubapm

ACESSE PELO APLICATIVO

Você sabia que o nosso clube de benefícios, o Club APM, tem **um aplicativo**? Muito mais **fácil de acessar, rápido e seguro.**

No Club APM você encontra milhares de descontos e **cashback em compras pelo app.** Com isso, você economiza em todas as suas compras e ainda faz o seu dinheiro render.

Para **quem já é associado APM**, é só baixar o aplicativo nas lojas e se cadastrar. Clique no botão CRIAR CONTA e em seguida, complete os campos solicitados.

Mas, se você não quiser baixar o app não tem problema. **É só acessar o Club APM direto na internet.**

APONTE A CÂMERA DO CELULAR PARA O QR CODE ACIMA E ACESSE O CLUB APM.

E quem ainda não é associado APM, basta ir até o site da APM e clicar no botão ASSOCIE-SE. Com isso você terá acesso a descontos incríveis em **+3.000 marcas premium de todo o Brasil.**

APM ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Residencial APM

No Residencial APM você tem **segurança, comodidade e fácil acesso** às principais vias da cidade.

Studios de 30m² a 56m² - unidades mobiliadas e semimobiliadas, com serviços pay per use.

Aluguel a partir de
R$ 2.000,00
Condições especiais para associados APM.

residencialapm.com.br

DIFERENCIAIS

- Mobiliados ou semimobiliados;
- Ar-condicionado instalado;
- Unidades preparadas para pessoas com mobilidade reduzida;
- Academia equipada;
- Salão de festas decorado;
- Piscina com solário.

PAY PER USE

- Lavanderia coletiva;
- Estacionamento com manobrista.

Próximo a grandes hospitais, estações de metrô, Avenidas Paulista e 23 de Maio.

Locações por temporada - B.Homy
(11) 4673-2494
reservas@bhomy.com
Reservas on-line: apm.bhomy.com

Convencionais - HFlex
(11) 5080-0020
(11) 98965-0312
corretores@hflex.net.br

Locação e administração
HFlex EMPREENDIMENTOS COM SERVIÇOS
CRECI 21109J

APM ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA